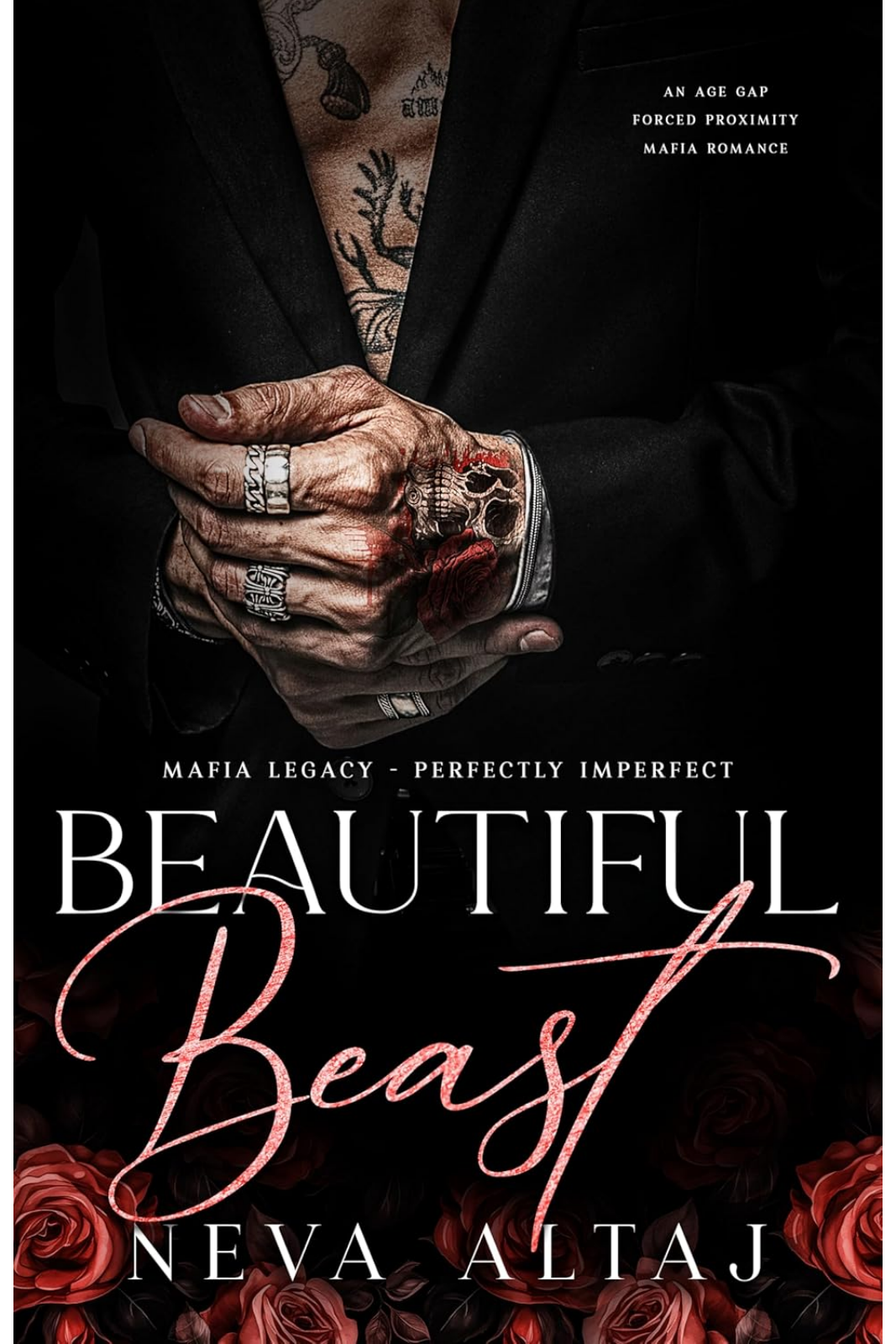




AN AGE GAP
FORCED PROXIMITY
MAFIA ROMANCE

MAFIA LEGACY - PERFECTLY IMPERFECT

BEAUTIFUL

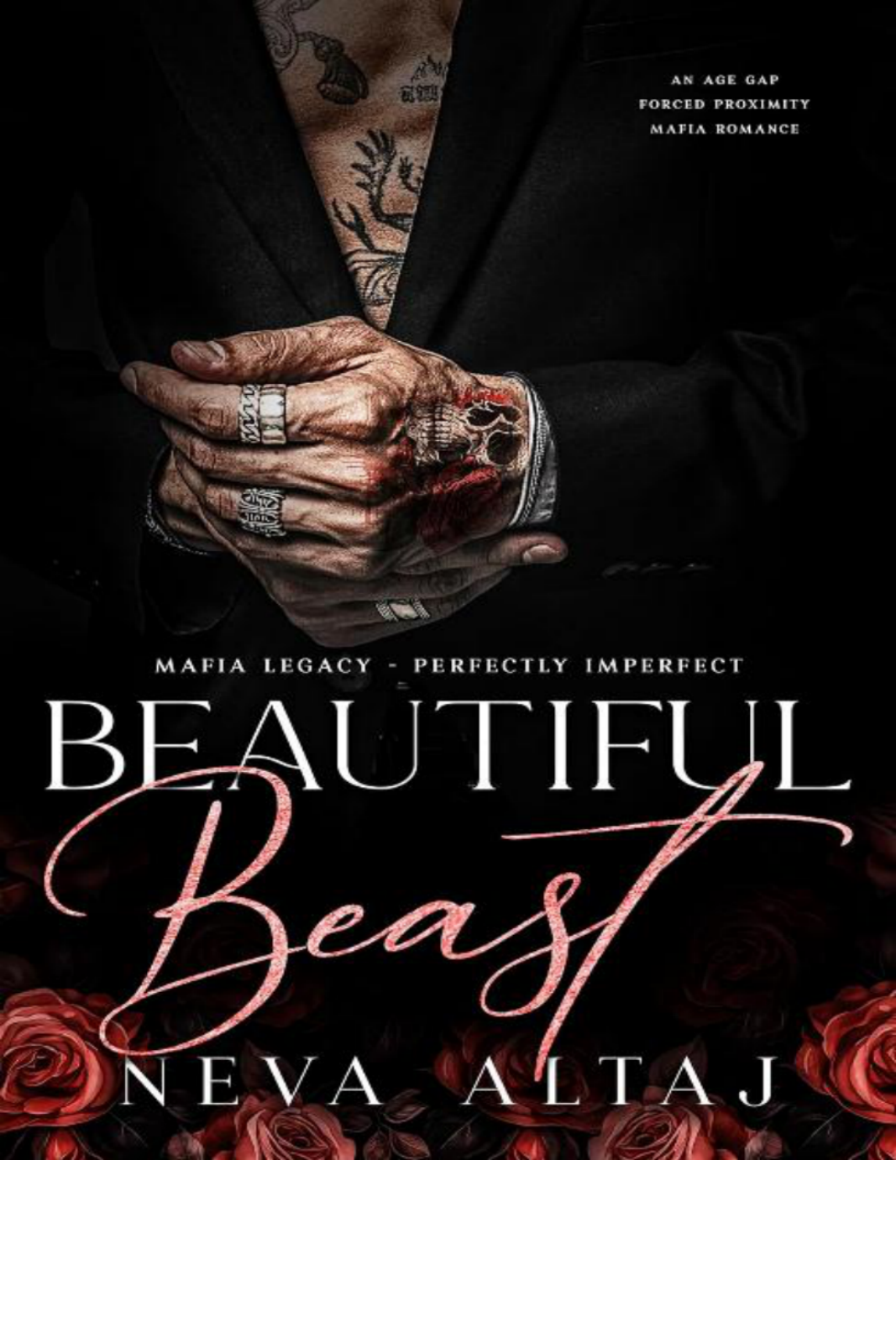
Beast

NEVA ALTAJ



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



AN AGE GAP
FORCED PROXIMITY
MAFIA ROMANCE

MAFIA LEGACY - PERFECTLY IMPERFECT

BEAUTIFUL *Beast*

NEVA ALTAJ

AVISO

A presente tradução foi efetuada por um grupo de fãs da autora, de modo a proporcionar aos restantes fãs o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os de fã para fã, e disponibilizando-os aos leitores fãs da

autora, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para os leitores fãs adquirirem as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam ser lidos, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil.

A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, este grupo de fãs poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras.

Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução dos grupos, sem que exista uma prévia autorização expressa dos mesmos.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo este grupo de fãs de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

**PROIBIDA A VENDA DESTES LIVROS.
É PARA USO GRATUITO. DE FÃS PARA FÃS**



Warrior

Wolf

Jewell Designs

Julho 2024

MAFIA LEGACY - PERFECTLY IMPERFECT

BEAUTIFUL
Beast

NEVA ALTAJ

Sinopse

Rafael

*Ninguém toca no que é meu sem consequências mortais,
Mas quando a mulher mais linda é trazida para enfrentar
minha fúria,
Meu coração morto de repente começa a bater novamente.*

*Não há contos de fadas nesta vida.
A bela nunca se apaixonará pela fera.
Mas este monstro não pretende deixá-la ir.*

*Todo mundo tem um preço.
É apenas uma questão de moeda.
Minha doce e pequena hacker não pode ser influenciada
pelo dinheiro,
Mas ela fará o que for preciso para salvar sua família.*

Vasilisa

*Sequestrada, presa e forçada a penitência,
Ficar e trabalhar para ele,
Ou meus entes queridos enfrentarão sua ira.*

*Seu nome sozinho evoca pavor e terror.
Mas meus tremores não têm nada a ver com medo.
Suas cicatrizes fazem as pessoas se afastarem horrorizadas.
Mas meus olhos não querem olhar para outro lugar.*

Meu captor,

*Meu salvador,
Minha bela fera.*

Dedicatória

Para todos que amam A Bela e a Fera.

Espero que gostem de Vasilisa e Rafael.

*

E para meus seguidores do IG:

Sim, o ponto de vista de Roman está incluído.

Nota da autora

Nosso mundo é um lugar maravilhoso, repleto de uma infinidade de pessoas, culturas e tradições. Não importa quais sejam nossas diferenças, há uma linha comum que nos une - somos todos parte dele. Ser escritora me dá a oportunidade de ampliar meus horizontes, mesmo que isso signifique não me aventurar muito longe da minha mesa e do meu laptop.

Para o benefício de meus leitores que talvez não estejam cientes, incluí algumas notas culturais que surgiram no decorrer deste livro e da série.

Sicília: localização e idioma

A Sicília é uma das cinco regiões autônomas da Itália. O governo local tem poderes administrativos que permitem a proteção das diferenças culturais e das minorias linguísticas. Entretanto, a Sicília é uma parte da Itália e não um país independente.

A região é a maior e mais populosa ilha do Mar Mediterrâneo e está localizada ao sul da península italiana. Embora a Sicília tenha seu próprio dialeto distinto (ou seja, siciliano) e muitas pessoas sejam bilíngues, o idioma oficial é o italiano, o mesmo da Itália continental.

Portanto, os personagens deste livro falam italiano.

Nomes russos: patronímico, familiar e diminutivo

Os nomes russos consistem em três partes: nome próprio, nome do meio (patronímico) e sobrenome (nome de família). Um patronímico é derivado do nome do pai (ou de outro ancestral paterno, em certos casos), com a adição de um sufixo. Alguns leitores podem estar mais familiarizados com uma prática cultural semelhante de usar uma referência ‘filho de’ para nomes de família (por exemplo, Tomson1 = ‘filho de Tom’).

No patronímico russo, a terminação do nome é alterada para indicar o gênero do portador do nome. Para um homem, são usados os sufixos ‘evich’ ou ‘ovich’. Para uma mulher, são ‘evna’ ou ‘ovna’. Por exemplo, Vasilisa Romanovna Petrova (Vasilisa ‘filha de Roman’ Petrova2).

Deve-se observar, também, que os russos costumam usar formas curtas (‘íntimas’) de nomes (por exemplo, Vasilisa seria abreviado para Vasya).

Glossário

Observação: Quando se trata de insultos que não sejam em inglês (tanto em italiano quanto em russo), a frase literal costuma ser extremamente vulgar, mas perde o sentido na tradução direta. Portanto, uma expressão equivalente é usada para representar o contexto.

Palavras e frases em italiano

Vespetta - vespa pequena (diminutivo)

Cumpari - padrinho

Signore/Signor - Senhor. O 'e' no final é sempre omitido quando usado em conjunto com um nome (por exemplo, *Signor De Santi*; mas, *Yes, signore*).

Vuole provare del prosciutto? - Você gostaria de provar o presunto?

Che cazzo! - Que merda é essa?

Stai zitto! - Cale a boca; fique quieto!

Chi è quella? - Quem é essa (mulher)?

Sbrigati, idiota. Ho bisogno di quella vernice. - Apresse-se, idiota. Preciso daquela tinta.

Sei la ragazza di Raffaello? - Você é a namorada de Rafael?

Pronto – Pronto.

Cosa è successo? - O que aconteceu?

Merda. Venti minuti. - Merda. Vinte minutos.

Buonasera, signorina. - Boa noite/boa tarde, senhorita.

Non toccarla. Lei è mia. Capito? - Não toque nela. Ela é minha. Entendeu?

Sì. Ho capito. Mi dispiace molto. - SIM. Eu entendo. Sinto muito.

Potrei ucciderti per questo. - Eu poderia matá-lo por isso.

Dice che è urgente. - Ele diz que é urgente.

Ma che fai, stronzo?! - O que está fazendo, idiota?!

Vaffanculo! Sei cieco? Madonna santa! - Vá se foder! Você é cego? Querida Mãe de Deus!

Coglione! Mangia merda e morte, porca puttana! - Idiota! Coma merda e morra, sua porca vadia!

Testa di cazzo. - Seu idiota.

Tutto bene? - Está tudo bem?

La mia principessa russa. - Minha princesa russa.

Non ti lascerò mai andare. - Eu nunca deixarei você ir.

Sei pronto? - Você está pronto/a?

Sim. Iniziamo. - Sim. Vamos começar.

Vi dichiaro marito e moglie. - Agora eu os declaro marido e mulher.

Farei qualsiasi cosa per te. Perfino lasciarti andare. - Eu faria qualquer coisa por você. Até mesmo deixar você ir embora.

Palavras e frases em russo

Сволочь - Cvoloch' – Escória.

Придурок - Pridurok - Idiota, imbecil.

Какой ужасный беспорядок - Kakoу uzhasnuу besporyadok -
Que bagunça terrível.

Мне он нужен живым, Сергей. Понимаешь? - Мне он нужен
zhivym, Sergey. Ponimayesh'? - Preciso dele vivo, Sergei. Está entendendo?

Aviso de gatilho

Esteja ciente de que este livro contém conteúdo que alguns leitores podem considerar perturbador, como menções à morte de um membro imediato da família, bem como descrições gráficas de violência, tortura e sangue.



Rafael

Prólogo

20 anos atrás - (Rafael, 19 anos)

— Limpo, — digo ao telefone.

Um momento depois, um homem vestido como funcionário da manutenção sai da exclusiva loja de antiguidades e joias no outro extremo do longo corredor, correndo em direção a uma porta com uma placa de saída de emergência no alto. Mesmo com o boné de beisebol abaixado, Jemin mantém a cabeça inclinada e o telefone pressionado contra o ouvido, tentando esconder o rosto da multidão de câmeras de vigilância. O cara está sendo cauteloso, apesar de Endri Dushku, o líder da máfia albanesa, ter desembolsado uma boa grana para um cara do escritório de segurança do shopping para interromper a transmissão de vídeo por dez minutos.

No momento em que Jemin desaparece de vista, entro na escada exclusiva para funcionários. — Estou descendo.

— Não, — ordena a voz do outro lado. — Endri quer um vídeo da explosão. Programei o cronômetro para cinco minutos, então prepare sua câmera. Estarei esperando na saída da garagem quando você terminar.

Levanto a manga da camisa para dar uma olhada no meu relógio de pulso. Ele é velho, com o vidro arranhado e a pulseira de couro gasta. Além das roupas que tinha vestidas, era o único item pessoal que eu tinha comigo quando meu irmão e eu fugimos da Sicília.

— Tudo bem, — resmungo ao telefone e corto a linha.

Fico muito irritado em seguir ordens de um idiota pretensioso

como Jemin, mas essa merda acaba hoje. O acordo que fiz com o chefe da máfia albanesa expira esta noite.

Ontem, para minha total surpresa, Dushku me ofereceu um papel regular no clã albanês, que inclui todos os benefícios padrão. Fiquei tentado a concordar. Isso significaria segurança e não faltaria dinheiro. Mas não respeito. Eu continuaria a ser nada mais do que a escória siciliana que eles haviam acolhido. Então, respeitosamente, recusei a oferta.

No mundo caótico e violento do crime organizado, pouquíssimos valores são defendidos. A única exceção é o cumprimento da palavra. E Endri Dushku cumpre suas promessas. A partir desta noite, serei um homem livre. Com a experiência e as conexões clandestinas que criei enquanto trabalhava para os albaneses, posso facilmente ganhar a vida e alcançar meus objetivos. Prometi a meu irmão que um dia voltaríamos para casa. E eu também cumpro minhas promessas.

Eu só preciso terminar esse trabalho.

Ao arrombar a porta da escada, fico de olho no ponteiro dos segundos enquanto ele gira em torno do meu relógio de pulso. O tique-taque fraco é o único som que rompe o silêncio, refletindo nas paredes de concreto como um maldito sussurro dentro de uma capela de teto alto. O shopping center só abre daqui a duas horas, portanto, não há quase ninguém por perto. A maioria dos funcionários das lojas não chegará tão cedo, e todos os outros tendem a se reunir em áreas mais públicas, como a praça de alimentação. Essa extremidade do complexo está deserta, a condição perfeita para a instalação dos explosivos dentro da loja, repleta de bugigangas antigas e porcarias delicadas e brilhantes com as quais ninguém nascido neste século se importa. O proprietário da loja é da velha guarda e deveria saber que não deveria recusar a ‘proteção’ do clã albanês. Se ele não tivesse se recusado a pagar, Dushku não teria decidido dar uma lição no cara, começando esta semana com uma explosão. A bomba dentro da loja vai destruir tudo e destruir os objetos de coleção que estão escondidos em um bilhão de caixas de vidro.

Estou apenas configurando meu telefone para começar a gravar quando a risada feliz de uma criança ecoa pelo corredor do shopping. Meu corpo fica totalmente imóvel. Não deveria haver ninguém aqui neste

momento. Muito menos crianças.

— Não entendo por que você teve que incomodar a pobre mulher para nos ajudar antes mesmo de o lugar abrir. — Uma voz feminina se aproxima de mim. — Poderíamos ter pegado o vestido mais tarde.

— Eu não estava a fim de lidar com as multidões, — responde um homem, enquanto o barulho de pés pequenos se aproxima. — Querida! Volte aqui!

— Oh, deixe-a em paz. — A mulher novamente. — Você sabe que ela gosta daquelas rosas de cristal na vitrine da loja de antiguidades. Não há ninguém por perto, e você ainda pode vê-la daqui.

Minha mão aperta a borda da porta com tanta força que a madeira racha. Uma batida ensurdecadora ecoa em minha cabeça - meu coração bate tão alto que poderia rivalizar com um trovão que estala nos ouvidos - enquanto meu cérebro processa a situação. Não há tempo suficiente para ligar para Jemin e pedir que ele desligue o cronômetro. Mesmo que eu faça isso, é duvidoso que ele me ouça. Ele nunca se importou com danos colaterais.

Risadas alegres ecoam pelo espaço quando uma garotinha, de não mais de três anos, passa correndo pela escada, direto para a vitrine iluminada da loja de antiguidades. A loja que será reduzida a pedacinhos quando o dispositivo incendiário explodir.

Eu não penso, eu corro.

A adrenalina corre em minhas veias enquanto corro atrás da criança que, a essa altura, já está quase na metade do caminho até à loja, gritando de alegria. Seus braços se erguem à sua frente, alcançando as flores de cristal brilhantes exibidas sob as luzes da vitrine. Três metros nos separam.

Duas vozes - os pais - estão gritando em algum lugar atrás de mim. Eles devem estar pirando por causa de um estranho perseguindo a filha deles, mas não há tempo para explicar. Esses explosivos vão explodir a qualquer momento.

— Pare! — Eu grito com toda a força de meus pulmões.

A garota parou.

Dois metros.

Ela se vira e seus olhos encontram os meus. Tarde demais. Chegarei tarde demais para tirá-la do caminho do perigo.

Um metro.

Pego a garota em meus braços no momento em que a detonação estrondosa se espalha pelo ar.

A dor dilacera meu rosto e minhas mãos à medida que cacos de vidro atingem minha carne, a sensação é tão avassaladora que parece que não consigo puxar ar para meus pulmões. Uma nuvem de fumaça e poeira gira ao meu redor, como se eu tivesse sido pego em um turbilhão feroz em algum lugar nas profundezas do inferno. Meus braços estão tremendo, mas mantenho a menina pressionada contra meu peito, sua cabeça enfiada sob meu queixo e meus membros protegendo suas costas.

Por favor, Deus, que ela fique bem.

Tudo aconteceu tão rápido que nem tive a chance de me virar, muito menos de levá-la para um lugar seguro, mas ela é tão pequena que meu corpo a envolve quase completamente. Entre o zumbido em minha cabeça e o barulho dos alarmes de incêndio e segurança, não consigo ouvi-la - nenhum lamento aterrorizado, nem mesmo uma respiração trêmula. Mas ouço o barulho de pés correndo e os gritos de partir o coração da mulher.

Um tremor percorre minha coluna, e minha perna direita se dobra sob mim, com o joelho batendo no chão. A dor é tão intensa que, a cada respiração, está ficando mais difícil puxar ar suficiente para os pulmões. Não tenho mais força suficiente para me manter ereto. A única coisa em que consigo me concentrar é em manter a garota colada ao meu peito. Deslizo minha mão até à bochecha dela e me deixo cair de lado no chão. Imediatamente, outro ataque de agonia atinge meu rosto quando ele bate na superfície coberta de vidro. Fragmentos pontiagudos perfuram a parte de trás da minha mão que ainda está segurando a bochecha da garota, afastando-a do ladrilho perigoso.

Não deve ter se passado mais do que alguns segundos desde a explosão, mas parece que se passaram horas. Minha visão está ficando

embaçada, tudo ao meu redor está se dissolvendo em uma névoa sem forma. Tudo, exceto por um par de olhos escuros e arregalados, brilhando como ônix polido entre os fios de cabelo preto como tinta. Sangue e manchas marcam as bochechas e a testa da garota, mas ela não está chorando. Está apenas segurando minha camisa e... olhando para mim. Como se estivesse irritada comigo por interromper sua brincadeira. Eu riria, mas não tenho energia para isso.

A garota está ilesa.

Não me tornei um assassino de crianças.

Ainda assim, sou um assassino.

Tudo ao meu redor continua a se apagar. Alguém está brincando com as luzes? A única coisa que consigo ver são os olhos de ônix da garota.

Mas então, eles também se foram.



Capítulo 1

20 anos depois - Dias atuais

Ser sequestrado é uma droga.

Ser sequestrado com a bexiga cheia é muito mais ruim.

— Preciso fazer xixi, — murmuro.

O idiota à minha frente olha para o celular e me dá um sorriso sinistro. Na verdade, ele não tem o impacto que pretendia, pois se transforma instantaneamente em uma careta de dor. Ele pressiona a palma da mão carnuda contra o queixo, dando tapinhas no grande hematoma vermelho que se espalha por sua cara feia.

— Não, — ele grita e volta a mexer em seu aparelho, me ignorando completamente. Parece que ele ainda está remoendo o fato de eu ter batido nele com minha mochila.

O ronco baixo dos motores do avião compete com os sons de um jogo de futebol que vem do alto-falante do telefone dele. Aperto minhas mãos para evitar que tremam. Entrar em histeria não adiantaria absolutamente nada e provavelmente diminuiria ainda mais minhas chances de escapar. Preciso manter a calma. Ou, o mais calma possível, considerando minha situação atual.

É mais fácil falar do que fazer.

Meus olhos deslizam pelo interior elegante da aeronave. Em cada lado do corredor central, quatro grandes poltronas reclináveis dominam o espaço. Na parte da frente da cabine, dois sofás almofadados ficam de frente

um para o outro. O interior é todo em couro bege imaculado e ricos detalhes em madeira. Já viajei várias vezes em aviões particulares, mas este é outro nível de extravagância.

No que diz respeito às condições para ser mantida contra sua vontade, essas poderiam ser muito piores, mas o ambiente agradável não diminui meu pânico crescente. O idiota número dois está esparramado no sofá do lado esquerdo, assistindo - entre todas as coisas - a um comercial de viagens na TV de tela grande instalada no anteparo.

Meu coração continua a bater em ritmo acelerado no peito, exatamente como fazia quando esses dois cretinos me tiraram da rua e me colocaram em sua van. Os bastardos não me disseram por que me visavam ou para onde estavam me levando. Dirigimos por algum tempo até chegarmos a um pequeno aeroporto particular nos arredores de Chicago. O avião já estava esperando na pista quando paramos.

Há quanto tempo estamos voando? Uma hora? Duas? Dez? Não tenho certeza, pois colocaram um pano com cheiro de ácido na minha boca e no meu nariz no momento em que colocamos os pés dentro deste avião. Acho que eu não deveria ter dado uma joelhada nas bolas do idiota amante de comerciais quando subi as escadas. Não posso dizer que ele tenha gostado.

Volto-me para o canalha sentado à minha frente. Ele ainda está fingindo estar absorto no jogo em seu telefone, mas tem me olhado de relance quando acha que não estou olhando. Maldito cretino.

— Escute, se você não me levar ao banheiro, vou fazer xixi aqui mesmo. — Alargo minhas pernas o máximo que meus tornozelos amarrados permitem. — Mas não tenho certeza se o couro fino vai se sair bem.

— Cristo! — Ele salta de seu assento e agarra meu braço, puxando-me para ficar de pé. — Hank, vou levar a maluca para o banheiro.

— Mantenha os olhos nas mãos dela dessa vez ou você acabará com outro hematoma, — Hank resmunga do sofá, movendo a mão para mexer no pau como se estivesse preocupado por tê-lo perdido.

— Não posso andar com minhas pernas amarradas, idiota! — Eu me arrebento enquanto o homem me arrasta pelo corredor estreito entre os

assentos. — E preciso que você tire as algemas.

— Então pule. E não vou liberar suas mãos. — Ele agarra os elos entre meus pulsos e puxa.

Eu grito de dor. A pele dos meus pulsos já está machucada desde que ele me puxou para subir os últimos degraus da escada enquanto estávamos embarcando. Isso aconteceu depois que me aproximei das joias de seu amigo. Meus olhos estão cheios de lágrimas não derramadas, mas eu pisco rapidamente, mantendo as lágrimas à distância por pura vontade. Meio que me arrasto, meio que pulo entre as poltronas antes que a brutalidade do idiota me faça cair de cara no chão. Quando chegamos à parte de trás do avião, ele abre a porta do banheiro e me empurra para dentro.

— Tem cinco minutos, — ele rosna e fecha a porta.

Como o resto do jato, o banheiro é luxuoso. Não há pia de aço inoxidável e outros itens aqui; é tudo gabinete de madeira marrom-escura e estofamento de couro bege. Há até um pequeno banco almofadado no canto. A penteadeira de aparência elegante e o banheiro ficam no lado oposto. Preciso de quatro saltos para chegar até eles.

Cuido de meus afazeres o mais rápido que minhas mãos algemadas permitem, depois olho em volta e tento acalmar meus nervos. Na verdade, isso não funciona. Tenho uma sensação de mal-estar na garganta, como se fosse vomitar a qualquer momento, e o interior desse banheiro luxuoso parece estar girando ao meu redor. Minhas mãos ainda estão tremendo, em parte por causa da dor, mas principalmente por causa do medo. Já passei por algumas situações estressantes na minha vida. Um tiroteio, quando eu tinha quatro anos. Dois pequenos incêndios quando nossa cozinheira acidentalmente colocou fogo na cozinha ao experimentar receitas francesas. Até mesmo uma tentativa de invasão em nossa casa quando meu pai estava em guerra com uma organização criminosa rival há alguns anos. Mas nenhum sequestro. Talvez eu devesse esperar por isso, já que meu pai é o líder da Bratva Chicago.

Quando fui agarrada na rua, em plena luz do dia, tive certeza de que tinha algo a ver com meu pai. O resgate da filha do pakhan pode render a alguém muito dinheiro - se o idiota viver o suficiente para ver isso, claro. Mas

agora, não acho que se trata de ganhar dinheiro com o sequestro. Considerando o que vi até agora, quem quer que tenha me sequestrado deve ser muito rico. Isso é por causa de alguma rixa da máfia? Retaliação por algo que meu pai fez?

Bang!

— Já terminou? — diz uma voz irritada do outro lado da porta.

— Preciso de mais alguns minutos! — grito de volta enquanto me agacho para abrir o armário embaixo da pia. — Não é exatamente fácil desabotoar uma calça jeans com as mãos algemadas.

Ele late algo em resposta, mas eu não ouço, pois estou concentrada demais em vasculhar o conteúdo do armário. Papel higiênico. Toalhas. Sabonete extra. E... uma escova de dentes descartável.

— Posso trabalhar com isso, — sussurro.

Rasgo a embalagem plástica com os dentes e, de alguma forma, consigo enfiar a escova na manga. Em seguida, continuo a examinar o restante dos suprimentos.

Espanja. Mais toalhas. Camisinhas. *É mesmo?* Quem diabos transa em um avião? Sacudo a cabeça e continuo. Fio dentário. Mm-hmm.... Rasgo um braço de comprimento, enrolando as duas pontas ao redor dos dedos para deixá-lo esticado e, em seguida, separo-as o máximo que posso, testando sua resistência. Meu tio uma vez me mostrou como estrangular alguém usando um garrote e... o fio de merda se rompe na segunda puxada. É... isso não vai funcionar. Volto minha atenção para a prateleira inferior.

Material de limpeza, mas os frascos são grandes demais para serem escondidos. Luvas de plástico. E... um desodorante em spray. Masculino. Tamanho para viagem. Perfeito.

Pego o recipiente, me endireito e enfio o pequeno tubo no cós da minha calça jeans. A porta se abre no momento em que ajusto minha camisa grande para cobrir o estoque escondido.

— Já terminou? — pergunta o idiota. Acredito que Hank tenha se referido a esse idiota como Vinny anteriormente.

— Sim. — Aperto o botão para dar descarga no vaso sanitário e lavo as mãos enquanto o idiota impaciente me olha da porta. Idiota.

Sem outra opção, saio do banheiro. Durante todo o tempo, o desodorante oculto penetrou no meu quadril. Não tenho certeza do tipo de dano que posso causar com desodorante e uma escova de dentes, mas vamos ver. Preciso tentar escapar no momento em que aterrissarmos e encontrar um telefone, ou talvez nunca mais tenha outra chance.

Meu pai tem contatos em todos os EUA. Ele virá me buscar imediatamente. Ou, se não estivermos perto de Chicago, meu pai providenciará para que alguém me pegue e me leve para um lugar seguro até que ele chegue. *E ele matará esses bastardos...*

Saltar...

...de uma forma muito...

Saltar.

...muito...

Saltar.

...dolorosa.

* * *

— Chegamos, — diz Vinny cerca de uma hora depois. — Vou soltar suas pernas agora, mas se tentar aprontar alguma coisa de novo, vai se arrepender.

— Onde estamos? — Pergunto docilmente, decidindo que uma mudança de tática é necessária. Talvez se acharem que eu parei de resistir, eles baixem a guarda?

O desgraçado ignora minha pergunta. Ele corta as amarras em volta dos tornozelos, depois agarra meu braço e me levanta para ficar de pé. — Mexa-se.

Passo entre os assentos e desço as escadas estreitas do avião até à pista, com o idiota número um atrás de mim e o idiota dois liderando o caminho. O ar é fresco e o cheiro de salmoura é carregado pela leve brisa. Estamos perto da costa. Talvez da Flórida? Aqui é muito mais quente do que em Chicago.

O bastardo cujas bolas eu apresentei ao meu joelho - Hank - para no pé da escada, olhando para a estrada de terra que se estende para fora da pista. Olho em volta, observando o que está ao meu redor. Não há uma alma sequer à vista e, além de um pequeno prédio ao lado, nenhuma outra estrutura. Este não é um aeroporto de verdade. É apenas um campo de pouso. Uma pista de pouso pavimentada. Grama. E colinas onduladas. Nunca estive na Flórida, mas acho que não é assim.

O grito estridente de um pássaro soa em algum lugar acima de mim, e eu inclino a cabeça para cima, focalizando a fonte. É uma gaivota. Aperto os olhos porque o sol está alto no céu. Meio-dia. Não pode ser meio-dia. Fui pega no final da tarde.

— Guido está atrasado, — diz Vinny quando se aproxima de Hank, com seu aperto firme em meu braço.

— Ele estará aqui em breve. — Hank dá de ombros e tira do bolso um maço de cigarros.

Deixo de lado os pensamentos sobre a hora do dia e fixo meus olhos no isqueiro aceso na mão de Hank. Minha frequência cardíaca dispara, com a adrenalina correndo em minhas veias enquanto olho para a pequena chama. Essa é a minha chance. Mas preciso que meu braço esteja livre.

— Posso pegar um? — Eu pergunto. — Por favor?

Hank estreita os olhos para mim. — Quantos anos você tem? Treze?

Suprimo a vontade de dar uma joelhada nele novamente e, em vez disso, sorrio. Assim como minha mãe, posso ser mais baixa do que a maioria das mulheres, mas tenho certeza de que o imbecil consegue ver os seios cheios sob minha camiseta folgada.

— Vinte e três.

— Sim, claro, — Hank bufa, tirando um cigarro do maço e me oferecendo.

— Você se importa? — Afasto meu braço dos dedos apertados e parecidos com salsichas de Vinny.

Vinny grunhe, mas me solta.

Pego o cigarro oferecido e o coloco entre os lábios, lutando contra alguns fios de cabelo que o vento leve está jogando em meu rosto. Mais do inconfundível ar do mar invade minhas narinas enquanto levo as mãos lentamente até ao cós da calça jeans. Hank acende seu Zippo novamente e o estende para mim.

Meus lábios se alargam em um sorriso açucarado. — Obrigada.

Inclino-me para trás e levanto a lata de desodorante à minha frente, pressionando o bocal. Por um segundo, um aroma masculino e fresco me envolve, mas, no instante seguinte, o spray atinge a chama e a deliciosa fragrância masculina se transforma no fedor de tecido queimado e pele carbonizada quando meu lança-chamas improvisado atinge o alvo.

Hank ruge e tropeça para trás, afastando-se do fluxo de fogo. Nunca esperei ter a oportunidade de experimentar esse truque específico que tio Sergei me mostrou, mas a vida é cheia de surpresas.

No entanto, o triunfo não dura muito tempo. Sinto uma dor no topo de minha cabeça quando Vinny agarra um punhado de meu cabelo. Eu grito. Lágrimas brotam em meus olhos e, por um breve momento, o desejo de simplesmente me render me domina. *Não. Não está acontecendo.* Deslizo a escova de dentes da manga para a palma da mão. Agarrando a extremidade com cerdas com minhas mãos algemadas, eu a golpeio, mirando no olho esquerdo do filho da puta.

O capanga é tão grande que meu golpe apenas roça sua pálpebra, deixando um arranhão em sua maçã do rosto. Mesmo assim, Vinny grita e seu controle sobre mim diminui. No momento em que estou livre, viro-me e fujo pela pista em direção à estrada de terra. É uma trilha estreita em vez de um caminho normal para veículos, ladeada por oliveiras de ambos os lados. Ainda grogue por causa da merda com que me espetaram e com as pernas vacilantes

por ter ficado presa por muito tempo, correr é um desafio. Tropeço duas vezes, mas a adrenalina que corre em minha corrente sanguínea me faz continuar. Essa é provavelmente a única chance que terei de escapar.

Estou a meio caminho da pista de terra quando o ronco profundo de um motor ecoa nas colinas ao redor. Uma nuvem de poeira se levanta entre as árvores e um carro surge na curva. O elegante veículo esportivo branco, que parece completamente fora de lugar nesse ambiente rural, se aproxima. Por uma fração de segundo, hesito, sem saber se a pessoa no carro é amiga ou inimiga, mas não tenho outra opção. Continuo correndo em direção a ele.

Dou apenas alguns passos antes que todo o ar saia de meus pulmões quando duas mãos me agarram por trás e me levantam.

— Sua vadia! — Vinny vocifera próximo ao meu ouvido.

— Socorro! — Eu grito enquanto chuto as pernas.

— Pare, porra!

— Nunca! — Eu me contorço para a esquerda e para a direita, tentando me libertar, mas ele não vacila.

O carro branco para a poucos metros de nós. A porta do motorista se abre e um homem loiro de vinte e poucos anos sai. Ele está usando jeans azul desbotado e uma camiseta branca simples.

— Por favor, me ajude, — eu me engasgo, olhando para o recém-chegado.

Ele me dá uma olhada rápida e depois olha para Vinny. — O que é isso?

Sua voz é rouca e tem um leve sotaque, o que indica que não é um falante nativo de inglês.

— O hacker. — A resposta rosnada vem logo atrás de mim.

Mas que diabos? Eu tinha certeza de que havia sido sequestrada por causa de quem é meu pai, e não por causa do meu pequeno hobby. Talvez esses caras nem saibam quem eu sou.

As sobrancelhas do cara de ganga atingem a linha do cabelo. Seus olhos verdes se voltam para mim, examinando-me da cabeça aos pés,

depois voltam a subir e param no meu cabelo emaranhado.

— Que virada interessante de eventos. — Ele me olha fixamente.

— Bem-vinda à Sicília, senhorita.



Rafael

Capítulo 2

Duas semanas antes

De Santi Estate, perto de Taormina, Sicília

— Desculpe-me por ligar tão cedo, chefe, — diz meu especialista em TI do outro lado da linha. — Mas aconteceu de novo.

Eu recuo, meu pau escorregando para fora da minha mais recente conquista. Ela está esparramada na minha frente sobre a escrivaninha, com os cabelos ruivos se espalhando pela borda. Aperto o telefone no ouvido. — O que foi?

— Não entendo como, — continua Mitch em um tom ligeiramente histérico. — Reinstalamos todos os firewalls e pedi a quatro pessoas que passassem a noite inteira tentando violá-los. Tudo parecia sólido.

— Não foi nada sólido se alguém entrou em nosso sistema novamente, — eu rosno.

— Rafael? O que está acontecendo, amor? — Constanza fala baixo, olhando para mim por entre suas pernas abertas. Seus lábios estão entreabertos em um sorriso de flerte. No entanto, em vez do meu rosto, seus olhos estão fixos no ponto logo acima da minha clavícula.

— Vista-se. — Eu me viro e atravesso o escritório em direção às

portas abertas da varanda. — O que eles fizeram dessa vez, Mitch?

— Criaram uma ordem de pagamento que iniciou uma transferência eletrônica de nossa conta de marketing para um coral de uma igreja infantil em Seattle. Mas foram apenas vinte dólares, o que não chega a ser um inconveniente, certo?

Minha mão aperta o batente da porta da varanda. — Somos a maior empresa de segurança pessoal desta parte do mundo, e alguém tem invadido nossos sistemas há meses, fazendo-nos parecer idiotas. Você considera *isso* um pequeno inconveniente?

— Sim... Quero dizer, não. Claro que não.

Meu olhar passa sobre as copas das árvores e a vegetação exuberante do jardim abaixo, até ao horizonte, onde a luz do sol da manhã reflete na extensão infinita do mar. Mais adiante na costa, meus dois iates estão ancorados em uma pequena marina, balançando nas ondas suaves.

Quando Guido e eu fugimos da Sicília há vinte e cinco anos, não tínhamos documentos para estar nos Estados Unidos, portanto, não havia meios para eu conseguir um emprego legal, especialmente sendo menor de idade. Com os batedores de carteira nas ruas, eu mal conseguia alimentar meu irmão. Minha única opção era entrar em contato com o clã albanês local. Eles concordaram em acolher a mim e a meu irmão. Mas estabeleceram condições muito claras. Eles forneceriam as identidades necessárias, um teto sobre nossas cabeças e comida para que não tivéssemos que procurar por restos e, em troca, eu teria que cumprir suas ordens pelos cinco anos seguintes, sem fazer perguntas. Quando aceitei a oferta de Dushku, eu não comia há quase dois dias. Tudo o que eu ‘ganhava’ ia para o aluguel do quarto na garagem precária que servia como nossa casa. Diante da possibilidade de passar fome ou aceitar um acordo com o demônio, escolhi a segunda opção.

No início, eu recebia tarefas de recados - passar mensagens importantes demais para arriscar enviar eletronicamente, traficar cocaína ou fazer cadáveres desaparecerem. Depois, fui designado para Jemin, para ser seu apoio. Como um dos executores de Dushku, Jemin ficou mais do que feliz em ficar em segundo plano e me deixar fazer todo o trabalho sujo para ele. Espancamentos. Tortura. E, é claro, eliminar quem quer que Dushku

considerasse dispensável, fosse dentro de sua própria organização ou alguém de fora que simplesmente estivesse em seu caminho. Troquei cinco anos de minha vida e grande parte de minha alma para garantir que Guido nunca mais fosse para a cama com fome. E então, passei os quinze anos seguintes construindo meu império.

Levei duas décadas para chegar onde estou agora. De uma escória miserável que vivia nas ruas, sobrevivendo de migalhas e de qualquer coisa que eu pudesse roubar de um bolso desavisado, a um homem cujo nome exige respeito. E inflige medo. Fiz tudo isso com minhas próprias mãos - arranhando e pegando - literalmente pisando em cadáveres. Posso ter deixado meu país de origem como mendigo, mas voltei como governante. Não vou deixar que um maldito cyberpunk me faça de bobo.

— Conseguiu localizar o desgraçado? — pergunto.

— Ele tem usado VPN e codificadores de endereço IP, fixando sua posição em todo o mundo.

— E é sempre em um local diferente?

— Sim. Tóquio. Manila. Chicago. Panamá. Haia. Uma vez, recebemos um pin na Patagônia. Foram nove incidentes separados, em locais diferentes a cada vez. Exceto... só um segundo. — O som de cliques de dedos trabalhando rapidamente em um teclado atravessa a linha. — A primeira incursão, há seis meses, e esta última mostram um endereço IP na área de Chicago. Parece... — mais digitação — ...que essas invasões foram feitas em um cibercafé. Mas não o mesmo.

O barulho de saltos no assoalho de madeira ressoa atrás de mim. Dou uma olhada por cima do ombro e vejo Constanza em pé ao lado do sofá. Ela está usando o mesmo vestido vermelho curto que tirei dela há uma hora. Um que mal cobre sua bunda e revela suas pernas de um quilômetro de comprimento. Seu cabelo está solto, cada mecha em seu lugar, emoldurando o rosto classicamente belo. Linda de morrer. Minhas transas sempre são. Estou acostumado a ter mulheres bonitas ao meu lado. O dinheiro pode comprar o que a aparência por si só não pode. Essa é a realidade.

— Vou ser entrevistada na TV na quinta-feira à tarde. — Os lábios de Constanza se alargam em um sorriso radiante. — Há um vestido

preto incrível que vi na Albini's... Ele seria perfeito para a ocasião.

Tenho certeza de que sim. A Albini's é a boutique de roupas mais cara desta parte da Europa. Mas antes que eu a deixe gastar milhares do meu dinheiro em um vestido, ela terá que aprender a olhar para o meu rosto enquanto conversamos. E transar.

— Não. Você pode comprar um vestido em uma das lojas comuns. Peça para colocarem em minha conta.

O sorriso no rosto de Constanza vacila, mas ela rapidamente esconde o desliz. Diminui a distância entre nós com alguns passos de salto e se levanta na ponta dos pés para me beijar. — Obrigada, amor.

Há um recuo quase imperceptível quando seus lábios roçam os meus, e tenho de reconhecer que ela é provavelmente a melhor atriz de todas as mulheres com quem já transei. Todas elas se esforçam muito para esconder a repulsa. Algumas conseguem melhor do que outras. Mas, por melhor que ela seja, assim como as demais, Constanza não consegue suportar olhar para o meu rosto, mesmo com pouca luz.

Não me importo com o fato de que a única razão pela qual minhas parceiras permanecem comigo por algum tempo são as viagens extravagantes e os presentes luxuosos que lhes dou. Luxo incomparável - uma compensação por estarem sujeitas a ter uma fera ao seu lado. É um compromisso justo. Algumas garotas conseguem tolerar isso por mais tempo. A maioria não consegue.

Há alguns anos, peguei uma mulher em uma boate. Ou melhor, ela me pegou. Uma conhecida socialite do continente, ela estava na Sicília passando férias com seus amigos. Um deles provavelmente lhe disse quem eu era. Ela estava muito feliz da vida - ou talvez fosse algo mais e eu não percebi na hora - e estava claramente comemorando algo que tinha champanhe fluindo livremente em sua mesa. Quando chegamos a uma suíte no meu hotel, ela estava cantando os últimos sucessos das paradas de sucesso e mal conseguia tirar as mãos de mim. Nós transamos. Várias vezes. Ela implorou por mais. Eu sei como agradar uma mulher na cama. A pobrezinha até me pediu em casamento. Mas na manhã seguinte, quando ela acordou sóbria, mas definitivamente de ressaca, e viu meu rosto, gritou. Dois minutos depois, ela

saiu correndo do quarto e foi direto para um táxi que chamei para ela.

— Quando vamos nos ver de novo? — diz Constanza.

— Eu ligo para você, — digo, depois gesticulo em direção ao meu paletó que ela colocou sobre os ombros. — Tire meu paletó.

— Mas está frio lá fora.

— Agora mesmo, Constanza. Um dos meus homens lá embaixo pode lhe dar o deles.

Ela faz um pouco de beicinho, mas deixa a jaqueta no encosto do sofá e sai correndo pelo escritório, fechando a grande porta de carvalho atrás de si. Viro-me para a vista externa e coloco o telefone de volta no ouvido.

— Ouça-me com atenção, Mitch. Você vai encontrar o hacker e vai fazer isso rapidamente. Não dou a mínima se precisar colocar um de nossos homens em cada cibercafé de merda na área da Grande Chicago. Quero que o filho da puta seja encontrado e trazido até mim.

— Mas... Há centenas de cafés com internet lá, chefe.

— Eu não me importo, porra! — esbravejei ao telefone. — Encontre-o. Ou vou separar sua cabeça da coluna vertebral!

— Sim, chefe. Claro que sim. Farei isso.

Cortei a linha e, em seguida, pressionei o ícone de contato do meu irmão.

— Raff, — Guido boceja pelo alto-falante.

— Tem alguma coisa importante acontecendo esta semana? — Pergunto enquanto me dirijo à porta que liga meu escritório ao meu quarto.

— Cristo, Rafael. São seis da manhã.

— Responda-me!

— Até onde eu sei, não. A maioria dos contratos disponíveis era de baixo valor, então decidi deixá-los de lado. Preciso checar as postagens, mas acho que vi um pedido de duplo golpe adicionado ontem à noite. O valor, no entanto, era inferior a um milhão.

— Pegue-o, — ordeno ao entrar no closet.

— Certo. Quem vamos enviar? Os alvos estão na Alemanha, e acho que a equipe de Allard já está lá.

— Não. — Aperto o botão escondido atrás da fileira de ternos e vejo a parte de trás do armário deslizar para o lado. Um momento depois, as luzes do teto se acendem, iluminando o interior da sala escondida e as paredes cobertas por uma variedade de armas.

— Então, quem você quer enviar?

— Não vamos enviar nenhuma das equipes. Eu estarei cuidando deste.

— Por quê?

— Tive um começo de dia péssimo, Guido, apesar de ter chegado em casa há menos de uma hora. Preciso de uma distração. — Meus olhos passam sobre a seleção de rifles de longo alcance diante de mim. — Alguma instrução especial para matar?

— Mmm... Deixe-me ver. Não. Não há preferências quanto ao método de descarte.

— Perfeito. Envie-me o arquivo e diga ao piloto para ter o avião pronto às sete horas. — Corto a fila e pego um M40 da parede.

A última vez que tratei pessoalmente de um contrato foi há mais de uma década, pouco antes de meu retorno à Sicília. Com todo o trabalho que precisei fazer para assumir e manter o controle da costa leste da ilha, tive que ‘aposentar’ minha função de mercenário. Agora, tenho onze equipes de assassinos espalhadas pelo mundo, usando como base as filiais estrategicamente localizadas da Delta Security. Meu irmão supervisiona essa parte de nossas operações clandestinas atualmente, enquanto eu me concentro em lavar e investir o dinheiro de assassinatos por meio do lado legítimo de nossos negócios.

O negócio com o qual algum filho da puta decidiu se meter.

Mal posso esperar para colocar minhas mãos nesse bastardo.

Vasilisa

*Casa de Roman Petrov (o pakhan do Bratva russo),
Chicago*

A porta do meu quarto se abre rapidamente.

— Puta que pariu, pai! — Eu pulo em minha cadeira. — Não sabe bater na porta?

Com os olhos semicerrados para mim e a raiva gravada em suas feições, o todo-poderoso Roman Petrov entra. Sua bengala faz um leve som de tique-taque no piso de madeira enquanto ele se aproxima com passos rápidos e se inclina para perto do meu rosto.

— Você está de castigo, — diz ele entre dentes.

— Eu não sou uma criança. O que está fazendo? Não! Deixe meu laptop em paz! Papai!

— NASA? — Ele coloca meu laptop debaixo do braço e arranca o cabo de alimentação da parede. — A porra da NASA!?

Ah, que merda. — Como você descobriu?

— Eu encurralei Felix e ele contou tudo.

Eu fico boquiaberta. Felix é amigo do tio Sergei desde o tempo em que o irmão de papai trabalhava para o exército, mas o velho é mais como um membro adotado da família. Não há um sistema que ele não consiga decifrar, e tudo o que sei sobre investigação cibernética aprendi com ele. Ele também tem mais de noventa anos de idade, mas nunca admitiria isso. Na última década, ele tem dito a todos que não chegou nem aos oitenta. Não acredito que o vovô Felix me denunciaria!

— Eu estava apenas brincando, pai. Não fiz nada. Eu juro. Só entrei e saí.

— Ah? Então você acabou de fazer uma pequena visita digital à Administração Nacional de Aeronáutica e Espaço³?

— Mais ou menos? — Eu lhe dou um sorriso de arrependimento.

Um rosnado ameaçador sai de sua garganta. — Eu lhe disse, Vasilisa. Eu lhe disse mil vezes - você *não pode* invadir sistemas do governo! Isso é ilegal, porra!

Levanto uma sobrancelha. — Você se lembra que é o líder de uma das maiores organizações criminosas desta parte do mundo, não se lembra?

— Sim. E não quero que minha filha tenha nada a ver com qualquer merda ilegal.

— Bem, se você me deixasse ajudar com os negócios da família, eu não teria que desperdiçar minhas habilidades em busca de sucesso em outro lugar, — eu digo.

— Nenhuma parte dos negócios da Bratva é legítima, Vasilisa. E eu não quero você nem perto disso.

— Você não me deixa nem ajudar Ivan a lidar com os documentos da alfândega. Ele precisou de duas noites no escritório do andar de baixo para finalmente resolver tudo.

— Não permitirei que minha filha falsifique manifestos de importação de contrabando!

Contrabando. Reviro os olhos. Como se eu não soubesse que a Bratva lida principalmente com drogas. Estou tão cansada de ser tratada como uma garota ignorante.

— Você leva Alexei para reuniões com seus parceiros!

— Seu irmão assumirá a liderança da Bratva quando eu deixar o cargo. Ele precisa estar preparado.

Balanço a cabeça. — Você é tão hipócrita, pai.

— O submundo do crime não é um lugar para uma mulher, Vasilisa. Você vai terminar seus estudos. Conseguir um emprego regular. Encontrar um cara legal para namorar. Um contador, talvez.

Eu suspiro. *Superprotetor* não chega nem perto de descrever meu pai. Uma vez, ele quase estrangulou alguém com quem eu estava saindo quando nos viu nos beijando em frente ao portão do perímetro, só porque o cara tinha a cabeça raspada e um piercing na sobrancelha.

— Eu me formei na última sexta-feira, caso você tenha esquecido.

— E, em seguida, você vai fazer seu mestrado.

— Não quero fazer meu mestrado, pai! Eu quero trabalhar. Para você.

— Não está acontecendo. — Ele aponta um dedo acusador para mim. — E essa merda de hacking acaba agora, Vasilisa. Você não vai fazer isso de novo. Prometa-me!

— Tudo bem.

— Prometa-me.

— Eu prometo. Não vou invadir bancos de dados governamentais de nenhum tipo, nunca mais.

— E?

Reiro os olhos. — Ou em qualquer outro lugar.

— Ótimo. — Ele se inclina e deposita um beijo no topo da minha cabeça. — Você sabe o quanto eu amo você, não sabe?

— Sim. Eu também amo você. Posso ter meu laptop de volta agora? Preciso começar a me candidatar àquele emprego 'normal' que você quer que eu consiga.

— Não.

— Papai, não é justo... — cheirei o ar. — Que cheiro é esse?

Minha porta se abre novamente, e o cheiro de algo queimando permeia a sala.

— Papai! — Yulia, minha irmã mais nova, entra correndo em casa. — Igor colocou fogo no novo micro-ondas.

— De novo? — grita papai. — Eu disse a esse idiota que ele está aposentado! Quem o deixou entrar? Vou matá-lo, junto com todos os outros que trabalham na cozinha.

Ele sai correndo do meu quarto e leva meu laptop com ele. A porta do quarto se fecha com força, fazendo com que eu e minha irmã gritemos.

— O que foi aquilo? — Yulia pergunta enquanto se esparrama em minha cama.

— Ele confiscou meu laptop.

— Eu pude ver. Ele descobriu que você invadiu a empresa ontem? O que fez dessa vez?

— Enviei uma doação para um coral de igreja. — Meus ombros caem. — Do cybercafé perto da biblioteca, mas parece que Felix contou a papai sobre eu ter mexido nos firewalls da NASA.

— Meu Deus, Vasilisa. Por que continua fazendo essa besteira?

— Não sei. Talvez seja minha maneira de me vingar de papai por não me deixar ajudá-lo em nada. — Eu me remexo em meu assento. — Ou porque não sei o que fazer com meu tempo livre agora.

— Você deveria sair mais. O que aconteceu com aquele cara com quem você estava saindo?

— Oliver?

— Sim. O modelo de roupas íntimas. Ele é tão gostoso. — Yulia rola na cama, se abanando.

Inclino a cabeça para cima, olhando para o teto, e giro de um lado para o outro na cadeira. Sim, Oliver é incrivelmente bonito. Nós nos conhecemos em uma cafeteria no centro da cidade, quando ele se sentou na mesa ao lado da minha. A princípio, não prestei atenção nele, pois estava muito concentrada nos exercícios de codificação que vovô Felix criou para mim, mas, então, Oliver se sentou ao meu lado e começou a fazer perguntas sobre o que eu estava fazendo.

— Terminei com ele na semana passada, — murmuro. — Ele

acabou sendo igual a todos os outros caras que querem me namorar.

— Você quer dizer que ele caiu de joelhos, implorando permissão para adorá-la? — Yulia dá uma risadinha. — *Vasilisa, a Bela*. Fazendo os homens tropeçarem nos próprios pés desde que fez quinze anos.

— Não é engraçado. E eu odeio quando você me chama assim. Isso me fez odiar aquele conto de fadas.

— Você, minha querida irmã, pode ser a única mulher na Terra que odeia ser bonita.

— Eu não odeio isso. Mas, pelo menos uma vez, eu gostaria que um cara se sentisse atraído por mim por algo mais. Não simplesmente pelo fato de eu ser bonita.

— Você é mais do que bonita, Vasya. Mesmo com esses trapos horríveis que você usa.

— Não há nada de errado com minhas roupas.

— Essa blusa é horrível. E como diabos você chama essa cor? Amarelo-vômito? — Ela acena com a cabeça para mim. — E não me faça começar a falar dos jeans dois tamanhos grandes demais.

— São confortáveis. — Dou de ombros.

— Sim, claro. — Yulia coloca as mãos sob o queixo e revira os olhos. — Então, o que o 'Oliver, o gostoso' fez de errado?

— Ele insistiu em reiniciar meu telefone para mim. Aparentemente, eu não pareço uma garota capaz de fazer isso sozinha. E eu cito: *'Por que você se preocuparia com algo assim, linda? Você tem a mim agora, e eu cuidarei das coisas difíceis de tecnologia para você'*. — Eu mal consigo evitar que o rosnado saia de minha voz enquanto tento imitar o tom do imbecil. — Então, ele pegou meu telefone da minha mão e fez isso por mim. Fiz minha graduação em ciência da computação e me formei *summa cum laude*⁴, e o imbecil realmente reiniciou meu telefone para mim.

— Isso é tão intenso. — Yulia ri. — Ele também se ofereceu para ligar os interruptores de luz para você? Caso você tenha ficado confusa sobre como eles funcionam?

— Não tem graça! — Eu resmungo.

— Desculpe, mas sim. Sim, de verdade. Ele só queria ser seu cavaleiro de armadura brilhante.

Eu bufo. — Estávamos no parque quando isso aconteceu. Eu ainda estava olhando para Oliver mexendo no meu celular quando um cachorro se soltou da coleira e correu na nossa direção, latindo. Meu *cavaleiro de armadura* de merda guinchou como uma menina de quatro anos e saiu correndo dali sem nem olhar por cima do ombro para ver se eu estava bem.

— Que sacanagem! E o cachorro?

— Ele só queria brincar. Lambeu minhas mãos e meu rosto e depois saiu correndo. — Balancei a cabeça e dei uma volta completa em minha cadeira de jogos. — Papai mencionou que queria um cara normal para mim. Algum contador, disse ele. Bem, provavelmente quando eu fizer cinquenta anos, mas... Acho que não vou conseguir dar certo com nenhum cara normal, Yulia.

— Por que não?

Arqueio uma sobrancelha para minha irmã mais nova. — Porque um cara normal se mijaria todo no momento em que conhecesse nossa família. Você consegue imaginar um contador descansando em nossa sala de estar e conversando com papai, Alexei e tio Sergei?

— Acho que o tio Sergei é fantástico. Ele não faria nada com seu contador.

— Ele trouxe um lançador de granadas para o jantar na semana passada.

— Bem, há isso. — Ela dá de ombros. — Talvez você devesse tentar namorar alguém da Bratva. Quem quer que seja, ele saberá no que está se metendo.

— Sim, claro. Quanto tempo você acha que o pobre coitado vai viver depois que papai descobrir que estamos saindo?

— Uma semana?

— Quarenta e oito horas, no máximo. Papai jamais permitiria

que qualquer uma de nós saísse com um de seus homens. Ou alguém de nosso círculo *social*.

Entendo a necessidade de nosso pai de manter as filhas longe da parte decadente do mundo de Roman Petrov - não me fale das merdas patriarcais nas quais meu irmão *mais novo* nem precisa pensar, - mas o que papai não entende completamente é que já fazemos parte disso. Segurança armada 24 horas por dia. Homens feridos e sangrando são trazidos para a nossa casa para serem tratados diretamente na ilha da cozinha. Vigilância constante contra conflitos aleatórios com outras organizações criminosas. Os guarda-costas não ficam a mais de um braço de distância até que uma possível ameaça seja resolvida. Reuniões de negócios e até mesmo reuniões de família geralmente terminam com armas sacadas. Minha irmã e eu nascemos em meio a essa loucura. Esse é o nosso 'normal'. Qualquer outra coisa nunca parecerá remotamente como tal.

— Você acha que papai vai me obrigar a casar com um contador também? — Yulia diz da cama.

— Não. Ele provavelmente encontrará um dentista para você. Ou um curador de museu. — Sorrio, olhando para ela e imaginando um cara de óculos e gravata borboleta vindo buscá-la para o encontro. — Papai nunca deixaria o bebê da família se aproximar de um grande contador. Esses caras podem se envolver em fraudes.

— Sim. — Ela mastiga a unha do polegar. — Hum... Vou pedir a papai que me deixe sair de casa antes do próximo semestre.

Fico boquiaberta com minha irmã. — Por quê?

— Eu não sou como você, Vasya. Toda essa agitação, as pessoas indo e vindo constantemente, o maldito barulho o tempo todo... Acho que não consigo mais viver neste manicômio.

— Duvido que ele deixe você.

— Por que não? Não houve nenhuma escaramuça com outras Famílias recentemente. Todos estão cuidando de seus próprios negócios.

— Sim, mas... — Fico olhando para ela. Nas famílias russas, é comum que os filhos continuem morando em casa até terminarem a faculdade

e conseguirem um emprego. Especialmente em famílias como a nossa, onde a segurança extra é frequentemente necessária. — Mas aqui não é tão ruim assim.

A batida de portas em algum lugar do corredor reverbera pela casa como se estivesse propositalmente contradizendo minha afirmação. Os gritos e o som de pés correndo se misturam com o zumbido do cortador de grama que passa pela janela aberta. Risadas masculinas e insultos russos bem-humorados clamam por atenção no quintal - Alexei e nosso primo Sasha estão competindo novamente no arremesso de facas. Fico imaginando qual deles acabará sendo costurado na cozinha hoje. O cheiro de fumaça parece estar se dissipando, mas ainda paira no ar. Mamãe vai enlouquecer se a fumaça se instalar em suas cortinas novas. Vozes femininas agudas estão soando em algum lugar dentro da mansão, vomitando xingamentos russos para lá e para cá. O escritório de papai fica logo abaixo do meu quarto, e posso ouvi-lo gritando com alguém pelo telefone. Provavelmente tio Sergei; ele é o único que consegue fazer meu pai perder a cabeça em menos de um minuto.

Apenas mais um dia normal na casa dos Petrov.

— Retiro o que disse. Nossa casa é um oásis de paz e tranquilidade. — Yulia ri de seu lugar na cama. — Então, você realmente vai parar com suas aventuras cibernéticas?

— Sim, — murmuro e mordo o lábio inferior. Eu deveria ter enviado mais dinheiro para aquele coral de crianças enquanto tive a chance.

Quando comecei a invadir empresas aleatórias, descobri rapidamente que a maioria de suas proteções digitais era uma piada. Para mim, os firewalls corporativos não representavam nenhum desafio. Então, fiz algumas pesquisas e escolhi as dez principais empresas de segurança privada. Desde então, tenho trabalhado exclusivamente com seus sistemas, criando back doors em suas redes, exatamente como vovô Felix me mostrou. Não se trata de espionagem ou fraude financeira, mas simplesmente de flexionar meus músculos de computação e violar os ambientes virtuais mais rigorosos do planeta. Eu entraria e depois me retiraria, apagando todos os vestígios de que já estive lá. Exceto por pequenas coisas. Parece que não consigo superar a necessidade estúpida de deixar para trás uma pequena pista. Um código

alterado para o elevador de serviço. Pontos reformatados no site, de pontos básicos a pequenas estrelas. Aumentar em um dólar o salário dos funcionários mais mal pagos. Ou, no caso de um grande conglomerado de segurança com escritórios em todo o mundo, manipular seus sistemas de contabilidade para enviar pequenas doações a instituições de caridade obscuras e lugares desfavorecidos.

Talvez eu conseguisse acertar a ‘grande besta poderosa’ uma última vez. Um beijo de despedida em minha carreira de hacker.

Sim. Vou esperar algumas semanas, por precaução. Se papai não devolver meu laptop até lá, encontrarei outro cibercafé e farei isso de lá.

Serão menos de trinta minutos de trabalho, agora que conheço o sistema deles como a palma da minha mão.

Nada pode dar errado.



Capítulo 3

Dias atuais

Sicília

Fico olhando para o cara loiro atrás do volante. Ele está recostado em seu assento, com um cotovelo casualmente apoiado na janela aberta, enquanto dirige seu carro supermoderno por estradas que têm mais cruzamentos de ovelhas do que tráfego de veículos. Enquanto isso, o babaca número um está ao meu lado no banco de trás, com as vibrações de irritação emanando dele em massa, e o babaca número dois está se vangloriando de forma detestável depois de pedir um rifle. Não acredito que esses bastardos me arrastaram para a maldita Sicília!

Quanto tempo dura o voo para a Itália? Mamãe e papai provavelmente já sabem que algo aconteceu e estão me procurando. Deus, espero que eles me encontrem logo.

— Preciso do seu nome, — diz o loirinho - meus sequestradores o chamavam de Guido.

Sim, eles não fazem ideia de quem eu sou. Não tenho certeza se isso é bom ou ruim.

— E eu preciso que você me deixe ir, — murmuro. — O que quer de mim?

— Eu, pessoalmente? Nada. Você terá que discutir o resto com meu irmão.

— E onde está esse irmão?

Ele me ignora por um momento, enquanto o carro para. Depois, vira-se para trás e pega o celular, tirando uma foto do meu rosto antes mesmo que eu possa protestar.

— Ele deve chegar em casa em algumas horas, — Guido finalmente responde. Seus olhos se movem entre os dois capangas com metade de um cérebro entre eles. — Levem-na para o porão. Dêem-lhe comida e água.

Vinny sai do carro, puxando-me atrás dele. Eu grito, tentando me livrar dele sem muita sorte. Hank agarra meu outro braço e ambos começam a me rebocar em direção à entrada da enorme casa de arenito. A única coisa que consigo captar antes de ser puxada para dentro é que a casa está localizada em uma encosta, com vista para o mar.

O interior é opulento, mas é difícil não notar esse luxo discreto. Não é espalhafatoso e chamativo, mas um conforto caseiro gravado em cada cômodo e comodidade por onde passamos. Os tetos são altos, entrecruzados com grossas vigas de madeira. Os detalhes em estuque nas paredes me lembram fotos da *Architectural Digest* ou de outras revistas de design de interiores. A luz do sol atravessa as enormes janelas francesas que se abrem para as águas cintilantes, banhando os móveis de madeira clara. Meus passos vacilam por um momento e não posso deixar de respirar fundo, apreciando a vista.

— Mexa-se! — Vinny late, puxando-me para longe da bela vista e para a esquerda das portas principais, em direção às escadas que devem levar ao nível inferior.

Finco os calcanhares no chão, tentando resistir ou pelo menos retardar o bruto. Sinto dor nos pulsos quando ele puxa a corrente das algemas novamente, fazendo-me gritar quando quase me arrasta pelos degraus até à porta de madeira de aparência robusta na parte inferior.

— Pare de choramingar. — Ele abre a porta e me empurra para

dentro do quarto espaçoso, mas escuro e fresco. Um leve aroma de terra paira no ar.

Caio de joelhos e consigo apoiar as palmas das mãos no piso frio de ladrilhos, evitando por pouco bater o rosto na superfície.

— E porque você foi uma vadia - sem comida ou água!

Eu me levanto e corro em direção à porta, mas ela se fecha pouco antes de eu chegar. O pânico que eu vinha tentando manter afastado abre caminho através da minha contenção, varrendo-me como uma tempestade. Agarro a maçaneta e a encontro trancada.

— Me deixem sair! — Bato na barreira com meus punhos. — Seus filhos da puta desprezíveis! Vocês vão pagar por isso! Deixem-me sair! — Minhas mãos doem com os golpes contínuos na madeira maciça e, mesmo sabendo que é em vão, continuo fazendo isso.

Não sei ao certo por quanto tempo continuo atacando a maldita porta do porão. Quando cedi, a pouca luz que vinha das estreitas janelas horizontais cortadas no alto das paredes havia se transformado em um laranja escuro. Encosto minhas costas na porta e deixo o corpo deslizar para o chão.

Apesar de estarmos em grande parte no subsolo, a temperatura é relativamente confortável no cômodo, mas minhas pernas estão tremendo como se eu tivesse mergulhado no inverno. Meus braços também. Respiro fundo, tentando me acalmar, mas não dá certo. Em pouco tempo, todo o meu corpo é assolado por tremores como se eu estivesse com febre. Minha coragem se foi, e tudo o que quero fazer é me enrolar em uma bola e chorar.

Que diabos essas pessoas querem de mim? Me punir por invadir a maldita empresa deles? Eu nem sei qual é a empresa. Por que não me matar imediatamente? Por quê me arrastar até aqui, atravessando o oceano, só para me jogar em um porão? A menos que ‘o irmão’ queira me matar ele mesmo?

Outro arrepio passa por mim. Não se trata de um empresário comum, disso eu tenho certeza. CEOs de empresas não sequestram pessoas. Somente as pessoas do mundo do meu pai o fazem. E, até onde eu sei, a Sicília é comandada pela Cosa Nostra. A Bratva não tem problemas com nenhuma das facções da máfia italiana. Talvez eu devesse ter dito a eles quem

eu sou, quem é meu pai. Agora, posso muito bem acabar morta antes de ter a chance de fazer isso.

Olho ao redor, procurando por algo.... Não tenho certeza do quê. Qualquer coisa. Há algumas caixas vazias em um canto. Uma cadeira velha no outro, com manchas escuras na madeira desgastada e no piso logo abaixo. Não quero nem pensar no que causou essas manchas. Outra cadeira próxima, que está em um estado um pouco melhor.

Meu foco se volta para as janelas. Talvez elas sejam minha saída? Essa esperança é frustrada assim que vejo barras ornamentadas na parte externa do vidro. Embora haja luminárias no teto, não vejo um interruptor em lugar algum. Deve estar do outro lado da porta.

Levanto-me e me aproximo de uma pequena pia perto da entrada e bebo diretamente da torneira. Os dois idiotas me deram água e alguns biscoitos no avião, mas isso foi há horas. Meu estômago escolhe esse momento para se contorcer em uma câibra. Quando foi minha última refeição completa? O almoço, antes de eles me pegarem? Há uma hora estou me sentindo tonta por causa da falta de comida e do desgaste. Toda a minha energia está esgotada e todos os músculos estão doendo como da última vez que fiquei gripada. Parece que meu corpo está se desligando lentamente e estou ficando sonolenta. Mas não vou me deixar desmaiar de jeito nenhum. Eu me afasto da parede e vou para o outro lado da sala.

A única outra coisa nesse espaço é uma prateleira enorme que cobre uma parede inteira. Centenas de garrafas de vinho estão escondidas de lado dentro de seus cubículos. Fui trancada em uma maldita adega. Que rústico e, de alguma forma, completamente adequado à decoração em estilo campestre que vislumbrei no andar de cima. Aproximando-me do sortimento, pego uma das garrafas. O rótulo preto com letras prateadas proclama que se trata de um vinho tinto de trinta anos. Deve ser uma merda cara. Que pena.

Meus dedos podem estar trêmulos enquanto enrolo um canto da camisa em volta do gargalo da garrafa, mas minha força é grande. Dou um passo para o lado e bato a garrafa premium contra a parede. Os últimos resquícios da luz do sol carmesim caem sobre o recipiente meio quebrado deixado em minha mão, refletindo magnificamente nas bordas cristalinas.

Meus lábios se contraem nos cantos. Tio Sergei ficaria orgulhoso. Apoiando um ombro na parede para suportar meu peso, eu me arrasto até ao canto mais distante do cômodo.

Tenho quase certeza de que esses canalhas pretendem me matar.

Mas não vou cair sem lutar.

Rafael

O portão de ferro forjado se abre lentamente, revelando uma estrada de cascalho sinuosa entre as oliveiras. Aceno para o guarda estacionado à direita da barreira e, em seguida, levo meu SUV pelo caminho iluminado pelos meus faróis, apreciando o ranger sutil de pequenas pedras sob os pneus grandes. Guido sempre reclama que o cascalho danifica os veículos, insistindo que deveríamos pavimentar a longa pista que atravessa a propriedade. A juventude de hoje parece estar inclinada a melhorar tudo, mesmo quando não há necessidade real disso. Tive asfalto e concreto mais do que suficientes para durar a vida inteira durante os quinze anos em que moramos nos Estados Unidos.

A estrada se alarga gradualmente, transformando-se em uma entrada de automóveis em frente à minha casa. Dois caras da minha divisão de Chicago - Vinny e Hank - estão parados na porta da frente, com as costas eretas enquanto seus olhos acompanham meu carro quando estaciono. Eu me pergunto há quanto tempo eles estão esperando ali, fazendo boas imitações de postos idiotas. Eu teria preferido enviar um dos meus melhores homens para capturar o maldito hacker que tem sido a fonte do meu aborrecimento há meses, mas o tempo e a logística estavam contra mim. Como a maioria de nossas operações de mercenários se concentrou na Europa nos últimos anos, os melhores de meus homens estão espalhados pelo velho continente. Hank e Vinny estão em minha folha de pagamento como guarda-costas para o lado legítimo - minha empresa de fachada - fornecendo segurança privada. Eles são capazes, mas nenhum deles é muito inteligente. Na verdade, fiquei agradavelmente surpreso por eles terem conseguido pegar o culpado.

— Têm meu hacker? — Pergunto ao sair do banco do motorista.

— Sim. — Hank acena com a cabeça. — São e salvo na adega de vinhos.

Observo seu paletó carbonizado, o rosto vermelho e irritado e uma sobrelha faltando, depois me viro para Vinny, que tem um hematoma

no queixo e um arranhão irritado sob o olho esquerdo.

— Vejo que ele resistiu, — digo, enquanto enfio a mão na minha jaqueta para pegar minha arma.

Hank junta as mãos atrás das costas, inquieto. — Ela.

Minha mão para no cabo da arma. — O quê?

— Ela resistiu. É... é uma mulher, chefe.

— Uma mulher? Deve ser formidável. Ela também cospe fogo?
— Balanço a cabeça e entro na casa, indo em direção às escadas que levam ao porão.

A porta do porão se abre com um pequeno ruído. Lá dentro, está frio e escuro, com apenas um pouco de luz da lua e o brilho tênue do jardim entrando pelas duas janelas estreitas no alto da parede oposta. Por um momento, acho que não há ninguém aqui. O espaço parece vazio. Estou prestes a levantar suspeitas sobre um prisioneiro desaparecido quando meus olhos caem sobre uma pequena figura feminina encolhida no canto. Minha convidada cuspidora de fogo está sentada no chão com o rosto pressionado contra os joelhos.

Eu não tinha ideia de que meu hacker era uma mulher. Se eu soubesse, eu a teria levado para um dos quartos de hóspedes no andar de cima. Não há motivo para negar-lhe conforto enquanto ela espera para me enfrentar e sua eventual morte.

Com meus dedos pairando sobre o interruptor de luz do lado de fora do quarto, eu me impeço de ligá-lo. Essa mulher deve estar assustada. Ao me ver, ela ficaria ainda mais apavorada. Isso levaria a gritos e histeria, que se transformariam em choro e pedidos por sua vida. E eu não estou com esse maldito humor. Só preciso que ela me diga quem a mandou mexer com meus negócios antes de quebrar seu pescoço de forma rápida e indolor.

Deixando a iluminação do teto desligada, eu me aproximo e me agacho na frente da garota. De costas para a porta escancarada do porão e para a escadaria iluminada, sei que meu rosto permanece na sombra enquanto o brilho suave se estende à minha frente para iluminar vagamente o cômodo. Minha estrutura maciça bloqueia parte dessa luz, lançando seu próprio manto

parcial sobre a pequena pilha a meus pés.

— Oi. — Estendo minha mão para ela.

A cabeça da garota se levanta e a luz do corredor incide diretamente em seu rosto. Seu rosto muito zangado, celestial e lindo. Por um momento, tudo o que posso fazer é olhar para ela, minhas células cerebrais atordoadas lutando para processar o fato de que ela é real. Mas o que mais me impressiona são seus olhos escuros como a noite, olhando para mim por baixo de cílios impossivelmente longos. Não consigo nomear a expressão neles, não com minha massa cinzenta se transformando em uma massa inútil de gelatina, mas tenho certeza de que estarei imaginando esses olhos muito depois de seu olhar ter mudado.

Uma leve sensação de déjà vu me invade, como se uma lembrança há muito tempo esquecida estivesse tentando chegar à frente da minha mente. Aquele olhar furioso e exasperado... Não, tenho cem por cento de certeza de que nunca conheci essa mulher antes.

Atordoadado demais por sua beleza, percebo com um segundo de atraso a garrafa quebrada em sua mão. Ela me golpeia e eu recuo, mas não rápido o suficiente. A dor explode em meu antebraço quando uma ponta irregular rasga o tecido da minha camisa e a pele do meu braço direito.

— *Che cazzo!* — Eu vocifero e agarro seus pulsos.

A garota grita, um lamento cheio de dor. Olho para suas mãos algemadas e a raiva explode em meu peito. Os malditos filhos da puta estúpidos nem sequer tiraram as algemas dela!

Não tenho problemas em matar qualquer um que se atreva a me contrariar - seja um homem ou uma mulher, - mas não gosto de maltratar mulheres indefesas. Não que esta esteja sem seu ferrão. Se ela deixou suas marcas no burro e no idiota do andar de cima, e com meu próprio sangue escorrendo pelo meu braço como prova, essa fera é a coisa mais distante de ser indefesa. Aposto que ela está se preparando para dar o próximo golpe.

Com cuidado, pego o pedaço da garrafa quebrada que ela ainda está segurando e volto a me concentrar em seu rosto. Suas pálpebras estão semicerradas e sua respiração parece superficial.

— Você já comeu?

— Vá se foder, — murmura ela, com a voz quase inaudível.

Pego seu queixo entre meus dedos e inclino sua cabeça para cima. — Eu lhe fiz uma pergunta. Você. Já. Comeu?

Parece que é preciso algum esforço, mas os olhos desfocados da garota se erguem lentamente. — Crackers. Quando acordei no avião, — ela diz.

Jesus. Isso foi há horas e no final de um voo de dez horas.

Um pequeno gemido sai de seus lábios e, com sua próxima respiração, sua cabeça se inclina para o lado.

Silêncio total.

— Oi. — Bato de leve com os dedos em sua bochecha suja de terra, mas seu corpo apenas se inclina contra a parede.

Merda.

Hank e Vinny provavelmente usaram drogas para deixá-la inconsciente durante o trajeto e, sem nenhum alimento, ela obviamente ainda está sofrendo os efeitos colaterais. Com cuidado, enfio minha cabeça no laço criado por suas mãos algemadas e, em seguida, deslizo as palmas das mãos sob suas coxas. Levantando-me, seguro a garota inconsciente em meus braços enquanto ela, sem saber, se agarra a mim como um coala.

— Vamos levá-la para um lugar mais confortável, Vesp⁵.

Posso sentir o peito da menina subindo e descendo enquanto a carrego escada acima até ao térreo. Ela não pesa quase nada. Sua cabeça rola para a esquerda e para a direita em meu ombro, depois se inclina para o lado. Rapidamente, levanto a mão e seguro sua bochecha, mantendo sua cabeça no lugar, com o nariz aconchegado na curva do meu pescoço. Sua respiração é lenta, espalhando a pele na parte de baixo do meu queixo. Suas exalações quentes são tão suaves, como um bater de asas de borboleta.

— Chefe? — Vinny se apressa quando eu viro a esquina.

— Tire suas algemas, — digo com os dentes cerrados. — Com cuidado.

Ele tira a chave do bolso e corre ao meu redor para remover as algemas. A garota fica tensa e eu mal consigo reprimir o desejo de sacar minha arma e atirar na cabeça do idiota ali mesmo.

— Calma, está tudo bem, — sussurro no ouvido da garota, depois olho para meus homens. — Saíam e esperem por mim na garagem. Vocês dois. Agora.

A mulher em meus braços nem sequer se mexe quando subo as escadas para o andar superior. Se não fosse por sua respiração de gatinho, eu pensaria que ela estava morta. Como alguém tão pequeno e de aparência frágil poderia lutar contra dois homens adultos, causando danos óbvios? Ela não deve ter mais de um metro e meio e aposto que pesa menos de cinquenta quilos, encharcada. Sem dúvida, eles a subestimaram. Eu não vou subestimar. Ela pode ter o tamanho de uma ninfa, mas as aparências enganam.

Uso meu cotovelo para abrir a porta branca no lado direito do corredor e depois levo a garota para dentro. Só quando estou de frente para a grande cama de dossel ao lado da janela é que me dou conta de onde estou. No meu quarto. Acho que o cansaço embaralhou meu cérebro, porque eu pretendia levá-la para o quarto de hóspedes do outro lado do corredor. Mas agora que estou aqui... Não consigo imaginá-la em outro lugar.

Acho que mais confusões acontecerão com minha massa cinzenta cansada.

Ninguém, além de mim, jamais dormiu nessa cama. Nunca. Nem mesmo minhas parceiras. Sempre transei em meu escritório ou as levei para uma suíte em um dos meus hotéis. Ter *essa* mulher *aqui* é estranho.

No momento em que sua bochecha toca o meu travesseiro, ela solta um suspiro ronronante e se enrola em posição fetal. Inclino a cabeça para o lado, observando minha pequena hacker. Dormindo. Em minha cama. Mechas emaranhadas de cabelo preto cobrem parcialmente seu rosto doce, então eu as afasto e as coloco de lado, e fico olhando. Como um tolo hipnotizado.

Ela é jovem, provavelmente com vinte e poucos anos. Sua constituição física leve, no entanto, a faz parecer ainda mais jovem. A lâmpada de cabeceira lança uma luz suave em sua estrutura delicada, o que

apenas realça suas feições perfeitas. Mesmo com a sujeira no rosto e o cabelo bagunçado, ela é muito bonita, quase mítica. Gostaria de poder ver seus olhos novamente. Eles são hipnotizantes.

Meu olhar percorre sua forma adormecida, parando em seus pulsos. Imediatamente, a raiva se reacende dentro de mim.

Uma morte rápida e indolor era o que eu tinha em mente para ela até ao momento em que ela me atirou aquela garrafa quebrada no porão. Machucada, assustada e quase inconsciente, ela ainda resistiu. Ainda atacava, mesmo quando seus captores podiam esmagá-la com um único golpe.

Achei que já tinha visto de tudo durante os anos em que fui membro ativo da minha equipe de assassinos. Todo alvo tenta revidar. Inicialmente, pelo menos. Mas, em seguida, passa a chorar. Ou a implorar. Alguns oferecem dinheiro para deixá-los ir. Para deixá-los viver. Homens, com o dobro do tamanho dessa menina, se mijavam de medo. Por fim, todos chegam a esse ponto - aquele momento comum a todos eles. O momento em que percebem que não há saída. É quando a luta os abandona. Sua vontade cede. O choro e a súplica continuam, é claro, mas eles param de lutar.

Mas ela não. Ela tentou me matar, mesmo sabendo que não tinha chance. Sua arma era inadequada demais para causar qualquer dano sério. Talvez se ela conseguisse atingir minha artéria carótida por alguma sorte louca. Ainda assim, quando ela encontrou meu olhar, pouco antes de me atirar aquela garrafa quebrada, havia muita coragem e determinação em seus belos e delirantes olhos escuros.

Puxo o cobertor sobre a menina e vou até ao banheiro para pegar gaze e pomada antibiótica para os ferimentos. Os pulsos dela estão em carne viva e vermelhos, e há sangue seco onde a epiderme se rompeu. Coloco uma grande quantidade de creme em sua pele e, em seguida, prendo uma fina camada de curativo ao redor de suas finas articulações do carpo. Essa mulher pode ter sido a principal fonte de minha agitação nos últimos tempos, mas, por algum motivo, não consigo suportar a ideia de que ela tenha sofrido um mínimo de dor.

Com mais uma olhada em minha bela e corajosa hacker, saio do quarto.

Hank e Vinny estão perto do carro de Guido, que está estacionado na frente da garagem. Eu me aproximo e lanço um olhar intenso para os dois. — Vocês gostaram de maltratar uma mulher que tem um terço do seu tamanho?

— Ela queimou meu rosto, chefe, — responde Hank, evitando meu olhar. — A maldita vadia é louca. Ela deve ter pegado uma lata de desodorante no banheiro do jato e depois a transformou em um maldito lança-chamas quando tudo o que fiz foi oferecer a ela o cigarro que pediu. Depois, ela quase arrancou o olho do Vinny com uma escova de dentes. Ela é muito louca. Quando a pegamos pela primeira vez, ela bateu nele com a mochila, balançando-a como se estivesse rebatendo no Wrigley Field⁶, pelo amor de Deus.

— Quem colocou as algemas nela? Seus pulsos estão feridos.

— Hum, eu coloquei. — Vinny se mexe dos pés à cabeça. — Ela não quis cooperar. Foi mais fácil arrastá-la por aí com isso.

Arrastá-la. Aceno com a cabeça, coloco a mão dentro da jaqueta e tiro a arma. — Você se lembra de seu treinamento e da lição sobre boas maneiras?

— Sim, — ele engasga, com os olhos frenéticos e focados no silenciador que estou parafusando no lugar. — Mas... você ia matá-la. Por que isso importa se...

Ele não chega a terminar sua desculpa de merda porque eu encosto a arma em sua testa e puxo o gatilho. O sangue espirra no carro do meu irmão, manchando os vidros e as linhas elegantes da carroceria do seu bem mais precioso. Hank me encara ao lado de seu amigo morto, com o rosto perdendo a cor à medida que a realidade de seu futuro sem valor se instala. Há sangue e massa encefálica em sua bochecha e em seu cabelo.

— Dê-me sua mão, — eu peço.

— Chefe, eu...

Aponto a arma para a ponte de seu nariz. — Agora.

Lentamente, ele estende a mão esquerda em minha direção - com a palma para cima - e seus dedos tremem. Antes que ele tenha a chance de

começar a defender seu caso, estou com o cano encostado em seu dedo médio e aperto o gatilho. Um uivo agonizante explode na noite.

— Se tocar nela de novo, o próximo será seu crânio, — grito e volto para dentro, ainda furioso. Não entendo por quê, mas não consigo tirar da cabeça a visão dos pulsos feridos da garota.

O apartamento de Guido fica no andar térreo, na ala leste da propriedade. Encontro meu irmão esparramado em seu sofá, assistindo à TV.

— Deu uma olhada na sua hacker? — ele pergunta, ainda concentrado em seu filme. — Já a matou?

Eu dou a volta no sofá, agarro a parte da frente de sua camisa e o levanto. Em seguida, dou um soco em seu rosto com minha mão livre.

— Porra, Raff! — Ele pressiona as mãos sobre o nariz ensanguentado. — Para que diabos foi isso?

— Da próxima vez que você vir uma mulher sendo maltratada e não fizer nada, farei muito mais do que quebrar seu nariz.

— Achei que você não se importaria. Você queria o hacker morto.

— Eu não sabia que ele, na verdade, é uma *ela*!

— Isso nunca importou antes.

Ele tem razão. Isso nunca aconteceu. Homem, mulher, um maldito unicórnio com arco-íris e brilhos na bunda - isso nunca importou. Se você se meter nos meus negócios, eu o destruo. Então, por que diabos estou aqui, depois de socar o rosto do meu irmão, pensando na mulher que está no meu quarto, no andar de cima, e me perguntando se devo subir e jogar outro cobertor sobre ela para afastar o frio?

— Se você quiser, eu a mato, — acrescenta ele.

— Você não vai tocá-la, — esbravejei e bati nele novamente.

Guido cambaleia para trás, caindo no sofá. — Que porra há de errado com você? — ele murmura para a almofada que está pressionando contra o rosto. — E você está sujando meu tapete de sangue. Que diabos aconteceu?

Sim. Que diabos há de errado comigo? Pego uma camiseta descartada na parte de trás da poltrona, sento-me e começo a enrolar a peça no antebraço. — A garota me cortou com uma garrafa de vinho quebrada.

Guido pisca para mim, com confusão estampada em seu rosto. — Ela é uma agente treinada ou algo assim?

— Acho que não. Ela apenas me pegou desprevenido.

— Rafael De Santi. Pego de surpresa.

— Sim. — Aceno com a cabeça enquanto prendo o curativo improvisado em meu braço. — Sabemos o nome dela? Ela desmaiou, então não tive a chance de perguntar.

— Não. Mas tirei uma foto dela. Estou passando-a pelo reconhecimento facial e cruzando os registros do DMV⁷ de Illinois e alguns bancos de dados do governo local em Chicago. Vou ver se temos uma correspondência.

Guido se levanta do sofá e se dirige à sua escrivaninha, que está empurrada para o lado e cheia de lixo. — E parece que temos uma correspondência. Ela é - oh, merda.

— O que foi?

Ele olha para mim por cima da tela de seu laptop, com um olhar ligeiramente frenético. — Vasilisa Romanovna Petrova. Ela é filha de Roman Petrov. — Ele engole com dificuldade. — Nós sequestramos a princesa da Bratva russo.

— Não diga. — Eu me inclino para trás e jogo meu braço sobre o encosto da poltrona reclinável. — Mundo pequeno.

— Temos que levá-la de volta. Agora mesmo, porra! Estou chamando o piloto para preparar o avião.

Sim, mandá-la para casa seria a atitude mais sensata. Já se passaram quase vinte e quatro horas desde que Hank e Vinny a pegaram na rua. Conhecendo Petrov, ele já reuniu seus homens e está pronto para aniquilar quem quer que seja o responsável pelo desaparecimento de sua filha.

Minha mente se volta para a mulher que deixei dormindo em

minha cama. — Largue o celular.

— O quê?

— Agora, Guido.

— Mexer com a Bratva é uma ideia muito ruim. E não estou falando de dar adeus a possíveis negócios futuros com eles. Mesmo que tenha sido um erro, não se pode argumentar com Petrov se isso afetar algum de seus funcionários, muito menos membros da família. Ela está voltando para Chicago hoje à noite.

— Não vou mandá-la de volta. Pelo menos, ainda não.

Guido abaixa o celular enquanto me olha com incredulidade. — Você está louco? O que vai fazer com ela?

— Ainda não decidi.

Capítulo 4

Vasilisa

O sol bate no meu rosto. Posso sentir seu calor. Um leve cheiro de salmoura está no ar, misturado com uma fragrância masculina. Um zumbido estranho não muito distante. Grilos? Não, não pode ser. Não há grilos em Chicago.

O som de passos. Retirando-se.

— Mamãe? — Eu murmuro no travesseiro. — Feche as malditas cortinas.

Mais passos, mas agora mais distantes. O clique inconfundível de uma porta sendo fechada.

Abro os olhos com força. Depois, me levanto na cama, olhando loucamente ao redor do quarto desconhecido.

As paredes são da cor de terracota pálida, adornadas com detalhes em estuque e pinturas a óleo que retratam paisagens mediterrâneas. Uma estante de madeira branca envelhecida, repleta de dezenas de livros encadernados em couro, ocupa o espaço entre dois conjuntos de portas de sacada abertas. Longas cortinas de lã balançam com a brisa da manhã.

Desço da cama e faço uma rápida autoavaliação.

Meus pés estão descalços. Alguém tirou meus tênis e meias, mas ainda estou vestida com a mesma roupa de ontem - jeans cinza e uma camiseta grande demais - enrugada até ao inferno por ter dormido com ela. E então, há meus pulsos. Ambos estão envoltos em gaze, bem em cima dos ferimentos causados pelas algemas.

Desnorteada, concentro-me nas duas portas na parede oposta, perguntando-me para onde elas levam. Ao atravessar o quarto e passar pelo

sofá que fica de frente para a lareira, o tapete macio de pelúcia faz cócegas nas solas dos meus pés. A essência masculina no ar é mais forte nesse local, mas há outro cheiro aqui também. Café. Olho para a mesa baixa em frente ao sofá. Uma única xícara de café expresso está sobre ela. A pequena xícara está meio vazia, como se quem estivesse bebendo o rico néctar marrom tivesse saído com pressa. Por mais paradisíaco que seja esse aroma, o cheiro masculino permanece. Cipreste e laranja.

O pânico me domina. Alguém esteve aqui enquanto eu dormia.

— Vejo que já está de pé. Espero que goste de suas acomodações.

Levanto a cabeça e olho para o cara loiro de ontem. Ele está de jeans novamente e com uma camiseta verde brilhante. Apoiado no batente da porta, ele está segurando um prato cheio de comida. Fico com água na boca só de olhar para ele.

Engolindo com força e querendo que meu estômago não ronque, dou um passo para trás. — Esteve aqui a noite toda, cretino?

— Desculpe-me?

— Você deixou seu café.

Seu olhar desliza para a xícara de café expresso, com as sobrancelhas franzidas, depois entra casualmente, colocando o prato na mesa de centro ao lado da bebida abandonada.

— Você pode andar livremente pela casa e sair para o pátio, mas não tente fugir. A propriedade é cercada por uma cerca elétrica e as câmeras monitoram o local. A equipe de segurança está autorizada a atirar se a encontrar tentando fugir. Rafael virá vê-la ainda hoje para discutir sua situação.

— Minha *situação*? — Com os olhos arregalados, não acredito que ele tenha a ousadia de fazer esse comentário.

— Exatamente. Seria bom para você se comportar até que meu irmão volte.

— Seu irmão? Então ele está no comando por aqui? Presumo que

foi ele quem mandou me sequestrar?

— Sim. Sim. E sim, novamente.

— Então, por gentileza, transmita isso ao seu irmão. — Fecho as mãos e atravesso o quarto até ficar bem na frente desse arrogante. — Quando meu pai souber disso, ele vai cortar vocês dois em pedacinhos. Depois, ele os jogar para nossos cães. Vou gostar de vê-los se banquetear com sua carne enquanto bebo margaritas e aprecio o som de seus corações sendo mastigados em pedaços. Depois, esperarei alegremente até que os cachorros joguem fora seus restos digeridos.

Os lábios de Guido se alargam em um sorriso torto. — Obrigado por essa explicação tão detalhada, Srta. Petrova. Estarei lá embaixo se precisar de alguma coisa.

Fico olhando para suas costas quando ele sai do cômodo e fecha a enorme porta atrás de si.

Os bastardos descobriram quem eu sou. Ou, mais importante, quem é meu pai. Bem, não é de se admirar que eu tenha sido transferida do porão para este quarto luxuoso. Tenho certeza de que o ‘poderoso Rafael’ está tremendo em suas botas, tentando encontrar uma maneira de consertar sua bagunça. Mal posso esperar para ver todos esses idiotas de joelhos, implorando por suas vidas - em vão.

Estendo a mão e pego um pastel do prato, deixando a doçura da massa amanteigada e do creme de leite se dissolver em minha língua. Enquanto mastigo, aproximo-me da primeira das duas portas do lado esquerdo do quarto. Ela dá para um enorme espaço de escritório. A decoração é toda em cores escuras, com mais estantes de livros ao longo das paredes. No lado oposto, uma poltrona reclinável de grandes dimensões e uma mesa de apoio estão colocadas em outro tapete grosso. Mas na frente, uma enorme escrivaninha está voltada para as portas francesas abertas que dão para uma varanda.

Mastigando apressadamente o croissant, corro em direção à mesa, na esperança de encontrar um telefone ou um laptop, qualquer coisa que me permita entrar em contato com minha família. Não encontro nada. O cara loiro - *como diabos era o nome dele? Guido?* - disse que eu era livre para

andar pela casa, e pretendo fazer exatamente isso. Assim que for ao banheiro, porque minha bexiga está prestes a estourar. Volto para o quarto e vou direto para a porta que ainda não explorei.

Quando estou secando as mãos e planejando voltar ao escritório para revistá-lo novamente, meus olhos se voltam para a enorme banheira. É uma daquelas banheiras vintage com pés em forma de garra, grande o suficiente para caber pelo menos três pessoas.

Dou uma olhada no espelho, observando meu reflexo. Pavorosa não chega nem perto de descrever minha aparência atual. Meu cabelo está emaranhado, minha camisa e calça estão imundas e tenho sujeira espalhada por todo o rosto.

Adorável.

Aposto que o mandão do Rafael já deve ter ligado para o meu pai, o que significa que ele e mamãe estão a caminho para me buscar. Se eles me virem assim tão maltrapilha, só Deus sabe o que vão pensar que aconteceu comigo. Mamãe vai chorar. Papai ficará louco de raiva. Provavelmente, antes que eu tenha a chance de dizer a eles que estou bem.

Seria melhor me limpar antes que meus pais cheguem.

Encho a banheira, tiro a roupa e me submerjo na água morna, deixando que as imagens dos meus sequestradores se contorcendo de dor no chão invadam minha mente. Embora eu ainda não tenha conhecido Rafael, eu o imagino parecido com seu irmão. Cabelo loiro cortado rente ao couro cabeludo, olhos verdes, porte atlético, mas mais magro do que musculoso.

Oh, mal posso esperar para ver todos eles pagando.

Volto a me levantar e procuro um gel de banho. Há apenas uma opção, e um frasco de xampu ao lado. Ambos com aquele distinto aroma masculino. Acho que estou no quarto de Guido, usando seus produtos de higiene pessoal. Espremo uma boa quantidade do sabonete líquido na palma da mão e continuo a me lavar enquanto o chilrear dos grilos entra pela janela aberta que dá para o jardim.

Só depois de tomar banho e me secar é que percebo que não tenho uma muda de roupa. Segurando firmemente a toalha marrom felpuda ao

meu redor, saio do banheiro na ponta dos pés e vou direto para o closet que vi enquanto bisbilhotava. Deve haver camisetas e shorts lá dentro. Não posso dizer que acho a ideia de usar as roupas de Guido atraente, mas é isso ou minha roupa suja.

A porta do closet se abre sem ruído. Várias luzes pequenas se acendem, revelando o enorme interior e seu conteúdo.

Ternos. Dezenas deles estão alinhados na prateleira à minha direita. Preto. Cinza-armênio. Carvão vegetal. Deslizo levemente meus dedos sobre os tecidos requintados. Sempre achei homens de terno atraentes. Talvez por causa do ar sério que parece envolver um homem vestido em um belo terno. Há sempre algo de imponente em sua presença. Potente. Sedutora.

Há alguns meses, houve uma festa na casa de Don Rossi, com um código de vestimenta específico para a noite. Vestidos longos e elegantes para as mulheres. E, é claro, ternos para os homens. Meus ovários quase implodiram só de ver isso. Infelizmente, minha empolgação durou pouco. Por insistência de Yulia, usei seu vestido preto justo com uma fenda alta na lateral. Minha irmã também fez minha maquiagem. Todos os homens que se aproximavam de mim acabavam olhando para o meu rosto ou para os meus seios e murmuravam coisas sem sentido. Os poucos que conseguiam dizer palavras inteligentes, rapidamente transformavam qualquer conversa significativa que estivéssemos tendo em algo que eles achavam que me faria cair na cama deles.

Um script quase idêntico, com pouquíssimas variações menores. *Você sabe que é a mulher mais bonita da sala? Ou, Você parece um anjo que desceu dos céus.* E a minha frase favorita: *Case comigo. Faremos bebês tão lindos.* Sério, cara? E minha irmã se pergunta por que não vou a festas com mais frequência.

Não há sensação pior do que conversar com um cara de quem você está começando a gostar e perceber que ele não dá a mínima para quem você é, quais são seus interesses ou mesmo sobre o que você está falando. Isso me faz sentir tão... vazia. Como se eu não fosse nada mais do que minha aparência.

Eu sou uma pessoa, caramba! Não apenas um enfeite brilhante

para brincar.

Tenho pensamentos e sentimentos e, se algum deles se der ao trabalho de perguntar, sou realmente capaz de fazer coisas. Coisas em que o fato de ser mulher não tem importância.

Talvez, um dia, eu encontre um homem que goste de mim por quem eu sou por dentro e não fique simplesmente encantado com meu exterior. E que não caia fora quando conhecer meu pai.

Talvez ele seja um cara de terno.

Solto a lapela do paletó cinza-claro que estava acariciando e passo para as camisas. Guido, com sua atitude descontraída e jeans desbotados, não me parece alguém que goste de usar ternos, mas ele deve, considerando o óbvio. Tenho apenas uma vaga lembrança da noite passada. A queda de adrenalina e a sonolência me atingiram em cheio, mas me lembro de tentar cortar a garganta de Guido com uma garrafa quebrada. Acho que não deu certo para mim. Então, eu estava flutuando. Provavelmente, sendo carregada pelas escadas. E havia uma palma áspera contra minha bochecha. O loirinho tinha me levado para o quarto dele. Aquele leve aroma que senti quando acordei, lembro-me de tê-lo inalado enquanto estava enrolada em seu pescoço. É uma pena que uma pessoa como ele tenha um gosto tão bom para roupas e fragrâncias. Só posso esperar que ele use um de seus ternos sob medida quando papai o matar.

Branca. Preta. Cinza. Suas camisas de botão são ainda mais bonitas. Escolho uma preta (menos chance de meus seios aparecerem através do material, já que não tenho sutiã) e a tiro do cabide. Minha testa se enrugando quando a seguro na minha frente. Qual é o tamanho dessa coisa? Parece gigantesca. Olhando para a etiqueta, eu bufo. O número não faz o menor sentido para mim. Tudo o que consigo pensar é que deve ser a maneira siciliana de indicar ‘tamanho de barraca’. Guido não me pareceu tão grande assim. Verifico mais algumas camisas, mas todas têm a mesma medida. Talvez o loirinho tenha perdido muito peso? Não é de se admirar que ele não use mais essas camisas.

Colocando meus braços dentro da camisa, olho para mim. Pareço com mamãe quando ela usa uma das camisas de botão de papai. A batinha

literalmente passa dos meus joelhos e as mangas têm quase o dobro do comprimento dos meus braços. Pelo menos ninguém vai perceber que não estou usando calcinha. Dobrei as mangas sobre os antebraços (meia dúzia de vezes), depois peguei uma das gravatas em uma gaveta e a enrolei na cintura como um cinto.

Próxima etapa - encontrar uma maneira de entrar em contato com minha família e determinar quando eles chegarão.

* * *

Dez mil metros quadrados de área útil e nenhum telefone. Até pensei em tentar usar um aplicativo de navegador em uma TV, mas não encontrei nenhum em nenhuma das áreas comuns. Também não há outras pessoas, exceto os guardas que vi fazendo a ronda ao longo da barricada de aparência formidável de postes de metal grossos e espaçados, conectados por fileiras e mais fileiras de fiação de cabo liso. Essa deve ser a cerca elétrica mencionada por Guido e parece circundar a propriedade. Acho que um dos guardas também estava me seguindo, porque eu sentia os olhos em mim de vez em quando, mas não vi ninguém.

Deparei-me com Guido trabalhando em seu laptop no terraço ao lado da sala de estar principal. Quando perguntei sobre os planos do ‘senhor da mansão’ para me agradecer com sua presença, ele apenas deu de ombros. O chefe provavelmente está escondido em algum buraco, roendo as unhas até à exaustão enquanto pensa em que tipo de caixão encomendar para seu próprio funeral.

Depois disso, desci até uma pequena praia que só pode ser acessada por meio de estreitos degraus de pedra cortados na lateral do penhasco. Ninguém tentou me impedir. Talvez porque seja um beco sem saída, com penhascos altos em três lados e um mar sem fim no quarto. Nenhuma opção de fuga. Fiquei descansando na areia quente por quase uma hora, depois voltei para a vila e dei uma olhada em todos os quartos novamente. Um conjunto parecia ser a residência particular de alguém, com

uma decoração muito diferente do resto da casa - mais moderna, - mas algumas das portas estavam trancadas. Deve ser a residência do irmão ‘poderoso’.

Puxa vida, há mais vida nas catacumbas do que nesse lugar lindo, mas vazio. Após horas de exploração, encontrei uma empregada doméstica enquanto ela limpava o balcão da cozinha e, mais uma vez, quando ela carregava toalhas dobradas escada acima. Mas em ambas as vezes, assim que ela me viu, fugiu para sabe-se lá onde.

Continuando a andar sem rumo de cômodo em cômodo, vou até à cozinha e abro a geladeira. Várias entradas prontas para o consumo estão empilhadas nas prateleiras. Afasto o macarrão com cogumelos para o lado (experimentei um pouco no início do dia) e pego uma salada de frango.

Espeto um pedaço de carne, mas depois de um momento, coloco tudo de volta na geladeira. Não estou com fome. Só quero ir para casa, droga. O relógio branco redondo na parede mostra que são quase onze da noite. Por que ainda estou aqui?

Há uma garrafa aberta de vinho tinto na porta da geladeira. Não me lembro de tê-la visto aqui antes. O rótulo é o mesmo da garrafa que quebrei no porão, e essa lembrança me vem instantaneamente à mente. Sirvo-me de uma taça e saio da cozinha.

Uma brisa quente sopra em meus cabelos quando saio para o amplo terraço com vista para o mar e apoio os cotovelos na grade. Se eu não fosse uma prisioneira aqui, estaria apreciando a vista de tirar o fôlego e o som das ondas batendo na costa. Ao longe, ao longo da costa, várias pequenas luzes cintilantes estão brilhando. Esforçando meus olhos na escuridão, inclino-me para a frente, tentando decifrar o que são.

— Barcos de pesca, — diz uma voz masculina grave atrás de mim.

Eu me viro, assustada, e o vinho espirra por toda parte, inclusive em minha roupa emprestada. Sem lâmpadas no terraço, a única iluminação é a luz ambiente que vem de dentro da casa através das enormes janelas e portas francesas. No entanto, ela não é suficiente para afastar as sombras do lado de fora. A figura de um homem - um homem muito largo e musculoso - está

sentada na poltrona reclinável de vime no lado oposto do pátio. Seu rosto está oculto pela escuridão, mas posso ver que está usando calça social e camisa de botão, com um colete por cima. Suas mangas estão enroladas até aos cotovelos. Um pedaço de bandagem branca está enrolado em seu antebraço direito.

— Recebi sua mensagem. — Ele levanta a taça de vinho em sua mão e toma um gole. — Muito eloquente, Srta. Petrova. Gostei especialmente da parte sobre cães defecando.

Arrepios percorrem meus braços com o timbre rico de sua voz. É rouca e áspera, mas o forte sotaque italiano a faz parecer menos grave. Não há uma única nota suave nela. Com seu corpo robusto e bem constituído, relaxado de forma tão casual, sinto-me como se estivesse diante de um grande felino indomável. Um que está de olho em sua próxima refeição. Eu.

— Rafael, eu presumo? — Eu engulo enquanto o vejo. Ele não parece estar tremendo em suas botas, preocupado com sua vida. — Quando meu pai vai chegar?

— Eu não sabia que o Pakhan Petrov pretendia visitar a Sicília.

— Ele está vindo para me levar para casa. — Eu recuo um passo enquanto o pânico começa a surgir no fundo do meu estômago. — Você disse a ele que estou aqui.

— Eu fiz isso? Por que eu o faria?

— Porque sabe quem eu sou. E porque meu pai vai matá-lo se você não me deixar ir.

Ele toma outro gole do vinho. — Quem é seu pai não tem nenhuma relação com meus planos.

— Que planos? — Consigo perguntar enquanto o pânico se transforma em terror.

— Para começar, você vai consertar a bagunça que criou quando invadiu o sistema de rede da minha empresa.

— Eu... Não tenho ideia do que você está falando. Que sistema?

— Por favor, Srta. Petrova, não vamos nos fazer de

desentendidos. Pedi ao meu irmão que fizesse uma extensa pesquisa sobre seu histórico. Você estudou ciência da computação. Formou-se com um diploma de bacharel no início deste mês e foi aceita em um programa de mestrado em engenharia de software avançado. — Uma aura de desgraça iminente desce com cada palavra dele. — Foi seu pai que a colocou para fazer isso? Fez com que você violasse os firewalls da minha empresa e criasse portas traseiras para a rede? Qual era o seu objetivo? Chegar à minha lista de clientes?

— O quê? — Eu me engasgo. — Não. Meu pai não teve nada a ver com isso.

— Então *foi* você, afinal de contas.

Que merda. Eu desvio o olhar. — Sim.

— Qual foi o propósito de suas ações?

— Sua segurança de TI é boa. Foi um desafio quebrá-la. E eu estava... entediada.

— Você estava entediada? — Sua voz é calma, mas agora há um toque perigoso nela. — Tenho quatro pessoas trabalhando para identificar o malware ou qualquer outra coisa que baixou em meus sistemas. O que você fez deixou uma bagunça que eles ainda não conseguiram desvendar.

Essa conversa não está indo como eu esperava. Eu tinha certeza de que ele se desculparia e depois tropeçaria nos próprios pés para me mandar para casa o mais rápido possível. Isso é a coisa mais distante disso.

Com o vento soprando em meu rosto, jogando meu cabelo nos olhos, dou mais um passo para trás.

— Ouça, eu sinto muito. Não vou fazer isso de novo, está bem? É apenas uma pequena parte do código. Posso consertá-lo assim que chegar em casa. Pode me deixar ir embora, por favor?

— As ações de uma pessoa têm consequências, Srta. Petrova. É assim que o mundo real funciona. Seu pequeno jogo deixou minha empresa vulnerável a mais ataques cibernéticos. Portanto, não, eu não a deixarei ir. — Ele levanta o tornozelo sobre o joelho oposto e se inclina para trás. — Quero lhe oferecer um emprego.

— Um emprego? — A voz sai estridente enquanto encaro esse lunático. — Você fez com que eu fosse sequestrada, drogada, levada para outro continente, jogada em um maldito porão, e agora espera que eu trabalhe para você?

— Sim, acho que isso resume muito bem a situação. Estou oferecendo três milhões por seus serviços.

Uma risada histérica me escapa. Ele é louco! — Pode pegar seus milhões e enfiá-los na bunda! Exijo que me mandem para casa. Agora mesmo, porra.

— Receio que essa não seja uma opção. — Rafael pega seu telefone e o joga para mim. — Reproduza o vídeo.

Eu quase não pego a coisa.

A imagem estática exhibe telhados de arranha-céus. O conhecido controle de *reprodução* me provoca no centro da tela. Pressiono o triângulo, iniciando o vídeo.

Céu. Telhados. A câmera faz uma panorâmica, focalizando um homem com uma roupa tática totalmente preta, deitado perto da borda do prédio. Ele está segurando um rifle sniper apontado para algo no chão, com os olhos treinados na mira.

A visão muda para a esquerda, dando zoom em uma janela do último andar do prédio do outro lado da rua. Outro homem com uma arma de longo alcance.

Engulo o nó na garganta e aperto o telefone com mais força.

A câmera se move novamente, para a calçada trinta ou mais andares abaixo. Em seguida, o ângulo muda repentinamente - a mesma calçada, mas agora o vídeo está sendo filmado do nível da rua. A imagem é de um casal, de costas para a lente. A mulher tem longos cabelos pretos e está segurando o antebraço do homem com força enquanto ele segura um telefone no ouvido. Ele olha para a mulher e balança a cabeça, depois abaixa o telefone. Eles se viram e se apressam pela rua.

A taça de vinho escorrega da minha mão e se espatifa nos ladrilhos de pedra sob meus pés descalços, com os cacos ricocheteando ao

meu redor.

Mamãe e papai.

— Seu desgraçado, — sussurro. Meus lábios tremem enquanto olho para a tela.

— Todo mundo tem um preço. — A voz grave de Rafael rompe meu estupor, soando mais próxima do que antes.

Virando-me na direção daquele barítono, deparo-me com o peito largo de um homem. Inclino minha cabeça para cima. E para cima. A luz de dentro da casa transformou a enorme forma de Rafael em uma silhueta, e seu rosto permanece oculto pelas sombras.

— O que você precisa que eu faça? — Eu quase soluço.

Suas mãos seguram minha cintura, levantando-me. Deixo cair o telefone, agarrando-me em seus antebraços e chutando minhas pernas.

— Me solte!

Rafael ignora meus protestos, erguendo-me mais alto até que nossos rostos estejam quase alinhados. Seu hálito se espalha pela minha pele, enquanto o aroma amadeirado de cipreste e as notas cítricas de laranjas formigam em minhas narinas. É o cheiro que senti no quarto do andar de cima. O quarto *dele*. Um pequeno arrepio percorre minha espinha, mas, desta vez, não é de medo. Sua presença é tão profunda que estou achando difícil puxar ar suficiente para os pulmões. Ele parece absolutamente imperturbável com as possíveis consequências de suas ações, e não acho que esteja fingindo. Ele realmente não dá a mínima, completamente des preocupado com a ira do meu pai.

— O que quer de mim? — Pergunto novamente.

Ele me puxa um pouco para mais perto. A maneira como ele me segura casualmente, a um palmo do chão, é angustiante. Mas de uma forma ridiculamente sensual.

— Quero que você revise meus sistemas de segurança digital, Srta. Petrova.

Rafael

Mal conseguindo conter o riso, vejo a expressão no rosto de Vasilisa mudar de confusão para choque absoluto. Até parece que eu pedi a ela que matasse alguém por mim.

— Você me sequestrou para que eu pudesse atualizar seus firewalls?

Eu fiz isso? Não tenho certeza. Quando ordenei aos meus homens que entregassem o maldito hacker, eu pretendia torturar o idiota por um tempo como punição por ter mexido com meus negócios e depois me livrar dele. Eu nunca esperei um deslize de uma garota. Uma que deu uma surra em meus homens e depois tentou abrir minha garganta. Acho que essa é a primeira vez que uma mulher tenta me matar. E acho isso muito excitante.

— Não apenas os firewalls. Quero que você analise o ambiente digital usado pela minha empresa e, em seguida, reescreva os protocolos de segurança de cada sistema de TI.

Os olhos de Vasilisa se arregalam de puro espanto. Com a luz às minhas costas refletindo em suas íris escuras como a noite, aquelas órbitas expressivas parecem incandescentes. Entre a fúria e a determinação, essa mulher imprevisível tem fogo em seus olhos de cão. Bela não chega nem perto de descrevê-la.

Uma tez suave e cremosa. Sobrancelhas finas e arqueadas que emolduram esses hipnotizantes olhos de ônix. Maços do rosto proeminentes que se afunilam suavemente em um queixo estreito. Nariz pequeno e reto. E então, há sua deliciosa boca rosa, com lábios rosados e beijáveis. O inferior é ligeiramente mais cheio do que o superior, convidando o homem a puxá-lo entre os dentes. Todas as partes de suas características faciais são perfeitas, tanto que tudo isso desafia a realidade. A visão é simplesmente celestial, e é impossível desviar o olhar dela.

— Isso pode levar dias, — ela desabafa.

Sim, em teoria. Na realidade, porém, isso levará o tempo que eu quiser. Vasilisa Petrova pode ser a criatura mais bonita que já cruzou meu caminho, mas, pela primeira vez na vida, sinto-me atraído por uma mulher por mais do que apenas sua aparência.

Ela é ousada. Corajosa. Impetuosa. Mas também um pouco mal-humorada, de uma forma adorável.

E não pretendo deixá-la escapar de mim.

Inclino a cabeça e contemplo os fios de seu cabelo sedoso que caíram sobre o rosto em forma de diamante. Preto brilhante, assim como o céu noturno acima. As mechas esvoaçam com a brisa, obscurecendo parcialmente minha visão de seus olhos ligeiramente frenéticos. Eu gostaria de poder varrer as mechas para trás de suas orelhas delicadas, mas minhas mãos estão ocupadas, enroladas em sua cintura fina.

— Você ficará o tempo que for necessário. Até terminar, — eu digo e sopro em seu rosto, afastando os fios brilhantes.

Vasilisa pisca e depois franze as sobrancelhas. Ela ainda está segurando meus antebraços, mas seu aperto se afrouxou misericordiosamente, e fico grato por isso, pois suas unhas estavam cravadas no corte que ela fez na noite passada.

— Por que você fez isso? — ela murmura.

— Gosto de olhar as pessoas nos olhos quando falo com elas.

O vidro tritura sob meus sapatos quando carrego minha prisioneira por cima das taças quebradas e, em seguida, lentamente, coloco Vasilisa no chão, ao lado da grade de proteção que cerca o terraço. Ela tenta se afastar, mas eu coloco as palmas das mãos na grade às suas costas, prendendo-a com meus braços.

— Um conselho, Srta. Petrova. Não me teste. Se tentar fugir ou entrar em contato com alguém para que saibam onde você está, darei a ordem para que sua família seja executada. Não apenas seus pais. Seu irmão e sua irmã também serão incluídos nisso. Mas, se você seguir as regras, quando seu trabalho aqui estiver concluído, estará livre para ir embora. Estamos entendidos?

Seu corpo treme e espero que o choro não esteja longe. Em vez disso, ela ergue o queixo e me olha com aquele olhar obstinado. Sua bravura, e não as lágrimas, jorra dela. Mas, por mais que ela tente esconder seu medo, posso ver o alarme em suas profundezas escuras e brilhantes.

— Por que eu deveria acreditar em você? Que garantia há de que me deixará ir embora depois que eu consertar seus sistemas?

— Objetivo final. É por isso que estou confiando em você para não fugir e deixando-a ficar em um quarto agradável em vez de mantê-la amarrado no porão durante todo o nosso acordo. — Eu me inclino para a frente. — Você quer voltar para o porão?

Aqueles olhos escuros se estreitam para mim com desdém. — Espero que você tenha uma morte muito lenta e extremamente dolorosa.

— Vou entender isso como um *não*. Ótimo. A confiança mútua é a base de todos os empreendimentos bem-sucedidos. Começaremos amanhã à noite, depois que eu voltar do trabalho. — Deixo meu olhar deslizar para o seu peito, observando o decote que aparece entre as lapelas da camisa social masculina que ela está usando. — Por que está usando minha camisa?

— O quê? Pensei que fosse do seu irmão, — ela diz, com os olhos brilhando de exasperação. — Se eu soubesse... Sabe de uma coisa... não importa. Vou procurá-lo e perguntar se ele tem algo que eu possa pegar emprestado, se isso o incomoda tanto assim.

A raiva surge dentro de mim. Só de pensar nela vestida com qualquer coisa que pertença a outro homem, mesmo que seja do meu irmão, fico com a pele arrepiada. — Não. Você não vai usar a merda de Guido.

— Se estou sendo mantida prisioneira aqui, preciso de roupas!

Acho que sim. Mas gosto muito de como ela fica com minha camisa. — Sinta-se à vontade para pegar o que quiser do meu armário.

Vasilisa se inclina para trás. — Não está acontecendo.

Ela vai cair do maldito terraço. Minha mão desliza para a parte inferior de suas costas, segurando-a com firmeza. — Então, você vai andar nua por aí.

— Vá se foder, — diz ela entre os dentes. — Tire sua mão de mim.

Relutantemente, eu me afasto, mas deixo meus dedos roçarem seu braço no processo. — Estou ansioso para fazer negócios com você, Srta. Petrova.

— Bem, o sentimento definitivamente não é mútuo. — Ela passa por mim e entra em casa.

Eu a sigo com os olhos enquanto ela atravessa a sala de estar e sobe as escadas, depois volto para o meu local de descanso. Meu quarto fica logo acima do terraço, portanto, tenho uma visão clara da figura que entra na varanda superior cinco minutos depois.

A brisa faz com que seu cabelo flutue ao redor do rosto enquanto ela se inclina sobre a grade, com o olhar concentrado nos barcos de pesca que balançam na distância, e os dedos dos pés descalços espreitam por entre os postes da grade de proteção. Pegando minha taça de vinho na mesa do pátio, eu me afasto ainda mais nas sombras, apoiando-me na parede de pedra às minhas costas, e mantenho meus olhos ansiosos na minha princesa russa.

* * *

— O que você quer dizer com 'ela vai ficar aqui'? — Guido me encara. — Pensei que tinha pedido para nossa equipe gravar aquele vídeo para pressioná-la a não revelar nossas identidades para Petrov depois que a mandássemos de volta.

— Esse vídeo é um seguro. Mas para outra finalidade. — Eu me recosto no sofá. — Eu lhe ofereci um emprego.

— Você ofereceu um emprego a uma mulher que havia sequestrado?

— Sim. Ofereci a ela três milhões de dólares por seus serviços. Ela recusou. Suas palavras exatas foram: 'Pegue seus milhões e enfie na sua bunda'.

Guido suspira e se senta na poltrona reclinável à minha frente. — Puta que pariu. Que tipo de serviços?

— Parece que nossa rede teve uma falha inesperada. Quero que ela conserte isso.

— Além da porta dos fundos que ela de alguma forma criou, não há nada de errado com nossos sistemas.

— Agora há. Liguei para Mitch e ordenei que o pessoal dele bagunçasse nossos diretórios raiz e aplicativos até que eles mal funcionassem. A Srta. Petrova foi persuadida a permanecer como nossa convidada até que todos os problemas sejam resolvidos. Como ela não estava receptiva ao meu dinheiro, fui forçado a encontrar uma moeda que ela não pudesse rejeitar. Parece que ela gosta de sua família e está disposta a consertar nossos sistemas de TI para impedir a ameaça à vida deles.

— Então, quanto tempo vai levar esse 'concerto'?

— Eu instruí Mitch a continuar com a sabotagem, secretamente, é claro, até que eu diga o contrário. — Olho para o meu antebraço enfaixado e sorrio.

— Você gosta dela.

— Sim.

— Puta que pariu, Raff. Sei que está acostumado a conseguir tudo o que quer, inclusive mulheres, mas isso? Chantagear essa garota para ficar aqui, ameaçando matar os pais dela? Há centenas de mulheres - mulheres bonitas - que correriam para o seu lado. Tudo o que você precisa fazer é estalar os dedos.

— Você quer dizer, acenar com meu cartão de crédito.

— Rafael...

— O assunto está encerrado, — eu interrompo. — Vou fazer uma visita a Calogero amanhã. Um de seus capangas foi visto no porto de Catânia. Nosso padrinho deve ficar em Palermo, como combinamos, ou não gostará do lembrete que lhe darei. Não permitirei que ele infrinja o que é meu.

Quando retornei à Sicília, Mancuzo - o Don da Cosa Nostra na

época - já havia perdido o controle sobre a maior parte da parte oriental da ilha. O território de Catânia a Ragusa era governado por gangues. Levei dois anos para corrigir essa situação e assumir o controle da área. Depois que Calogero assumiu seu papel na Família, concordei com seu domínio sobre o oeste da Sicília, mas a costa leste está sob meu domínio.

— Calogero está perdendo dinheiro ao usar navios de cruzeiro e balsas de passageiros para transportar seu produto. Ele precisa ter acesso às principais linhas de transporte de carga, e todas elas passam pelo Porto de Catânia. Acho que ele não vai deixar isso passar, Raff.

— Não é problema meu. Não quero suas drogas em meu porto.
— Pegue minha jaqueta no encosto do sofá e me levanto. — Estou indo para a cama.

— E onde será isso, se me permite perguntar? Já que, aparentemente, você cedeu seu quarto para nossa refém.

— Quarto de hóspedes.

— Por que não levá-la para lá?

Encontro o olhar de meu irmão. — Porque a única cama em que ela dormirá de agora em diante será a minha.

Capítulo 5

Rafael

A taverna decrépita onde Calogero normalmente passa suas tardes está localizada em uma rua sem saída na parte antiga de Palermo. Com exceção da devastação do tempo e do implacável sol mediterrâneo, o lugar não mudou nada em todos esses anos. O pardieiro de que me lembro da minha juventude ainda parece um pardieiro, com a pintura descascando de suas superfícies externas.

Quando abro a porta frágil e entro no interior sombrio, sinto o fedor de álcool velho e o cheiro rançoso de fumaça de charuto. Além disso, pela porta dos fundos aberta, paira no ar um cheiro inconfundível de peixe do mercado próximo. Todos os assentos desse lugar pútrido estão vagos. O único cliente do estabelecimento está sentado em uma pequena mesa de jardim montada no pátio. Ele tem setenta e poucos anos e está debruçado sobre um jornal estendido, tomando café. Atrás dele, de costas para a parede, mas a apenas alguns metros de distância, estão dois homens armados. Seus olhos me seguem enquanto atravesso a taverna vazia, indo em direção ao líder da máfia siciliana.

— Que assunto o traz aqui, Rafael? — Calogero leva a xícara de café à boca; seus olhos nunca deixam o jornal.

Eu me sento do outro lado da mesa e o recebo. Ele pode se mostrar poderoso e importante na frente de seus homens, mas nós dois sabemos que a única razão pela qual ele está nessa posição de liderança agora é porque a Família estava em completa desordem depois que eu matei o Don anterior.

— Acho que você sabe a resposta para essa pergunta.

Meu padrinho finalmente olha para cima, mas seu olhar só se detém em meu rosto por um breve momento antes de se afastar. — Não faço ideia do que você está falando.

Eu balanço a cabeça. Ver esse homem desperta o ódio em cada fibra do meu ser.

Na Itália, um padrinho é o mais próximo que se pode ter de um relacionamento familiar. Algumas pessoas até consideram esse vínculo mais forte do que os verdadeiros laços de sangue. Quando eu era criança, esse homem era meu modelo de vida. Depois que meu pai foi morto, Calogero entrou em seu lugar. Ele tomou minha mãe, meu irmão e eu sob sua proteção. Quando mamãe e Calogero se juntaram, eu nunca me opus a nenhum deles. Eu acreditava que meu padrinho era um bom homem. Mas a verdade é que ele era um covarde. Ele pode ser o Don agora, mas ainda é o mesmo covarde que não fez nada quando seu antecessor declarou minha mãe uma traidora e a executou.

— Da próxima vez que eu pegar um de seus homens em Catânia tentando subornar os trabalhadores do porto, vou cortar a língua dele e você vai encontrar o cadáver dele jogado na porta da sua casa. — Bato com a mão na superfície da mesa, fazendo a xícara de café e o copo de água chacoalharem. — Não brinque comigo, *cumpari*. Ou você pode acabar com a garganta cortada, assim como Mancuso.

— Você é uma vergonha para o seu sangue e para a Família, Rafael, — ele diz entre dentes. Seus olhos se voltam para meu braço esquerdo. — Jurando fidelidade aos nossos inimigos. Se você tivesse um pingote de decência, já teria removido a marca deles há muito tempo.

Eu me inclino para a frente, ficando na cara dele. — Pode ser uma surpresa para você, mas algumas pessoas são donas de suas escolhas.

Os lábios de Calogero se contraem em uma careta. — Você tem muita coragem. Entrar aqui como se fosse o dono do lugar e me ameaçar. Uma palavra minha e você nunca sairá daqui vivo. E daqui a uma semana, alguém encontrará sua pele inútil na praia. — Ele inclina a cabeça em direção aos guarda-costas às suas costas, que imediatamente tiram as mãos das jaquetas para pegar as armas.

— Sério? — Levanto a mão, estalando os dedos.

Um som de ‘whooshing’⁸ perfura o ar. Os dois guarda-costas caem no chão com um forte baque.

Outra bala atinge a xícara do meu tio sobre a mesa e ela explode em fragmentos minúsculos, com o café espirrando em seu rosto chocado e encharcando o jornal.

— Palavras são a única coisa em que você sempre foi bom. — Levanto-me e ajeito meu paletó. — Mantenha seus homens longe do meu território. Este é meu último aviso.

Posso sentir os olhos de Calogero em minhas costas enquanto atravesso a taverna sombria e saio para a rua. Homens com caixas cheias de peixe ou legumes debaixo dos braços passam apressados pela rua de paralelepípedos, sem saber o que aconteceu momentos atrás ou, mais provavelmente, sem se importar com isso. Nunca entenderei por que meu padrinho continua frequentando esse lixão. Provavelmente porque era onde Don Mancuso conduzia seus negócios, e Calogero sempre foi um homem de tradição.

Olhando para a janela do segundo andar, do outro lado do caminho, onde outro dos meus homens está em posição, aceno para ele e me dirijo para a próxima rua, para o mercado ao ar livre. É um caminho sem volta até onde estacionei meu carro, mas me sinto nostálgico.

Quando eu era pequeno, meu pai sempre me levava com ele quando vinha a Palermo. Como soldado de Mancuso, ele se apresentava regularmente ao Don, e eu passava horas correndo pelo mercado - brincando e, muitas vezes, roubando frutas aqui e ali - enquanto papai ficava escondido naquela taverna. Muitas vezes eu colocava um figo no bolso quando o vendedor não estava prestando atenção. Uma laranja, se meu capuz estivesse largo o suficiente para escondê-la. Um cacho de uvas brancas que eu colhia e comia enquanto passeava entre as barracas. Não é que não pudéssemos nos dar ao luxo de comprar essas guloseimas deliciosas. Como era responsável por supervisionar a cobrança de dívidas do Don, meu pai ganhava bem. Mas eu ainda roubava sempre que podia. Era um jogo para mim.

Faço uma pausa na beira do mercado, ao lado de uma barraca

com cestas de vime cheias de cerejas vermelhas maduras. Meus olhos se voltam para a multidão de moradores locais ocupados com a coleta de produtos, rindo. Se eu quisesse, poderia comprar todo esse lugar. Cada coisa que está em exposição, junto com as pessoas. Pena que isso não traria nem um pouco da empolgação que aquele pequeno figo em meu bolso provocou.

Desviando-me da barraca colorida, coloco meus óculos escuros e sigo pelo mercado. Posso sentir os olhares de todos, mas cada contato dura apenas uma fração de momento antes que seus olhos se desviem rapidamente para outro lugar e cada pessoa no meu caminho se desvie.

Estou acostumado com a reação deles. Mesmo com as sombras obscurecendo parcialmente meu rosto, a maior parte do dano é claramente visível.

Algumas das coisas que aconteceram após a explosão em meu último trabalho para Dushku permanecem obscuras. Lembro-me de acordar em uma ambulância. Jemin estava ao meu lado, com sua arma apontada para o paramédico. Agarrando-me pelos braços, ele basicamente me arrastou para fora do veículo de emergência e enfiou meu traseiro no banco de trás de seu carro. Então, devo ter desmaiado novamente. Durante a viagem, recuperei a consciência algumas vezes. A dor era excruciante. Quando chegamos à casa decadente no subúrbio, eu já estava quase inconsciente.

Jemin gritou e fez com que dois caras me carregassem para dentro de uma garagem e me colocassem em uma bancada de trabalho, onde um ‘médico’ passou horas me costurando. Eu sobrevivi, apesar das condições menos que estéreis, evitando milagrosamente que meus ferimentos infeccionassem. O resultado final, no entanto, foi uma bagunça de músculos mal remendados e pele deformada.

Não é de se admirar que as pessoas não consigam lidar com o fato de olharem para mim agora. Seus murmúrios abafados se misturam com os gritos dos vendedores empolgados. É uma cacofonia de contradições. Com a qual estou bem e verdadeiramente acostumado.

Pego meu celular e ligo para Onofredo, o chefe de segurança da minha casa.

— Chefe?

— Quantas vezes? — Eu pergunto.

— Desculpe-me, não estou entendendo.

— Quantas vezes, desde esta manhã, nossa pequena hóspede tentou escapar?

— Não tentou.

Eu paro. — O que ela tem feito então?

— Bisbilhotando. Ela vasculhou as gavetas da escrivaninha e os armários do seu escritório. Até verificou embaixo da almofada da poltrona reclinável. Ah, e ela encontrou seu cofre e passou quase meia hora tentando decifrar a combinação.

Sinto os cantos de meus lábios se inclinarem para cima. — E depois?

— Está reorganizando suas estantes de livros.

— O quê?

— Sim. Ela tirou todos os livros, alinhou-os no chão e depois começou a colocá-los de volta nas prateleiras em uma ordem diferente. Otto a checkou há quinze minutos. Ela ainda estava fazendo isso.

— E você tem certeza de que ela não tentou fugir?

— Certeza.

Franzo as sobrancelhas. — Tudo bem. Mantenha-me informado.

A multidão continua a se dividir diante de mim, como o Mar Vermelho, enquanto eu me movo entre as arquibancadas. Como de costume, os vendedores estão gritando, oferecendo seus produtos, convidando os transeuntes a se aproximarem. Uma jovem à minha esquerda segura uma tábua de madeira carregada de pequenos pedaços de queijo cortado e carnes curadas, convidando os clientes a provar as amostras.

— *Signore?* — ela me chama. — *Vuole provare del prosciutto?*

Paro e dou uma olhada por cima do ombro. A garota está levantando o prato em minha direção, com um sorriso de flerte dançando em seus lábios. No entanto, assim que ela olha para o meu rosto, fica tensa. Seu

sorriso desaparece e ela rapidamente desvia o olhar. Típico.

Continuando meu passeio pelo mercado, minha mente se volta para minha linda refém e como ela estava bonita usando minha camisa. Antes de sair esta manhã, ordenei que a empregada jogasse as roupas de Vasilisa no lixo. Disse a mim mesmo que era uma punição por sua coragem de mexer com minha vida, mas, na verdade, eu simplesmente gostava da possessividade primitiva que me dominava quando a via com minhas roupas. Eu a queria implicitamente marcada como minha. Nunca havia sentido algo nem remotamente semelhante em relação a outra mulher antes. Com mais de uma dúzia de homens vigiando o terreno da minha propriedade, mesmo que ela não os visse como ordenado, isso não significa que eles não a veriam. E o fato de a minha princesa mal-humorada estar vestida com a minha camiseta é um sinal suficientemente grande de que ela está fora dos limites.

Ao me aproximar do final do mercado, meus olhos se voltam para uma barraca com uma variedade de frutas locais. Pêssegos, *nêspersas* e morangos enfeitam as cestas de vime na frente do vendedor que está atendendo a um cliente. No canto, há uma pequena tigela com alguns figos verdes. Achei que eles ainda não estavam na estação. Apresso o passo e ajusto minha rota para passar bem perto do balcão. E coloco um dos figos em meu bolso.

Vasilisa

Coloco o último livro, *Nana*, de Émile Zola, na prateleira mais baixa e dou alguns passos para trás, observando meu trabalho. Esta manhã, retirei todos os livros e os classifiquei por cor. Isso levou quase quatro horas. Passei a maior parte da tarde bisbilhotando a casa sem nenhuma outra alma viva. Depois, voltei ao escritório de Rafael e reorganizei os livros novamente, dessa vez em ordem alfabética pelo nome do autor.

Reorganizar as coisas é algo que faço quando estou estressada. Isso me dá uma sensação de controle, mesmo que seja sobre algo mundano e sem sentido. E, atualmente, nada na minha vida parece estar sob meu controle.

Ontem à noite, quase não dormi. Passei quase toda a noite sentada na cama enorme, enrolada em um cobertor e segurando uma faca que peguei na cozinha. Só para o caso de o canalha ter a ideia de me chantagear para fazer sexo com ele também. Somente quando o dia começou a amanhecer é que me permiti sucumbir a algumas horas de sono agitado. Acordei me sentindo um caco, e agora estou ainda pior depois de mover todos aqueles tomos de um lado para o outro. Duas vezes.

Não havia nenhuma informação útil nos papéis que encontrei na mesa de Rafael. Encontrei algo que parecia ser um contrato de aluguel de um depósito em nome da empresa que hackeei - Delta Security - que presumo ser dele, mas o contrato foi assinado por outra pessoa. Impressões de especificações para algum tipo de equipamento de vigilância. E alguns recibos aleatórios de coisas que não consegui decifrar, pois estavam em italiano.

Mas descobri um cofre que aumentou minhas esperanças atrás de uma das pinturas. No entanto, não consegui abri-lo.

Ainda não sei praticamente nada sobre o homem que está me mantendo refém. Nada, exceto seu nome. E que ele gosta de ler. Muito, com base no volume de livros que há aqui. Mais de novecentos no total.

É a coleção mais incomum. Literatura clássica. Filosofia.

Finanças. Livros didáticos de química. Vários tomos sobre anatomia humana, com um em particular focado exclusivamente no sistema cardiovascular. O conjunto de doze volumes de *The History of the Decline and Fall of the Roman Empire*⁹. Até mesmo vários livros sobre horticultura e botânica. Esses realmente fizeram minhas sobranceiras se erguerem. Eu nunca imaginaria que Rafael fosse um homem interessado em jardinagem, mas ele obviamente é, já que grandes seções desses textos estão destacadas e as capas duras parecem bem usadas.

Há também algumas dezenas de romances. Eu adoraria me perder em um livro e aliviar um pouco do meu estresse com uma boa história, mas a maioria dos livros de Rafael está em italiano. Os únicos dois que encontrei em inglês são mistérios de assassinato e, considerando minha situação... Sim, não, obrigada.

Mm-hmm.... Agora que penso nisso, Rafael não me ameaçou diretamente. Minha família, sim. Mas não a mim. Não houve nenhuma menção a danos físicos - nenhuma surra, corte de dedos ou ameaças de morte se eu não cumprisse suas ordens. Em vez disso, ele me carregou pessoalmente para cima, tratou meus pulsos e tirou meus sapatos e meias antes de me colocar na cama. Em seu próprio quarto, que ele parece ter cedido para meu uso. Tudo isso depois de eu ter tentado abrir sua garganta. Eu me encolho, lembrando-me de seu braço enfaixado. Eu o feri em legítima defesa, mas ainda me sinto mal por tê-lo machucado.

Arregaçando as mangas que caíram mais uma vez, pego o prato vazio do almoço que a empregada me trouxe e saio do escritório de Rafael.

Assim como antes, a casa parece completamente abandonada. Nenhuma criatura se mexe enquanto passo pelos cômodos lindamente decorados. É assustador pra caramba, mas não posso deixar de parar de vez em quando para admirar a elegância rústica da decoração. Mesmo como alguém que não tem nenhum conhecimento de design de interiores, posso ver claramente que cada peça de mobília e cada destaque foi escolhido para complementar a graça discreta da mansão.

Todos os cômodos têm enormes portas ou janelas francesas que se abrem e deixam entrar o calor e os aromas inebriantes do Mediterrâneo,

dando a impressão de que a própria casa faz parte da paisagem natural. Ainda assim, é uma sensação estranha estar dentro de um espaço tão gigantesco, completamente sozinha. Cada vez que as tábuas de madeira do assoalho rangem sob meus pés descalços, eu me assusto.

A vasta cozinha me recebe com um silêncio assustador. Não há sinal da empregada que entregou minha refeição. A moça parecia totalmente aterrorizada quando entrou na ponta dos pés no escritório e me encontrou de pernas cruzadas no chão, cercada por pilhas de grossas capas duras. Ela ficou olhando para mim por alguns instantes antes de deixar o prato sobre a pilha de livros e sair correndo o mais rápido que podia.

Talvez ela tenha pensado que eu era louca. Não posso culpá-la por isso. Duvido que seja um comportamento normal para uma refém separar os livros de seu captor em vez de tentar encontrar uma maneira de escapar. Mas fugir não é uma opção para mim. Tenho certeza de que Rafael estava falando sério quando ameaçou matar minha família se eu tentasse fugir. Eu podia ouvir isso - cristalinamente - no tom de sua voz.

Ele também disse que ninguém vai me incomodar aqui, o que tem se mostrado verdadeiro até agora. Com isso, estou me atrevendo a acreditar que ele me deixará ir embora depois que eu consertar a bagunça que fiz. Ainda não tenho certeza de como isso realmente aconteceu, mas não importa. Só quero continuar com isso e terminar o mais rápido possível para poder ir para casa.

E eu faria isso se ao menos 'sua bunda tirânica' já tivesse aparecido. São dez da noite! *Que droga.*

Estou enfiando abobrinhas frias grelhadas na minha boca na ilha da cozinha quando o som da porta de um carro sendo fechada me tira do meu devaneio. Corro para a janela que dá vista para a entrada da garagem e me inclino sobre o peitoril, vislumbrando uma enorme figura masculina entrando na casa.

Ele finalmente está de volta. Rafael. O todo-poderoso czar desta prisão bizarra.

Raiva e irritação se agitam em meu peito enquanto atravesso apressadamente a cozinha em direção ao hall de entrada. Aquele filho da puta

vomitou sua maldade, ameaçou machucar minha família se eu não fizesse o que ele queria, mas depois me deixou preocupada o dia inteiro, apodrecendo no paraíso.

Quando chego ao hall de entrada, Rafael já subiu para o patamar do segundo andar.

— Que bom que finalmente apareceu! — Eu o chamo.

Ele para e se vira lentamente para me encarar. Embora ele esteja envolto em sombras, já que as luzes do andar superior estão apagadas, sei que ele está olhando diretamente para mim. Sei disso instintivamente - como uma presa que consegue sentir o foco mortal de um predador, percebendo tarde demais que alguns destinos são impossíveis de escapar.

— Ansiosa para começar a consertar seu trabalho? — Sua voz baixa e rouca preenche o espaço entre nós.

— Extremamente.

— Vá pegar meu laptop com Guido. Estarei esperando por você em meu escritório.

Observo sua forma em retirada enquanto ele desaparece na esquina, depois praguejo e me dirijo para a ala leste, para o que descobri ser o apartamento de seu irmão.

* * *

— Isso está uma bagunça, — murmuro, olhando para a tela do laptop. Livrar-me do código que alterei levou menos de dez minutos, mas a catástrofe de cadeias de caracteres ausentes e comandos errados que estou vendo não pode ser o resultado disso. — Não estava assim da última vez que visitei sua rede.

— Visitou? Belo eufemismo para violar a lei invadindo um sistema não autorizado, Srta. Petrova. Minha empresa não é uma exposição em uma galeria.

Olho para além da tela, meus olhos se concentram em sua estrutura imponente recostada na poltrona reclinável do outro lado da sala. Com exceção da pequena luminária de mesa ao meu lado, todas as luzes do escritório estão apagadas. O brilho fraco que o atinge me permite ver que ele está novamente com um terno de três peças, mas pouco mais do que isso.

— Diz o cara que sequestra mulheres na rua, — comento, depois volto a inspecionar o código.

Rafael já estava sentado naquela cadeira quando entrei com o laptop. Com sua voz áspera, ele me disse para sentar na mesa e começar. Desde então, ele não passou de uma forma escura. Silencioso, na maior parte do tempo.

Ele está preocupado?

Planejando minha morte? Está me observando?

O que ele está escondendo?

— Você tem raiva, Rafael?

— Acho que não. Por que pergunta?

— Tem certeza? — Olho para ele novamente. — Sem febre, espasmos musculares, alucinações? — Faço uma breve pausa para lhe dar tempo de responder, mas ele permanece mudo. — Porque você parece estar sentindo sensibilidade à luz. Devo me preocupar com a possibilidade de você atacar? Tentar me morder?

Uma risada profunda vem das sombras, rica e aveludada, preenchendo o espaço. Meus dedos pairam sobre o teclado enquanto esse som me envolve, como um cobertor grosso e quente.

— Se eu começar a sentir esses sintomas, eu a avisarei.

Ugh. Ele não apenas usa ternos e tem um cheiro incrível, mas também sabe aceitar uma piada às suas custas. É como se o universo tivesse pegado a minha lista de verificação de ‘homem perfeito’ e começasse a marcar todas as caixas. É uma pena que Rafael seja um sequestrador e chantagista.

Ainda assim, estou curiosa para saber como ele é.

— Farei o que puder daqui, mas precisarei verificar seu servidor principal em algum momento. Ele está em casa?

— Está em meu prédio corporativo, em Taormina.

— Vou precisar ter acesso a ele. — Meus olhos se voltam para ele por cima da borda do laptop. — E vou precisar de roupas. Sua equipe de limpeza parece ter levado minhas coisas embora. Eu as quero de volta.

— No entanto, você parece estar lidando muito bem com essa situação. A propósito, essa é a minha camiseta favorita. — A forma como ele diz isso, com um toque de diversão em seu tom, me faz pensar se não há algum significado oculto por trás de suas palavras.

— Isso é algum tipo de vingança? Uma estranha tortura psicológica para me fazer sentir mais impotente ou algo assim?

— Talvez. Ou talvez eu apenas goste de vê-la com minhas roupas, Srta. Petrova.

Eu engulo, afastando a excitação boba que cresce dentro de mim com o timbre rouco e profundo de sua voz. Como um amante seduzindo sua parceira para a cama, cada sílaba acaricia minha pele, prometendo coisas carnavais e perversas.

— Não vou sair por aí usando suas camisas do tamanho de uma barraca. Além disso, preciso de roupas íntimas, senhor.

— Isso pode ser arranjado, — diz Rafael e se inclina para a frente, colocando os antebraços sobre os joelhos. De repente, está vinte graus mais quente aqui dentro. Posso sentir seus olhos em mim, me queimando na escuridão.

Respirando fundo, levanto as mangas da camisa emprestada que continuam escorregando pelos meus braços. Abro o software de diagnóstico, configuro-o para executar uma varredura no sistema, pego um lápis na gaveta da escrivaninha e começo a mastigá-lo.

— Por que você reorganizou minhas estantes de livros?

— É terapêutico, — murmuro em torno do bom e velho HB210 na minha boca enquanto avisos aparecem na tela. O aplicativo de faturamento

no diretório de contabilidade está sinalizado como não responsivo. O sistema de armazenamento de dados tem um aviso sobre atualizações que não estão sendo instaladas. Até mesmo o sistema de manutenção mostra erros.

— Isso não é possível, — murmuro, olhando para a lista que continua crescendo. — Meu código foi projetado apenas para criar uma porta dos fundos, não para bagunçar o resto da rede.

— Talvez outra pessoa tenha se deparado com sua 'porta dos fundos' e decidido sabotar minha empresa. Minha concorrência, muito provavelmente.

Eu lhe lanço um olhar. — Você parece muito calmo em relação a esse fato.

— Por que eu não deveria estar? Você vai consertar tudo.

O lápis quebra entre meus dentes, então eu o tiro e volto a me concentrar na tela do laptop. A digitalização ainda está em andamento. Meus olhos se voltam para o único figo verde que está sobre a mesa, perto do porta-canetas. Ele estava lá quando entrei na sala, parecendo delicioso como o inferno, tentando-me a dar uma mordida. Estendo a mão e pego a fruta. No momento em que meus dentes rompem a pele lisa e coriácea, a doçura enche minha boca e eu gemo.

— Você gosta?

Olho de relance para o meu sequestrador. — Sim. Eu só experimentei figos uma vez antes, e eles não eram nem metade desse sabor.

— Você sabe o que dizem: frutas roubadas sempre têm um sabor mais doce.

— Você o roubou? — pergunto, mastigando a iguaria em forma de sino. — Por quê? É óbvio que você estava bêbado.

— Velhos hábitos costumam a morrer.

Arqueio uma sobrancelha, esperando que ele fale mais sobre o assunto. Ele não fala. Dou de ombros e volto a observar o programa de diagnóstico em seu curso. Os minutos passam. Uma hora. Rafael permanece em seu lugar, observando-me em silêncio.

Isso é perturbador.

Enervante além de qualquer medida.

Eu gosto disso.

Mas sentir seu olhar firme está me deixando inquieta. A vontade de olhar para ele aumenta a cada segundo que passa, e está ficando mais difícil lutar contra essa atração.

Contorcendo-me em meu assento, pego o pequeno bloco de notas adesivas amarelas e começo a rabiscar nele com o lápis estragado. Ninguém jamais me acusaria de ter herdado o talento artístico de minha mãe - Yulia é a sortuda beneficiária disso, - mas preciso de algo para me concentrar. Algo que impeça meus olhos de se desviarem para a enorme sombra no fundo da sala.

Tento desenhar um pássaro, mas continuo me distraindo com a mera presença de Rafael. Mesmo que eu consiga não olhar para ele nenhuma vez, minha pobre criação acaba parecendo um cavalo.

Nesse silêncio ensurdecedor, enquanto o processo de escaneamento progride constantemente, juro que posso sentir os olhos do meu captor abrindo buracos em minha cabeça. Amasso o bilhete, jogo-o fora e começo outro esboço. Desenho a forma de um homem sentado em uma cadeira. Ok, é um boneco de palito, usando calças, mas a ideia é a mesma. Acrescento uma jaqueta e um colete por baixo, que acaba parecendo um avental. Depois, uma boca grande e larga cheia de dentes afiados. Para finalizar, desenho um balão de fala.

Arrume sua bagunça, Srta. Petrova!

Um sorriso se insinua em meus lábios quando arranco a nota adesiva do bloco e a coloco no canto superior direito da tela do laptop. É muito ruim, na verdade. Yulia passou horas tentando me ensinar a desenhar. De alguma forma, ela sempre conseguiu transformar formas cilíndricas estranhas em rostos de pessoas, mas eu nunca consegui entender o conceito.

Quando olho para cima, Rafael ainda está recostado em sua poltrona reclinável, com os braços cruzados sobre o peito. Não percebi que ele havia tirado o paletó do terno, mas agora ele está sobre o braço da poltrona. A combinação da camisa branca e do colete escuro que ele está usando faz com

que seu peito pareça ainda mais largo.

Um único sinal sonoro indica o fim da verificação de diagnóstico e a janela de resultados exibe sessenta e sete erros detectados. Mais da metade está sinalizada como crítica.

— Bom. A análise está pronta. Vou começar com o programa de contabilidade logo pela manhã. — Fecho o laptop com um forte estalo e me inclino para desconectar o cabo de alimentação.

— O laptop fica aqui. Continuaremos amanhã à noite. No mesmo horário.

— E o que eu devo fazer o dia inteiro até lá?

— A senhora é livre para fazer o que quiser, desde que mantenha nosso acordo em mente. Boa noite, Srta. Petrova.

Cerrando os dentes, levanto-me e vou direto para a porta que leva do escritório para o quarto onde eu estava dormindo. E me certifico de fechá-la atrás de mim.

Dirijo-me ao banheiro da suíte para tomar um banho e escovar os dentes, depois visto outra das camisas elegantes de Rafael, usando-a como camisola.

Sinto-me um pouco confortada pelo fato de Rafael não parecer querer nada de mim além de consertar seu maldito sistema de computador. Além dos poucos comentários sobre minhas roupas, ele não disse nem fez nada que me dissesse que está interessado em mim.

É estranho. Estou tão acostumada com caras que tentam me levar para a cama deles minutos depois de me conhecerem. A aparente indiferença de Rafael me deixa um pouco confusa.

Talvez eu simplesmente não seja o tipo dele?

Ótimo!

Certo?

Adormeço com um caleidoscópio de imagens ocupando minha mente. Linhas de código. A grande extensão azul do mar e o sol refletindo nas águas brilhantes. E o rosto oculto de um homem me observando de um canto

escuro.

Capítulo 6

Vasilisa

Ainda um pouco enervada pelas horas desconcertantes de empurra-empurra com Rafael em seu escritório na noite passada, saio do quarto, pronta para descer para o café da manhã. Mas, do outro lado da porta, me deparo com uma grande bolsa branca com intrincadas alças douradas. Um elaborado logotipo dourado brilha no painel frontal – *Albini's* - impresso em uma caligrafia tradicional. Agachada, desamarro com cuidado o laço de fita dourada que está prendendo as laterais da bolsa.

Dentro, quase uma dúzia de caixinhas elegantes e, entre elas, um cartão branco de aparência aveludada com o mesmo logotipo dourado na frente. Ao retirá-lo, examino a caligrafia masculina bem cuidada.

Pode continuar usando meu guarda-roupa para o restante de suas roupas.

R.

Levanto uma das caixas e dou uma olhada por baixo da tampa. Um lindo conjunto de lingerie de renda preta está aninhado dentro dela. Tenho certeza de que o restante das caixas conterà mais do mesmo.

— A coragem desse homem, — resmungo, mas não consigo evitar que os cantos da minha boca se curvem ligeiramente para cima. Levo a bolsa para dentro e deixo o conteúdo em cima das cobertas da cama, minha mente tropeçando nas imagens da renda delicada nas mãos de Rafael.

Um tremor me percorre. Quase posso sentir a aspereza daquelas mãos deslizando sobre minha pele aquecida, puxando a requintada tanga preta e enviando aquele pedaço de renda para se juntar ao sutiã correspondente em

algum lugar sobre seu ombro.

Desviando meus pensamentos de um caminho que é melhor não percorrer, desço as escadas, pronta para confrontar o canalha.

Na cozinha, encontro Guido apoiado no balcão e segurando uma tigela de cereais, com os olhos fixos no telefone que está ao lado dele sobre o tampo de madeira.

Nenhum sinal de Rafael.

— Espero que haja algo mais do que comida de passarinho para comer no café da manhã nesta casa, — digo ao passar por ele a caminho da geladeira.

— Duvido.

— Onde está seu irmão?

— No trabalho. Por quê?

— Preciso ligar para minha família.

Guido levanta uma sobrancelha para mim.

— Com base na varredura do sistema que fiz ontem, ficarei aqui por pelo menos uma semana. Provavelmente mais. Preciso que eles saibam que estou viva e bem.

— Vou verificar com Rafael, mas não tenha muitas esperanças. Ele não vai permitir isso.

Guido pega o telefone, com o polegar trabalhando para acertar um contato listado - o de seu irmão, presumo - e depois o leva ao ouvido. Seu tom muda de descontraído para irritado, rapidamente se enchendo de raiva enquanto ele discute em italiano. Quando me passa o telefone, seu rosto é uma máscara de fúria.

— Senhorita Petrova, — Rafael resmunga do outro lado. — Estou ouvindo, mas seja rápida. Estou em uma reunião.

— Quero ligar para minha família.

— Sim, Guido me contou. — Um som estranho e gorgolejante chega pela linha, misturado com um gemido abafado. — Isso não fazia parte

do nosso acordo.

— Eles precisam saber que estou bem. Meus pais provavelmente vão enlouquecer sem uma palavra minha em três dias. Por favor, eu só vou...

Um uivo estridente explode em meu ouvido, e eu rapidamente afasto o telefone. Fico boquiaberta enquanto os gritos continuam, altos e claros, apesar de o viva-voz estar desligado, até que lentamente se transformam em gemidos.

— Eu o interrompi batendo em alguém? — pergunto, colocando o telefone cautelosamente ao lado da cabeça.

— *Stai zitto!* — Rafael vocifera para quem quer que esteja do outro lado. — Talvez. Gostou do seu presente, Vespetta?

— Você está me perguntando isso agora? — Minha sobrancelha se ergue com espanto. — Se eu disser que não, me deixará ligar para casa?

Outro grito irrompe de onde quer que meu sequestrador esteja no momento, mas dessa vez é mais suave. — Não.

— Então, eu adorei, — eu digo.

— Fico feliz em ouvir isso. Pode ligar para sua família. Nenhum detalhe sobre onde você está, ou como chegou aqui, ou você sabe o que vai acontecer. *Capito?*

— Sim.

— Ótimo. Passe a Guido.

Com base na expressão de Guido quando lhe passo o telefone, ele não está feliz com a decisão de Rafael. Eles discutem por quase mais um minuto antes que o irmão de Rafael me devolva o aparelho.

— Vinte segundos, — ele grita. — E você faz a chamada aqui mesmo.

Fico olhando para a tela, pensando se devo ligar para mamãe ou para papai. Sem dúvida, papai perderia a cabeça e começaria a gritar, exigindo saber onde estou. Não poderei dizer uma palavra até que ele termine. Meus vinte segundos serão perdidos. Então, que seja a mamãe.

Meus dedos tremem quando digito os números e, quando a linha finalmente se conecta, quase desabo e começo a chorar. Perco cinco segundos preciosos tentando me recompor antes de conseguir dizer uma palavra.

— Oi, mamãe.

— Vasya? — a voz grogue da minha mãe entra na linha. — Oh, meu Deus! Onde você está, querida?! Estamos ficando loucos...

— Estou bem, mamãe. Ouça, não posso falar muito. Só queria que você soubesse que estou bem e que voltarei para casa em algumas semanas.

— O quê? Diga-me onde você está! Agora mesmo!

— Eu ligo novamente em alguns dias, ok? Eu te amo.

Mal termino de falar, Guido arranca o telefone da minha mão e corta a linha. — O tempo acabou. Não posso arriscar que eles rastreiem a ligação.

Seu tom contém um traço de presunção, como se tirar o telefone de mim fosse a coisa mais gratificante que ele já fez em muito tempo. Meus dentes rangem devido à força com que os cerro. Ou é isso ou deixar que as lágrimas que brotam nos cantos dos meus olhos se libertem.

Mas não vou dar a esse cretino a satisfação de me ver chorar.

Girando sobre meus calcanhares, vou até ao armário de parede no lado oposto da cozinha, pegando uma cadeira da mesa de jantar no caminho. Essa maldita coisa deve ser de madeira maciça, pois pesa uma tonelada. Quando chego ao meu destino pretendido, meus braços estão doendo de tanto levantar o objeto volumoso. Coloco a cadeira ao lado do armário, subo nele e começo a tirar os copos da prateleira superior e colocá-los no balcão.

— O que está fazendo? — Guido pergunta atrás de mim.

Eu o ignoro, concentrando-me apenas em minha tarefa de reorganização. É a única maneira de me distrair e não me preocupar com minha família.

Às cegas, esvazio os armários de xícaras e copos que foram colocados aleatoriamente em uma prateleira, e as taças que estavam

misturadas com copos e outros copos de coquetel.

— *Какой ужасный беспорядок*¹¹, — murmuro ao passar para a prateleira do meio. Eles têm até mesmo suportes para bolos no mesmo lugar!

— Eu perguntei, que porra você está fazendo? — Guido vocifera ao meu lado e fecha a porta do armário, por pouco não acertando meus dedos.

Com os olhos fixos em sua mão que mantém a porta fechada, respiro fundo e encaro o idiota. O olhar que ele me dirige é carregado de desprezo e malícia, mas com uma contenção muito limitada.

— Você tem algum problema comigo, Guido?

— Sim, eu tenho.

— E que problema é esse? — Minha voz pode soar forte, mas, na verdade, mal estou me aguentando. Não tenho escrúpulos em confrontar homens com excesso de testosterona e personalidades imbecis em circunstâncias normais, mas essa situação fodida está sendo um pouco demais. — Da última vez que verifiquei, não estou aqui porque quero estar.

As narinas de Guido se dilatam. Ele se inclina em minha direção, ficando na minha cara. — Se você fizer com que meu irmão morra, eu mato você.

Duas lágrimas traiçoeiras escapam, deslizando por minhas bochechas. Retornando seu olhar resolutivo, eu me obrigo a sorrir. — Fique à vontade para tentar.

Ele bate com o punho no armário e sai enfurecido da cozinha. Só depois que ele se foi é que me abaixo até ao balcão, sentando-me entre as fileiras de copos e xícaras, e limpo as bochechas.

Jesus Cristo, no que eu me meti?

E por que diabos a ideia de meu pai matar Rafael não parece tão tentadora quanto antes?

Rafael

Magnífico.

Não há palavra melhor para descrever a mulher sentada de pernas cruzadas na minha mesa, murmurando para si mesma enquanto seus dedos voam sobre as teclas enquanto ela conserta a bagunça que minha equipe de TI criou propositalmente. Mitch me garantiu que levaria dias apenas para resolver o sistema financeiro, considerando o quanto eles corromperam o software.

Ela precisou de algumas noites e menos de uma dúzia de horas.

Hoje à noite, ela está trabalhando no sistema de gerenciamento de arquivos, desvendando as permissões para as subpastas do nosso repositório de dados. Aparentemente, isso deve mantê-la ocupada por uma semana. É bom que o pessoal de Mitch tenha feito seu trabalho corretamente e tenha bagunçado tudo muito bem, caso contrário, cabeças vão rolar.

— Esse lápis fez algo para ofendê-la? — pergunto, olhando para o objeto em questão.

Vasilisa larga o lápis que está mastigando há uma hora e me lança um olhar irritado. — Não. É apenas uma vítima involuntária.

— De quê?

— Meu processo de pensamento. A extensão do problema que estou tentando resolver aqui é colossal. É frustrante. Quem configurou seu NAS?

— Não tenho ideia do que é o NAS ou de quem o configurou. A TI é como hieróglifos para mim.

— Ah? — As sobrancelhas dela se arquearam de forma curiosa. — Um homem disposto a confessar que não tem conhecimento absoluto sobre um determinado assunto? Essa é a primeira vez.

— Sou um ser bastante simples, Vespetta. Dê-me um objetivo e

eu o alcançarei, destruindo brutalmente todos os obstáculos em meu caminho. Receio que eu não tenha a delicadeza necessária para resolver problemas tão cerebrais. Mas tenho você e sua mente brilhante à minha disposição para lidar com isso agora.

Vasilisa me encara com os olhos arregalados e os lábios ligeiramente entreabertos, parecendo totalmente desorientada. Mesmo com a luz fraca, posso ver a cor de suas bochechas. Obviamente, preciso me esforçar para fazer meus elogios.

— Hum... certo. — Ela rapidamente desvia o olhar. — O NAS é um dispositivo de armazenamento de dados. Ele deveria fazer backup automaticamente duas vezes por dia, mas, em vez disso, os arquivos estão sendo apagados.

— Mitch seria a pessoa que poderia lhe dar todas as informações que você precisa saber sobre isso.

— Gostaria de conversar com Mitch, então.

— Está bem. — Pegue meu celular e o estendo para ela. — Aqui.

A cabeça de Vasilisa se ergue. — Eu não quis dizer agora. Nossa! Já é quase meia-noite.

— Mitch é pago para estar disponível 24 horas por dia, sete dias por semana. Ele não vai se importar. — Aceno com a cabeça para o telefone. — Ligue para ele e pergunte o que precisa. Agora.

Suas sobrancelhas se erguem e, em seguida, ela se levanta lentamente e se aproxima, com passos cautelosos e cuidadosos. Ela parece preocupada que eu possa atacá-la. E talvez ela tenha razão, porque a tentação de fazer exatamente isso é uma torrente mal controlada que está correndo por mim.

Ela para alguns passos à minha frente e olha para minha mão estendida.

— E você não pode simplesmente deixar o homem dormir e pedir que ele seja chamado amanhã? — ela reclama, olhando para o telefone. — Você é um empregador de merda.

— Não, não sou. Todos os homens que trabalham para mim são amplamente compensados por seus serviços.

— Então, eles são apenas isso? Funcionários, nada mais?

— Funcionários extremamente bem pagos. — Pressiono o botão de chamada com o polegar. — Pergunte à vontade.

Vasilisa olha para cima e seus olhos se encontram com os meus. Nenhum de nós consegue ver claramente o rosto do outro na escuridão, mas posso *sentir* seu olhar fixo no meu enquanto ela tenta penetrar além da escuridão ao redor.

— Chefe? — A voz de Mitch quebra o silêncio.

Lentamente, os dedos de Vasilisa envolvem o telefone em minha palma. No instante em que sua pele entra em contato com a minha, eu fecho a mão sobre a dela, segurando-a no lugar. Ela se retesa imediatamente, mas não tenta se soltar.

— Espero que seus pulsos tenham cicatrizado, — digo enquanto passo o polegar sobre os nós dos dedos dela. — Sinto muito que você tenha sofrido isso.

— Sim, — ela sussurra. — E espero que seu antebraço esteja se recuperando. Mas não vou dizer que sinto muito.

Um sorriso se insinua em meus lábios.

— Chefe? — Mitch insiste novamente. — Está me ouvindo?

Solto a mão de Vasilisa. Seus dedos passam pela minha palma enquanto ela levanta o telefone e o coloca no ouvido.

— Oi, é a hacker de estimação do seu chefe falando, — ela brinca.

Seus olhos ainda estão fixos nos meus, embora ela não possa realmente vê-los. Tenho certeza disso da mesma forma que sei que seus dedos roçaram minha palma de propósito.

— Preciso de algumas informações sobre o servidor NAS que você configurou.

Meu olhar segue Vasilisa quando ela retorna à mesa e permanece fixo nela durante a próxima hora, enquanto ela ouve o que Mitch lhe diz e, ao mesmo tempo, digita no laptop. Nenhuma das bobagens que ela menciona faz sentido para mim, mas mesmo assim eu absorvo cada palavra. Ela tem a voz mais sedutora - um pouco rouca, mas melosa de uma forma doce que, ao ouvi-la, me faz imaginar como ela soaria quando estivesse presa embaixo de mim.

Não se trata de um sonho, mas de uma promessa a mim mesmo. Vou reivindicar Vasilisa Petrova como minha. De todas as formas possíveis.

Tomo um gole do meu vinho e continuo a observá-la enquanto ela mais uma vez mordisca o lápis entre os dentes, segurando o telefone preso entre o queixo e o ombro. De alguma forma, essas noites se tornaram o ponto alto do meu dia. Eu poderia, com prazer, passar horas simplesmente observando-a fazer seu trabalho ou conversando com ela para tentar descobrir o que há nela que me deixa tão encantado.

Sim, sua beleza é incomparável, e olhar para ela é como ver a mais sublime obra de arte, mas sua aparência não é o único motivo da minha obsessão. Estou completamente cativado por sua tenacidade e determinação em fazer o que for preciso para manter sua família segura. Ela não tentou fugir nem uma vez sequer, de acordo com os relatórios da minha equipe de segurança sobre seus movimentos. Tampouco tentou passar qualquer informação para a família quando usou o telefone de Guido para falar com a mãe no outro dia. A força de vontade dessa garota é surpreendente.

Assim como sua ousadia em responder a mim. As pessoas *nunca* fazem isso. Têm muito medo da minha ira.

O medo é bom. É necessário. Torna muito mais fácil fazer com que eles dançam conforme a minha música. No entanto, não quero que minha Vespetta tenha medo de mim, e é por isso que me esforcei tanto para esconder meu rosto dela. Quero seu desafio. Suas brincadeiras. E mais de seus rabiscos de aparência ridícula.

Meus lábios se contraem quando me lembro da nota adesiva que encontrei no laptop depois de uma de nossas noites. Levei alguns instantes para perceber que a criatura de formato estranho com um avental era uma representação de mim. O balão de fala desenhado ao lado dele foi o que

acabou me dando a dica.

— Ok, vou tentar isso. — Vasilisa abaixa o telefone sobre a mesa e afasta alguns dos fios escuros que caem sobre os olhos antes de retomar o trabalho.

Hoje à noite, ela usou outra gravata minha para prender o cabelo no alto da cabeça. Ela tentou prender a massa, mas uma grande parte escapou durante a noite e agora está caindo em mechas emaranhadas ao redor de seu adorável rosto. Meus dedos coçam para tocar as macias mechas, e tenho de me lembrar constantemente por que não posso ir até ela e fazer exatamente isso.

— Vejo que você decidiu ampliar seu vestuário, — digo, olhando para a jaqueta do meu terno que ela vestiu sobre uma das minhas camisas sociais. O traje fica ridículo nela - engolindo sua pequena estrutura. Parece mesmo que ela está usando uma tenda.

— Eu estava com frio, — ela murmura sem olhar para cima.

Todos os músculos do meu corpo ficam rígidos. — Frio?

— Sim. Sua jaqueta serve, mas eu gostaria de ter algo do meu tamanho. Sua hospitalidade deixa muito a desejar, Rafael.

— Do que mais você precisa? — Eu vocifero. Ela estava com frio. Por minha causa!

Os olhos de Vasilisa saem da tela do laptop e se concentram no meu lugar no canto. Imediatamente me inclino mais para dentro das sombras.

— Deixar que eu vá para casa não é uma opção, presumo?

— Não.

— Camisetas. Leggings. Um moletom com capuz. Meias. Pijamas. E uma escova de cabelo. Ah, e alguns alimentos de verdade para o café da manhã. Eu odeio cereal.

— Isso é tudo?

— E desodorante feminino, por favor. Não quero continuar cheirando como você.

Meu pau se transforma instantaneamente em granito com a mera ideia de ela carregar meu perfume. — Tudo bem.

Ela apoia o punho sob o queixo e inclina a cabeça. — Por que não me deixa ver seu rosto?

— Tenho meus motivos.

— É para que eu não possa identificá-lo mais tarde? Você está preocupado que eu conte ao meu pai o que realmente aconteceu e que ele vá atrás de você?

— Talvez.

— Sábio. Você deve ter muito medo da fúria do pakhan.

— Estou bastante apavorado, Srta. Petrova. — Tomo um longo gole de meu vinho. — Tenho certeza de que Roman ficou ainda mais mal-humorado do que era da última vez que nos encontramos.

Vasilisa me olha com um olhar de boca aberta, depois pisca rapidamente duas vezes com aqueles longos cílios negros. — Você conhece meu pai?

— Colaboramos em algumas ocasiões. — Eu me inclino mais para trás e observo seu rosto. Ela fica ainda mais bonita quando está confusa. — Não há muitas pessoas que precisem dos serviços que minha empresa oferece ou que possam pagar por eles. E eu conheço pessoalmente a maioria que precisa.

— Mas... mas você dirige uma empresa de segurança privada. Verifiquei o site da sua empresa. O pacote básico oferecido custa alguns milhares por mês, o que não é uma quantia astronômica.

— Eu não estava me referindo ao meu negócio de fachada, Srta. Petrova.

— Então, a que estava se referindo?

— Isso é entre Roman e eu, — digo a ela. — Já é um pouco tarde. Talvez devêssemos continuar isso amanhã.

— Cara! É só isso? Você acabou de soltar essa bomba e agora está me mandando para a cama sem mais explicações?

Estou muito tentado a lhe contar a verdade. Ela não pode ser tão ingênua a ponto de não saber o que seu velho e querido pai faz. Mas, conhecendo Petrov, é provável que ele tenha tentado protegê-la do pior. Será que ela ficaria surpresa ao saber que, na última década e meia, minhas equipes eliminaram vários alvos para o pai dela? Que um desses ataques foi executado por mim mesmo?

— O respeito e a confiança dos filhos em seus pais nunca devem ser comprometidos, Vespetta. Não quero manchar sua opinião sobre seu pai.

— Oh, você é um cavalheiro, com padrões morais totalmente elevados. — Ela aponta seu lápis mastigado para mim. — Eu sei exatamente quem é meu pai e o que ele faz para viver. Que tipo de serviços você lhe prestou?

— Os mesmos que ofereço a todos os meus clientes. Uma resolução rápida e final de questões muito delicadas, tratadas com a máxima discrição, é claro.

— O que isso significa?

— Isso significa que mato pessoas.

Dois olhos escuros se transformam em fendas brilhantes. — Meu pai não terceiriza.

Por alguns instantes, só consigo olhar para ela. — Ele não... terceiriza?

— Correto. Quando ele precisa que alguém desapareça, meu tio cuida do assunto.

Inclino a cabeça, observando a minha pequena hacker sob uma nova luz. — E você está de acordo com isso?

— É claro que não estou bem com isso. É só que... É assim que sempre foi. Como o mundo dele funciona. E, por relação, o meu também. Eu preferiria que meu pai cultivasse tomates orgânicos para viver, mas ele não é assim. Ele pode ser um vilão para a maioria das pessoas, mas para mim, ele é apenas meu pai.

Interessante.

A maioria das mulheres da sociedade criminoso finge não saber como seus pais, maridos ou irmãos ganham a vida. Embora não tenham escrúpulos em gastar o dinheiro do crime, elas ainda professam inocência para o mundo exterior.

— Você trabalha para seu pai? Tenho certeza de que Petrov acha suas habilidades muito úteis.

— Não, — ela murmura.

— Por que não?

Vasilisa desvia o olhar, com decepção e mágoa gravadas em suas feições de boneca. — Roman Petrov nunca permitiria que sua filha, uma flor delicada, mergulhasse em algo relacionado com a Bratva.

— Assim como o intrincado e frágil lírio do vale, talvez? — comento. O olhar que ela me dá é de pura ameaça. — Que, se usado corretamente, pode levar à parada cardíaca e à morte.

Vasilisa franze a testa em confusão.

Sim, eu definitivamente preciso de mais delicadeza ao fazer elogios às mulheres. A essa mulher.

— E você sabe disso... por experiência própria? — pergunta ela.

— Prefiro o *Aconitum* em questões comerciais. Ele funciona mais rápido. Alguns contratos têm prazos de entrega muito curtos.

Com os lábios rosados bem apertados, Vasilisa olha para a tela do laptop. Posso praticamente ver as rodas girando em seu cérebro.

— Qual é o seu sobrenome? — ela pergunta sem olhar para mim.

Bem, bem... Finalmente, ela ligou os pontos. — É De Santi.

— Rafael De Santi, — ela diz. — O siciliano.

Eu sorrio. — Às suas ordens, Srta. Petrova.

Vasilisa acena com a cabeça e se contorce nervosamente na cadeira. Seus ombros estão caídos, fazendo com que ela pareça ainda menor no meu paletó. As mangas se desfizeram e caíram quase meio palmo além de suas mãos.

Ela parece tão perdida de repente, e aquela pontada de culpa me atinge novamente.

— Não vou machucá-la.

— Sim, — ela murmura. — Já é tarde. Acho que deveríamos encerrar a noite.

— É claro. Bons sonhos, Vespeta.

Mantendo os olhos grudados no chão, Vasilisa desliza da cadeira e se dirige à porta que liga o escritório ao meu quarto. Ela está tentando parecer indiferente, mas é óbvio que está fugindo.

No entanto, quando chega à porta, ela para. — O que isso significa? Essa palavra. É um insulto?

Eu a observo, tão linda e majestosa, mesmo com aquela jaqueta enorme que parece tê-la engolido inteira. Ela realmente parece uma princesa.

— Significa pequena vespa, — eu digo.

— Ah. — Ela lança um olhar rápido por cima do ombro em minha direção e depois desaparece na soleira da porta.

Espero até que a porta se feche atrás dela para me aproximar da escrivaninha e levantar o bloco amarelo de notas adesivas. Há um rabisco na parte superior. Um homem palito mal feito segurando a alça de um cartaz de protesto em sua mão.

O empregador mais ruim do mundo.

Não consigo conter minha risada.

Retirando a nota, pego minha carteira e coloco o novo rabisco ao lado do desenho anterior que ela fez.

Capítulo 7

Vasilisa

Os grilos novamente. Seu canto atravessa a janela aberta, enchendo o cômodo com uma melodia que eu achava reconfortante nos dias anteriores, mas que agora parece sinistra de alguma forma.

Aperto o último botão de uma camisa branca enorme e olho para o meu reflexo fantasmagórico no espelho do banheiro. Minha falta de sono é evidente nas sombras sob meus olhos. Ainda não consegui entender o fato de que o homem que me mantém em cativeiro é, na verdade, *o* famoso Siciliano.

A Bratva não gosta muito de fofocas. Não como a Cosa Nostra - esses caras são a personificação da porra do boato, - mas, ainda assim, as notícias se espalham rapidamente e, querendo ou não, você ouve coisas. Todos em nossos círculos sabem sobre Rafael De Santi, também conhecido como O Siciliano.

Há várias opções para eliminar alguém em nosso mundo. No entanto, se precisar que isso seja feito de forma profissional e rápida, e se tiver alguns milhões para gastar, contrate a equipe do Siciliano. Eles são os únicos com garantia de entrega em 24 horas, independentemente do local ou do alvo. E não é de se admirar. Sua empresa de fachada tem filiais em todo o mundo. Que estratégia melhor do que ter seus homens em posição e com relativa facilidade de acesso, porque eles já se infiltraram na segurança dos membros mais proeminentes da alta sociedade - guarda-costas de suas futuras marcas em potencial? Engenhoso.

Olho para trás, meus olhos vagando pelo quarto em que estou hospedada. Meu olhar desliza sobre as duas camisas sociais masculinas jogadas no encosto do sofá, depois para a direita, observando o paletó de terno cor de carvão dobrado no assento da poltrona reclinável. Ele tem uma mancha

de ketchup em uma das lapelas. É obra minha.

Considerando onde fui parar, eu deveria ter percebido isso antes. Mas nem me passou pela cabeça que o meu Rafael é, na verdade, Rafael De Santi. Pelo que ouvi sobre o Siciliano, ele deveria ter me matado, independentemente de quem fosse meu pai. Não me deixar dormir em seu quarto. Ou usar suas roupas... Talvez ele veja a ‘coisa das roupas’ como um jogo mental estranho? Um castigo ou algo assim? Ele quase admitiu isso. Não é?

Quando saio do quarto, há outra ‘entrega’ esperando por mim em frente à minha porta. Várias sacolas brancas grandes com o mesmo logotipo dourado de antes. Pego as alças de cetim e carrego a carga até ao sofá que fica de frente para a lareira, depois começo a abri-las uma a uma.

Um lindo cardigã branco com botões grandes de madrepérola está na primeira sacola, cuidadosamente dobrado e embrulhado com uma fita dourada amarrada em um laço. Eu o experimento e deslizo as palmas das mãos sobre o material macio. Tenho muitas coisas bonitas em casa, mas acho que nunca toquei em algo tão macio. Deve ser cashmere ou algo semelhante. Dificilmente alguém me compra o tamanho correto quando compra roupas para mim e, normalmente, tudo é pelo menos um ou dois tamanhos a mais. Mas este... é perfeito.

A próxima sacola tem um pacote de meias (cem por cento de algodão orgânico, de acordo com a etiqueta), além de chinelos fofos com pontas de pele e abertos. Eu os experimento e meus olhos se arregalam. Acho que ser um assassino exige uma capacidade sem precedentes de fazer avaliações visuais precisas, porque os lindos chinelos também têm o tamanho perfeito.

No fundo da mesma bolsa, encontro uma camisola de seda preta com um decote profundo. Mordo o lábio inferior enquanto tiro a camisola sexy. O tecido parece deslizar como água em minhas mãos. Será que Rafael mandou alguém comprar isso para mim ou foi ele mesmo que comprou? Algo me diz que ele escolheu essa por conta própria. Será que ele estava imaginando como eu ficaria com ela? E todas aquelas calcinhas e sutiãs rendados? Talvez eu devesse vestir essa coisa sedosa hoje à noite antes de

retomar meu trabalho em seu escritório, só para ver se ele ainda seria tão indiferente.

Uau. O quê?

Imediatamente tiro esse pensamento ultrajante da cabeça e enfio a camisola de volta na bolsa. Não, não estou ficando excitada com a simples ideia de o homem mais perigoso desta parte do mundo fantasiar comigo usando essa coisinha reveladora.

A última bolsa tem uma escova de cabelo, alguns outros produtos de higiene pessoal e duas latas de desodorante. Um desodorante de aparência muito familiar. Eu as tiro da bolsa. As latas de aerossol têm exatamente o mesmo produto e aroma que encontrei no banheiro. Bufo e olho para o fundo da sacola. Há uma caixa retangular de veludo vermelho com um cartão branco de aparência perolada anexado a ela.

Peço desculpas por ser um anfitrião tão ruim.

A cor deve combinar bem com minhas camisas.

R.

Pego a caixa aveludada e abro a tampa. Ela faz um pequeno rangido. Dentro, um lindo colar de ouro está aninhado em uma almofada de cetim. Uma infinidade de diamantes cinza-claros reveste toda a extensão do colar. Com a boca aberta, levanto cuidadosamente o colar de seu berço, observando como a luz do sol incide sobre as gemas brilhantes. Se forem verdadeiras, devem ter custado uma fortuna. Os diamantes cinzas são incrivelmente raros e difíceis de obter. Minha mãe tem um anel com um. Papai teve de lhe dizer que a pedra era falsa porque, de outra forma, ela não o usaria.

Essa linda peça deve ser a joia mais bonita e extravagante que já tive em minhas mãos. É uma pena que eu não aceite presentes em vez de desculpas. Então, coloco o lindo colar de volta em sua caixa, deixo-o de lado e desço as escadas.

A mansão está vazia, como de costume, com apenas o cheiro do

ar fresco do mar preenchendo o espaço. Mas quando atravesso o saguão de entrada, um novo e doce aroma vem do terraço e invade minhas narinas.

Doces frescos decadentes.

Saio de casa e só consigo ficar olhando.

A mesa do pátio foi transferida para o meio do terraço e está coberta por uma toalha de mesa branca. Sua superfície está repleta de pratos com uma seleção de produtos assados de aparência saborosa. Croissants. Tortas com uma infinidade de recheios coloridos. Em seguida, há estandes de três níveis carregados com todos os tipos de frutas e bagas. E jaras de suco espremido na hora, de diversas variedades.

Há comida suficiente aqui para alimentar um exército.

No meio da mesa, encostado no creme de morango, há uma nota adesiva amarela.

Minha frequência cardíaca aumenta quando a aproximo, olhando para um desenho. Dificilmente é uma obra-prima realista e foi feito com caneta azul de tinta comum, mas tenho certeza de que sou eu, reclinada na cadeira do escritório, com o lápis na boca de aparência carrancuda. As linhas ásperas ao redor do rosto provavelmente representam os fios de cabelo soltos, enquanto o restante é representado como uma bola no topo da cabeça. Há outra curva arrojada com uma ponta mais larga que, imagino, deve ser uma gravata masculina, torcida em torno da massa de tranças.

Meus olhos passam por todos os detalhes mais uma vez e, em seguida, olho para uma nota escrita com uma forte caligrafia masculina sob o esboço.

Quero comida de verdade no café da manhã.

Deixo escapar uma pequena risada, enquanto um calor surge no meu peito.

Rafael De Santi. O homem cujo nome, por si só, faz as pessoas tremerem de medo, me deixou um rabisco em uma nota adesiva. Coloco o

papel no bolso e dou uma olhada no terraço, mas não há mais ninguém aqui. Suspirando, me sento à mesa e pego uma fatia de torta da bandeja mais próxima. Por um breve momento, tive a esperança de que Rafael estivesse se juntando a mim neste banquete.

Minha mão está parada em uma jarra de suco. Sinto-me atraída por ele. Atraída por um homem que ameaçou matar minha família. Que está me mantendo prisioneira. E não tenho a menor ideia de como ele é.

Mil maravilhas.

Depois de terminar o café da manhã, levo meu prato e copo para a cozinha. A empregada nervosa está lá, guardando as compras na geladeira e, quando me vê, dá um grito.

— Desculpe. Não queria assustá-la, — murmuro, acenando com a cabeça para o prato em minhas mãos. — Eu só trouxe isso de volta.

A garota pisca confusa, depois vem correndo em minha direção e basicamente arranca o prato e o copo das minhas mãos e os coloca na máquina de lavar louça.

— Hum... Eu poderia ter feito isso. Ok, eu vou trazer o...

A empregada passa correndo por mim e sai da cozinha. Olho para suas costas em retirada, vendo-a correr para o terraço, onde começa a recolher os restos do café da manhã.

Tudo bem. Não tenho ideia do que fiz, mas a mulher parece estar aterrorizada comigo por algum motivo. Decidindo não estressá-la ainda mais, saio da cozinha pela porta lateral que dá acesso ao jardim.

Enquanto caminho pela entrada da garagem, vozes altas vêm na minha direção com uma leve rajada de vento, vindas da entrada da propriedade. Uma delas é masculina, parecendo exasperada, mas determinada. E a outra é feminina, obviamente angustiada e gritando em um tom agudo. Com as mãos fechadas atrás das costas, continuo descendo o caminho de cascalho em direção à origem do tumulto. Não costumo meter o nariz nos assuntos alheios, mas minha curiosidade foi despertada. É uma rara pausa na monotonia de uma mansão sem vida.

A primeira coisa que noto quando me aproximo é um conversível

vermelho brilhante estacionado do outro lado do portão. Uma mulher, usando um vestido branco justo, está parada ao lado do carro e grita com o guarda enquanto aponta o dedo para a casa. O homem parece estar tentando acalmá-la, sem sucesso. A única coisa que consigo captar da conversa deles é o nome de Rafael. De repente, a cabeça da mulher se inclina em minha direção e seu cabelo comprido - quase do mesmo tom do carro - é jogado para o alto no processo. Seus olhos percorrem meu corpo, desde o topo da cabeça, onde a gravata de Rafael mantém meu coque seguro, até à camisa cinza-clara que estou usando.

— *Chi è quella?* — zomba a ruiva por entre os dentes. Está mais do que claro que ela não está feliz em me ver aqui.

O guarda corre para o lado dela e praticamente a empurra para o banco do motorista. Olhando para mim o tempo todo, a mulher cospe uma série de palavras desagradáveis. Suas palavras iradas e gestos com as mãos não me deixam dúvidas quanto a isso, apesar da barreira do idioma. Em seguida, ela dá ré no carro e desaparece em uma nuvem de poeira.

Eu me viro e volto para a casa, enquanto uma inesperada pontada de decepção atravessa meu peito.

Rafael tem uma namorada.

* * *

A brisa morna e salgada joga os fios soltos de meu cabelo nos olhos. Ajusto o cardigã branco e macio ao meu redor e pego a taça de vinho que coloquei entre as suculentas à minha esquerda. Meu olhar é atraído pelo brilho distante das luzes amarelas espalhadas pela extensão escura do Mediterrâneo. Os barcos de pesca.

Esperei mais de uma hora por Rafael em seu escritório esta noite. Quando cheguei no horário combinado, ele não estava lá e, por fim, concluí que ele não viria e desci as escadas. Perambulei pelos cômodos vazios, mas, como sempre, era estranho estar sozinha em um espaço tão vasto e magnífico.

Até mesmo Guido não estava em lugar algum. Depois de um tempo, voltei à cozinha e peguei uma garrafa de vinho tinto e uma taça, depois saí para o jardim.

Esse é um belo local, com uma infinidade de suculentas e flores silvestres florescendo em fendas e canteiros de cascalho construídos ao redor de rochas e pedregulhos ao longo de um declive natural. Uma oliveira, com seus galhos amplamente espalhados, projeta uma sombra sobre a enorme pedra plana em que estou sentada, a poucos passos do grosso tronco da árvore perene. Encontrei esse local esta manhã durante minha exploração do terreno, e a vista daqui é ainda mais majestosa à noite.

O barulho de cascalho em algum lugar atrás de mim me assusta, e quase derramo o vinho no meu cardigã novo.

— Eu temia que tivesse conseguido escapar, Srta. Petrova.

Meu corpo relaxa. É apenas o meu sequestrador, anfitrião e assassino mais mortal do mundo. O fato de essa constatação me confortar é altamente preocupante.

— Entre os penhascos, a cerca elétrica e sua segurança portando uma Uzi, minhas opções de fuga são bastante limitadas. — Levanto a garrafa para servir mais vinho. Mas está vazia. Que droga. — Você não estava no escritório quando passei por lá.

— Eu tinha algumas coisas que precisavam ser resolvidas.

Olho por cima do ombro e vejo Rafael encostado na oliveira, engolido pelas sombras.

Sempre no escuro.

— Sua namorada passou por aqui hoje cedo.

— Dificilmente uma *namorada*, mas uma ex, mesmo assim. Ela não está lidando muito bem com a separação, — diz ele. — Aparentemente, ainda está de luto.

— Você partiu o coração dela?

— Pior ainda. Cancelei o cartão de crédito que lhe dei.

Dou uma risadinha e volto a observar o mar. O som de seus

passos sobre as pedras é fraco, mas se aproxima. As roupas farfalham quando ele se senta atrás de mim. Ele estica suas longas pernas de cada lado de mim e, embora não estejamos nos tocando, posso sentir seu calor enquanto sua enorme estrutura me envolve, e sua presença parece envolver meu corpo e minha alma.

— Deixei seu presente extravagante em sua mesa.

— Não gostou? — sussurra sua voz grave, bem perto do meu ouvido. Meus batimentos cardíacos se aceleram.

— É adorável. Mas, aos meus olhos, presentes não substituem um pedido de desculpas.

— Por que não?

— Bem, isso pode ser uma surpresa para você, Rafael, mas você não pode comprar pessoas.

— Funcionou bem para mim no passado.

— Isso é muito triste, — murmuro em meu copo quase vazio. — A propósito, não precisa mais se esconder de mim. Eu sei quem você é, então não há necessidade.

— Eu sei. — Seu hálito quente acaricia o lóbulo da minha orelha. — O que você acha da minha casa?

— É bonita e assustadora ao mesmo tempo.

— Como assim?

— Não há ninguém por perto, exceto aquela empregada que foge assim que me vê. Por que ela faz isso?

— Ela provavelmente não sabe o que pensar de você. Eu raramente trago mulheres para minha casa.

— Nem mesmo vítimas de sequestro?

— Não. — Sua respiração acaricia minha bochecha. — O que há de errado com minha casa?

— Não há nada de errado com ela. É que é tão silencioso o tempo todo. Não estou acostumada com isso.

— E com o que você está acostumada, Srta. Petrova?

— Barulho. Empregadas correndo de um lado para o outro, discutindo entre si. As pessoas sempre entrando e saindo, e as portas abrindo e fechando. Em casa, sempre havia alguém gritando. Por exemplo, nossa governanta gritando com alguém porque a pessoa havia jogado lama em seu piso impecável. Ou papai gritando com o jardineiro para desligar o cortador de grama porque ele estava tentando trabalhar com meu irmão. Nosso cozinheiro, Igor, gritando da cozinha porque Valentina colocou sal demais na panela. Os gritos agudos da minha irmã no quarto dela quando descobre que peguei sua camiseta favorita e a devolvi manchada. O silêncio aqui me dá arrepios. — Termino meu vinho e coloco a taça entre minhas pernas na pedra. — Por que você não tem funcionários?

Ele fica em silêncio por um momento a mais, e acho que ele pode não responder.

— Eu tenho funcionários, — ele finalmente diz. — Eu só os mandei embora porque não queria que você se sentisse desconfortável com tantas pessoas desconhecidas por perto.

Começo a rir. — Oh, que atencioso de sua parte. Especialmente depois de ter me tirado da rua, enfiado em uma van com as mãos amarradas e a boca amordaçada e depois voado para outro continente. Nada disso foi um problema. Mesmo assim, você mandou as empregadas embora para que eu não me sentisse desconfortável?

— Mais ou menos.

Inclino a cabeça para o lado, minha visão periférica se alinha com sua boca. Pelo menos é o que imagino. Com a lua atrás de nós e baixa no céu, ele não passa de um contorno escuro. — O que você quer de mim?

— Eu lhe disse. Conserte meus sistemas e estará livre para ir.

— E é só isso?

— Só isso, senhorita Petrova.

Aceno com a cabeça e olho para trás, para os barcos de pesca no horizonte escuro. — Então me dê o laptop para que eu possa trabalhar mais rápido.

— Receio que não possa fazer isso.

— Você realmente é um idiota. — Eu suspiro. — Quando vai me deixar ligar para minha família de novo?

Eu o sinto mudar de posição e ouço o farfalhar do tecido, e então ele estende o braço ao meu redor. Seu telefone está na palma de sua mão, com a tela iluminada com o nome do meu pai.

— Meu pai não vai saber que é você?

— Esse é meu número particular. Pouquíssimas pessoas o têm, e o pakhan não é uma delas. De qualquer forma, ele não pode ser rastreado. — Ele pressiona o ícone de discagem e eu levanto o telefone com cuidado até ao ouvido.

— O que foi? — O grunhido do meu pai entra na linha no momento em que a ligação é feita.

— Oi, pai, — eu me engasgo. — Sou eu.

— Vasya! Jesus Cristo, querida! Estamos ficando loucos. Onde diabos você está?

— Está tudo bem, não se preocupe.

— Não se preocupe? Você está desaparecida há dias! Está com um daqueles seus amigos punks de novo? Porque se estiver...

— Eu precisava de um tempo, pai, — murmuro.

— Você precisava de um tempo? Porque eu tirei seu laptop? Esta foi a quarta vez que reuni toda a Bratva para procurar por você, apavorado com a possibilidade de algo terrível ter acontecido! Achei que tinha superado suas birras de adolescente. Quero você em casa. Agora mesmo!

— Voltarei em breve. Dê um beijo na mamãe, na Yulia e no Alexei por mim.

— Não se atreva a desligar na minha cara! Vasilisa!

— Eu te amo, — sussurro e interrompo a chamada, minha visão ficando embaçada enquanto examino a vasta escuridão à minha frente.

Os barcos de pesca desapareceram e as águas estão lisas como

vidro, refletindo o luar distante. De repente, o silêncio é tangível. Nenhum outro som além da minha respiração.

E a de Rafael, tão perto de mim.

— Isso foi interessante. — A voz de Rafael rompe a tranquila quietude.

— Escutar as conversas particulares das pessoas é falta de educação.

— A escuta é definida como ouvir secretamente sem o conhecimento da outra parte. Tenho quase certeza de que os gritos de seu pai puderam ser ouvidos em Catânia.

— Semântica, — resmungo.

— O que ele quis dizer com ‘esta é a quarta vez’ que a Bratva está procurando por você?

— Tenho um histórico de fugir de casa periodicamente por alguns dias. A última vez que fiz isso, eu tinha dezessete anos.

— Sua maneira de tentar chamar a atenção para si mesma?

— Eu não estava tentando chamar a atenção. — Suspiro. — Meu pai é um homem superprotetor, controlador e totalmente paranoico que ama seus filhos mais do que tudo neste mundo. A maneira como ele demonstra esse amor, no entanto, pode ser um pouco demais para processar. Às vezes, isso me faz sentir como se estivesse sufocando. Quando eu era mais jovem, não sabia como lidar com isso. Então, algumas vezes, eu fugia e passava alguns dias com uma das minhas amigas para descomprimir.

— Ajudou?

— Um pouco. Não é como se eu pudesse confiar em alguém. Sabe, não tenho ideia de por que contei tudo isso a *você*.

— Porque está bêbada.

— Talvez. — Pego uma pedrinha do chão e a arremesso em direção ao mar. Ela não o alcança, é claro, apenas rola pela colina rochosa, indo parar enterrada em algum lugar na grama. — Não machuque minha família. Por favor.

— Cumpra sua parte do nosso acordo, e eu não machucarei.

— Eles não fizeram nada contra você. Por que deveriam arcar com as consequências de meus atos?

— Porque quando você está envolvido em um jogo de alto risco, Vespetta, você nunca está sozinho nesse campo de jogo.

Outro suspiro sai de meus lábios. — Você vai me deixar ligar para eles de novo?

— Sim. Se eu não estiver aqui, você pode pedir ao Guido.

— Eu preferiria evitar qualquer contato com seu irmão, a menos que não haja outra opção.

Não estamos nem nos tocando, mas sinto instantaneamente o momento em que Rafael fica parado atrás de mim. — O que ele fez? — As palavras soam tensas.

— Nada. Ele apenas deixou bem claro que não me quer aqui. — Eu me levanto lentamente, precisando me distanciar desse homem. Sua proximidade é muito mais agradável do que deveria ser. — Temos isso em comum, já que eu também não quero estar aqui.

O chão parece estar se movendo sob meus pés, fazendo-me tropeçar ao dar um passo à frente. Um braço masculino grosso envolve meu meio, esmagando-me contra um peito de músculos duros.

— Solte-me, — murmuro, enquanto tudo ao meu redor parece estar girando.

— E ver você mergulhar de cabeça? — Sua bochecha roça minha têmpora enquanto ele fala perto do meu ouvido. — Acho que não.

— Eu não vou...

Um grito me escapa quando Rafael desliza sua outra mão sob meus joelhos e me levanta em seus braços. Desde o momento em que ele se sentou atrás de mim, meu coração tem batido em dobro, mas agora parece que vai explodir. Minha atenção a ele é tão intensa que minha mente não consegue ver mais nada. Nem sequer tento discutir. Estamos tão próximos que posso sentir sua respiração em meus lábios. A essa distância, consigo distinguir um

pouco mais de seu rosto - a barba rala ao longo do queixo e as sobrancelhas proeminentes sobre os olhos sombreados, - mas suas características gerais permanecem ocultas, veladas pela noite.

O cheiro de cipreste e laranjas mexe com minhas narinas enquanto Rafael me leva pelos degraus de pedra irregulares que levam à mansão. Oliveiras margeiam a trilha em ambos os lados, criando um dossel natural e uma atmosfera de túnel sobre o caminho sinuoso. De vez em quando, o luar atravessa os galhos acima e projeta sombras angulares nítidas que dançam em seu rosto. Com apenas alguns centímetros entre nós, posso sentir cada movimento de sua estrutura poderosa. As vibrações enviam uma corrente elétrica que passa por todas as minhas células diretamente para a minha coluna.

E mais baixo.

Não deveria ser tão bom estar aconchegada a ele dessa forma. Mas é. Talvez seja o vinho. Não me sinto tão bêbada, mas não vejo outra explicação para o fato de eu gostar tanto de ser abraçada por ele.

— Se eu pedir desculpas por ter sido um péssimo anfitrião, você aceitará meu presente?

Levanto uma sobrancelha. — Certamente vou pensar nisso. Mas você precisaria dizer isso de fato.

Um rugido profundo e estrondoso preenche a escuridão enquanto ele ri.

— Sinto muito por minha insolência, — diz ele, com a diversão ainda persistente em seu tom. — E pelo tratamento que você recebeu dos meus homens. Hank foi enviado de volta a Chicago, portanto, ele não a incomodará novamente. — Essas palavras não têm nada da alegria da declaração anterior.

— Sozinho? E quanto a seu companheiro, Vinny?

— Vinny... foi dispensado.

— Você o demitiu?

— Mm-hmm. Acho que você poderia dizer isso. — Ele se inclina

quando passamos por baixo de um dos galhos mais baixos, e sua bochecha roça minha testa. — Vou pedir para alguém levá-la a Taormina amanhã para que você possa comprar as roupas que precisar. — A colônia dele mexe com minhas narinas, mas não daquele jeito irritante que me faz querer espirrar. Ah, não. Ela me chama, me incitando a chegar mais perto e dar mais uma cheirada.

— Você não pode me levar? — Eu digo.

Rafael para. Posso sentir seu peito subir e descer.

— Posso, — diz ele, sua voz soando cortada ao retomar o passo.
— Mas se você mudar de ideia, vou pedir a Otto para levá-la.

— Por que eu mudaria de ideia?

Ele não responde.

Sáímos do jardim de pedras e nos aproximamos da mansão pelo gramado imaculado. Não há mais árvores ao nosso redor, apenas grama fresca e canteiros de flores perfumadas, banhados pela luz suave da lua. Aquelas linhas no rosto de Rafael que eu achava que eram sombras dançantes? Elas permanecem no lugar, apesar da falta de galhos acima de nossas cabeças.

Rafael

Seixos rangem sob meus pés, os pequenos sons rompem o silêncio ao nosso redor, enquanto carrego Vasilisa. Sinto seus olhos em meu rosto enquanto subo os degraus do terraço. A luz acima das portas francesas que dão para a sala de estar está acesa. O mesmo acontece com o interior da casa. Não há mais sombras para me esconder.

Meu olhar está fixo no caminho à minha frente, e continuo me movendo com passos medidos. Ela gritará ou simplesmente desmaiará em meus braços? De alguma forma, duvido que minha pequena hacker grite, então me preparo para que seu corpo fique mole. Dou o último passo e paro diretamente sob a luminária.

Aguardando.

Passa um momento.

Respiro fundo.

Olho para baixo.

Por um segundo, fico surpreso com o quanto ela é bonita de perto. Dois olhos escuros focam em mim através de longos cílios de seda, passando por minhas feições, assim como os meus fizeram com os dela. Em geral, o tempo que leva para as pessoas desviarem o olhar depois de me verem é de alguns batimentos cardíacos. Mas Vasilisa não tem pressa, examinando cada linha irregular da bagunça que é meu rosto. Ela nem sequer pisca um olho. Talvez esteja em choque.

Finalmente, seu olhar encontra o meu.

— Eu poderia jurar que você era loiro, Rafael.

Semicerro os olhos para ela. — É só isso?

— O quê?

— Sua reação. Você não vai gritar?

— Oh, é preciso muito mais esforço para que um homem me faça gritar.

Meu pau fica instantaneamente duro. — É bom saber.

Continuo carregando-a pela casa, subindo as escadas - tudo isso com o maior tesão épico que já tive em tempos. Quando chego ao meu quarto, paro do lado de fora e a coloco gentilmente no chão.

— Otto estará esperando por você às dez horas para levá-la a Taormina para fazer compras amanhã. Compre o que quiser, não olhe os preços.

— Posso pegar minha camiseta e meu jeans de volta para a ocasião? Tenho certeza de que os vendedores vão me expulsar se eu entrar usando sua camiseta e nada mais.

Inclino-me ligeiramente para a frente. — Não se preocupe com isso.

— Se é o que diz. — Ela inclina a cabeça para o lado, simplesmente olhando para mim por alguns instantes, depois acrescenta. — E eu não mudei de ideia.

Em menos de um segundo, ela desaparece no quarto.

Fico olhando para a porta por alguns instantes, depois me viro e desço as escadas, diretamente para a ala leste. Quando entro no apartamento de Guido, ele está saindo do banheiro, passando a toalha no cabelo.

— Tivemos uma situação em Marselha, — diz ele, caminhando em direção ao seu armário. — Tentei te ligar, mas você não atendia o telefone.

Agarro sua nuca e o coloco de cara na porta do armário. — O que você disse a ela?

— Acho que não preciso perguntar quem é 'ela'? — ele murmura contra a superfície de madeira.

— Responda-me!

— Ela vai fazer com que você morra! Não entendo essa obsessão louca que você desenvolveu por essa garota, mas quando Petrov descobrir, ele vai fritar você!

— O que eu faço com minha vida não é da sua conta! — Aperto seu pescoço com mais força e me inclino para sussurrar em seu ouvido. — Se você voltar a perturbá-la, não vai gostar das consequências.

— Cristo, Raff. — Guido balança a cabeça. — Por favor, deixe-me providenciar alguém para levá-la de volta para casa antes que ela perceba quem você é. Porque estaremos condenados se ela perceber.

Eu o libero. — Tarde demais para isso.

— *Ohhhhh*, porra. — Guido joga a toalha no sofá e se vira para o bar.

Meu irmão raramente bebe álcool e só guarda algumas opções alcoólicas para quando Mitch vem aqui em casa. A relação dos dois remonta à nossa época nos EUA, e Mitch nos acompanhou até à Sicília quando nos mudamos. Guido não é de compartilhar os detalhes de sua vida amorosa, portanto, só sei o status de seu relacionamento de idas e vindas com o namorado com base na presença dessas garrafas. O irmãozinho esconde a bebida quando ele e Mitch terminam. Acho que isso significa que eles voltaram a ficar juntos agora.

Um minuto depois, Guido cai em sua poltrona reclinável, com três dedos de uísque no copo em sua mão. — O que acontecerá quando você a deixar ir e ela contar para o pai?

— Atravessaremos essa ponte quando chegarmos a ela, — digo a ele. — Preciso que você me arranje alguns funcionários da casa.

— Equipe da casa?

— Sim, já amanhã de manhã. Cinco empregadas adicionais. Dois jardineiros. A esposa de Rigobaldo ainda cozinha naquele restaurante em Messina?

— Acho que sim. Por que...

— Faça com que eles a demitam. Eu a quero aqui. Ela cozinhará

para nós.

Guido bebe sua bebida em um só gole e começa a tossir assim que engole. — Você odeia ter pessoas em casa, Raff. Estou tentando convencê-lo a contratar uma segunda empregada há muito tempo. Agora, de repente, você quer que eu consiga magicamente oito pessoas para trabalhar aqui durante a noite?

— Faça com que seja doze, e certifique-se de que eles possam entender inglês. E quero que eles façam barulho. Peça-lhes que discutam.

— O quê?

— Você me ouviu. Pelo menos quatro vezes por dia, quero ouvi-los gritar. Ou cantando. Ou reclamando de alguma coisa. Não me importa o quê, mas certifique-se de que eles estejam falando alto.

— Eu juro, você perdeu a cabeça. Pode ao menos me dizer por quê?

— Não. Apenas faça o que eu disse. Se Vasilisa perguntar, todos eles estão trabalhando aqui há anos. — Eu me viro para ir embora, mas paro na soleira da porta e jogo por cima do ombro: — Certifique-se de que eles abram e fechem as portas. Com frequência.

Capítulo 8

Vasilisa

Clang.

Aperto os olhos e os fecho rapidamente. Minha cabeça está me matando. Parece que alguém está fazendo buracos em minhas têmporas.

Clang. Clang.

— *Sbrigati, idiota. Ho bisogno di quella vernice.*

Mais tumulto. Pessoas falando alto em italiano.

O que está acontecendo?

Eu me arrasto para fora da cama e vou até à varanda para olhar por cima da grade. Dois homens de macacão branco estão apoiando uma porta enorme em um dos pilares de pedra maciça no terraço abaixo. O terceiro está se aproximando com um balde de tinta em uma mão e um pincel pequeno em outra. Mais à esquerda, em meio aos canteiros de flores, outro homem está aparando os galhos de um arbusto e cantando enquanto trabalha.

Atrás de mim, o som de pés correndo ecoa pelo corredor do lado de fora do meu quarto, seguido por vozes femininas. Várias delas. Que diabos está acontecendo? Torço o nariz e vou até à porta. Abro-a com um estalo e dou uma olhada para fora. Há uma empregada ligando um aspirador de pó em uma tomada no patamar, dizendo algo que não entendo para outra garota com uma pilha de toalhas dobradas nas mãos. Fico olhando para elas com espanto até que a mulher com o aspirador de pó me percebe.

— Oi. — Eu aceno para ela.

Por uma fração de segundo, ela simplesmente fica olhando para mim, depois olha para a garota das toalhas e vocifera algumas palavras rápidas em italiano. A outra garota grita algo de volta, joga as toalhas na

primeira e desce correndo as escadas.

Ooook.

Dou de ombros e fecho a porta. Ao me virar, estou pronta para ir ao banheiro quando meus olhos se deparam com a caixa de veludo vermelho sobre a mesa de centro. A tampa está aberta, revelando o lindo colar que Rafael deixou de presente para mim. Ele deve tê-lo trazido para cá enquanto eu estava dormindo. Ao lado da caixa de joias há um figo de aparência saborosa. Esse também foi roubado?

Aproximo-me da mesa de centro e me sento no sofá, bem em frente à caixa. A luz do sol que entra pelas janelas incide diretamente sobre as gemas cinzas, fazendo-as cintilar como pequenas chamas brilhantes. Aceitar necessidades como roupas e produtos de higiene pessoal de Rafael é uma coisa. Mas isso? Absolutamente não.

Como posso aceitar um presente de um homem que me mantém prisioneira? Isso definitivamente passaria a mensagem errada.

Hesitantemente, estendo a mão e acaricio o colar de diamantes com a ponta do dedo, incapaz de reprimir o pequeno sorriso que se insinua em meus lábios. A cor certamente combina bem com suas camisas. Como Rafael reagiria se eu realmente usasse o colar? Sua gota em Y é bastante longa, de modo que a pedra preciosa proeminente provavelmente alcançaria o vale entre meus seios. A simples noção de ter os olhos de Rafael em meu decote desperta as borboletas no meu estômago.

Mordo o lábio inferior, pego o magnífico colar e o coloco no pescoço. Exatamente como eu pensava, os diamantes na parte inferior do fio linear em forma de Y acabam aninhados entre minhas meninas. Fechando os olhos, deslizo as pontas dos dedos pelas lindas pedras, imaginando que é a mão de Rafael. Seu perfume preenche meus sentidos e percebo que os menores traços dele estão em meu cabelo, provavelmente porque ele me carregou no colo na noite passada. Ou talvez seja apenas o xampu dele.

Seja qual for o motivo, eu gosto.

Normalmente, eu me preocupo em garantir que as mãos dos homens fiquem longe de mim. Com Rafael, é o contrário. Sempre que ele

estive perto de mim, minha pele formigou com a necessidade de sentir seu toque, mas, na maioria das vezes, ele manteve distância. Devido à sua aparente indiferença em relação a mim, inicialmente pensei que ele não se sentia nem um pouco atraído por mim. Agora, no entanto, tenho certeza de que estava enganada a esse respeito. Não se trata de indiferença, mas de cautela. Aposto que ele acha que eu teria medo dele.

Jamais esquecerei a expressão em seus olhos quando ele passou sob a luz na noite passada, permitindo que eu o visse pela primeira vez. Tão dura. Feroz, até. Tenho certeza de que ele esperava que eu gritasse de terror depois de ver seu rosto. Mas cicatrizes não me assustam. De onde eu venho, a maioria dos homens carrega algum tipo de ferimento de batalha, tanto do lado de fora quanto onde ninguém pode ver.

Mikhail, o interrogador de meu pai, não só tem o rosto cheio de cicatrizes, como também não tem um olho, pelo que sei. Ainda assim, eu o acho muito atraente. Mesmo com um tapa-olho.

Depois, há meu tio Sergei, que ainda tem seus episódios psicóticos de vez em quando por causa do TEPT¹². Se a esposa dele não estiver por perto quando isso acontece, os transeuntes geralmente acabam se machucando ou pior.

Toda pessoa que é arrastada para o mundo do crime precisa lidar com as consequências. Essa é a realidade, e todos nós a vivemos. Ainda assim, eu me pergunto... O que aconteceu com o rosto de Rafael?

No entanto, isso não o torna menos atraente. Se as circunstâncias fossem diferentes, eu não me importaria de sair com ele. Para ser sincera, gosto bastante do tempo que passamos juntos. Especialmente as brigas. Sinto-me atraída pela aura de ameaça em que ele parece estar envolvido. Cativada por ela como uma mariposa seduzida por uma chama. E agora anseio por seu toque. A carícia de um homem que me mantém em cativeiro. Que detém o poder da vida e da morte na palma de sua mão e não hesitará em usá-lo contra minha família. O fato de eu desejá-lo está além de ser distorcido.

Rapidamente, solto o colar e o coloco de volta em sua caixa. Em seguida, pego o figo da mesa e vou até ao escritório de Rafael para devolver o presente, enquanto mastigo a fruta com prazer.

Trinta minutos depois, saio do banheiro, vestindo uma camisa cinza que vai até abaixo dos joelhos e uma gravata preta que serve de cinto. Meu cabelo recém-lavado e escovado está trançado nas costas e preso na ponta com fio dental. Os chinelos de pele falsa são o toque final em meu traje elegante. Estou pronta para minha viagem de compras.

Este dia pode se desenrolar de duas maneiras. Primeiro, eu volto para a mansão com algumas roupas adequadas. Ou dois, acabo sentada em uma sala acolchoada em frente a um cara de jaleco branco, respondendo a perguntas como: *Você ouve vozes?*

Descendo a ampla escada para o andar térreo, noto várias outras empregadas correndo, limpando as superfícies já bastante limpas. Dois trabalhadores que vi no terraço mais cedo estão removendo uma das janelas à esquerda da porta da frente. Pela fresta, vejo um jardineiro, que não é o mesmo de antes, ajoelhado no canteiro de flores próximo à entrada da garagem, arrancando ervas daninhas.

As notas de uma música italiana chegam até mim quando me aproximo da cozinha. Paro na soleira e dou uma olhada para dentro. Uma mulher alta de cabelos escuros em um vestido preto simples está trabalhando a massa na ilha, enquanto a música toca no pequeno rádio antigo no parapeito da janela. O cheiro de pão recém-assado mexe com minhas narinas, fazendo-me salivar só de sentir o aroma.

— Hum... Bom dia, — eu digo.

A mulher olha por cima de seu trabalho e me examina desde a ponta da minha trança, que eu puxei por cima do ombro, até às pontas dos meus dedos dos pés que aparecem sob a penugem dos meus chinelos. A expressão em seu rosto varia de surpresa a absoluta confusão.

— *Sei la ragazza di Raffaello?* — pergunta ela, com os olhos arregalados.

— Não tenho certeza de onde Rafael está. Desculpe.

— Eu, Irma. — Ela aponta um dedo coberto de farinha para si mesma e depois para mim. — Você. A garota de Rafael?

— Hum... definitivamente não. Prisioneira de Rafael seria um

termo melhor. — Aponto para mim mesma. — Vasilisa.

A mulher inclina a cabeça para o lado, dando-me outra olhada, e seus olhos param na gravata que usei como cinto.

— A garota de Rafael. — Ela acena com a cabeça. — Boa combinação.

— Não sou dele... — tento esclarecer, mas Irma já deu as costas para mim e está tirando algo do forno.

Inclinando-me sobre a ilha da cozinha, fico impressionada com a grande forma do que parece ser uma pizza de massa grossa em suas mãos. E, meu Deus, ela nem sequer está queimada.

— Vejo que já acordou. — A voz de Guido vem de trás de mim. Ele parece quase amigável.

Pego o prato com uma grande fatia de pizza que Irma me passa e me viro. — Vejo que sua equipe está de volta.

— Sim, — ele murmura, depois olha para mim. — Desculpe-me por ter me irritado com você no outro dia. Quando se trata do meu irmão, tenho a tendência de ser excessivamente protetor.

— Rafael não me parece ser alguém que precise da proteção de alguém.

— Somente quando se trata de protegê-lo de si mesmo, — diz Guido, olhando para o meu cinto com gravata. — Termine o trabalho que você precisa fazer aqui. O mais rápido que puder.

— Bem, esse é o plano.

— Os planos mudam. — Ele olha para cima, encontrando meu olhar. — Espero que este não mude, ou, receio que, acabaremos com cadáveres até à cintura.

Eu estreito os olhos para ele. — Do que está falando?

— Tenha cuidado. Quando meu irmão reivindica algo como seu, não há força na Terra que o faça desistir. Termine o trabalho. Depois, vá para casa, Srta. Petrova.

Observo as costas de Guido enquanto ele se ocupa com a máquina de café, imaginando o que diabos ele quis dizer com suas palavras enigmáticas. O relógio na parede mostra que passa um minuto das dez. Enfiando o resto do meu café da manhã na boca, saio da cozinha e corro para o hall de entrada, onde duas empregadas estão limpando o chão.

Um SUV Maserati cinza-escuro está estacionado do lado de fora da porta da frente, com suas janelas pretas refletindo o sol da manhã. Apoiado na lateral do veículo, com os braços cruzados sobre o peito, está o meu carcereiro em pessoa. Ele está usando calça social preta e colete, com uma camisa cinza por baixo, tudo imaculadamente ajustado para caber em seu corpo grande. As mangas de sua camisa de botão estão enroladas até aos cotovelos, revelando antebraços fortemente marcados e cheios de músculos. Seu cabelo escuro está penteado para trás e só agora percebo que ele tem uma pequena argola metálica na orelha esquerda.

— Bom dia, — murmuro enquanto sinto um rubor subir por minhas bochechas. Meu Deus, não acredito que realmente falei sobre o fato de os homens me fazerem gritar na noite passada.

Rafael inclina a cabeça para o lado, observando-me. O sol está brilhando diretamente em seu rosto, permitindo que eu veja cada imperfeição. Está claro como o dia que ele deve ter sido incrivelmente bonito antes de sofrer o que quer que tenha acontecido com ele. Um acidente de carro, talvez? Mas ele ainda é. Lindo. Apesar das cicatrizes. E depois, há aquela vibração perigosa que ele tem, que é seriamente sedutora. É como se o próprio ar ao redor dele estivesse carregado de energia desenfreada, avisando-me para ficar longe, mas, ao mesmo tempo, acenando para que eu me aproxime.

— Eu me perguntava onde estava a gravata.

Minhas mãos vão para a cintura, ajustando o ‘cinto’.

— Segunda gaveta à esquerda, com as demais. Hum... Reorganizei sua gaveta.

— Eu notei. Levei dez minutos para encontrar o que eu precisava hoje de manhã. A propósito, você dorme como um tronco.

— Você não pode simplesmente entrar no meu quarto, —

resmungo, aproximando-me do carro.

— *Seu quarto?*

— Tudo bem. Vou levar minhas coisas para outro cômodo.

— Não, você não vai, — diz ele, abrindo a porta do passageiro.

Pego a mão que ele me oferece e entro no SUV. — Por que não?

— Minha casa, minhas regras.

A porta se fecha com um estrondo.

Os passos de Rafael não têm pressa quando ele passa pela frente do enorme veículo e se senta ao volante. Ele pega os óculos de sol de aviador no painel e os coloca.

— Espero que o café da manhã de hoje tenha sido do seu agrado.

— Sim. Pizza caseira é o sonho molhado de todo prisioneiro.

— Ótimo. Se quiser comer alguma coisa em particular, diga a Irma e ela preparará.

— Quer dizer que eu posso escolher? — Eu mudo de posição, apoiando as costas na janela lateral e puxando as pernas para cima e para baixo da almofada do assento, a poucos centímetros da alavanca de câmbio. Apesar do meu coração acelerado, espero que essa posição faça parecer que não sou uma bola de nervos retorcidos. Isso também me permite ter uma visão direta de seu perfil.

— É assim que os chefs pessoais geralmente trabalham. Você lhes diz o que quer. Eles fazem acontecer.

— Talvez em sua casa. — Dou de ombros. — Em casa, geralmente temos que escolher entre uma seleção de alimentos marginalmente queimados, carbonizados e completamente não comestíveis. Nosso cozinheiro é, na verdade, um mecânico de máquinas pesadas sem nenhuma delicadeza quando se trata de utensílios de cozinha.

— Você pode demiti-lo.

— Demiti-lo? Igor me ensinou a amarrar meus cadarços e deixou que eu e Yulia trançássemos fitas de cetim em sua barba quando éramos

crianças. Ele é praticamente um membro da família.

Rafael entra em uma estrada mais larga que serpenteia entre a colina à esquerda e um pomar de oliveiras à direita. Quando ele troca a alavanca de câmbio, os nós de seus dedos tocam levemente meu joelho, causando uma onda de formigamento em todo o meu corpo. Minha mente se volta instantaneamente para a noite passada, para ele me carregando do jardim. Eu podia estar bêbada, mas me lembro de cada detalhe da sensação de ser abraçada por ele. O baixo pulsar em cada fibra do meu ser, desde o topo da cabeça até à ponta dos dedos dos pés. A consciência de cada ponto de contato entre nossos corpos. A sensação de não querer estar em outro lugar a não ser em seus braços.

Por que me sinto tão atraída por esse homem? Eu não deveria estar, considerando todas as coisas. Eu deveria desprezá-lo ou, pelo menos, desconfiar de seus jogos.

Talvez seja porque ele nunca foi paternalista comigo. Ele realmente ouve o que eu digo e não fica balançando a cabeça como um boneco enquanto me olha, esperando que fingir que está ouvindo torne mais fácil me arrastar para sua cama. Ou talvez seja porque, com ele, eu não preciso fingir ser algo que não sou.

Durante toda a minha vida, estive cercada por homens duros e perigosos. É com eles que estou acostumada e não consigo me ver fazendo uma conexão com um cara legal e despretenhoso. Eu tentei. Tentei de verdade. Nenhum dos homens com quem já saí me fez sentir um pingo da emoção que sinto simplesmente por estar sentada no mesmo carro que o enigmático Rafael De Santi.

— Você não pode encontrar outra função para ele, então? — pergunta ele.

— Quem? — Eu pisco os olhos em confusão. Do que estávamos falando?

— Seu mecânico de cozinha.

— Ah, sim. Hum.... Igor gosta muito de cozinhar. E assar, infelizmente, — murmuro. — É sempre Igor e minha mãe que fazem bolos de

aniversário. Você não vai querer saber como eles acabam.

— Por quê?

— Porque é o Igor quem dá as instruções. E minha mãe prepara a coisa.

— O que há de errado com isso?

— Igor não fala inglês. E minha mãe sabe exatamente dez palavras em russo.

— Que família peculiar. — Ele me olha de relance, com a boca arqueada em um sorriso provocador que faz coisas engraçadas em minhas partes femininas.

Quando ele volta a se concentrar na estrada, dou uma olhada em sua mão esquerda segurando a parte superior do volante. Normalmente, não gosto quando os homens usam joias - isso os faz parecer exagerados de alguma forma. Rafael tem três anéis - de ouro branco, ou talvez de platina. Dois em seu dedo indicador e um em seu polegar. Há também várias pulseiras de elos de corrente em seu pulso. Elas não deveriam ficar bem com seu traje elegante, mas, assim como a argola em sua orelha, elas realmente funcionam nele.

O dorso da mão, assim como o rosto, tem muitas cicatrizes. Olho para baixo e vejo sua mão direita apoiada no câmbio. Mais anéis. Outra pulseira, desta vez aberta, nesse pulso. E as cicatrizes são ainda piores do que as da mão esquerda. Talvez não tenha sido um acidente de carro. Será que ele ficou com essas marcas em um de seus ‘trabalhos’? Uma tentativa de assassinato fracassada que o levou a ser capturado e... torturado?

— E quanto à sua família? — Olho para cima e para o outro lado, concentrando-me na paisagem além do para-brisa. — Eles sabem o que você faz para viver?

— Nosso pai foi morto quando Guido era apenas um bebê. E desde que nossa mãe morreu, somos apenas Guido e eu. Tem sido assim há cerca de vinte e cinco anos.

Franzo a testa. Pensei que seu irmão tivesse vinte e poucos anos.
— Quantos anos tem Guido?

— Vinte e nove. Ele é dez anos mais novo do que eu. Eu o criei desde que ele tinha quatro anos.

— Mas isso significaria que você tinha quatorze anos na época.

— Correto.

Não, isso não é possível. Aos quatorze anos, ele ainda era basicamente uma criança. Fico olhando para Rafael, imaginando por um breve momento se ele está simplesmente brincando comigo. Mas não acho que esteja.

— Como? — Eu me engasgo.

— Determinação e tenacidade, com uma boa dose de teimosia na mistura, podem alcançar muitas coisas. Prometi a Guido que não permitiria que nos separássemos. — Ele olha para mim. — E eu sempre mantenho minha palavra. — Sua voz soa mais áspera. — Você deve se lembrar disso. Dessa forma, se em algum momento você tiver a ideia de fugir - por favor, não fuja.

Levanto as sobrancelhas. — Por favor?

— Sim. — Ele se vira para mim. — Porque executarei sua família se você fizer isso.

Eu interrompo nosso olhar fixo e volto a observar a paisagem pela janela. Não me interessa como ele conseguiu essas cicatrizes. Não dou a mínima para nada que tenha a ver com Rafael De Santi. Assim como Guido disse, farei o trabalho e depois vou para casa.

E nunca mais verei esse homem sem coração.

* * *

Pego a mão estendida de Rafael e saio do SUV (o assento é bastante alto, caso contrário eu não teria feito isso). Alguns metros à minha frente, um homem de terno está segurando a porta de uma boutique. Todo o edifício tem arquitetura em estilo barroco, com motivos florais elaborados e

estruque liso emoldurando a porta de entrada e as janelas nos andares superiores. O piso térreo tem muita pedra bruta e é segmentado em seções separadas por grossas colunas de pedra branca. Logo acima da entrada há uma placa discreta com o mesmo logotipo dourado das sacolas de compras que Rafael deixou do lado de fora do meu quarto.

— Este não parece ser um lugar que vende jeans e moletons, — comento.

— Tenho certeza de que encontraremos alguns, — diz Rafael e, colocando a mão na parte inferior das minhas costas, me leva para a frente.

— *Signor De Santi!* — Um homem de sessenta e poucos anos, vestindo terno e óculos escuros com armação de arame, vem correndo em nossa direção assim que entramos. — *Benvenuti!*

— Inglês, — diz Rafael ao meu lado, depois acena com a cabeça para um casal em uma vitrine de bolsas nos fundos. — Tire-os daqui.

— É claro. — O homem faz uma leve reverência a Rafael e se vira para o segurança que está na porta, falando com ele em italiano. Depois de uma breve troca de palavras, o segurança acena com a cabeça e vai até ao casal. Quase sem dizer uma palavra, ele praticamente os arrasta para fora e tranca a porta.

— Isso foi excepcionalmente rude, — sussurro.

Rafael se inclina, aproximando seus lábios da concha da minha orelha para sussurrar: — Não dou a mínima.

Inclino a cabeça para o lado, meu nariz se choca com o dele. — Pensei que os italianos fossem pessoas legais.

— Nem todos. — Seus olhos verdes se fixam nos meus como se estivessem me atravessando.

— Sim, alguns gostam de sequestrar mulheres indefesas.

— Exatamente. — Ele se endireita para encarar o cara mais velho de óculos. — Este é Baccio Albini, o proprietário. Ele vai garantir que você encontre tudo o que precisa.

— Com certeza. E as moças ajudarão com o tamanho,

recomendações de pares ou o que mais for necessário. — O proprietário faz um gesto para três mulheres com vestidos cinza sob medida que estão em frente ao antigo balcão de caixa branco brilhante. Elas parecem quase majestosas enquanto posam com as mãos fechadas com recato diante delas, mas não conseguem esconder a expressão em seus olhos. Cada uma delas está me encarando como se eu fosse uma espécie de alienígena de três cabeças. Acho que elas não recebem muitos clientes vestindo nada além de uma camisa masculina dez vezes maior.

— Hum... Obrigada. — Dou um sorriso para o homem mais velho e depois me dirijo à prateleira de blusas.

Quinze minutos depois, entro em um espaço luxuoso que aparentemente serve como camarim. No centro, uma espreguiçadeira branca e duas poltronas combinando que parecem ter saído diretamente da era vitoriana foram dispostas ao redor de um tapete redondo de pelúcia, criando um recanto elegante para sentar. Em cada extremidade da sala, há um estrado com um espelho de parede de três painéis em uma moldura dourada que fica de frente para a área de estar. As duas plataformas são cercadas por um trilho suspenso com um conjunto de cortinas de cetim que podem ser puxadas para oferecer privacidade a quem estiver aproveitando a vista de 360 graus.

— Tem certeza de que não quer experimentar mais nada, senhorita? — pergunta a vendedora que segura as roupas que escolhi.

— Com certeza. — Eu sorrio e pego a pilha de dois pares de jeans, quatro blusas e um par de sapatilhas dela. — Obrigada.

As outras duas vendedoras estão atrás dela com olhares que oscilam entre a confusão e a consternação. O Sr. Albini, no entanto, parece que pode ficar doente a qualquer momento.

— Nossa seleção não é do seu agrado? — ele engasga, com gotas de suor brilhando ao longo da linha do cabelo. — Posso lhe garantir que todas as peças aqui são de qualidade excepcional. Nós nos orgulhamos de oferecer as melhores roupas de toda a Sicília. Por favor, deixe-me mostrar-lhe nossos vestidos de grife. Somente a melhor seda de amoreira e renda Alençon da França.

— Sua mercadoria é linda, mas não preciso de mais nada no

momento.

— Mas... mas o Sr. De Santi disse que você precisa de tudo. Mais de vinte pares de calças. Blusas para combinar. Sapatos que complementem cada combinação. Vestidos. Alguns cardigãs, talvez. — O tom dele passa de excessivamente preocupado para o de pânico absoluto. — Como posso ir até lá e dizer a ele que, além dessas coisas selecionadas, você não conseguiu encontrar nada de que gostasse?

— Realmente, não preciso de mais nada além disso.

— Por favor, senhorita... — Albini implora, torcendo os dedos à sua frente. — O Sr. De Santi ficará muito descontente comigo. Posso lhe mostrar nossa seleção de vestidos de noite, pelo menos?

Sacudo a cabeça e saio da sala, dando um tapinha no braço do velho ao passar por ele. — Eu já volto.

A área externa da butique é enorme, repleta de prateleiras e estantes de madeira branca que combinam com o antigo balcão da frente, exibindo o melhor da alta costura. Ao lado, há uma elegante área de estar com um grande sofá de couro. Presumo que esse seja o lugar onde maridos, namorados ou amantes normalmente esperam enquanto suas caras-metades fazem compras. Parece que os sequestradores também são bem-vindos aqui, pois é onde encontro Rafael. Ele está encostado nas almofadas com os braços estendidos no encosto do sofá e um tornozelo apoiado no joelho oposto.

— Há algo errado, Vespeta?

Meus olhos se transformam em fendas estreitas. Maldito seja ele. Por que ele não poderia ter escolhido um apelido clichê como ‘linda’ ou ‘anjo’? Odeio esses. — O Sr. Albini está lá dentro quase fazendo xixi nas calças porque, evidentemente, não consegui pegar todos os itens de sua lista de compras. Ele está tão apavorado que estou preocupada que ele tenha um ataque cardíaco.

— Ele só tem medo de que eu o mate se ele não conseguir o que você precisa.

Reviro os olhos.

— Quero que fique confortável durante sua estadia aqui, Srta.

Petrova. Se minha intenção for prejudicada pela incapacidade de Albini de prestar um serviço aceitável, eu o punirei. Portanto... — ele acena com a cabeça na direção geral das prateleiras de roupas — ...é melhor começar a escolher coisas de que goste. Algo que não seja jeans sem forma e blusas largas, se possível.

— Gosto de jeans e blusas largas.

— Por quê?

— Porque... Eu... Eu simplesmente gosto deles, — respondo e desvio o olhar.

Detesto jeans sem forma e blusas largas.

Vestidos bonitos. Tops justos em cores vivas. Jeans skinny combinados com blusas de seda e saltos altíssimos. É isso que eu adoro usar. Isso me faz feliz. Especialmente os saltos altos, porque me sinto menos como a Polegarzinha do conto de fadas que mamãe gostava de ler para mim quando eu era criança. Pena que isso é exatamente o que faz com que as pessoas me vejam como uma vadia de cabeça oca toda vez que me visto.

— Você não quer que Albini acabe na sala de emergência em um dia tão bonito, quer?

— Tudo bem. — Inclino meu quadril e aponto um dedo para ele.
— Mas só para que você saiba, comprar um monte de roupas caras para mim não vai fazer com que eu goste mais de você.

Um pequeno sorriso se insinua nos lábios de Rafael enquanto ele apoia o queixo na palma da mão e me observa com diversão dançando em seus olhos. — Você não tem ideia de como eu acho esse pequeno fato surpreendente.

Ugh. Eu me viro e saio em direção à prateleira de blusas enquanto a risada profunda de Raphael me persegue. Enquanto eu estava examinando as seleções mais próximas, pelo canto do olho, notei o Sr. Albini e as três vendedoras espiando pela porta do provador ligeiramente aberta, com as cabeças empilhadas em uma fileira como emojis de rosto inclinado.

Rafael

Parece que minha pequena hacker está tentando se vingar de mim por fazê-la comprar mais roupas... pegando tudo na loja que está disponível no tamanho dela.

Coloco as mãos atrás da cabeça e vejo o mar de sacolas brancas espalhadas pelo chão ao redor do balcão da frente. Deve haver pelo menos cinquenta. Ela fez de Albini um vendedor feliz, isso é certo. Não me lembro de tê-lo visto tão empolgado quanto ele está nesse momento, enquanto toca o vigésimo terceiro par de saltos.

— Acho que esse é o último, Signor De Santi, — diz ele enquanto uma das vendedoras coloca a caixa em uma sacola.

— Ainda não. — Levanto-me do sofá e vou até Vasilisa, que parece um balão esvaziado em meio ao branco de suas compras. Quando ela começou a empilhar os itens no balcão, há mais de duas horas, estava parecendo muito convencida. Ela me lançou um olhar que dizia: *‘Você pediu por isso’*, e me lançou um sorriso malicioso. Aposto que ela esperava que eu a impedisse. Quando não fiz nada para restringir seus esforços, ela continuou trazendo mais e mais coisas para a frente, e seu rosto lentamente mudou daquele sorriso malicioso para um semblante exasperado. Agora ela parece apenas cansada. Não é de se admirar, depois de quase três horas experimentando roupas e sapatos.

— Acho que eles não têm mais nada do meu tamanho, — resmunga ela.

— Você esqueceu um vestido.

— Não preciso de um.

Meus olhos percorrem a loja e param na exposição de vestidos elegantes. A peça central é um vestido dourado que vai até ao chão. O decote quadrado expõe os ombros e instantaneamente traz à mente a beleza e a elegância atemporais. O corpete justo e transparente e as mangas longas são

de renda bordada, com um intrincado desenho floral, mas a saia plissada é toda de seda fluida de cor sólida. E, ao longo da frente, no lado direito, uma fenda de comprimento total que alcança a parte superior da coxa. O vestido é sofisticado e decadente ao mesmo tempo. Ficaria lindo em qualquer mulher. Nesta, em particular, ele ficaria muito sexy.

Assim como um par de sapatos de salto alto pretos com uma tira larga no tornozelo adornada com um fecho dourado. Os sapatos estão em um pequeno suporte próximo, mas já posso vê-los nas pernas bem torneadas de minha convidada involuntária.

— Albini, — digo e aceno com a cabeça para o vestido. — Sapatos também.

— Isso não vai servir, — murmura Vasilisa, seguindo meu olhar.

— Albini vai se certificar de que esteja ajustado. Vá experimentá-lo.

Os dentes delicados de Vasilisa afundam em seu lábio inferior, brutalizando aquela carne macia e almofadada enquanto ela observa as atendentes da loja retirando o vestido da vitrine. Com os olhos brilhantes e cheios de admiração, ela exala pura inocência e um desejo voraz, semelhante ao de uma criança que deseja seu doce favorito, mas sabe que não pode comê-lo antes de terminar o almoço.

— Tudo bem, — ela sussurra e segue atrás de Albini enquanto ele carrega o vestido em direção ao vestiário.

Espero alguns minutos e depois o sigo. O proprietário se posicionou na porta, com as mãos cruzadas à sua frente.

— É o traje mais requintado que temos, Signor De Santi. Cada ponto é feito à mão, costurado com um fio dourado. Tenho certeza de que a senhorita vai gostar...

Giro a maçaneta e entro no provador, fechando a porta na cara de Albini. As cortinas do outro lado estão fechadas, mas há um pequeno espaço entre os painéis. Quando me aproximo, vejo Vasilisa de relance. Ela está com os sapatos de salto alto pretos e sensuais nos pés, e a saia do vestido está um pouco levantada e parece estar girando no lugar.

— Hum... Acho que vou precisar de ajuda com os botões.

Olho para a vendedora que estava prestes a oferecer ajuda. —
Fora, — sussurro.

Ela fica tensa e sai correndo da sala, levando as outras duas atendentes com ela.

— Bem, não é tão ruim quanto eu imaginava. Apenas meio metro a mais, — continua Vasilisa por trás da cortina.

Agarrando os dois lados da pesada cortina, eu os separo, revelando Vasilisa enquanto ela segura a saia e examina a bainha.

— Mas esses botões na parte de trás são difíceis de... — ela olha para cima, seus olhos se arregalam ao me ver em seu espaço — ...alcançar.

— Vire-se.

Por alguns instantes, Vasilisa permanece imóvel, com seus olhos cor de ônix fixos nos meus, antes de se virar lentamente. Nossos olhares se chocam novamente no espelho, e eu mantenho seus olhos presos enquanto encontro o primeiro botão na parte inferior de suas costas. É pequeno e redondo, e preciso de duas tentativas para fechá-lo.

É por causa de meus dedos grandes?

Ou será que é simplesmente ela, atrapalhando minha concentração?

Passo as mãos até ao próximo botão, roçando levemente a pele sedosa ao longo de sua coluna com as pontas dos dedos. Ela treme ao meu toque.

É por medo?

Botão número três, pronto.

Outro arrepio.

Ou é por causa do desconforto de ter alguém como eu tocando-a?
Será que ela me acha repulsivo?

Acaricio suavemente a pele dela, languidamente desta vez, e aproveito o contato prolongado.

A respiração de Vasilisa fica acelerada. Talvez o vestido não seja suficiente. É apenas um pedaço de tecido, dificilmente uma compensação adequada por sua consideração por meus avanços. Mais joias, talvez? Ela ainda não usou o colar que comprei para ela. Talvez seja muito pesado para o dia a dia? Uma pulseira, então. Vou passar no meu joalheiro e ver o que ele tem em sua última coleção.

Só falta um botão, o último entre suas omoplatas. Coloco meu polegar na base de seu pescoço e o deslizo para baixo, sobre os picos e vales de sua coluna, maravilhando-me com a sensação de sua pele macia. Depois, fecho o último botão e fico observando minha princesa russa no espelho.

A delicada renda floral envolve a parte superior de seu corpo como uma segunda pele, o padrão acentuando sua pequena cintura e seus braços elegantes. A saia de seda esvoaçante cai ao redor de suas lindas pernas, escondendo-as da minha vista, exceto pelo pé direito, que aparece entre as dobras.

Ela parece etérea. Como se tivesse vindo de outro mundo.

Aproximo-me um pouco mais, de modo que minha frente toque suas costas, e me inclino até que meu queixo repouse no topo de sua cabeça.

— Diga-me, Srta. Petrova, quantos corações de homens foram pisoteados por seus pés minúsculos até agora?

Aqueles olhos escuros se estreitam no espelho. — Nenhum.

— Não acredito em você.

— Para ser capaz de esmagar o coração de alguém, ele deve ser dado a você primeiro, Rafael. Mas, por outro lado, o orgulho masculino... Sim, certamente houve algumas vítimas que viram o seu ser pisoteado.

— Disso, eu não duvido. — Estendo a mão e acaricio levemente a curva de seu pescoço. Seu pescoço nu. — Onde está o colar que comprei para você?

— Na caixa. De volta ao seu escritório.

— Por quê?

— Você não pode esperar que eu aceite presentes seus, Rafael.

— Você não pareceu ter problemas em comprar metade da butique. Por que mais uma pequena bugiganga seria importante?

— Eu estava me vingando de você por ter assustado Albini, e você sabe disso. Mas não vou usar joias compradas por um homem que está me mantendo como prisioneira. Você dá banho em todos os seus reféns com ouro e diamantes?

— Em minha experiência, as pessoas decidem descartar ou ignorar muitas coisas se o presente de compensação for caro o suficiente.

— Bem, desculpe-me ser eu a lhe dizer isso, mas o dinheiro não pode comprar tudo.

Suas palavras cortam meu peito como uma faca. Ela está se referindo ao fato de eu tê-la segurado contra sua vontade ou à minha aparência? Acho que é a segunda opção. A ideia do vestido foi estúpida. Qualquer pessoa pode comprar um vestido. Preciso lhe dar algo mais surpreendente. Mais requintado. Algo que a ajude a enxergar além da minha cara de merda. Mas e se não houver nada que a leve a fazer isso? Será que algum dia ela conseguirá fazê-lo?

Cerrando os dentes, dou um passo para trás. Minha mão se afasta do pescoço de Vasilisa, mas meus dedos continuam formigando por causa daquele contato muito breve. A irritação e a fúria se agitam em meu peito enquanto lhe dou uma última olhada no espelho.

— Está na hora de ir embora, — digo em um tom cortado e saio do vestiário.

Capítulo 9

Vasilisa

— Isso não pode estar certo, — murmuro, olhando para a tela do laptop.

— Algum problema, Vespeta? — A voz grave vem do canto do escritório onde Rafael está sentado.

Um agradável arrepio percorre minha espinha, como acontece toda vez que ele me chama assim, nesse tom específico. Rouco. Sedutor. Íntimo. Como um veludo macio deslizando sobre meu corpo, provocando minha pele. Minha pele nua.

Cerro os dentes, afastando as imagens mentais de mim nos braços de Rafael enquanto ele passa o dedo pela minha coluna, exatamente como havia feito há uma semana na Albini's. Foram apenas alguns toques leves, quase imperceptíveis, mas ainda não consigo tirá-los da minha mente.

— Eu consertei o repositório de armazenamento de dados anteontem, mas parece que alguém conseguiu estragar o software novamente, — digo, recusando-me a olhar para qualquer lugar que não seja a tela.

Já é difícil manter o foco com ele na sala, sentindo constantemente sua atenção em mim. Embora eu tenha me acostumado com os homens olhando para mim e aprendido a ignorar seus olhares anos atrás, é muito difícil ignorar os olhares de Rafael. Ele não me olha com olhos cheios de luxúria que parecem tirar minhas roupas, fazendo com que eu me sinta vulgar e, de certa forma, suja, como se não houvesse nada mais em mim do que uma carne bem torneada. Em vez disso, parece que Rafael está tentando descascar minhas camadas externas, ansioso para revelar o que está por baixo.

— Isso é lamentável. Você terá que consertá-lo novamente.

— Não consigo acreditar que um engodo glorificado de uma empresa possa gerar tantos problemas.

— Ela pode servir de fachada para minha empresa clandestina, mas os lucros dela são quase iguais aos de sua irmã mais velha.

— Então, nem todos os funcionários da Delta Security são assassinos de fato? — Pelo que vi enquanto trabalhava nos sistemas, há mais de cem funcionários em sua empresa de segurança privada.

— Claro que não. Apenas uma equipe de quatro homens por filial.

— Eles sempre vão em equipes? E se houver apenas um único alvo?

— Está planejando se tornar minha concorrente, Srta. Petrova?

— Não. Só curiosidade. — Dou de ombros. — Não precisa me dizer.

Mas eu realmente quero saber. Quero saber muito mais sobre ele. As informações aleatórias que obtive não são suficientes. Não que eu espere que ele me conte coisas confidenciais sobre seus negócios.

— A maioria dos contratos de sucesso é para um único alvo, — diz Rafael, surpreendendo-me. — Mas isso não significa que sejam fáceis. Estamos falando de indivíduos muito públicos, de alto escalão, que têm proteção pessoal rigorosa e geralmente residem em locais muito bem guardados. Se eles acabam em minha agenda, isso geralmente significa que meus rivais de negócios optaram por deixar o trabalho de lado, e não por falta de valor lucrativo. Dessa forma, mesmo que seja necessário apenas um agente para executar o alvo, para garantir que a infiltração e a extração subsequente ocorram sem problemas, ele precisa de apoio. Dois membros da equipe fornecem vigilância. Outro serve de apoio caso as coisas deem errado.

— Os trabalhos costumam dar errado?

— Às vezes. — Seu tom muda, a voz cai e soa quase selvagem. — Uma vez perdi uma equipe inteira.

— O que aconteceu?

— Um detalhe muito importante foi esquecido. — Ele pega a taça de vinho da mesa e, com passos rápidos, atravessa a sala, saindo para a varanda. — Eu não sabia que a mulher que fomos contratados para assassinar era a namorada de um assassino rival. O desgraçado executou todos os meus quatro homens antes mesmo que eles tivessem a chance de atingir o alvo. Maldito Mazur.

Ele lança a taça no corrimão da varanda. A taça se estilhaça, e o som da quebra ecoa pelo ar.

— Você matou o cara que massacrou seus homens, presumo.

— Não. — Rafael se inclina para trás no corrimão, cruzando os braços sobre o peito.

Um leve arrepio percorre minha espinha com a intensidade de seu olhar sombrio.

Ele não diz mais nada, apenas me observa de longe, como se estivesse esperando para ver se vou pedir uma explicação. Eu quero. O interesse que esse homem desperta em mim é incomparável. Toda vez que penso que *o entendi*, ele faz algo que contradiz minhas conclusões.

— Por que não? — pergunto, com um pouco de cautela. — Por que não retaliar pela morte de seus homens?

— Há regras em todos os negócios. No meu, não se aceita um contrato de assassinato contra um colega assassino ou sua família, independentemente do preço oferecido.

— Eu não esperava que houvesse uma etiqueta estabelecida em um negócio que lida com a morte.

— Há. — Sua mandíbula endurece. — Eu quebrei a regra. E meus homens pagaram com suas vidas por meu erro.

Um súbito desejo de ir até ele e oferecer algum tipo de conforto me domina. Mesmo com as sombras que obscurecem a maior parte de suas feições, a raiva e a autculpa estão claramente estampadas em seu rosto. Isso não combina com o fato de ele ver seus homens apenas como mão de obra contratada. Não se encaixa na imagem do empregador de merda que ele não negou ser. Rafael De Santi é mais do que quer deixar transparecer.

Olho para a nota adesiva que encontrei colada no canto da tela do laptop. É um desenho de uma cena desta manhã - de mim, enquanto tomava café da manhã no terraço. Sozinha. Eu acreditava que ele já tinha ido trabalhar naquele momento.

A prova desse pensamento errôneo está em minha mão. Sorrio com sua tentativa de capturar pequenos detalhes, especialmente usando nada mais do que uma simples caneta esferográfica. Somente eu seria capaz de dizer que as manchas meio borradas nas pontas dos dedos do rabisco que ele fez de mim são as manchas de marmelada de quando eu estava enfiando um croissant na boca.

Há mais quatro esboços como este, escondidos na gaveta da minha mesa de cabeceira. Toda vez que me deparo com um deles, preciso lutar para não cair na gargalhada como uma colegial. O que será que ele faz com os rabiscos que deixo para ele? Provavelmente joga meus desenhos toscos no lixo.

O telefone de Rafael toca.

— *Pronto*, — ele atende.

Ainda estou olhando para a nota adesiva quando a cadeira da minha mesa é repentinamente puxada para trás, com as rodinhas rolando suavemente pelo chão. — O que...

— Como diabos isso aconteceu? — Rafael se inclina sobre o laptop com o telefone encostado no ouvido.

Com ele tão perto, posso ouvir a fala abafada de um homem do outro lado da linha, mas seu inglês é muito acentuado, o que torna difícil entender o que ele está falando. Rafael pega o mouse sem fio com a mão livre e apenas acena com a cabeça para o que quer que o homem esteja dizendo, enquanto minimiza a grande quantidade de janelas na tela.

— Espere um segundo, Hans. — Ele abaixa o telefone na mesa e olha para mim.

— Você quer a cadeira? — Eu pergunto.

— Sim.

Aceno com a cabeça e começo a soltar minhas pernas debaixo da bunda enquanto me levanto, mas Rafael passa o braço em volta da minha cintura e me levanta.

— Calma, cara! — Protesto. — Eu estava me levantando.

— Talvez eu precise de você. Você vai ficar. — Ele cai na cadeira e me coloca em seu colo.

Fico olhando para o perfil de Rafael enquanto ele aproxima a cadeira da escrivaninha e pega o telefone novamente, enquanto mantém o outro braço apertado em volta do meu meio. Ele aciona a opção de chamada de vídeo e encosta o telefone no suporte de canetas da mesa. Um vídeo de um homem usando uma balaclava preta, de modo que apenas seus olhos ficam visíveis, preenche a tela. Sua localização parece ser uma sala elegante, com móveis luxuosos e pinturas ao fundo.

— Continue, — diz Rafael ao rapaz, enquanto pega novamente o mouse.

— O alvo acionou um controle oculto de algum tipo, pouco antes de Allard executá-lo, e isso selou os dois dentro do quarto do pânico.

— Você não consegue chegar a Allard pelo lado de fora?

— Negativo. A porta é de aço reforçado e não temos nada que possa rompê-la. Não há outra maneira de entrar. Tentamos anular o sistema a partir da placa de controle principal dentro da casa, mas o quarto do pânico é uma rede isolada. Seus circuitos não estão integrados à segurança principal da casa.

Na tela, duas janelas se abrem lado a lado. A primeira mostra um homem vestido com equipamento tático, com várias armas presas ao peito, descansando em uma cadeira de aparência antiga com um copo de líquido âmbar na mão. Suponho que seja ele quem está preso no quarto do pânico. A outra transmissão de vídeo mostra Mitch, o chefe de TI de Rafael, que finalmente conheci pessoalmente na sede da Delta Security enquanto fazia uma atualização de firmware no servidor principal ontem. Ele está sentado na cama, vestindo uma camiseta verde brilhante de aparência familiar. Tenho quase certeza de que é de Guido.

— Que tal substituí-lo por dentro? Allard?

— Não é possível. — O cara com a bebida diz. — O mecanismo de travamento exige um código de treze dígitos para abrir a porta. Só é permitida uma única tentativa, caso contrário, um alarme é enviado diretamente para a força de guarda deles.

Rafael aperta a ponte de seu nariz. — Mitch?

— Estou dentro do sistema da empresa de segurança, tentando encontrar o código de acesso à porta, mas todos os dados dos clientes estão criptografados. As ferramentas de descryptografia que tentei até agora falharam.

— Continue tentando. Quanto tempo temos?

Mitch dá uma olhada em seu relógio de pulso. — Um pouco mais de uma hora. Precisamos tirar Allard de lá antes que a equipe chegue às sete. A pontualidade é como uma maldita religião no Japão.

A pressão do braço em volta da minha cintura aumenta. Rafael inclina a cabeça, fixando-me com seu olhar. — Quanto tempo você levaria para decifrar um código de treze dígitos?

— Cerca de quatro horas, — eu digo.

— Foda-se.

— Foi uma honra trabalhar para você, chefe. — O homem - Allard - toma um gole de sua bebida e a coloca sobre a mesa próxima. — Diga aos rapazes para se retirarem, — ele diz e engatilha sua arma.

— Allard! — Rafael rosna e bate com o punho no tampo da escrivaninha com tanta força que eu pulo em seu colo. — Guarde a porra da arma no coldre!

— Todos nós sabemos como os Yakuza lidam com aqueles que matam um dos seus. Eles levam a tortura a outro nível. Não podemos correr o risco de que eles me encontrem vivo.

Mordo o lábio inferior, meu olhar oscila entre Rafael e o homem preso na tela de vídeo. Nenhum funcionário comum estaria disposto a se matar para proteger seu empregador. Não importa o que Rafael tenha me dito,

seus homens obviamente se preocupam com ele. E ele com eles.

— Há um computador em algum lugar da casa? — pergunto.

Três pares de olhos se voltam para mim imediatamente através das telas. Não percebi que a câmera do nosso lado da conversa também estava transmitindo.

— Por quê? — A voz de Rafael ressoa perto de meu ouvido.

Viro-me para encará-lo e bato em seu nariz com o meu. — Tudo hoje em dia exige credenciais de login. Aplicativos de entrega de comida. Serviços de streaming. Até mesmo o maldito aplicativo para operar um robô aspirador de pó. Ninguém consegue guardar toda essa porcaria na cabeça.

— Tenho quase certeza de que o *kumichō* da organização Yakuza não se preocupa com aspiradores de pó, Vespetta.

— *Entãooooo* não é esse o ponto aqui. — Eu reviraria os olhos, mas a situação parece perigosa. — O que quero dizer é que todo mundo tem um arquivo secreto em seu PC onde mantém uma lista de suas senhas e códigos. Você não tem?

— Sim.

— Aí está. — Olho diretamente para a câmera e direciono minha pergunta para o cara que está usando a balaclava. — Você viu um laptop ou um computador de mesa em algum lugar?

— Um. No escritório, — ele responde em um inglês fortemente acentuado. Ele parece alemão. Presumi que os homens que trabalham para Rafael fossem todos italianos, mas com base no fato de que essa conversa está acontecendo em inglês e na variedade de sotaques na linha, parece que a equipe do Siciliano foi reunida em todo o mundo.

— Ótimo. Vou acessá-lo daqui. Vá até lá e me dê o endereço IP.

— E se estiver trancado?

— As pessoas são preguiçosas, — eu digo. — As senhas de computadores pessoais geralmente têm menos de oito caracteres. Conecte seu telefone ao laptop e execute o programa. Pedirei a Rafael que lhe envie o link. Não deve demorar mais do que dez minutos para entrar.

O cara da balaclava acena com a cabeça e, na respiração seguinte, ele está correndo pela casa.

Por acaso, o proprietário do elegante quarto do pânico deve ter sido um dos seres humanos mais preguiçosos. A senha de seu laptop tinha apenas seis dígitos, nada mais. Meu decifrador de código encaminhado a decifra quase instantaneamente, permitindo que eu conecte o laptop de Rafael ao do morto em menos de um minuto.

Encontrar o arquivo de que precisamos, no entanto, leva quase uma hora inteira. Em geral, as pessoas tendem a usar a mesma palavra como senha em vários aplicativos. Elas variam um pouco com caracteres especiais, mas a raiz permanece inalterada. Primeiro, executo uma verificação da mesma palavra-chave do login do laptop e, em seguida, configuro filtros para pesquisar todos os arquivos em busca de documentos que contenham várias sequências de letras repetidas. Com opções reduzidas, examino cada resultado sinalizado manualmente, esperando que o próximo que eu abrir seja a lista de senhas. O fato de eu estar usando simultaneamente o aplicativo tradutor para ler cada documento, apenas para descobrir se é o que estou procurando ou uma receita de sopa de missô caseira, torna tudo mais difícil. Meus olhos ardem e minha cabeça está me matando por causa do esforço constante quando finalmente encontro o que estou procurando.

— Ali. — Aponto para a combinação de números no meio do documento, que está logo abaixo das credenciais de login de um site de streaming de pornografia. — O código de acesso ao quarto do pânico.

Um leve arrepio percorre minha espinha quando Rafael pega meu queixo e inclina minha cabeça para encará-lo. Seus olhos se fixam nos meus e, por um momento, esqueço como respirar.

— Se estiver errada, você acabou de assinar a sentença de morte do meu homem. — Sua voz é baixa e levemente ameaçadora, mas o olhar em seus olhos não contém ameaça. Apenas admiração. — Tem certeza?

— Tenho certeza, — digo, exalando o fôlego reprimido.

Rafael acena com a cabeça e solta meu queixo, depois se vira e dita o código para Allard. Perplexa, fico olhando para o perfil severo de Rafael. Não há mais perguntas. Ele não me pede para confirmar mais uma

vez. Não exige uma explicação do motivo pelo qual estou confiante de que minha conclusão está correta, nem pede que Mitch a verifique novamente. Ele está simplesmente pronto para arriscar a vida de seu homem apenas com a minha palavra. Ao fazer isso, ele está confiando em mim e em minhas habilidades. Acredita em mim.

Uma sensação de satisfação e orgulho cresce dentro de mim, invadindo cada célula do meu ser. Todas as vezes que tirei nota máxima em testes na faculdade não se comparam a essa sensação. Todas as vezes em que fui bem nas provas da faculdade não se comparam a essa sensação.

Olho de volta para a tela, onde Allard está agora de frente para o painel de controle na porta, com a câmera ampliada na pequena tela estreita acima do teclado. Aspiro o ar para dentro dos pulmões e o seguro, observando-o digitar os números. Quando ele digita o último dígito, há um clique quase inaudível, mas que ecoa como um trovão na linha.

Funcionou.

Rafael pega seu telefone e o desliga, depois fecha a tampa do laptop. Naquele instante, sentada em seu colo, completamente imóvel, eu me torno hiperconsciente de cada ponto de contato entre nossos corpos e de cada sensação que cada conexão evoca. Seu braço grosso e musculoso envolvendo minha cintura. O calor que se infiltra em seu peito quando ele o pressiona contra minhas costas doloridas. O leve formigamento em minha bochecha, onde sua barba por fazer roça minha pele.

— Eu nunca teria pensado nisso. — Voz profunda e rouca bem perto do meu ouvido. — Você também encontrou uma lista de minhas senhas?

— Sim, — eu digo. — Você realmente precisa de algo mais criativo do que *desanti1234* para seu aplicativo de banco on-line.

Uma risada abafada vibra em mim. — Você já se sentiu tentada a enviar outra doação para um coral de igreja, talvez?

Não consigo reprimir o sorriso que se insinua em meus lábios. — Muito.

Rafael roça levemente meu queixo com o polegar. — Obrigado

por ajudar a salvar a vida de meu amigo.

— Um amigo? — Levanto uma sobrancelha. — E eu que pensava que seus funcionários eram apenas isso - funcionários. Ele teria realmente se matado para evitar ser capturado?

— Sem dúvida. Quando conheci Allard, ele estava apodrecendo em uma cela de uma prisão chinesa, condenado por espionagem política em nome da França. Seus anfitriões não muito gentis estavam ‘trabalhando’ com ele há semanas, e ele insistia em sua inocência e que tinha ido à China como estudante em um programa de intercâmbio. Eu o tirei daquele inferno.

— Então você salvou um homem inocente. Isso é nobre. Mas o que estava fazendo em uma prisão chinesa?

— Cumprindo um contrato de assassinato para o governo francês - eliminando seu ativo mais elogiado, mas recentemente comprometido. — Um sorriso malicioso surge nos lábios de Rafael. — Zacharie Allard.

Eu bufo. — Então, afinal, não é inocente?

— Não.

— Você desistiu do trabalho, então?

— Liguei para o meu contato no governo francês e disse que tinha o garoto. Também disse a eles que o homem deles não havia quebrado seu disfarce. Mesmo assim, eles insistiram que eu prosseguisse com a neutralização dele. — A mandíbula de Rafael endurece. — Allard resistiu a dias de intensa tortura física e mental, tudo isso sem revelar um único segredo. E seus superiores ainda decidiram recompensar sua lealdade com uma sentença de morte. Então, sim, eu desisti do contrato.

— E recrutou Allard para trabalhar para você.

— É claro. Eu lhe ofereci o triplo do salário que ele estava recebendo de sua agência traiçoeira. Foi um dos melhores negócios que já fiz.

— Você não acha que, talvez, o fato de você ter salvado a vida dele tenha algo a ver com o fato de ele ter concordado em trabalhar para você? Não o dinheiro.

— O dinheiro é a força suprema que faz o mundo girar. As

pessoas podem não gostar dessa verdade, mas isso não a torna menos real. — Seu dedo está em meus lábios agora, traçando o formato do inferior.

— Está enganado, — murmuro, cativada por seus olhos que olham para os meus.

— Eu não imaginava que fosse ingênua, Vespetta. Mas você é jovem e ainda tem muito a aprender.

O telefone de Rafael começa a tocar novamente. O toque em meus lábios desaparece quando ele pega o aparelho na mesa e o encosta no ouvido.

— *Guido? Cosa è successo?*

Assim que Guido começa a falar do outro lado da linha, Rafael salta da cadeira. Comigo ainda sentada em seu colo, e ele mantendo um braço em volta da minha cintura, acabo pendurada meio metro acima do chão, com minhas costas coladas em seu peito.

— Rafael! — Puxo seu antebraço. — Você se importa?

O aperto em torno do meu meio se afrouxa um pouco. Apenas o suficiente para que eu deslize lentamente pelo seu corpo, permitindo-me sentir o roçar de cada centímetro daquela frente dura como uma rocha contra mim.

— *Merda. Venti minuti*, — ele grita ao telefone.

A mão ainda em meu quadril desaparece e, no momento seguinte, Rafael está atravessando a sala em direção à porta que dá acesso ao quarto. Ele ainda está falando em italiano rápido e, embora eu não tenha a menor ideia do que ele está dizendo, o tom cortado de sua voz deixa claro que algo está errado. Em alguns passos largos, ele interrompe a chamada e entra no ‘meu’ quarto.

Corro atrás dele, com meus saltos fazendo barulho no piso de madeira. Sem moletons ou calças largas disponíveis na Albini’s, meu novo guarda-roupa consiste em jeans skinny, shorts e blusas bonitas. Comprei alguns tênis de lona, mas eles ainda estão encaixotados e escondidos debaixo da cama porque tenho usado salto na maior parte do tempo.

Não me lembro da última vez em que me vesti tão bem e não me

senti mal por isso. Também não há diferença no comportamento de Rafael em relação a mim - ele me trata exatamente da mesma forma que fazia quando eu andava por aí com suas camisas do tamanho de uma barraca. É um alívio e tanto. Mas, ao mesmo tempo, estou me sentindo um pouco frustrada. Hoje, vesti uma blusa com um decote particularmente baixo e ele não olhou para os meus seios nem uma vez sequer. Não que eu queira que ele olhe.

Bem, talvez um pouco.

Ugh.

Esse homem confunde todos os meus sentidos, e eu nem sei mais o que quero.

Alcanço Rafael quando ele está entrando no closet. Momentaneamente confusa quanto às suas intenções, quase não percebo quando ele pressiona o polegar na pequena tela montada na parede atrás da fileira de seus ternos. Um clique quase inaudível soa e a parede traseira do closet começa a deslizar para o lado. No instante seguinte, Rafael desaparece em uma sala anteriormente oculta.

Tentando ser o mais silenciosa possível, passo na ponta dos pés pela abertura onde Rafael separou os paletós e me encontro em um cômodo que tem cerca de metade do tamanho do closet. Um balcão percorre toda a parede oposta e o espaço abaixo dele é preenchido com dezenas de gavetas. Acima, quase até ao teto, há cubículos, prateleiras e suportes, mas não são roupas que eles guardam. São armas. Facas. Dezenas de revólveres de vários calibres. Rifles de longo alcance. Em um dos cantos, caixas de utilidades estão empilhadas quase na altura da cintura, e mais armas estão encaixadas em porta-armas montados em ambos os lados da sala.

A última vez que vi tantas armas em um só lugar foi quando o tio Sergei me mostrou seu arsenal (bem, um deles, pelo menos). Cometi o erro de contar a papai e acabei ficando de castigo por uma semana. Tio Sergei ficou com o lábio machucado por vários dias. Se papai descobrisse que meu tio me ensinou a usar a maioria das armas daquele arsenal (o outro contém explosivos e armas de assalto, e o tio Sergei nunca me deixou vê-las, infelizmente), ele ficaria completamente louco.

Rafael abre uma das gavetas superiores abaixo do balcão e retira

algumas caixas pequenas, colocando-as sobre a bancada à sua frente. Munição. Ele tira o paletó preto do terno e o joga no balcão também, revelando a camisa cinza-escura que veste por baixo. Em outra gaveta, ele seleciona um arnês de ombro e o coloca, ajustando as alças. Depois de pegar duas pistolas na prateleira à sua frente, ele verifica a munição e, em seguida, coloca as pistolas e os carregadores extras em seus coldres.

— Rafael? O que está acontecendo?

— Esta está se tornando uma noite agitada. Tenho que resolver um mal-entendido no porto. — Ele se aproxima da parede lateral e pega um dos rifles montados e, em seguida, retira uma caixa com munição de outra gaveta próxima.

— Você costuma resolver mal-entendidos com uma Remington?
— Eu me engasgo enquanto o pânico aumenta em meu peito.

A cabeça de Rafael se levanta e seu olhar se choca com o meu, enquanto um canto de seus lábios se curva para cima. — É preocupação que ouço em sua voz, Srta. Petrova?

Meu corpo fica rígido. — Não. Acho que você confundiu isso com excitação.

Um olhar estranho se instala em seu rosto e, sem tirar os olhos dos meus, Rafael dá um passo em minha direção. Eu dou um passo para trás. Ele continua avançando, eu continuo recuando. Até que estou novamente no closet e minhas costas estão pressionadas contra o cabideiro de suas camisas. Rafael para na minha frente e se inclina até que nossos rostos se alinhem.

— Nunca conheci uma mulher capaz de identificar uma marca específica de rifle tático, — diz ele, com o espanto brilhando em seus olhos.

Respiro fundo e meus receptores olfativos se enchem com o cheiro dele. Fresco. Sedutor. Meu olhar se volta para seus lábios. Duas cicatrizes grossas cortam a parte inferior, tornando-a deformada, antes de continuar descendo pelo queixo. Como seria a sensação de ter esses lábios nos meus? Qual seria o gosto deles? Levanto a mão, pressionando a palma em seu peito. Espero que isso seja suficiente para me impedir de me inclinar ainda mais e tentar descobrir por mim mesma.

Rafael estende a mão e passa os nós dos dedos em minha bochecha. — Você pode ficar com o laptop para terminar o que começou, mas a atividade nesse dispositivo é monitorada. Se você se inspirar para entrar em contato com alguém on-line ou compartilhar coisas que sabe que não deve, lembre-se de que uma palavra minha e sua família perderá a vida em minutos.

E, sem mais nem menos, minha preocupação com ele se transforma em raiva.

Eu o empurro para longe e saio correndo da entrada e volto para o escritório para pegar o maldito laptop. Não vejo a hora de acabar com essa porcaria para poder voltar para casa. Achei que esse ‘trabalho’ duraria apenas alguns dias, mas já estou aqui há quase três semanas.

Nós dois entramos no quarto ao mesmo tempo. Estou indo em direção à cama com o laptop debaixo do braço, enquanto Rafael vai da entrada para a porta. Quando passamos um pelo outro, nossas mãos se tocam levemente.

O toque dura menos de um batimento cardíaco, mas parece que as costas da minha mão estão chamuscadas. Subo na cama enorme e, dobrando as pernas sob a bunda, abro o laptop à minha frente.

— Durma bem, Vespeta. — Sua voz rouca vem da entrada.

Não me dou ao trabalho de levantar os olhos da tela, simplesmente levanto a mão e dou o dedo do meio. Uma risada estrondosa preenche o espaço entre nós antes que a porta se feche em seu rastro.

Uma hora depois, ainda consigo ouvir o rugido da risada em minha cabeça.

Rafael

Saio do carro. — Quem deu a partida?

— Rizzuto, — diz Aurelio, meu principal homem no Porto de Catânia. — Um dos guindastes está fora de operação desde sexta-feira, causando atrasos. Rizzuto tentou subornar o agente de carga para ser colocado no topo da fila da alfândega de importação, passar pelas inspeções e sair pelo portão. Ele ficou furioso quando não o fizeram. A segurança do porto se envolveu e houve um confronto. Rizzuto se escondeu nos escritórios da administração, tomando os operadores do terminal como reféns, e está ameaçando começar a atirar a menos que sua carga seja processada e liberada hoje à noite.

Olho para o terceiro andar do prédio que serve como torre de controle do porto. Rizzuto é um dos maiores contrabandistas de álcool da Sicília. Ele traz vinhos franceses e espanhóis de alta qualidade e paga subornos pesados para que os funcionários do porto e da alfândega carimbem as autorizações necessárias. Não dou a mínima para o que ele está vendendo, contanto que cumpra sua parte do acordo e que deposite meio milhão em minha conta bancária anualmente por permitir que ele use o porto de Catânia. Os atrasos não são incomuns, como Rizzuto bem sabe. E ele não tem um histórico de ser irracional.

— Alguém verificou os contêineres dele? — Eu pergunto.

— Não. Eles ainda estão nas pilhas.

— Vamos dar uma olhada neles.

Mesmo em uma hora tão tardia, o porto está fervilhando de vida. Ordens gritadas enchem o ar enquanto a carga é carregada e descarregada dos navios por guindastes de pórtico. Empilhadeiras e tratores de terminal circulam pelo pátio de armazenamento, empilhando os contêineres que, em seguida, passam por inspeções finais antes de serem liberados para despacho e carregados nos caminhões de distribuição. Não gosto de toda essa agitação,

por isso só venho aqui quando é absolutamente necessário. Assassinar pessoas é muito mais fácil do que trabalhar com elas.

— Abra o primeiro, — digo ao estivador que está ao lado dos três contêineres verdes na área de armazenamento temporário.

O homem se apressa para destrancar as portas basculantes resistentes e sai do caminho. Pego o pé de cabra de Aurélio e entro.

Caixas de madeira com o logotipo de uma conhecida vinícola francesa em Bordeaux estão empilhadas ordenadamente umas sobre as outras, preenchendo quase todo o contêiner de aço. Um leve odor de madeira permeia o ar. Enfio a ponta do pé de cabra entre as duas tábuas do engradado mais próximo e empurro. As tábuas se quebram e se estilhaçam. O pó branco derrama-se da embalagem plástica que foi rasgada pela borda quebrada da estrutura da caixa destruída e escorre para o chão ao lado do meu sapato. Pego uma gota das partículas finas com meus dedos e as levo à boca. Cocaína.

Cuspindo os traços amargos, jogo o pé de cabra de lado. — Encontre um local adequado e incinere toda a carga. Quero isso pronto pela manhã, Aurélio.

— Claro, chefe.

Aceno com a cabeça e volto para a rua, enquanto a fúria me invade por dentro. Só há uma pessoa na ilha que consegue colocar as mãos em uma cocaína tão pura.

Guido está descansando ao lado de seu carro esportivo, conversando com um dos motoristas de empilhadeira, mas quando me vê voltando para a torre de controle, ele vem em minha direção. — Aurelio me mandou uma mensagem. O que está acontecendo?

— Calogero tentou contrabandear suas drogas na carga de Rizzuto. — Pego o rifle na traseira do meu SUV e fecho a porta.

— Droga. Tem certeza de que é dele?

— Sim. — Eu engatilho o rifle e me dirijo à entrada principal da torre. — Vá ajudar Aurelio a organizar a queima dessa merda, — digo a meu irmão por cima do ombro.

O nível inferior do edifício é um grande depósito, usado para armazenar máquinas e cargas que foram retidas no porto por vários motivos. Os andares superiores estão repletos de escritórios administrativos. Minhas pisadas fazem sons ocos quando subo as escadas de metal até ao nível superior, onde estão localizadas a sala de controle e o centro de operação do porto.

— Ele se acalmou? — Pergunto ao homem que está de guarda na porta.

— Um pouco. Ele ainda não deixa ninguém sair da sala, mas parou de sacudir a arma depois que dissemos que você estava aqui.

Aceno com a cabeça e entro na sala de controle.

Rizzuto está sentado em uma das cadeiras, de frente para a parede de janelas com vista para o terminal de contêineres, com a arma casualmente pendurada nas coxas. Quatro operadores estão reunidos no canto oposto, com olhos frenéticos.

— Rafael! — Rizzuto sorri. — Estou muito feliz que tenha conseguido vir. Espero que possamos resolver esse mal-entendido rapidamente para que eu possa ter minha carga processada e seguir seu caminho como planejado.

Seus olhos se voltam para o rifle em minha mão, e o sorriso imediatamente desaparece de seu rosto. — Humm.... Desculpe-me se exagerei, mas estou com a agenda muito apertada.

Puxo uma cadeira para mim, posicionando-a em frente a Rizzuto, e me sento. — Por quê a pressa?

— Tenho um novo comprador. Não é um sujeito muito paciente. — Ele tenta esconder o nervosismo por trás de sua postura casual, mas vejo as gotas de suor em sua têmpora.

— Mm-hmm. Diga-me, quanto Calogero lhe pagou para contrabandear a cocaína dele pelo meu porto?

O rosto de Rizzuto empalidece.

— É minha, — ele se engasga enquanto segura a arma com mais

força. — Você sabe que eu não ousaria trazer as drogas da Cosa Nostra para cá. Juro pelo túmulo de minha mãe, Rafael. Eu...

Encosto o cano do meu rifle em sua testa e puxo o gatilho. A parte superior da cabeça de Rizzuto explode em uma bagunça de ossos, sangue e massa encefálica, com parte da carnificina sendo impulsionada pelo vidro quebrado. Abaixando o rifle, eu me levanto e saio da sala, passando pelo grupo de trabalhadores histéricos ao sair.

Do lado de fora do prédio, encontro Guido ao lado de seu carro novamente, olhando para o sangue e os pedaços de carne espalhados pelo para-brisa.

— Que merda, Rafael! — ele grunhe. — Você pode parar de sujar meu carro com os restos mortais das pessoas? Isso é nojento!

— Desculpe. Esqueci que você estacionou logo abaixo. — Lanço o rifle ensanguentado no banco de trás do meu veículo. — Certifique-se de que todos mantenham a boca fechada sobre o que aconteceu aqui esta noite. Vamos ver o que Calogero fará quando perceber que suas drogas nunca saíram do porto.

— Ele provavelmente enviará seus homens para investigar.

— Se ele fizer isso, você sabe o que precisa ser feito. — Deslizo para trás do volante e piso no acelerador.

Quando chego em casa, tomo um banho no quarto de hóspedes e entro no meu quarto. Minha pequena hacker está enrolada em minha cama - dormindo - ainda usando a mesma roupa que estava usando quando saí. Os dois botões superiores da blusa de seda pêssego-claro estão abertos, revelando um vislumbre do sutiã de renda branca por baixo. Meus olhos deslizam por suas pernas, vestidas com jeans skinny brancos, até às sandálias de salto agulha marfim presas em seus pés delicados. Ela obviamente cochilou enquanto trabalhava, já que meu laptop está aberto ao lado dela na cama.

Eu me inclino e cuidadosamente desaperto a tira de suas sandálias. Ao fazer isso, meus olhos se voltam para a tela iluminada do laptop. Ela exibe o site da minha empresa de fachada. O URL e o nome da empresa estão corretos, mas, em vez do cabeçalho marrom-escuro e do texto prateado,

a imagem de destaque é de dois sapos de desenho animado usando chapéus cor-de-rosa. E os pequenos corvos verdes estão piscando. Enquanto isso, as avaliações de nossos clientes no controle deslizante foram alteradas para uma fonte cursiva com corações pontilhando cada ‘i’ minúsculo da página.

Coloco as sandálias de salto ao lado da cama, levo o laptop para a mesa de cabeceira e puxo o edredom até ao queixo de Vasilisa. Minha pequena malandra. Tiro do bolso a caixa de joias que peguei no caminho para casa e a coloco ao lado do laptop. O dono da loja quase teve um derrame quando me encontrou em sua porta às quatro da manhã. O sangue em minha jaqueta e camisa não ajudou. Ele precisou de várias tentativas para dizer que a pulseira que eu havia encomendado chegaria amanhã. Tive de aplacar minha irritação comprando um par de brincos de rubi.

Eles não são requintados o suficiente. Dificilmente são as peças excepcionais de que preciso, já que as pedras não passam de um corte comum. Mas eram a coisa mais cara que ele tinha na loja. Se for preciso, estou preparado para comprar todas as joias exclusivas da Sicília para Vasilisa, na esperança de que ela esteja aberta a aceitar meus avanços. Talvez ela até considere sair para jantar comigo.

Depois de passar levemente as pontas dos meus dedos na bochecha de Vasilisa, vou para a poltrona reclinável ao lado da lareira. Ela tem uma visão direta da minha tentação adormecida, então me acomodo no que se tornou meu cobiçado lugar noturno. De qualquer forma, já é tarde demais para dormir, e observar minha doce prisioneira é muito mais agradável do que algumas horas de descanso.

Capítulo 10

Vasilisa

— Isso é incrível, — murmuro enquanto enfio na boca uma mistura de ovos mexidos, pimentões e algum tipo de coisa verde. — Sério, Irma, você deveria abrir seu próprio restaurante em vez de trabalhar para Rafael. Ninguém nesta casa come aqui, exceto eu, de qualquer forma, então é um desperdício total de seu talento. Na verdade, você deveria simplesmente pedir demissão.

Irma lança um olhar para Guido, que está tomando seu café do outro lado da mesa de jantar, e ele traduz para ela. Quando ele termina, ela pisca para ele confusa, depois sorri para mim e se ocupa em colocar os pratos na máquina de lavar louça.

Vozes masculinas passam pela janela aberta - os trabalhadores manuais ainda estão aqui. Eles terminaram de pintar todas as portas e janelas e agora passaram a cascalhar a entrada da garagem. Por alguma razão, eles estão removendo a cobertura existente - que me pareceu mais do que decente no estado em que se encontrava e não parecia precisar ser substituída - e espalhando uma nova pedra britada.

Na cozinha, as duas empregadas parecem estar ocupadas. Uma está lavando novamente as panelas - à mão - depois de ter limpado (pela segunda vez nesta semana) o interior dos armários, enquanto a outra está amaciando a carne na bancada da ilha. A testa de Guido se enrugando e ele se sacode levemente a cada golpe forte do martelo de carne. É muito engraçado de se ver.

Não tenho problemas com ruídos domésticos. Comparado com minha casa, isso é quase como estar em uma biblioteca. Ainda assim, é muito melhor do que era antes de Rafael ordenar que a equipe doméstica voltasse.

— Por que sou a única que come nesta casa? — Pergunto a Guido entre uma mordida e outra. É estranho, e de certa forma triste, fazer todas as minhas refeições sozinha. — Você normalmente leva sua tigela de comida de pássaro para outro lugar, e nunca vi seu irmão comer nada aqui. Será que ele precisa se alimentar ou apenas caça suas presas na vizinhança e bebe seu sangue?

— Guido é um introvertido que gosta de fazer suas refeições em seu apartamento. — A voz aveludada ressoa atrás de mim. — E eu geralmente como no trabalho.

Meus olhos acompanham Rafael enquanto ele vai até à máquina de café e se serve de uma xícara. Hoje ele está usando um terno marrom de três peças, combinado com uma camisa preta. Os dois botões superiores estão abertos. Sem gravata. Marrom e preto juntos não parecem ser uma boa combinação de moda. Para ele, no entanto, definitivamente funciona. Mas ele parece muito cansado e, infelizmente, continua lindo de morrer, apesar das olheiras.

— Há mais alguma coisa que você gostaria de saber sobre meus hábitos? — ele continua. — Ou você estava simplesmente interessada em me convidar para almoçar com você, Srta. Petrova?

— Almoçar em sua companhia seria o ponto mais baixo do meu dia, — eu digo e pego um copo de leite. — A propósito, você está péssimo.

O silêncio absoluto se abate sobre a cozinha. A empregada que estava colocando as panelas de volta nos armários está olhando para mim de boca aberta. A outra está fazendo o mesmo, com o martelo parado no ar como se tivesse sido atingida por um raio. Irma estava preocupada em mexer alguma coisa no fogão, mas agora ela está com a colher em um aperto mortal, e seus olhos arregalados estão fixos na parede próxima. O olhar de Guido, por outro lado, se dirige de mim para Rafael e vice-versa.

— Não há melhor maneira de começar um dia do que recebendo elogios, — diz Rafael e toma um gole de seu café.

— Vocês resolveram o *mal-entendido* de ontem à noite? — pergunto.

— Sim. Só que demorou um pouco mais do que o esperado. — Ele se aproxima da mesa com um passo sem pressa e, sem cerimônia, senta-se ao meu lado. — Adorei o que você fez com o nosso site.

Engasgo com meu leite.

— Foi ela? — Guido diz do outro lado da mesa.

— Será que temos outro hacker com rancor de mim que também tem acesso irrestrito aos nossos sistemas?

— Mitch tem tentado corrigir o problema nas últimas duas horas, mas há um código malicioso implantado em nossos scripts do lado do servidor e qualquer alteração que ele fizer não será mantida.

Rafael inclina a cabeça, observando-me por cima da borda de sua xícara de café. — Ela vai dar um jeito nisso.

— Vai? — Eu levanto minha sobancelha.

— Sim. E ela irá jantar comigo como punição por seu mau comportamento.

— Os jantares não faziam parte de nosso acordo.

— Nem você estar se metendo em meus negócios. E eu não estava perguntando, Vespetta. É uma oportunidade perfeita para usar seus brincos novos.

— Sim, é uma pena que eu tenha deixado todos eles em casa. — Pego uma fatia de torta de cereja, sentindo os olhos de Rafael perfurando minha cabeça o tempo todo. Fingindo inocência, dou uma mordida e encontro seu olhar. — Ah, você quer dizer aqueles que você deixou na minha mesa de cabeceira meras horas depois de me lembrar que está segurando a vida de pessoas que eu amo em suas mãos?

— Sim.

— Eles estão na gaveta da sua mesa. A segunda de cima para baixo.

A mão de Rafael se estende, prendendo meu queixo entre seus dedos. O silêncio no cômodo se torna tão absoluto que uma pena poderia cair e o estrondo ecoaria nas paredes. Com os olhos semicerrados, Rafael se

inclina para a frente, aproximando-se do meu rosto.

— Vou buscá-la às seis, — diz ele entre dentes, depois me solta e sai correndo da cozinha.

Olho de volta para a minha torta enquanto me enfureço internamente com minha própria reação. Meu problema? Estou realmente animada para ir jantar com ele. *Que droga.*

* * *

— Deveria ter usado aquele vestido da Albini's, — diz Rafael ao entrar no estacionamento de um restaurante de luxo com um terraço situado na beira de uma colina, com vista para o mar.

— É um vestido de noite feito para ser usado em galas ou outros eventos adequados. Não para jantar em um restaurante local.

— Então, acho que teremos que encontrar um evento adequado, — diz Rafael ao dar ré e estacionar.

Na verdade, estou tentada a dizer que deveríamos. Esse vestido é o mais bonito que já vi. Mas, da última vez que tive a chance de sair com algo semelhante, me arrependi imediatamente.

Naquela ocasião, fui a uma festa beneficente para arrecadar fundos com um rapaz que eu estava namorando na época. Ele era filho de um político de Chicago, vários anos mais velho do que eu, e achei que ele seria mais maduro do que meus encontros anteriores. Perguntei sobre o trabalho que seu pai fazia, mas ele ignorou completamente minhas perguntas, pois estava muito concentrado em meu decote. Ele também insinuou que seu apartamento ficava a apenas uma quadra de distância. A porra da noite inteira.

Será que é demais esperar uma conversa normal e significativa em um encontro? Deve ser, porque quando mencionei que concordei em sair para conhecê-lo um pouco melhor, ele olhou para mim confuso e perguntou: *Por que você se vestiria assim se não quer transar?* Naquele momento, parei de me vestir bem. Também parei de sair. Simplesmente não valia a pena.

Concordar em experimentar aquele lindo vestido da Albini's foi um momento de fraqueza. Eu sentia falta de usar coisas bonitas, e aquele vestido era deslumbrante e impossível de resistir. Quando Rafael entrou no provador, fiquei momentaneamente preocupada com a reação que ele teria ao me ver usando o vestido.

Ele nem sequer piscou os olhos.

Meu olhar se volta para Rafael quando ele desliga a ignição. Ele deve ser o primeiro homem que não tentou me persuadir a ir para sua cama uma hora depois de me conhecer. Pelos olhares que ele tem me dado, tenho quase certeza de que ele me acha... intrigante? Provavelmente da mesma forma que um funcionário de laboratório fica fascinado com uma nova cepa de bactéria. Ele pode gostar de observá-la, mas não se sente tentado a beijá-la.

Isso me incomoda um pouco. Sua aparente imunidade a mim. E o fato de que isso acontece me incomoda bastante. Estou tão confusa com tudo. Por que me sinto tão atraída por Rafael? Por que meu coração pula uma batida toda vez que ele se aproxima? Será que é apenas algum tipo de curiosidade maluca? Não tenho certeza se é.

Esta noite, escolhi uma blusa reveladora, com costas abertas e prateada brilhante, que se amarra no pescoço. Junto com ela, vesti uma calça preta super apertada e saltos de 15 cm cinza metálico. Eu tinha cem por cento de certeza de que o queixo de Rafael cairia quando eu passasse pela entrada da mansão, onde ele estava esperando ao lado do carro. A única coisa que ele disse? *Você pode ficar com frio com esse top, Vespetta*. E depois, abriu a porta do passageiro para mim.

Ele se sente atraído por mim?

Às vezes acho que sim, mas outras vezes, como hoje, acho que ele está apenas se divertindo comigo.

Observo Rafael ao sair do veículo, com seu terno de três peças em grafite que se ajusta à sua grande estrutura exatamente como deveria - feito sob medida especificamente para ele. Ele preenche todos os meus requisitos. Alto. Cabelo escuro. Muito musculoso. Elegante. Não se transforma em um adolescente idiota quando está em minha companhia. Não me importo com o fato de seu rosto ter tantas cicatrizes que está basicamente

deformado. Rafael é o homem mais gostoso que eu já vi.

Ele também é um babaca malvado que me sequestrou e ameaçou minha família. Isso faz com que ele seja imediatamente desqualificado da minha lista.

Mas quero que ele me beije mesmo assim.

O manobrista abre a porta e me oferece sua mão. — *Buonasera, signorina...*

Dedos fortes envolvem o pulso do homem, interrompendo o resto da frase.

— *Non toccarla*, — diz Rafael entre dentes, olhando para o jovem que parece estar a um segundo de se mijar. — *Lei è mia. Capito?*

— *Sì. Ho capito, Signor De Santi. Mi dispiace molto*, — o homem engasga e se afasta rapidamente.

— O que aconteceu? — Pergunto enquanto pego a mão estendida de Rafael.

— Ele queria estacionar meu carro, — diz ele, ajudando-me a sair. — Eu lhe agradei e disse que não.

— Isso não me pareceu um agradecimento. E ele é o manobrista. Seu trabalho é estacionar carros. Por que você não o deixaria?

Nossos olhares se cruzam. Agora estamos frente a frente. Ok, mais como cara a cara com o peito. Mesmo com saltos altíssimos, preciso esticar um pouco o pescoço para conseguir encontrar os olhos de Rafael.

Ele inclina a cabeça e uma das mechas de seu cabelo penteado para trás cai para a frente, fazendo cócegas em minha testa. Com minha mão ainda na sua, ele acaricia gentilmente os nós dos meus dedos com o polegar.

— Eu não permito que outras pessoas toquem no que é meu, Vasilisa.

Um arrepio percorre minha espinha pela maneira como ele pronuncia meu nome, com um toque de italiano. Parece a mais suave carícia.

— É só um carro, — sussurro.

Seus olhos se enrugam nos cantos e, em seguida, ele move a mão para a parte inferior das minhas costas, levando-me para a entrada do restaurante.

Há cerca de vinte mesas na parte interna e metade desse número no terraço ao lado do penhasco. As videiras subiram e se retorceram ao redor dos pilares e ao longo do corrimão que margeia a vista e ao longo do caramanchão branco, criando um belo dossel que deve proteger as mesas externas do calor do meio-dia. No entanto, neste momento, ao cruzarmos a varanda, pedaços do céu noturno e estrelas brilhantes brincam de esconde-esconde pelas frestas da vegetação.

Caprichosa é a única maneira de descrever a visão ao meu redor, e sinto como se tivesse entrado em outra dimensão. Uma dimensão que promete romance e uma noite encantada.

Se ao menos isso fosse verdade.

Mas o ambiente desse restaurante é de tirar o fôlego. Quando passamos pelo interior, noto uma garota com um lindo vestido longo tocando harpa no canto, perto do bar. Os tons sutis das cordas se misturam com a conversa tranquila das pessoas sentadas nas proximidades.

A anfitriã nos leva até à única mesa desocupada no lado mais distante do terraço e, quando chegamos ao nosso destino, as vozes dos outros clientes diminuem gradualmente, restando apenas a melodia característica da harpa. Todas as pessoas - tanto as que estão dentro quanto as que estão jantando ao ar livre - parecem estar atentamente concentradas em suas refeições, com os olhos grudados nos pratos colocados diante delas.

— Parece que você é bastante popular por aqui, — comento enquanto me sento na cadeira que Rafael segurou para mim. — Eles estão esperando que você saque sua Remington e mate todos eles antes que os aperitivos cheguem? — Olho ao redor do local, onde as pessoas estão lentamente retomando suas conversas silenciosas.

— Eu nasci aqui. Este é um restaurante exclusivo para moradores locais, e todos em Taormina me conhecem, — diz ele. — Quando voltei para a Sicília e assumi o controle da costa leste, as pessoas que vivem aqui se tornaram minhas. Elas estão sob minha proteção.

— Seus rostos não transmitem aquela sensação de ‘oh, me sinto tão protegido’. Assustado pra caramba seria uma descrição muito mais precisa.

— Isso é porque eles sabem o que eu fiz para assumir o controle.

— Deixe-me adivinhar. Você ‘aposentou’ seu antecessor? Não sabia que era assim que a Cosa Nostra funcionava.

Rafael se senta à minha frente e se inclina para trás em seu assento. — Não sou membro da Cosa Nostra. E eu ‘aposentei’ meu antecessor e todos os seus seguidores que não fugiram para Palermo quando voltei para casa.

— Bem, não é de se admirar que a atmosfera aqui seja estranha.

Um garçom traz uma garrafa de vinho e a apresenta a Rafael, que acena com a cabeça em sinal de aprovação sem sequer olhar o rótulo. Seus olhos estão focados exclusivamente em mim.

— Você não parece incomodada com situações sociais desconfortáveis.

— Por favor. — Eu bufo. — Depois de passar mais de vinte anos com uma família como a minha, qualquer um pode lidar com o que o universo decidir jogar fora. Especialmente em reuniões sociais.

— Gostaria de explicar melhor?

Pego a taça de vinho que o garçom serviu para mim e tomo um longo gole. Não foi assim que pensei que esta noite seria. Não sei o que eu realmente esperava, mas certamente não era essa sensação agradável de simplesmente estar na companhia de Rafael De Santi.

— Bem, há alguns meses, meu pai deu uma festa surpresa para o aniversário da minha mãe. Havia cerca de quarenta pessoas na mesa, e estávamos no meio de um brinde quando meu tio entrou, totalmente armado e coberto de sangue.

— Isso deve ter sido desconfortável.

— Na verdade, não. — Dou de ombros. — O problema foi que ele deixou manchas de sangue no carpete favorito da mamãe, então meu pai

começou a gritar e depois atirou nele.

— Roman o matou?

— Claro que não. O tio Sergei chegou direto do trabalho e estava usando Kevlar, então ele simplesmente se esparramou no chão e ficou lá até recuperar o fôlego. Alguns dos convidados ficaram um pouco nervosos.

— Notável. — Ele se inclina para a frente e apoia o cotovelo no braço da poltrona, deixando o queixo cair sobre a palma da mão. — Ainda acho difícil acreditar que Roman aceitou sua desculpa de que ‘precisava de um tempo’ para desaparecer.

— Como eu disse, não é a primeira vez que eu desapareço. E eu não diria que ele ‘aceitou’, considerando a quantidade de gritos que ele faz toda vez que eu ligo. Talvez eu devesse ter dito a ele que fui pega hackeando a NASA e fui recrutada para trabalhar para o governo em vez de ser colocada atrás das grades.

— Você invadiu a NASA?

— Uma ou duas vezes. — Levanto meu copo para esconder o sorriso e esvazio seu conteúdo. — Eu poderia ter me queixado de que o supervisor que me foi designado é um canalha malvado.

Ele solta uma risada profunda. Meu Deus, até suas risadas são sensuais. Estou tão absorta em observá-lo que levo alguns instantes para registrar o silêncio absoluto que, mais uma vez, se abate sobre nós. É exatamente como hoje de manhã na cozinha. Todos pararam o que estavam fazendo, até mesmo o garçom que acabou de encher meu copo, e estão olhando para as costas de Rafael.

— Tenho certeza de que você está infernizando-o. — Ele se inclina sobre a mesa e pega meu queixo entre os dedos, acariciando minha pele com o polegar enquanto seus olhos se fixam nos meus. — Você consegue invadir qualquer sistema?

Nossos rostos estão a poucos centímetros um do outro, mas acabo me inclinando mais para o seu toque.

— Depende do sistema, — sussurro. — E de sua segurança, é claro. Mas, em teoria, sim.

Seu polegar passa a acariciar meu lábio inferior, e minha respiração se intensifica. O enxame de borboletas que se aninhava em meu estômago desde o momento em que entrei em seu carro alça voo. Posso sentir o bater de suas asas enquanto a excitação me domina. Rafael se aproxima, com seus olhos brilhando. Será que ele vai me beijar? Meus lábios se separam na expectativa desse primeiro contato.

— Você poderia hackear uma determinada empresa de frete para mim, Vespeta?

Minha empolgação despenca. — O quê?

— Gostaria que você alterasse os detalhes da remessa de um determinado contêiner. Ele deve ser entregue em Gênova na próxima semana. Eu preferiria que ele fosse parar em outro lugar. Talvez Xangai.

Seu polegar ainda acariciando meus lábios está mexendo epicamente com meu cérebro. Posso sentir seu toque até ao meu âmago, e ele está evocando imagens de muito mais do que beijos. Então, enquanto estou pronta para entrar em combustão no local, ele quer discutir alguns malditos detalhes de transporte?

Pego minha taça e tomo um grande gole do vinho encorpado. O garçom se aproxima e enche a taça novamente. Bom.

— Não. Por que eu faria algo por você fora do nosso acordo?

— Porque eu lhe pedi.

— E você sempre consegue o que quer?

— Geralmente, sim. Mesmo que isso signifique destruir suas roupas largas para forçá-la a aceitar sua beleza.

Respiro fundo, pego a taça de vinho e a esvazio novamente, com os olhos voltados para baixo. — Você nunca me chamou de linda antes.

— Porque você provavelmente já ouviu essa frase ser dita um milhão de vezes por inúmeros homens superficiais. Porque você *deve* saber que é linda e que os homens não podem deixar de notá-la e elogiá-la. E estou disposto a apostar que você odeia ouvir isso. — Ele coloca o dedo sob meu queixo, levantando meu olhar para encontrar o dele. — Isso não funciona,

você sabe. Você pode se enrolar em uma maldita toalha de mesa e os homens ainda assim cairão de joelhos diante de você, Vasilisa. Não há nada de errado nisso.

Sim, existe.

Quando eu era pequena, não importava se você era bonita ou não - as crianças só queriam brincar.

Eu estaria mentindo se dissesse que não gostei da atenção que comecei a receber quando fiquei mais velha, especialmente no ensino médio. Os rapazes estavam sempre se aproximando de mim, dizendo que eu era bonita e me convidando para sair o tempo todo. Todos os rapazes queriam ficar comigo. E as garotas queriam ser eu. Eu gostava muito disso. Meu Deus, eu era tão vaidosa naquela época. Ou simplesmente muito jovem. Mas, pouco a pouco, as coisas começaram a mudar. Mais precisamente, na verdade, *eu comecei* a mudar. E me lembro do dia exato em que foi o ponto de inflexão.

Nosso professor de música e teatro da décima série anunciou que eu havia sido escalada para o papel principal na peça da escola. Fiquei muito feliz e orgulhosa de mim mesma, pois me esforcei muito para conseguir o papel: aprendi o roteiro inteiro de cor e passei horas ensaiando em frente ao espelho. Cheguei até a faltar à festa de aniversário da minha irmã para poder ensaiar um pouco mais antes da audição no dia seguinte. Mas depois do anúncio, ouvi outros alunos cochichando: *Oh, todo mundo sabe que ela só conseguiu o papel porque é bonita*. Todos continuaram dizendo isso e, quando as aulas terminaram, até eu acreditei. Na manhã seguinte, disse ao meu professor que havia desistido. Depois, fui para casa e chorei.

Depois disso, coisas semelhantes aconteceram com frequência. Não foi meu trabalho sobre a fome no mundo que me fez ser escolhida para falar em um evento escolar, mas sim porque *ela ficaria bem no pôster*. E não me formei no ensino médio com um GPA de 4,0 porque fiz cursos on-line extras, mas porque *ela ganhou créditos extras por mostrar os peitos para o reitor*.

— Sabe, tirei a nota máxima em minha aula de criptografia no semestre passado. O melhor resultado da última década, — eu digo.

— Não estou surpreso.

— Todos diziam que era porque ‘o professor queria me comer’. Não porque eu me matei de estudar.

— Por que você se importa com o que os outros pensam?

Olho para cima e encontro o olhar de Rafael. O espaço entre minhas têmporas parece estranhamente leve e arejado. Eu provavelmente deveria reduzir o consumo de vinho. Especialmente porque minha língua está solta. Por que é tão fácil falar com ele?

— As pessoas não são ilhas, Rafael. Não existimos sozinhos, separados de tudo. Você não pode simplesmente ignorar a opinião dos outros.

— Eu não concordo.

A lanterna pendurada entre as folhas de uva acima de nossa mesa balança com a brisa suave, lançando um brilho intermitente sobre suas feições duras e tornando as linhas de seu rosto ainda mais pronunciadas no jogo de luz e sombras. Seu polegar retoma a carícia suave em meu queixo, enviando pulsos de prazer ao longo da minha pele. Meus dedos têm vontade de fazer o mesmo com ele.

— Ah? E mesmo assim, você passou dias se escondendo de mim. Por quê?

— As pessoas têm reações muito fortes quando veem meu rosto pela primeira vez. Principalmente as mulheres. Eu não queria que você tivesse medo de mim.

— Há muitas coisas que me assustam, Rafael. Seu rosto não é uma delas.

— Diga-me o que são e eu destruirei cada uma delas.

— Alturas. Criaturas aquáticas. Shoppings.

— Shopping centers?

— Sim. Não consigo lidar com eles. — Mantenho seu olhar fixo. — Mas meu maior medo... é que meus entes queridos se machuquem. Você poderia retirar seus capangas cuja mira está apontada para minha família?

O músculo da mandíbula de Rafael se contrai. Ele não responde.

— Por favor, — eu sussurro. — Prometo que cumprirei nosso acordo e ficarei até terminar meu trabalho.

Não parece mais tão insuportável. Ficar aqui. Com ele. Se eu fosse brutalmente honesta comigo mesma, admitiria que meu coração se contrai como se estivesse sendo apertado por uma espécie de tenaz sempre que penso em ir embora. Gosto muito de nossas brigas diárias. Gosto de passar tempo com ele. Eu gosto... dele. Meu Deus, por que não pudemos nos conhecer em circunstâncias diferentes? Não tenho dúvidas de que eu teria me apaixonado totalmente por Rafael naquela época. Mas talvez, independentemente de nossa situação, eu já tenha me apaixonado? Não. Absolutamente não. É simplesmente o vinho falando.

Rafael respira fundo, suas narinas se dilatam enquanto seus olhos se fixam nos meus, depois se inclina para trás na cadeira e pega o celular. Meu coração bate tão rápido que poderia romper minhas costelas enquanto ele discar para alguém e coloca o telefone no ouvido.

— Guido, chame a equipe sobre os Petrovs. Sim, agora.

— Obrigada, — digo quando ele desliga.

A mão de Rafael se estende, agarrando minha nuca. Seu olhar se fixa no meu, seus olhos verdes brilham com ameaça. — Quebre sua palavra e você sabe o que vai acontecer. Entendeu?

— Eu não vou quebrá-la.

— Ótimo. Vamos pedir. — Ele gesticulou para o garçom de forma despreocupada.

Rafael

Os clientes das outras mesas continuam lançando olhares dissimulados em nossa direção durante a refeição. Eles não acham que estão sendo óbvios, mas eu percebo cada olhar.

Pela manhã, todos os moradores da região saberão que jantei com uma mulher desconhecida. Taormina é uma cidade pequena e, aqui, sou o principal alvo de fofocas.

Há dois tópicos populares de especulação. O primeiro: o que aconteceu para que eu ficasse com essa aparência. As teorias são infinitas, desde um acidente de carro nos EUA até ao fato de ter sido torturado por Mancuso antes de fugir quando era criança. A segunda gira em torno de minha vida amorosa. Guido me disse que, toda vez que sou visto com uma nova garota, há apostas sobre se ela será a única a conquistar meu suposto coração.

Não tenho problemas com olhares curiosos que tentam nos ver de relance. Mas tenho um problema com homens que olham para minha mulher. Como o cara sentado na mesa à nossa direita. Ele está salivando pela minha princesa russa nos últimos minutos. Começou com uma espiada ocasional e sutil assim que entramos, mas seus olhares estão ficando mais ousados. Certificando-me de que Vasilisa ainda está absorta na escolha da sobremesa, pego a faca da tábua de frutas cítricas rústicas que acompanhava nosso prato de frango assado inteiro. Ela é pequena, mas extremamente afiada.

— O que é isso? — Vasilisa pergunta, olhando para a seleção de doces que o garçom trouxe.

— Cannoli, — eu digo, testando a ponta da faca com meu polegar. — Eles têm um recheio cremoso e doce de ricota, além de outras variações com baunilha, chocolate e pistache.

Com a ponta dos dedos, avalio a distância e, em seguida, giro o pulso e faço a faca voar em um leve arco. A ponta se aloja no tampo da mesa

de madeira, bem entre o prato de jantar do idiota e sua mão segurando um garfo. O homem fica tenso, olhando para mim. Faço um sinal com dois dedos para os meus olhos e aponto para a faca que se projeta a centímetros de sua carne, informando-o silenciosamente que esse é o único ponto para o qual ele pode olhar. O cara acena rapidamente com a cabeça e seus olhos se voltam para a superfície da mesa.

— Por que você fez isso? — Vasilisa pergunta, com o olhar fixo na faca. Eu esperava que ela não notasse.

— Havia uma barata. Pequenos insetos nojentos. — Pego um dos cannoli da bandeja de servir e levo-o à boca dela. — Recheio tradicional delicioso. Experimente.

Vasilisa pisca, com os olhos saltando entre os meus e a massa, depois se inclina lentamente para a frente e dá uma pequena mordida na oferta. O açúcar de confeitiro e um pouco do creme acabam em seus lábios rosados, transmitindo flashes de sua boca pecaminosa envolvendo meu pau diretamente para o meu cérebro.

Eu a tenho sondado a noite inteira - pequenos toques aqui e ali para obter sua reação a mim. Ela não recuou nenhuma vez. Estou tentado a concluir que aqueles brincos de rubi fizeram a diferença, embora ela tenha devolvido o presente. Ainda assim, mesmo com o incentivo, seu comportamento é diferente de tudo o que eu esperava de uma mulher. Os olhos de Vasilisa permanecem fixos nos meus enquanto eu removo os restos de seus lábios com o polegar e continuo acariciando a carne carnuda mesmo depois que o açúcar se foi.

O tempo para enquanto meu dedo traça sua boca, até que meu telefone vibra na mesa com uma mensagem recebida, quebrando o feitiço.

— Hum... obrigada, — ela murmura e se endireita rapidamente.

— Sempre ao dispôr. — Divertido com a expressão de confusão em seu rosto, eu sorrio e pego meu celular. A mensagem é de Guido, informando que vários homens de Calogero foram vistos em Catânia no início da noite. — Receio que tenhamos que ir embora.

— Sim, claro, — ela balbucia as palavras. — Deixei um

programa de diagnóstico em execução no servidor que consertei ontem. Ele deve estar pronto quando voltarmos, para que eu possa voltar a trabalhar.

— Por mais que eu queira passar a noite vendo você trabalhar, isso terá de esperar até amanhã. Tenho que ir para Catânia assim que deixar você em casa. — Levanto-me e tiro o paletó do meu terno, segurando-o na minha frente.

Vasilisa olha para o paletó que estou oferecendo, depois volta para mim, arqueando a sobrancelha. — Estou bem, obrigada.

— Você está com os braços arrepiados, — eu rosno. — Vista-o ou vou forçá-la a vestir. Agora, por favor.

Resmungando algo em russo, ela se vira e passa os braços pelas mangas. Quando volta a me encarar, meus olhos a observam, maravilhados com a visão da minha pequena malandra em meu paletó. Sou extremamente territorialista quando se trata de minhas coisas pessoais, especialmente roupas. Permitir que alguém use algo que é meu é muito íntimo. E eu não gosto de intimidade. Mas ver Vasilisa diminuída pelo meu enorme paletó tem o mesmo efeito sobre mim que vê-la usando minhas camisas. Isso me deixa instantaneamente duro como granito.

Todo homem que a vir agora saberá que ela é minha. A ideia faz meu pau inchar ainda mais, doendo dolorosamente atrás do zíper da minha calça. Talvez eu devesse jogar fora todas as roupas que comprei para ela e fazê-la andar por aí apenas com as minhas camisas novamente?

— Sabe, esse nosso negócio seria concluído muito mais rápido se você me deixasse ficar com o laptop e trabalhar durante o dia, — diz ela, enquanto tenta dobrar a manga e semicerra os olhos.

— Exatamente. — Gentilmente, afasto a mão de Vasilisa e começo a enrolar a manga para ela. — Quanto você bebeu?

— Apenas duas taças. Talvez três. — Ela tenta soltar o braço, tropeçando para trás no processo. Minha mão se solta instantaneamente, envolvendo sua cintura para mantê-la firme.

Eu a puxo para junto do meu peito enquanto olho para o vinho deixado na mesa. A garrafa está quase vazia, e eu só bebi meia taça. Acho que

ela recorreu à embriaguez para suportar olhar para o meu rosto deformado por algumas horas. Ela não é a primeira. Uma de minhas antigas namoradas sempre ficava bêbada antes de se encontrar comigo.

Tiro minha mão da cintura de Vasilisa e dou um passo para trás.
— Vamos embora.

Ela mal consegue dar dois passos completos sem balançar. Que droga. Envolver-a com meu braço novamente e deslizo o outro sob seus joelhos, levantando-a e embalando-a em meu peito. Com seu rosto a poucos centímetros do meu, não posso deixar de esperar que ela grite ou se contorça. Mas, assim como naquela noite no jardim de pedras, ela apenas bate seus longos cílios em mim. Seu olhar desfocado encontra o meu, e me lembro de que ela também estava bêbada naquela ocasião. Talvez esse seja o motivo de sua falta de reação.

— Você pode fechar os olhos se isso facilitar as coisas, — eu digo.

Os cantos de seus lábios se inclinam para cima, um sorriso travesso ilumina suas profundezas escuras. Ela passa o braço em volta do meu pescoço e se inclina para mais perto, encostando a ponta do nariz no meu. — Desculpe-me por estourar sua bolha, Rafael, mas você não é *tão* alto assim. Meu medo de altura só começa a aparecer quando estou a seis metros do chão.

Respiro fundo, lutando contra a vontade de agarrar aquela boca de moleque com a minha. Eu a quero. Eu a quero mais do que jamais quis alguém antes. E não me contenho quando quero algo.

— Um milhão, — eu digo, olhando fixamente em seus olhos escuros.

Vasilisa franze as sobrancelhas. — Um milhão?

— O valor que você receberá por esse beijo, — rosno e bato minha boca na dela.

Vasilisa

Não consigo pensar. Só posso sentir.

O gosto dele. O calor que se espalha pelo meu peito.

A chama mais sedutora me chamuscando de dentro para fora.

A boca de Rafael ataca a minha com tanta ferocidade que não consigo nem respirar, mas quem diabos precisa de ar? Envolvero seus braços em volta de seu pescoço, apertando com toda a minha força enquanto o beijo de volta como se fosse o fim do mundo.

Pode ser que sim. Pelo menos o meu. Mas estou pronta para queimar no fogo que ele provocou.

O toque incessante de um telefone finalmente penetrou em meu torpor. Até agora, eu não havia percebido como tudo estava silencioso ao nosso redor. O telefone de Rafael continua tocando em seu bolso, mas ele o ignora completamente, continuando a me devorar com sua boca.

O cheiro dele, o mesmo cheiro que agora é meu, está me deixando louca. Puxo seu lábio inferior com meus dentes e o chupo. Um rosnado baixo sai de sua garganta, e então ele me morde. Mordisca meus lábios que estão formigando. Meus dedos se afundam em seu cabelo, puxando-o, bagunçando-o. Ele sempre o mantém perfeitamente penteado para trás. Controla veementemente tudo nele. Não mais.

É glorioso.

É selvagem.

Ele não tem restrições.

— Signor De Santi. — Uma voz masculina desconhecida rompe o transe que me envolve.

Os lábios de Rafael se aquietam e, em seguida, soltam os meus lentamente, permitindo que eu respire pela primeira vez em um período que

parece ter sido de horas. Apesar do meu aperto em seus fios, ele inclina a cabeça e olha para o garçom. O homem, que está a poucos metros de distância, recua e parece encolher em estatura, mas mostra um telefone para Rafael.

— *Potrei ucciderti per questo*, — Rafael grita para o rapazinho que parece preferir estar em qualquer outro lugar que não seja aqui.

— *È Guido, Signor De Santi*, — o pobre rapaz gagueja. — *Dice che è urgente*.

— Sinto muito, Vespetta. Tenho que atender, — diz Rafael enquanto me abaixa gentilmente no chão, depois pega o telefone da mão do garçom e começa a gritar com quem está ligando.

Durante sua tirada ameaçadora - percebo pelo tom de sua voz - que dura pelo menos dois minutos, Rafael mantém seu braço livre em volta da minha cintura, basicamente me esmagando à sua frente. Coloco as palmas das mãos em seu peito, sentindo as vibrações profundas dentro dele, enquanto tento reunir meus sentidos.

Rafael De Santi me beijou.

E eu o beijei de volta.

Meu Deus, eu perdi a cabeça.

Com um último grito, Rafael joga o telefone na mesa e sua mão desliza para a parte inferior das minhas costas. Lançando ao garçom outro olhar fulminante, ele me conduz rapidamente para a saída.

Não digo uma palavra enquanto Rafael me ajuda a entrar no carro, completamente abalada por aquele beijo. Pela minha reação a ele, na verdade. Estou ao mesmo tempo empolgada e chocada. Meu coração ainda não parou sua corrida de um quilômetro por minuto quando ele se põe ao volante.

— Então... problemas no paraíso dos assassinos? — pergunto da forma mais casual possível. Talvez possamos fingir que aquele beijo de arrepiar a terra nunca aconteceu.

Rafael me olha com uma sobrancelha, depois liga o carro. —

Não. É algo... digamos que é pessoal.

— Esse assunto pessoal também exigirá uma Remington?

— Talvez. Os homens de Calogero Fazzini raramente aprendem a lição sem isso.

Meus olhos se voltam para ele. — O Don da máfia siciliana?

— Sim. — Ele acena com a cabeça. — E também meu padrinho.

Eu pisco os olhos em confusão. — Mas você disse que não é membro da Cosa Nostra.

— Nunca fui iniciado na Família. Quando eu tinha quatorze anos, fugi para os Estados Unidos com Guido.

— Por quê?

— Porque minha mãe quebrou a omertà.

Respiro fundo. Omertà é o código de silêncio da Cosa Nostra. O princípio básico é que se deve manter a boca fechada, especialmente ao lidar com autoridades legais ou pessoas de fora. É uma forma extrema de lealdade - um código de honra e conduta - que dá importância à solidariedade contra o envolvimento do governo, mesmo que a defesa de seus princípios inclua seu inimigo mortal ou uma vingança pessoal. Na máfia, a quebra da omertà é punível com a morte.

— A Cosa Nostra matou sua mãe?

— O dono anterior, Mancuso, fez isso sozinho.

Um arrepio percorre minha espinha. — Por que você voltou para a Sicília?

— Para que eu pudesse matar Mancuso. — Um pequeno sorriso se insinua em seus lábios. — Meu padrinho assumiu o controle da família menos de 48 horas depois de eu ter cortado a garganta de Mancuso. Fizemos um acordo na época, Calogero e eu. Ele governa a costa oeste e eu controlo a leste. Mas parece que ele está tentando quebrar esse acordo agora. — Rafael para em um sinal vermelho e se vira para mim. — E eu sempre me certifico de que as pessoas cumpram suas promessas para mim, Vasilisa. Tenha isso em mente.

Aceno com a cabeça e desvio meu olhar para a faixa de estrada à nossa frente. A temperatura no carro parece ter caído, ou talvez seja apenas a sensação de pavor provocada pelo aviso de Rafael. Envolvero sua jaqueta com mais força e passo o resto da viagem olhando para a paisagem escura visível além do para-brisa.

Capítulo 11

Rafael

25 anos atrás (Rafael, 14 anos)

Taormina, Sicília

— O corpo de um homem encontrado perto de Palermo foi identificado...

Coloco as sobras do jantar na geladeira e olho para a sala de estar. Meu irmão está empoleirado no meio do sofá, com os olhos grudados na tela da TV e no pivô que está transmitindo as notícias. — Desligue isso, Guido.

— Eles encontraram um homem morto! — exclama meu irmão com os olhos arregalados.

— Agora! — Eu grito. — Vá escovar os dentes e depois vá direto para a cama.

— Não. Eu quero ver. Mamãe, por favor.

Nossa mãe levanta-se da louça que estava lavando e aponta o dedo sujo de sabão para Guido. — Ouça seu irmão. Lá em cima. Rápido.

Meu irmão mais novo murmura um palavrão bem feio e, jogando o controle remoto no sofá, corre para o outro lado da sala.

— Cuidado com sua boca. — Dou um leve tapa em sua nuca quando ele passa por mim. — Da próxima vez, vou lavar sua boca com sabão.

— Você diz isso o tempo todo! — ele diz por cima do ombro, depois corre pelo corredor até ao nosso quarto.

Nossa casa está ficando pequena demais para nós três. Mamãe realmente quer que Guido tenha seu próprio espaço, uma cama adequada - não a cadeira-cama que ele usa atualmente. Ela também acha que eu mereço um pouco de privacidade e tentou ceder seu próprio quarto para mim. Pois é. Como se eu deixasse minha mãe dormir no sofá da sala. Só temos que aguentar um pouco mais, e então poderemos nos mudar. Quando eu tiver dezesseis anos, finalmente poderei ser iniciado na Cosa Nostra. Por enquanto, os pequenos trabalhos que eles me pedem para fazer de vez em quando rendem um pouco para ajudar a pagar nossas contas, mas quando eu me tornar um membro oficial, aí é que o dinheiro sério começará a entrar.

Sacudo a cabeça e pego o controle remoto quando um estrondo soa atrás de mim. Ao girar, minha atenção se volta para minha mãe. Ela está totalmente congelada no meio da cozinha, com os olhos arregalados e as sobrancelhas franzidas em um sulco de preocupação. Pedacos de um prato quebrado cobrem o chão a seus pés.

— Mãe?

— Aumente o volume, — minha mãe engasga, seu olhar está em pânico e fixo na tela da TV.

— Você está bem? O que...

Os cacos de porcelana são arremessados e ricocheteiam em várias bordas enquanto ela corre em minha direção, chutando os pedaços quebrados de um prato com os pés, e arranca o controle remoto da minha mão.

— ...o detetive estava chefiando a força-tarefa responsável por uma operação bem-sucedida que resultou na apreensão de meia tonelada de cocaína pela polícia no Porto de Catânia na semana passada. Seu desaparecimento foi relatado há dois dias...

O apresentador do noticiário continua a falar e, a cada segundo que passa, o rosto da minha mãe fica mais pálido. Ela tem as mãos pressionadas contra a boca e todo o seu corpo começa a tremer. Não entendo

por que a morte de um policial a perturbaria tanto. Isso não é tão incomum. De vez em quando, alguém aparece morto, especialmente se ousou se meter com a máfia.

— Mãe? — Eu seguro seus ombros. A última vez que a vi tão perturbada foi quando os homens de Mancuso chegaram com a notícia de que meu pai havia sido morto. — O que há de errado?

Ela agarra meus braços com tanta força que suas unhas cravam em minha pele. O impacto de seu olhar alarmado quase me faz cambalear. — Temos que fugir, Rafael. Agora mesmo.

— Fugir? Por que...

— Eu conheço aquele homem, — ela gagueja. — O detetive cujo corpo foi encontrado. Eu... tenho lhe passado algumas informações.

Um arrepio gelado percorre minha espinha. — O quê?

— Ele me procurou há algum tempo, oferecendo proteção se eu o ajudasse a derrubar a Cosa Nostra local.

— Proteção? — Eu grito. — Estamos *sob* proteção, mamãe! A mesma Cosa Nostra que você denunciou estava nos mantendo seguros! Eu deveria ser iniciado na Família em pouco mais de um ano! O que você estava pensando?!

— Isso! — Ela grita e empurra meu peito com as mãos. — Não verei nenhum dos meus filhos ser enterrado em um caixão. Calogero me prometeu que manteria você e Guido fora.

— O Don nunca concordaria com isso, mamãe. Todos nós sabemos que eu devo me juntar às fileiras deles no lugar de papai.

Um gemido de dor sai de seus lábios. — E eu sei que Calogero já fez com que você executasse algumas tarefas para a família, mesmo sabendo que não é isso que eu quero para o seu futuro. Ele jurou que me amava e prometeu que faria com que Mancuso concordasse em deixá-lo livre. E eu acreditei nele. Tentei salvar meus filhos do destino de seu pai, percebendo tarde demais que passei anos aquecendo a cama de uma cobra mentirosa.

Fico olhando para minha mãe em choque. — Achei que você o

amava.

— Eu amava! — ela sussurra enquanto as lágrimas escorrem por seu rosto. — Até ao momento em que ele me disse que não há nada que ele possa fazer para mantê-lo longe das garras de Mancuso. Então, decidi resolver o problema com minhas próprias mãos. E fracassei. Meu Deus, eles vão matar todos nós.

— Mamãe. — Pegos suas mãos trêmulas com as minhas. — O que você disse à polícia?

— Tudo. Contei-lhes tudo o que sabia. Inclusive sobre aquele carregamento de drogas. Mas a polícia não deveria invadir o porto. Disseram-me que continuariam a vigilância porque ainda não tinham provas suficientes contra o próprio Mancuso. O detetive me garantiu que nós três seríamos levados embora antes que acontecesse qualquer coisa que pudesse revelar meu envolvimento. Ele disse que precisava me manter segura como uma possível testemunha-chave para a acusação.

Meu estômago se contrai, o pavor me consome. Dentro de minha cabeça, os alarmes começam a soar. Metade da força policial local está na folha de pagamento da Cosa Nostra. Um dos lacaios de Mancuso deve ter descoberto que o detetive estava falando com alguém de dentro e o eliminou. Jogar cadáveres no mar é o procedimento padrão da Família.

— Nós vamos consertar isso, — eu digo. — Eles não sabem que foi você. Nós vamos...

Eu paro ao ouvir o som de um veículo parando em frente à casa. Minha cabeça se volta para a janela que dá para o jardim da frente. Não um, mas dois carros pretos entram em nossa garagem. O primeiro é um sedã de aparência normal, como o que Calogero dirige. Mas o segundo veículo é uma limusine elegante com vidros escuros. É o carro do Don.

— Eles sabem. — Palavras pouco audíveis saem dos lábios de minha mãe.

Virando-se de costas para mim, ela corre para o armário da cozinha e, histérica, começa a retirar os produtos de limpeza.

— Vá buscar Guido, — ela diz. — Você pode sair pela janela.

Deus sabe que já fez isso muitas vezes.

Pego a arma de onde a mantenho escondida na prateleira de cima, entre os potes de temperos. — Não vou a lugar nenhum.

Mamãe se aproxima de mim, seus olhos estão cheios de determinação inabalável enquanto ela empurra uma sacola plástica para minha mão livre. — Dinheiro. Há também um bilhete com o número de contato de um homem em Messina que providenciará o transporte de vocês dois para os Estados Unidos.

O som de pés se aproximando. Vários deles. Vindo em direção à nossa porta da frente.

— Mamãe... — As palavras ficam presas em minha garganta.

— Minhas ações serão vistas como a maior traição, Rafael. Eles não me deixarão viver. E matarão você e Guido também, se ficarem aqui. Você sabe disso tão bem quanto eu. — Ela gentilmente solta meus dedos do cabo da arma, tirando a arma. — Se você me ama, vai pegar seu irmão e fugir.

Minha mente está girando, tentando encontrar uma saída. Não há nenhuma. Quebrar a omertà significa uma sentença de morte para toda a família. As crianças que são muito jovens e não sabem nada sobre os negócios da Cosa Nostra podem ser poupadas. Mas Mancuso não é um homem benevolente. Ele vai querer fazer de todos nós um exemplo. Eu já estou morto, isso é uma certeza. Guido tem apenas quatro anos, mas não tenho dúvidas de que o Don escolherá matar meu irmão também.

Pego a mão de minha mãe. — Você também vem.

— Eles virão atrás de nós. Mas se eu... ficar... pode ser o suficiente. E isso pode significar que eles não vão perseguir vocês.

Não! Como posso fugir e deixar minha mãe à mercê da morte?

O toque estridente da campainha reverbera por toda a casa, trovejando dentro do meu crânio como um bloco de TNT. — Não posso.

— Pense em seu irmão, Rafael. — Mamãe puxa meu rosto para baixo e deposita um beijo em minha testa. — Por favor. Não parta o coração de sua mãe.

Engulo com força. Minha garganta mal está funcionando.

Envolvendo meus dedos no saco plástico, eu o aperto com toda a minha força.

— Esse é o meu garoto. — Ela acena com a cabeça. — Vá. E nunca mais volte aqui.

O desespero se choca com a raiva dentro do meu peito, fazendo-me em pedaços. A mão de minha mãe cai da minha. Dou um passo para trás e corro pelo corredor. Pouco antes de entrar correndo no quarto, paro por um mero segundo para olhar para minha mãe uma última vez. Ela está parada na porta da frente, com a cabeça erguida, tentando alcançar a maçaneta.

— Estou voltando, — sussurro ao fechar a porta do quarto atrás de mim. — Estou voltando e vou matar todos eles.

Repito essa promessa várias vezes enquanto embalo meu irmão adormecido em meu peito. Ele murmura algo sobre seus carros de brinquedos enquanto eu abro a vidraça da janela. Com ele em meus braços, passo pela fresta e corro em direção à linha de árvores que reveste os fundos da propriedade.

E continuo repetindo minha promessa como um mantra, escondido atrás de um arbusto perene, com os olhos fixos na janela da nossa sala de estar.

Vendo o chefe da Cosa Nostra siciliana encostar o cano da arma na cabeça da minha mãe e puxar o gatilho.

Capítulo 12

Vasilisa

Dias atuais

Quando chegamos à mansão, há quatro veículos pretos estacionados na entrada da garagem. Um homem com uma arma semiautomática está parado na porta da frente.

— Espere aqui, — diz Rafael ao desligar a ignição e sair do carro. Não há vestígios daquele homem risonho com quem jantei há menos de uma hora.

Ao se aproximar, ele troca algumas frases com o recém-chegado, depois volta e abre a porta do meu carro.

— Vou levá-la para o seu quarto, — diz ele, com o rosto rígido.
— Seria melhor se você ficasse lá pelo resto da noite.

— Está bem.

Rafael acena com a cabeça e passa os braços por baixo de minhas pernas, levantando-me do assento. Abro a boca para protestar, mas então meus olhos caem na grande mancha escura que mancha o cascalho aos pés de Rafael. Parece um derramamento de óleo de motor na entrada da garagem. O homem com o rifle mantém a porta da frente aberta para que Rafael possa me levar para dentro. Espero que ele me coloque no chão a qualquer momento, até que percebo mais manchas no piso do hall de entrada. Agora, no entanto, vejo que elas não são pretas como eu pensava, mas sim carmesim escuro.

Sangue.

Aperto o pescoço de Rafael, olhando por cima de seu ombro enquanto ele sobe as escadas. O rastro de sangue se curva ao longo de um caminho desde a entrada até à porta que leva à adega, onde desaparece de vista. Não sou estranha ao sangue. Os homens do meu pai frequentemente precisam ser costurados em nossa casa, geralmente na cozinha. Mas nunca vi tanto desse fluido corporal vital em um só lugar.

— O que aconteceu lá embaixo? — Sussurro enquanto Rafael me leva para dentro do quarto.

— Nada ainda. Eles estão esperando que eu comece.

A luz da lua entra no cômodo escuro pela porta aberta da varanda, banhando o interior com um brilho azulado. O ambiente é tranquilo, com o bater distante das ondas na praia e o ritmo de nossas respirações como únicos sons. O brilho do céu se reflete nos olhos de Rafael. Eles são a única coisa que consigo ver claramente com seu rosto parcialmente obscurecido pela escuridão.

Mas, mesmo com a pouca luz, não se pode deixar de notar a confusão de cicatrizes grossas e irregulares em suas feições. Uma linha em particular se destaca. Com quase cinco centímetros de comprimento, ela começa no queixo, atravessa os lábios e se desvia ligeiramente na lateral do nariz, criando uma fenda na parte inferior do rosto coberta de barba por fazer. Há outra, quase tão proeminente, que começa logo acima da orelha e atravessa a bochecha esquerda até à boca. Ela puxa o canto dos lábios para baixo, dando a ele uma expressão de carranca permanente.

Parece que alguém tentou remendar Rafael, mas fez um trabalho muito ruim. Além do tecido elevado principal, há pequenas cicatrizes cruzadas que me lembram trilhos de trem. É como se cicatrizes adicionais tivessem se formado ao redor das áreas em que as suturas foram aplicadas e agora a pele dele tem a aparência de uma almofada com botões. Estando tão perto dele, eu posso entender por que as pessoas o acham assustador. Mas eu não acho. Mas a maneira como ele me faz sentir? Isso me deixa apavorada.

Coloco a ponta do dedo na borda de seus lábios, exatamente onde começa outra crista de carne elevada, e sigo a linha irregular em direção à maçã do rosto. Rafael não se move, apenas fica parado em silêncio,

permitindo que eu explore o restante das cicatrizes que marcam seu rosto.

— Isso é de um acidente de carro? — Eu sussurro.

— Você é a primeira que se atreve a perguntar abertamente, — diz ele. — Não. Apenas uma operação que deu errado.

— Quando?

— Há cerca de vinte anos.

Deslizo a ponta do meu dedo de volta para seus lábios, traçando o formato do inferior. Uma boca tão dura e sinistra.

— Por favor, cuide-se, — digo enquanto observo a luz perseguir sombras no rosto de Rafael.

— Eu sempre me cuido. — Sua voz profunda ressoa na escuridão e, no momento seguinte, ele agarra meus lábios com os seus.

O beijo é outro terremoto. Um evento sísmico catastrófico que me abala até aos alicerces da minha alma, destruindo tudo em seu caminho. A lógica e a razão evaporam, apagadas por seu toque. A preocupação de me deixar aproximar de alguém de quem eu deveria me ressentir voa pela janela do segundo andar. O medo de estar me apaixonando por um homem que é meu captor se desintegra. Seus fragmentos são arrastados para o mar. Não consigo pensar em nada além de desejar mais de Rafael. Agarrando seu pescoço, respondo a cada beijo. A cada mordida. Nada mais importa.

Rafael puxa meu lábio inferior entre os dentes, dando-lhe uma última mordiscada, e depois me abaixa lentamente até ao chão.

— Mantenha a porta fechada, para que os gritos não a acordem, — ele sussurra próximo ao meu ouvido.

Na respiração seguinte, ele se foi.

* * *

A porta fechada não ajuda muito. Gritos abafados ainda chegam

até mim pela varanda. As janelas do porão devem ter sido deixadas abertas. Puxo meu cardigã macio mais apertado ao meu redor e continuo a morder a unha do polegar.

A tortura como forma de obter informações ou aplicar uma punição não é incomum no mundo do crime. Nunca o presenciei, mas não preciso estar lá para saber que é isso que está acontecendo no nível subterrâneo no momento. O próprio Rafael aplica a agonia ou pede a alguém que faça isso por ele enquanto ele observa? Mesmo conhecendo sua reputação, acho difícil imaginá-lo fazendo isso. O homem que me deixa desenhos em notas adesivas não estaria massacrando pessoas em sua casa, certo? Talvez as histórias que ouvi sobre o temido siciliano sejam exageradas. Ou ele é exatamente como as pessoas o pintam - um assassino implacável e de sangue frio?

Abro a porta do quarto e dou uma olhada lá fora. Não há ninguém por perto. Andando na ponta dos pés pelo corredor, tento ao máximo manter os passos leves para que as tábuas do assoalho não rangam e me denunciem. O eco fraco de gemidos e gritos suaves parece se infiltrar pelas paredes.

No meio da escada, um dos degraus de madeira range sob meus pés descalços. Eu me assusto e olho em volta, com medo de que alguém tenha ouvido. Mas o hall de entrada está deserto.

Com exceção das arandelas vintage nas paredes, todas as luzes estão apagadas, o que dá uma sensação sinistra ao espaço. O rastro de sangue no chão desapareceu, exceto por algumas manchas vermelhas aqui e ali. Evitando os restos, atravesso rapidamente o corredor e viro à esquerda em direção à escada que leva à adega.

Paro diante da porta grossa do porão e fico olhando para a maçaneta. Isso é um erro. Não tenho nenhum interesse em testemunhar uma sessão de tortura. Mas meus dedos estão ansiosos para girar a maçaneta. Abrir a porta. Para *vê-lo*. O verdadeiro homem.

O desejo de ter um vislumbre do outro lado dele está me percorrendo. O lado que ele nunca me mostrou. Quero saber tudo sobre Rafael. *Preciso*. Preciso saber toda a verdade sobre o homem que invadiu

meus pensamentos desde o momento em que o conheci. Talvez vê-lo em seu pior momento possa acabar com essa minha atração tola. Talvez ver sangue em suas mãos me faça recuar de seu toque da próxima vez, e não me deleitar com ele. Talvez, apenas talvez, essa atração ridícula que sinto por ele finalmente acabe.

Os gritos vindos de fora da barreira diminuíram. Envolver a maçaneta com minha mão. Ela está gelada sob meus dedos, congelando minha pele. Prendendo a respiração, abro a porta.

Um único feixe de luz brilha do antigo lustre de ferro forjado, iluminando uma figura reclinada em uma cadeira de madeira frágil no meio da sala escura. Ele está de costas para a porta, mas sei que é Rafael. Não há mais ninguém aqui. Exceto... os corpos.

Cinco homens, com suas roupas rasgadas e ensanguentadas, estão deitados no chão por todo cômodo. O fedor de sangue e fluidos corporais se mistura com o cheiro de fumaça, fazendo-me engasgar.

— Não esperava ver você aqui, Vespeta. — A voz de Rafael quebra o silêncio. Ele ainda está de costas para mim.

— Como você sabia que era eu? — Eu me engasgo.

— Você é a única pessoa que ousaria se intrometer em minha reunião.

Ele dá uma longa tragada em seu cigarro e o joga no rosto de um homem morto, onde ele cai com um chiado perturbador e silencioso. Em seguida, em um movimento fluido de um piscar de olhos, ele bate a mão contra a perna da frente da cadeira, deixando uma faca alojada na madeira. Bem ao lado de um pote de vidro cheio de pedaços de sangue de... alguma coisa. Algo que parece... línguas humanas cortadas.

Rafael se levanta lentamente da cadeira e se vira para mim. A parte da frente de sua camisa e as mangas estão saturadas de tanto sangue que o tecido se agarra ao seu corpo.

— Eu não sabia que você fumava, — murmuro, ainda sem entender as manchas vermelhas em sua camisa de botão. É a única coisa que vem à minha mente atordoada para dizer.

— Um hábito antigo e desagradável ao qual ainda me entrego de vez em quando. — Ele percorre a distância entre nós em alguns passos largos e para bem na minha frente. — Por que está aqui?

— Eu... Não tenho certeza. — Engulo e encontro seu olhar. — Você não vai gritar comigo por ter descido?

— Por que eu faria isso?

— Porque... Eu não sei. Por não querer que eu visse isso? Se eu tivesse visto meu pai fazendo algo assim, ele teria queimado minha pele.

— Proteger alguém de quem você gosta é uma coisa. — Ele apoia a mão no batente da porta e se inclina até que nossos rostos fiquem no mesmo nível. Há manchas de sangue em sua bochecha esquerda também. — Protegê-los da realidade é uma coisa completamente diferente. Porque, em nosso mundo, isso pode levar à morte.

Acenando com a cabeça, meus olhos se voltam para um dos cadáveres. — Quem são eles?

— Cosa Nostra. Eles vieram a Catânia para descobrir o que aconteceu com as drogas que tentaram contrabandear pelo meu porto.

— Você teve que matá-los?

— O que a Bratva faria se encontrasse membros de uma organização rival traficando em seu território?

Exatamente a mesma coisa. Meus olhos encontram os de Rafael novamente. — Esse sangue é seu?

— Você se incomodaria se fosse?

— Talvez. — Minha voz é apenas um sussurro, como se eu achasse difícil processar essa percepção.

O canto dos lábios de Rafael se curva para cima. Lentamente, seus dedos ensanguentados apertam meu queixo, inclinando minha cabeça para cima. — Nada disso é meu, Vasilisa.

Sua boca se apodera da minha em um instante. Não há suavidade em seu beijo. Apenas uma reivindicação feroz. Consigo respirar fundo enquanto agarro um punhado de sua camisa para me apoiar e o beijo de volta.

Eu não deveria. Sei que não deveria, mas não posso lutar contra sua atração fascinante. Mordo seu lábio inferior, sugando-o para dentro da minha boca. Ele rosna, e sua língua me invade também.

O tecido sob meu toque está molhado e pegajoso, mas não consigo me importar. Minha mente está à deriva, incapaz de processar qualquer coisa que não seja o gosto dele. Seu cheiro. Seu calor. O único contato pele a pele são os nossos lábios, mas todo o meu corpo está vibrando como um fio elétrico. Nenhum outro homem jamais me fez sentir assim.

Quando ele finalmente solta minha boca, o ar passa pelos meus pulmões em rajadas curtas e rápidas. Como se meus órgãos respiratórios de repente se lembrassem de como funcionar. Olho fixamente para os olhos verdes e duros de Rafael. Eles brilham com um desejo oculto enquanto ele se eleva sobre mim, tão grande e sinistro, com manchas de sangue e cadáveres como pano de fundo. Como se ele fosse o governante sombrio do inferno.

— Seus belos lábios têm o gosto da pura essência do pecado. — Ele passa o polegar em minha boca. — Eu me pergunto se sua boceta será tão deliciosa quando eu a devorar.

Um tremor percorre minha espinha, veemente pelo tom de sua voz, sacudindo-me até ao âmago. Não parece uma pergunta, mas uma promessa. Uma promessa que eu veria com prazer ele cumprir.

Ao me virar, corro para as escadas. Fugindo de Rafael De Santi e dos sentimentos traiçoeiros que ele desperta em mim.

Capítulo 13

Vasilisa

— O Signor De Santi me pediu para lhe passar uma mensagem, senhorita, — diz uma das empregadas da soleira do terraço. — Ele está esperando por você no carro dele. Leve o laptop com você.

— Pode dizer ao Sr. De Santi para ir se foder, — digo por cima do ombro e olho para o horizonte.

Idiota. Já se passaram horas desde que encontrei o último ‘presente’ de Rafael e ainda não consegui me acalmar.

Quase não dormi na noite passada, muito abalada pelos beijos de Rafael e pelos sentimentos confusos que eles evocavam. Emoção e prazer, além de desprezo por mim mesma, porque gostei da experiência. Eu não saio por aí deixando que homens aleatórios me beijem sem sentido. Muito menos homens que me mantêm em cativeiro! Fiquei me revirando por horas, tentando erradicar as imagens mentais de Rafael fazendo muito mais comigo do que apenas me beijando.

E então, quando acordei, ainda mais confusa do que na noite anterior, encontrei outra caixa de veludo.

Eu nem precisei ver o presente para saber que ele esteve no quarto enquanto eu dormia. Eu podia detectar os traços dele no ar. Não é que o cheiro dele seja forte, mas parece que minhas narinas estão sintonizadas com ele, capazes de perceber até mesmo os mais fracos cheiros.

Um lindo bracelete de corrente de cordão estava na caixa, os três fios trançados de ouro e diamantes incrustados brilhavam na luz da manhã. Ao lado da caixa de joias havia um luxuoso vaso de cristal transbordando com várias hastes de orquídeas brancas. Embaixo havia um cheque com meu

nome, no valor de três milhões de dólares. Um para cada beijo que compartilhamos. Não me lembro da última vez que me senti tão miserável e usada, como uma espécie de prostituta. Eu beijei aquele idiota porque gosto dele. Gosto dele muito mais do que estou disposta a admitir. E ele me deixou um maldito cheque!

— Você recebeu minha mensagem, Vasilisa?

Um arrepio inadequado, mas agradável, me percorre só com o timbre de sua voz. Cerro os dentes e mantenho meus olhos focados em um ponto distante diante de mim. — Sim. Eu mandei uma de volta, mas a empregada provavelmente estava com muito medo de repassar para você.

Passos pesados soam atrás de mim, cada vez mais perto. Posso sentir cada batida reverberando em meu peito enquanto cada impulso nervoso zumba dentro do meu corpo. Rafael para bem na minha frente, bloqueando minha visão do mar azul profundo.

— E viu o presente que deixei para você? — pergunta ele.

Eu o encaro com os olhos semicerrados, observando sua enorme forma pairando sobre mim. Ele está vestindo uma calça cáqui e uma camisa branca com as mangas enroladas até aos cotovelos, revelando as tatuagens que cobrem seus antebraços. Os primeiros botões da camisa estão abertos, e posso ver fragmentos de outra tatuagem em seu peito.

— Vi, — digo o mais calmamente que posso. — Rasguei o cheque e joguei os pedaços no vaso sanitário.

— As flores também?

— Não. Estão na lata de lixo da cozinha. Não queria entupir os canos de esgoto. São muito grandes. E você pode encontrar a pulseira na gaveta das gravatas.

Rafael inclina a cabeça para o lado, olhando para mim atentamente. Óculos escuros de aviador escondem seus olhos, dificultando decifrar sua expressão exata, mas não deixo de notar o endurecimento de sua mandíbula.

— Tenho os detalhes do contêiner que preciso que você redirecione. Modifique os formulários de envio de frete para que ele chegue

ao porto de Xangai.

— O contêiner não fazia parte do nosso acordo. Sinta-se à vontade para brincar com sua maldita caixa de aço.

— Você trabalha para mim. Isso significa que fará tudo o que eu precisar. — Ele tira os óculos escuros e me fixa com o olhar. — Estamos operando em outro local hoje. Você tem cinco minutos para pegar o laptop e ir para o carro.

— E se eu não for?

— Acho que você não quer jogar esse jogo comigo. — Ele coloca os óculos de volta e se afasta. — Cinco minutos.

Aperto as mãos em punhos com toda a minha força e espero até que o som de seus passos desapareça, depois subo as escadas para pegar o maldito computador.

Quando saio correndo da mansão cinco minutos depois, Rafael está ao lado do SUV, segurando a porta do passageiro entreaberta, como se não tivesse dúvidas de que eu estava chegando. Acho que, se você tem o poder da vida ou da morte na ponta dos dedos e a vida da família de alguém está em jogo, é de se esperar que essa pessoa dance conforme a sua música. Maldito seja ele.

Jogo o laptop no banco de trás e pressiono minha têmpora contra a janela do lado do passageiro, criando a maior distância possível entre nós.

A tensão dentro do veículo poderia ser cortada com uma faca. Dirigimos em silêncio absoluto por quase uma hora, serpenteando por estradas estreitas e desertas, ladeadas por olivais e vastos campos agrícolas. Aos poucos, algumas casas de campo aparecem entre as colinas e vales sempre presentes na bela paisagem rural. Rafael vira em uma pista que passa ao longo da costa, descendo para um vilarejo pitoresco. Deslizo minha janela para baixo, observando as pequenas casas antigas espremidas umas ao lado das outras. As varandas voltadas para a rua estão repletas de uma infinidade de flores coloridas, algumas caindo em cascata sobre as grades e quase no chão. O aroma no ar é sedutor. Perto das portas de muitas casas, mulheres idosas - às vezes sozinhas, às vezes em grupos - sentam-se em cadeiras frágeis

ou em poltronas reclináveis de aparência antiga. Estão aproveitando a vida? Ou mantendo os olhos em seus arredores?

Estávamos dirigindo por um cruzamento quando Rafael freou tão bruscamente que o cinto de segurança quase revirou minhas entranhas. Ainda estou recuperando enquanto Rafael enfia a cabeça pela janela aberta e começa a gritar. Ele fala tão alto que preciso colocar as mãos sobre os ouvidos para não ficar surda. Isso não ajuda muito.

— *Ma che fai, stronzo?!* — Rafael ruge, acenando com a mão para a caminhonete que está parada no meio do cruzamento, bloqueando nosso caminho. — *Vaffanculo! Sei cieco? Madonna santa!* 13

O motorista do outro veículo também colocou a cabeça para fora e está gritando de volta, enquanto o homem ao meu lado continua proferindo o que tenho certeza que são palavrões. Meu olhar se volta para Rafael, observando-o com admiração. Ele não se parece em nada com o assassino a sangue frio que testemunhei ontem à noite. Agora, ele está agindo como um cara normal. Bem... um cara normal muito irritado, agravado por um acidente de trânsito. É... muito bonito. E sexy como o inferno.

— *Coglione! Mangia merda e morte, porca puttana!* — ele rosna enquanto bate no volante com a palma da mão, pisa no acelerador e passa pelo cruzamento, por pouco não acertando o caminhão.

— *Testa di cazzo,* — murmura ele, balançando a cabeça, e depois olha para mim. — *Tutto bene?*

Eu o encaro e depois começo a rir. — Não faço ideia do que você disse nos últimos cinco minutos, mas me pareceu doloroso.

Um pequeno sorriso se desenha em seus lábios.

— Bem, eu disse àquele idiota para ir se foder de uma forma muito dolorosa. Mandeí-o para o inferno porque seu cérebro está em seus testículos. Chamei-o de idiota e imbecil e o mandei comer merda e morrer. Depois, perguntei se você estava bem. — Ele estica a mão e passa o polegar em meu queixo. — Você está bem, Vespetta?

— Sim, — eu respiro.

Rafael dirige o carro para a esquerda e para em frente a uma casa

antiga de um andar. Um arbusto enorme, ou talvez uma pequena árvore, com flores roxas vibrantes, sobe pelas paredes da estrutura e suas vinhas se entrelaçam para criar um dossel natural sobre a porta da frente. Em sua sombra, enrolado em uma bola sobre um capacho, dorme um grande gato malhado. Uma mulher com uma longa trança cinza, que aparenta ter mais de oitenta anos, está tricotando em um banco próximo. No momento em que nos percebe, ela abandona seu trabalho e olha para Rafael enquanto ele sai do SUV e joga os óculos escuros no painel.

— Volto já, — ele diz e fecha a porta.

A brisa suave bagunça os cabelos ao redor de seu rosto, jogando alguns fios escuros sobre seus olhos enquanto ele se aproxima da casa com passos longos e confiantes. Sua camisa acentua suas costas largas, com o tecido esticando seus bíceps e ombros.

Rafael traz à mente a imagem de um deus romano vingativo, mas que viajou no tempo até ao presente. A ideia é reforçada pela arma que ele enfiou no cós da calça em suas costas. A cena da noite passada - ele coberto de sangue - se forma diante de meus olhos, e minha frequência cardíaca dispara em alarme.

Ele vai matar a pobre velhinha?

Agarro a maçaneta da porta e a abro com força. Não dou a mínima para o que ele possa ter com ela, mas não vou ficar sentada e assistir enquanto ele mata a avó de alguém.

Estou fora do SUV e pronta para correr até lá para detê-lo quando Rafael se agacha diante da mulher. Ela não parece nem um pouco alarmada com sua presença. Um pequeno sorriso ilumina seu rosto quando ela se inclina para a frente e começa a sussurrar no ouvido dele.

A conversa dura quase cinco minutos. A mulher fala, e Rafael ouve, balançando a cabeça de vez em quando. Quando ela termina, Rafael se endireita e se vira para sair. De repente, a mulher agarra sua mão. Fico olhando, sem palavras, enquanto ela deposita um beijo em seus dedos.

Quando ela solta a mão de Rafael, seu olhar se encontra com o meu. Com as sobrancelhas franzidas, ela me observa em silêncio por um ou

dois segundos, depois diz algo e faz um gesto para a esquerda. Rafael balança a cabeça. Mais palavras que soam sérias se seguem em italiano rápido, saindo de seus lábios enquanto ela aponta para o vaso de flores na porta da frente. Uma planta enorme com flores vermelhas brilhantes. Suspirando, Rafael olha para o céu, depois se aproxima do vaso e colhe uma única flor do lote.

Meu coração bate forte no peito quando ele diminui a distância entre nós e levanta a flor em minha direção.

— É um gerânio. Considerado quase como uma erva daninha por aqui, — diz ele. — Sei que ele será jogado no vaso sanitário, mas ela insistiu.

— E por que você presumiria isso?

— Bem, esse foi o destino das orquídeas. Por que uma erva daninha se sairia melhor?

Pego a flor de sua mão. — Pense um pouco e a resposta virá até você.

Levando a flor ao nariz, inalo o aroma suave e doce e volto para o meu assento.

— Então, ela é sua família? — pergunto quando Rafael pega o volante.

— Uma associada seria mais preciso. Se quiser saber o que está acontecendo por aqui, nada melhor do que a rede de vigilância das avós.

— Hmm, me pareceu mais do que isso. Todos os seus associados beijam sua mão?

— É um sinal de respeito. E de agradecimento pela ajuda que prestei.

— Que tipo de ajuda?

— Não há escassez de corrupção em toda a Sicília. Com dinheiro suficiente, é possível se safar de muitas coisas, — diz ele. — Há alguns anos, um magnata dos negócios chegou com a intenção de arrasar o vilarejo e transformar a área em um vinhedo. Ele tentou comprar as propriedades e as terras ao redor, subornando as autoridades locais a torto e a direito para obter as licenças e autorizações necessárias.

— Mas não deu em nada?

— Claro que não. Já que separei o bastardo de sua cabeça. — Ele dá partida no veículo e olha para a trepadeira roxa que sobe pela parede velha coberta de tinta descascada. — Cadáveres são um ótimo fertilizante para plantas.

Com a boca aberta, sigo o olhar de Rafael até ao arbusto florido e depois olho para a avó, que voltou ao seu tricô com um sorriso sereno no rosto. — Você enterrou um corpo ao lado da porta da frente dela? A pobre mulher sabe disso?

— É claro. Ela até escolheu o local.

O motor ronca e seixos estalam sob os pneus enormes quando Rafael dá marcha à ré, assustando o gato que estava dormindo no tapete da porta. A bola de pelo salta de seu local de cochilo diretamente para o arbusto florido. Freneticamente, ele sobe na trepadeira grossa e se espreme entre os galhos logo acima da porta.

— Pare! — Estendo a mão, colocando minha mão sobre a de Rafael no volante. — Você assustou o gato. Ele subiu no arbusto do túmulo.

O barulho do veículo se apaga. Viro a cabeça e nossos olhares se cruzam, fazendo com que eu me esqueça do gato gorducho. Os olhos de Rafael estão fixos nos meus, prendendo-os, e eu me vejo inclinada na direção dele. Posso sentir os sulcos das cicatrizes em sua mão sob minha palma, cruzando sua pele como um bizarro padrão de treliça art déco.

— Arbusto do túmulo? — O olhar de Rafael desvia-se para baixo, caindo em minha boca, e percebo tardiamente que posso ter chamado sua atenção ao prender meu lábio inferior entre os dentes.

Será que ele está pensando nos beijos que compartilhamos na noite passada? Aqueles pelos quais ele me ‘pagou’?

Meu Deus, mesmo depois desse fiasco, ainda quero beijá-lo novamente. Muito ruim.

— Hum, sim. — Rapidamente solto sua mão e olho de volta para o gato. — Você acha que ele vai descer sozinho?

— Sim.

— Não me parece ser assim. — O gato parece apavorado, testando o galho diante dele com uma pata, mas recuando rapidamente. — Você pode ajudá-lo a descer?

— Ele vai pular no momento em que sairmos, Vasilisa.

Meus batimentos cardíacos dispararam como sempre acontece quando ele me chama pelo meu nome. Respiro fundo e olho para ele. — Por favor?

Rafael levanta a mão e roça levemente minha bochecha com os nós dos dedos cheios de cicatrizes. O ar fica preso em meus pulmões.

— *La mia principessa russa*, — ele sussurra.

Outro afago em meu queixo antes de ele sair do carro e ir em direção à casa, onde o gato perturbado ainda está amontoado entre galhos cheios de flores roxas.

Hipnotizada, observo Rafael sacudir os galhos dos arbustos e as flores, tentando colocar as mãos no gato assustado. O gatinho pode parecer ansioso para descer, mas Rafael está levando mais de cinco minutos para agarrá-lo, pois o bichinho fica se contorcendo entre os galhos e a folhagem. Quando ele finalmente consegue agarrá-lo e começa a puxar a bola de pelos para fora do emaranhado de cipós, o gato se solta das mãos de Rafael e pula de volta para o arbusto. Em seguida, usando um dos galhos mais grossos, ele habilmente corre para o chão e foge.

O riso borbulha dentro de mim e, quando Rafael entra no banco do motorista, estou rindo tanto que as lágrimas escorrem pelo meu rosto.

— Acho que você estava certo. — Bufo e depois caio em outro ataque de riso. — Coisinha sorrateira.

— É claro que eu estava certo. — Há um pequeno sorriso em seus lábios quando ele liga o SUV.

Rafael pega seus óculos escuros no painel e, enquanto os coloca, noto leves marcas vermelhas nas costas de sua mão. A pele ao redor está ficando vermelha como um motor de combustão.

— Oh, meu Deus, o pequeno patife arranhou você!

— Não foi o gato. É um arbusto de buganvília. — Ele olha para mim. — Seus espinhos são tóxicos.

Eu o encaro - esse homem perigoso e inescrupuloso, que há poucos minutos revelou ter enterrado um cadáver debaixo daquele mesmo arbusto. E então, sem protestar, ele foi ‘resgatar’ o gato porque eu pedi, mesmo sabendo que se machucaria no processo.

O calor incha dentro do meu peito, derretendo uma das muitas camadas de proteção que tenho tentado construir em torno do meu coração. Uma de minhas proteções remanescentes de Rafael De Santi.

* * *

— O que estamos fazendo aqui? — Pergunto enquanto caminhamos pela doca de madeira.

Na extremidade mais distante, dois iates brancos balançam levemente nas ondas suaves. O primeiro é uma enorme monstruosidade com dois andares acima do convés principal e parece mais um hotel estranho do que uma embarcação marítima, enquanto o outro é significativamente menor, mas ainda assim grande o suficiente para ofuscar muitas lanchas que já vi passeando pelo Lago Michigan em Chicago. Um homem vestindo bermuda branca e camiseta listrada está desenrolando as cordas dos ganchos de metal presos ao cais.

— Hoje trabalharemos em meu iate.

Paro de repente. — Por quê?

— Achei que você gostaria de passar um dia fora de casa. — Rafael coloca a palma da mão na parte inferior das minhas costas, levando-me para a frente. — E aqueles trabalhadores estão me dando nos nervos com toda a barulheira que estão fazendo.

— Você se refere aos caras que estão envernizando as estantes

pela segunda vez esta semana? Bem, não me importo com eles. Talvez devêssemos voltar.

Rafael para e coloca sua mão sob meu queixo, inclinando minha cabeça para cima. — O que há de errado?

— Nada.

— Vasilisa. O que há de errado?

Dou uma olhada no barco atrás dele. Yulia e eu temos conversado sobre fazer um cruzeiro no verão, mas nunca tive coragem de ir.

— E se ele afundar? — eu digo.

— Por que ele afundaria?

— É um barco. Eles afundam o tempo todo.

— Ao contrário do que se vê nos filmes, afundar uma embarcação aquática desse tamanho é bastante difícil. A menos que o iate bata em rochas ou colida com outra embarcação marítima, não há como isso acontecer. — Ele se inclina para que nossos rostos fiquem quase nivelados. — Não se preocupe. Você estará segura.

— E quanto às criaturas aquáticas? Como os tubarões!

— Bem, nós estaremos a bordo. Vários metros acima da linha d'água. — Seus lábios se contraem em um pequeno sorriso. — E, caso entremos em um cenário de *Sharknado*¹⁴ e peixes mortais comecem a chover do céu, tenho algumas armas de grosso calibre escondidas abaixo do convés.

Meus olhos se transformam em fendas e eu o encaro. — Esse filme foi muito estúpido.

— Não concordo. O *Sharknado* original é um clássico de todos os tempos. — Rafael passa o polegar no meu queixo e depois se afasta.

Sigo seu rastro até à rampa de embarque estreita que está conectada ao iate menor, olhando para ele com desconfiança. Rafael sobe nela primeiro, depois se vira e estende a mão para mim. Lentamente, coloco minha palma na dele. Seus dedos envolvem os meus, sua mão enorme engolindo completamente a minha. Com as mangas arregaçadas e o sol do meio-dia brilhando, posso ver que não são apenas suas mãos que têm uma infinidade de

cicatrizes irregulares e variadas. Há muitas em seus antebraços também. Uma particularmente longa começa na parte interna do pulso, divide a imagem realista de uma cobra verde dentada enrolada em duas adagas pretas cruzadas e continua até ao cotovelo.

— Cuidado com o degrau.

Olho para cima e encontro seu olhar. — Não me solte.

Algo perigoso brilha em seus olhos enquanto ele aperta minha mão com mais força. — Nunca.

* * *

O vento sopra meu cabelo em direção ao rosto enquanto analiso o conhecimento de embarque do contêiner de transporte que Rafael quer que eu redirecione. Levei quase uma hora para entrar no sistema da empresa de frete e encontrar o navio de carga exato no qual o contêiner em questão foi carregado. Não deveria ter demorado mais do que vinte minutos, mas eu sempre olhava de relance para Rafael enquanto ele estava no leme do iate, navegando.

Inicialmente, instalei minha ‘estação de trabalho’ no convés principal, dentro do que parecia ser uma sala de estar aconchegante e luxuosa, mas me senti enjoada depois de dez minutos e subi para o convés superior, sentando-me na espreguiçadeira curva de couro marrom atrás do assento do piloto. Ou... pelo menos, essa é a desculpa para me instalar aqui em que eu escolho acreditar. O enjoo parece muito mais aceitável do que vir para este lounge só para ficar mais perto do homem que não consigo ignorar.

— Por que estamos enviando esse pobre contêiner em uma viagem ao redor do mundo? — pergunto enquanto continuo modificando os registros.

Rafael olha para mim por cima do ombro e depois volta a olhar para o horizonte. — Porque o carregamento de drogas de Calogero está lá dentro.

— Bem, ele não ficará feliz quando o encontrar em Xangai.

Paramos e Rafael desliga os motores. Em meio ao som das ondas batendo no casco do iate, o tilintar da âncora baixando vem da parte da proa do barco.

— Estou contando com isso.

Tenho certeza de que ele poderia ter pedido a um de seus técnicos para fazer isso por ele, mas o fato de ele ter me pedido, em vez disso, me deixa tonta de excitação. Não há muitas opções para mulheres na Bratva. Não é como se eu pudesse sair por aí batendo em pessoas que nos devem dinheiro ou fornecer proteção para carregamentos de drogas. Um dos motivos pelos quais escolhi Ciências da Computação como curso é que eu queria ajudar minha família de alguma forma com meu conhecimento de TI.

O vovô Felix está muito velho para acompanhar tudo o que é jogado sobre ele e à velocidade da luz com que a tecnologia está evoluindo, e eu esperava que papai me deixasse assumir as tarefas cibernéticas. Em vez disso, ele quase teve um ataque cardíaco quando compartilhei minha ideia com ele. Depois de quase uma hora de discurso sobre como eu nunca colocaria um dedo no negócio da Bratva, papai prometeu que me encontraria um ‘emprego bom e seguro’ em alguma instituição financeira. Um lugar onde eu pudesse conhecer um ‘contador legal e seguro’ com quem eu pudesse sair.

Pressiono *Enter*, salvando as alterações que fiz, e dou uma olhada em Rafael. Ele está inclinado de costas para o console do leme, com as mãos nos bolsos, me observando. O vento bagunçou seu cabelo e vários fios de cabelo escuro caíram sobre sua testa, fazendo com que ele pareça menos severo. Não posso acreditar que um homem que me perseguiu, me sequestrou e depois voou metade do mundo para que ele mesmo pudesse me destruir por ousar invadir seu domínio, valorize minhas habilidades mais do que meu próprio pai.

— O que sua irmã disse?

— Ela perguntou por que eu estava ligando às seis da manhã. — Eu me esqueci completamente da diferença de horário quando liguei para ela mais cedo. — Então, ela disse que papai enviou uma versão mafiosa de um alerta sobre mim.

— Ah? Como isso funciona?

— Acho que ele ligou para todos os sindicatos criminosos do país e ameaçou aniquilar qualquer um que esteja me mantendo refém. Ou qualquer um que tenha informações sobre meu paradeiro, mas não as tenha compartilhado.

— Então ele ainda acredita que você está em algum lugar dos EUA continental?

— Sim, geralmente sou mais cuidadosa quando falo com papai, sempre levando em conta a diferença de horário.

— Interessante. — Rafael sorri. — Alguém pode achar que você está realmente aproveitando sua estadia na Sicília.

Pisco os olhos e desvio rapidamente o olhar quando me dou conta: *estou* gostando de estar aqui. Estar com ele.

— Não seja ridículo, — murmuro, fingindo estar trabalhando novamente. — Você pode ligar para Mitch e perguntar se as novas credenciais de login para o banco de dados do cliente estão funcionando do lado dele?

— Não.

Minha cabeça se levanta. — Por que não?

— Porque deveríamos dar um mergulho primeiro.

Respiro fundo. Imagens de Rafael sem roupa inundam minha mente, provocando uma sensação de formigamento em meu âmagô. Errado. Muito errado. Não posso estar me apaixonando por um homem que me deixou um cheque como pagamento pelos beijos que compartilhamos. Que não permite que eu volte para casa.

Limpar minha maldita mente é inútil. Esses pensamentos me invadem novamente, ainda mais intensos e eróticos. Nós dois, nus, enquanto ele cobre meu corpo com o dele. Palmas ásperas acariciando minha pele enquanto seus olhos verdes penetrantes me atravessam. Os olhos de um assassino. Estou excitada e pronta para entrar em combustão, apesar de ele ser um assassino de sangue frio. Ou talvez... talvez sejam essas vibrações sinistras que ele emite que o tornam mais atraente.

— Hum... Vou pular essa parte. Há algumas coisas que preciso resolver. — Olho rapidamente para o laptop.

— Como quiser.

Sua mão roça meu braço enquanto ele passa por mim, indo para o convés principal. Mantenho meus olhos grudados na tela, mas, por fim, minha curiosidade leva a melhor. Tentada por uma força mais forte do que a minha vontade, dou uma olhada por cima do ombro para a plataforma de natação na parte de trás do barco. Mas não o vejo. Levantando-me um pouco do meu assento, avisto Rafael no ponto mais à frente do iate, desabotoando a camisa. Todo o ar sai de meus pulmões quando o vejo tirar a roupa, revelando suas costas largas e perfeitamente definidas.

Suas calças são as próximas.

Ainda estou tonta, surpresa com a beleza dele, quando ele enfia os dedos no cóis da cueca. *Oh, meu Deus, ele não faria isso!* A cueca desliza para baixo, dando-me a mais breve visão de sua incrível bunda firme antes que ele mergulhe no mar. Seu corpo se eleva em linha reta por uma fração de segundo e, um piscar de olhos depois, um respingo na água soa lá embaixo.

As palmas das minhas mãos estão pressionadas contra as bochechas em chamas. Não posso acreditar que ele fez isso. E ele estará nu quando subir de volta ao iate, o que significa que poderei ver tudo o que perdi naquele relâmpago. Todos os quase dois metros de um corpo masculino nu, molhado e magnífico.

Como vou fingir indiferença a isso?

Saio da espreguiçadeira, com a intenção de me esconder em algum lugar no convés principal até que Rafael esteja novamente vestido, mas o desejo irresistível de vê-lo me domina novamente. Talvez eu possa dar uma olhada rápida sem que ele perceba?

Agachada no convés, vou até à frente do posto do leme e espio pela lateral, tentando ver além da proa do barco. As águas azuis profundas estão paradas, exceto pelas suaves ondulações na superfície. Não há nenhum assassino de bunda nua à vista. Corro para a parte de trás do *flybridge*¹⁵, mas é a mesma coisa. Apenas a calma vastidão do Mediterrâneo.

— Rafael? — Eu chamo.

Nada.

Onde diabos ele está? Quanto tempo uma pessoa pode ficar embaixo d'água? Já se passaram pelo menos dois minutos. Volto para o cockpit aberto e desço a escada de metal até à parte traseira do barco e depois os degraus até à linha d'água.

— Rafael! — Eu grito da plataforma de natação, examinando as profundezas em vão. — Isso não tem graça!

Ele se afogou? E se algo o comeu? Que merda. Que merda. *Que merda!* Abaixo meu short e tiro a blusa, ficando apenas com um conjunto de sutiã e calcinha de renda branca combinando. Meu coração está batendo forte no peito e a preocupação com Rafael está me pressionando, mas não consigo me obrigar a descer da plataforma para o mar. Desde que assisti ao filme *Tubarão*, tenho um medo profundo de tubarões. Sei nadar muito bem, mas somente em piscinas.

— *Rafael!* — Grito dessa vez, dizendo seu nome. Não há resposta.

Um gemido histérico sai de meus lábios quando me abaixo até à borda do deck e mergulho os pés na água. Se um monstro marinho comeu Rafael, deve ser um monstro muito grande para conseguir engoli-lo inteiro. Se ele vier atrás de mim, eu provavelmente mal perceberei quando ele abrir a boca. Morte rápida e indolor.

— Vá se foder, Rafael, — eu bufo e deslizo da plataforma para as profundezas aterrorizantes no momento em que uma grande forma distorcida de água surge de baixo.

Eu grito e fecho os olhos. A água espirra ao meu redor enquanto bato os braços, tentando fugir, e minhas costas colidem com a escada de natação estendida abaixo da superfície. Algo grande e grosso envolve minha cintura. Eu grito novamente, chutando minhas pernas para acertar...

— *Ma che cazzo!* Vasilisa!

Eu congelo. Abro um olho. Depois o outro. Rafael está na água à minha frente, com seu braço direito envolvendo minha cintura, enquanto

segura a escada atrás de mim com a mão esquerda.

— Pensei que você fosse o maldito Kraken¹⁶, — desabafo, enquanto luto para respirar calmamente.

Ele inclina a cabeça, e o movimento faz com que algumas gotas de água de seu cabelo caiam diretamente em meus seios. — Kraken?

— Sim!

Seus lábios estão bem apertados e as sobrancelhas franzidas. Acho que talvez eu o tenha irritado. Um som profundo e estrondoso sai de seu peito e, no momento seguinte, ele começa a rir.

— Não é engraçado! — Enrolo meus braços em seu pescoço, segurando-o com toda a força. — Achei que você tinha se afogado, seu idiota! Você tem ideia de como eu tenho pavor de nadar no mar? Quase tive um ataque cardíaco enquanto pensava em como nadar mais rápido que os tubarões, polvos, baleias e... e... tartarugas gigantes para poder chegar até você!

Os olhos de Rafael escurecem de repente. Ele não está mais rindo. Seu aperto no meu corpo se intensifica, esmagando-me em seu peito. Fico muito, *muito* quieta, hiperconsciente de seu corpo basicamente colado a mim. Seu olhar captura o meu e o mantém com a mesma ferocidade com que seu braço agarra meu corpo. E seu pau duro como pedra pressiona bem no meu âmago.

— Há apenas um monstro à espreita nessas águas agora, meu ardente lírio do vale. — Ele inclina a cabeça, depositando um beijo em meu ombro. — Mas acho que você sabe que ele nunca lhe fará mal algum.

Um arrepio emocionante percorre minha espinha, seguido por outro quando ele beija meu pescoço. Meu queixo. O canto de minha boca. Sinto-me como se fosse um condutor de energia de alta voltagem, mas não há saída para toda essa energia bruta. Estou presa em seu campo elétrico, e toda vez que seus lábios tocam minha pele, ocorre um colapso total do sistema. Finalmente, sua boca se apodera da minha. Mordendo. Tomando. Reivindicando. Eu o beijo de volta, mesmo sabendo que não deveria. Não deveria deixar isso acontecer. Mas qualquer capacidade cognitiva que eu

possuía foi destruída. Em curto-circuito. Queimou até ficar crocante.

Eu me agarro a ele com mais força, me prendendo ao seu peito, enquanto ele devasta meus lábios. Isso é errado. Sei que é, mas parece que não consigo me importar. Todo o senso de realidade está se perdendo em meio à miríade de emoções que giram dentro de mim. Excitação. Alegria. Felicidade. É tão bom estar em seus braços, com seu corpo envolvendo o meu. Seu corpo nu. Posso sentir seu pau duro roçando em meu âmago, o tecido rendado da minha calcinha é a única barreira. Quero mais, e todo o meu ser está fervilhando com essa necessidade. Mais desse homem manipulador e complicado que tem atormentado meus pensamentos desde o segundo em que nos conhecemos.

Puxo seu lábio inferior entre meus dentes e o mordo. Com força.
— Não acredito que você me deixou um cheque pelos nossos beijos, seu idiota.

— E não acredito que você jogou meus milhões no ralo. — Ele me morde de volta. — Vou foder você agora, Vasilisa. Vou foder sua boceta até ao esquecimento, da mesma forma que você vem fodendo com minha mente há semanas, transformando-a em um mingau inútil. Você consegue imaginar a força de vontade que tive de ter para resistir a tomá-la em meus braços e torná-la minha, para não dizer simplesmente: *Que se dane tudo isso, eu a quero?*

— Sim, — ofego. Sabendo o quanto tenho lutado para manter meu autocontrole, tenho uma boa ideia. Minhas fantasias têm tomado conta de minha mente dia e noite - como seria esquecer quem ele é... o que ele fez... e simplesmente deixar para lá? Acho que vou descobrir, porque meu cérebro parou de funcionar no momento em que nossos lábios se tocaram. O desejo e a necessidade primordiais estão agora no comando. Não consigo mais lutar contra mim mesma. — Por favor, me foda até ao esquecimento.

Seu aperto em minha cintura se torna mais firme como um torno. Ele solta meu lábio que estava preso entre seus dentes e rosna em minha boca.

— Segure firme.

Não questiono sua ordem, apenas faço o que ele disse. Minhas mãos deslizam para o seu cabelo, fixando meu aperto em seu pescoço.

Instantaneamente, seu braço em volta da minha cintura se desloca e sua palma desliza para empurrar minha calcinha para baixo. Como se estivesse triunfante por ter superado essa barreira, a água do mar envolve minha boceta enquanto a delicada renda desliza pelas minhas pernas e desaparece nas profundezas.

Rafael acaricia minha bunda com a palma da mão, depois se move para baixo, entre as bochechas da minha bunda, direto para o meu núcleo. Dedos hábeis roçam minhas dobras. E com seus movimentos, as águas mornas do Mediterrâneo salpicam delicadamente meu orifício, inundando-o até mesmo por dentro. Rafael ataca meus lábios no mesmo ritmo em que seus dedos acariciam minha carne sensível. É pura insanidade.

Todo o meu corpo parece estar queimando por dentro, o calor subindo pela água. Escaldante. Fumegante. O próprio ar ao nosso redor parece espesso como neblina. Envolvendo minhas pernas em sua cintura, pressiono minha boceta contra a ponta de seu pau e fecho os olhos.

Os lábios de Rafael continuam nos meus. — Olhe para mim.

Abro os olhos, mais uma vez lutando para respirar. O rosto de Rafael tem linhas duras, a mandíbula cerrada, tornando as cicatrizes em seu rosto mais nítidas.

— Não ouse fechar os olhos, porra. — Um rosnado baixo e perigoso escapa de sua garganta enquanto ele desliza a cabeça de seu pau dentro de mim.

— Está bem, — sussurro.

— Ótimo.

Ele empurra um pouco mais para dentro. É muito grande. Não consigo respirar. Um gemido trêmulo sai de mim. Eu me agarro a ele com toda a minha força, com meus olhos penetrando os dele.

— Eu não sou lento, Vespetta. Mas, por você, vou tentar.

Mais um centímetro. Tê-lo dentro de mim é uma sensação intrínseca. Intensa. Nunca fiz sexo na água, e a sensação é incomparável a qualquer coisa que eu tenha experimentado antes. Ou talvez seja só ele. Seu dedo ainda está acariciando minha carne, aquele ponto entre meu núcleo e o centro nervoso da minha bunda, aplicando pressão constante. Esse toque, por

si só, quase me leva à beira do abismo. E seu pau não está nem na metade de mim.

De alguma forma, ele ainda está segurando a escada com a mão esquerda. Sem quebrar nosso contato visual, agarro seus bíceps semelhantes a troncos e aperto minhas pernas em volta de sua cintura. Estou absorvendo mais dele. Meu corpo inteiro treme enquanto ele me preenche lentamente. Mais. E mais. Nós dois ofegantes. Com apenas o sol sobre a cabeça e o mar tranquilo ao nosso redor, estamos em nosso próprio mundo selvagem.

Se fosse qualquer outra pessoa flutuando nessas águas comigo, há muito tempo eu teria entrado em pânico total, lançado às profundezas mais frias. Mas parece que minha mente acredita completamente que Rafael De Santi é realmente a maior ameaça nessa vastidão azul. E tudo o que consigo sentir é ele. Quando penso que não aguento mais, minhas paredes se esticam ainda mais. Meu corpo se ajusta ao tamanho dele.

Quando ele finalmente parece estar completamente dentro de mim, mal consigo respirar. O menor movimento dele provavelmente me fará quebrar. Mas Rafael se mantém totalmente imóvel.

— Diga-me... Você realmente pulou na água porque achou que algo tinha acontecido comigo?

O ar sai dos meus pulmões em rajadas superficiais enquanto procuro suas órbitas verdes. Sua íris esquerda é um pouco mais clara que a direita. Eu nunca havia notado isso antes.

— Pulou? — ele insiste e, incredivelmente, empurra mais fundo.

Eu quase gozo.

Deslizando a palma da mão pelo seu pescoço, agarro os fios escuros e úmidos e aperto. O pau de Rafael se contrai dentro de mim. Seu corpo está tão tenso, cada músculo se esforçando. Meu Deus, ele é lindo assim.

— Sim. — Inclino meu queixo, mordiscando seu lábio inferior.
— Como eu teria voltado para a mansão se você tivesse se afogado?

Outro rosnado sai de sua boca, áspero e feroz. Ele recua e, em

seguida, bate em mim com tanta força que minha mente fica totalmente vazia. Sua boca captura a minha novamente. Mordendo. Tomando. Meu âmagos trema com uma sensação de prazer que beira a dor, enquanto ele me golpeia com investidas rápidas e profundas. Sua mão agarra minha bunda, mantendo-me firme, enquanto me destrói da maneira mais visceral. Não resta nem uma gota de seu autocontrole anterior, como se minha mentira flagrante tivesse liberado a fera.

— Minha, — ele rosna, mordendo meu lábio inferior. — Desde o momento em que você atirou aquela garrafa quebrada em mim, eu sabia que você seria minha.

— Eu não sou sua, — engasgo, lutando para respirar enquanto o beijo de volta.

Ele passa os lábios pelo meu queixo e depois enterra o rosto na curva do meu pescoço. — Você cheira como eu. — Seus dentes roçam a pele sensível abaixo da minha orelha. — Seu sabor é como o de uma sobremesa de dar água na boca, criada sob medida para saciar todos os impulsos de desejo apenas do meu DNA. Seu sabor me deixa louco.

Rafael desliza para fora, depois me empala com seu pau novamente.

— Sua boceta doce trema tão lindamente com meu pau dentro de você, pedindo por mais. Você quer mais, Vasilisa?

— Sim...

Um impulso profundo e poderoso de seus quadris faz a água ao nosso redor ondular. Minhas mãos trêmulas escorregam de seus ombros molhados e duros como rocha devido às vibrações desse impacto. Engancho meu braço em seu pescoço e encontro seu olhar feroz. *Você é minha*, diz ele. Assim como suas palavras. Assim como o calor revelador em minha barriga que está ameaçando me consumir por completo. Assim como meu coração traiçoeiro que anseia por responder, *eu sou sua*. Como se fosse aqui que eu sempre quisesse estar.

Meu Deus, estou apaixonada por ele. Não sei como ou quando isso aconteceu, mas tenho esses sentimentos há algum tempo. Será que foram

as notas adesivas que me conquistaram? Ou aqueles figos roubados que ele continua deixando para mim? Não, não acho que tenha sido um ato isolado. É a maneira como ele me faz sentir todos os dias - como se eu finalmente tivesse me encontrado.

Rafael está batendo sem parar em mim novamente. Um grito se acumula em meu peito, querendo ser liberado. Cerro os dentes o máximo que posso para evitar que ele escape. Tenho muito medo de confessar o êxtase que sinto, mesmo com meros vocais cheios de luxúria. Onda após onda de prazer me invade, empurrando-me para a crista da onda. Eu me agarro trêmula a Rafael, com nossos olhares fixos, enquanto me entrego ali mesmo, nos braços de meu captor, cercada pela extensão brilhante do mar quente e cintilante.

— É isso aí, Vespetta. Eu lhe disse que você é minha. — Com uma última investida, Rafael se enterra até ao fim e explode dentro de mim.

Fecho os olhos, saboreando a sensação dele. Mas também me sinto culpada por estar desfrutando do prazer mais intenso que já experimentei.

— Olhe. Para. Mim. — Palavras bruscas e rosnadas.

Eu balanço a cabeça. Meu Deus, o que eu fiz?

— Agora, Vasilisa.

Este homem. Um bruto implacável. Que ameaçou matar minha família. Meus pais. Meu irmãozinho e minha irmãzinha. Não tenho a menor dúvida de que ele também poderia fazer isso e, muito provavelmente, sem piscar um olho. Eu sei disso. Assim como sei que nenhum outro homem jamais me fará sentir o mesmo. Do jeito que ele faz. Como se eu estivesse surfando nas correntes mais suaves e, ao mesmo tempo, caindo no abismo mais profundo.

Não consigo olhar para ele.

Não estou pronta para encarar a realidade. Para aceitar a verdade irrevogável - que estou apaixonada por Rafael De Santi.

Um fluxo de italiano de fala rápida irrompe dele. Pelo tom de sua voz, tenho certeza de que são xingamentos. A água se espalha ao meu redor enquanto Rafael sobe a escada, levando-me a bordo, sustentada por apenas

um de seus braços.

— Há toalhas no banheiro, — ele grunhe, colocando-me sobre algo macio.

Quando abro os olhos, me vejo deitada no sofá dentro do salão no convés principal. Rafael está de pé diante de mim, com o peito subindo e descendo com respirações aceleradas enquanto me encara.

Sem dizer mais nada, ele se vira e sai. Um momento depois, ouço seus passos enquanto ele sobe a escada para o *flybridge* e, logo em seguida, os motores do iate ganham vida.

Rafael

A borda de couro do volante do iate range com a força do meu aperto. Nos últimos vinte minutos, mal controlei meu temperamento, mal me impedi de invadir o convés principal - onde Vasilisa esteve escondida o tempo todo - e exigir uma explicação.

A lista de coisas que preciso que ela explique é bastante longa. A começar pelo fato de ela ter agido como um gúpi¹⁷ assustado momentos depois de ter gozado tão lindamente em meus braços. Eu não esperava abraços, mas queria que ela olhasse para mim. Ela não tinha problemas em olhar para o meu rosto antes. Será que fazer sexo comigo a enojava? Por causa da minha aparência? Não me surpreenderia se uma beldade como ela só tivesse tido rapazes bonitos como amantes.

Uma névoa vermelha cobre meus olhos com a ideia de outros homens que estiveram perto o suficiente dela para tocá-la. Que a *tocaram*. Cerro os dentes e aperto o volante com mais força. Vou acabar com qualquer homem que tenha colocado as mãos nela no passado e com qualquer filho da puta que possa pensar que tem a chance de fazer isso no futuro. Vasilisa Petrova é minha. *Minha!* E farei o que for preciso para garantir que ela queira ficar comigo.

Estou conduzindo o iate de volta à marina quando percebo um movimento pelo canto do olho. Uma lancha, ancorada junto ao mar na entrada de uma enseada, logo acima da costa. O Mediterrâneo pode ser de domínio público, mas todos nesta parte da Sicília sabem que essas águas são minhas. Portanto, ou são turistas estúpidos ou os homens do meu padrinho. Ninguém mais seria louco o suficiente para andar por aqui.

Piloto o iate até ao cais e me dirijo a estibordo para jogar a corda para o rapaz da marina.

— Não o amarre, — eu grito. — Estou saindo de novo agora mesmo.

Atrás de mim, ouço o leve toque de pequenos pés descalços. Eu me viro e encontro Vasilisa de pé com a bolsa do laptop nas mãos, olhando para o convés.

— Liguei para Guido. Ele está vindo para levá-la até à casa.

Ela olha para cima e seus olhos finalmente encontram os meus.
— E quanto a você?

Não respondo. Envolvendo meu braço na sua cintura, eu a pego e, segurando-a ao meu lado, pulo para a doca.

— Passe um pouco de loção pós-sol em seu rosto quando voltar. Você está com um pouco de queimadura de sol. — Eu a coloco no chão e pulo de volta para o iate.

O rapaz da marina joga a corda para mim. Eu a enrolo com cuidado e, sem me preocupar em olhar para Vasilisa, subo até ao flybridge e ligo o barco, dando a ré. Durou cerca de trinta segundos antes de desligar os motores e voltar meus olhos para a marina.

Vasilisa ainda está no cais, com os cabelos balançando ao vento. Não consigo ver seus olhos a essa distância, mas ela está olhando em minha direção. A alguns metros de distância, o rapaz da marina está olhando para ela. Eu estalo. Pegando o telefone do bolso, ligo para o merdinha salivante.

— Senhor De Santi?

— Fique olhando para a minha mulher por mais um segundo, — rosno, — e voltarei para arrancar seus olhos dessa sua cabeça estúpida!

— É claro, Signor De Santi, — ele sussurra.

Interrompo a chamada e cruzo os braços sobre o peito, observando minha pequena hacker. Ela gostou de ser fodida por mim. Não havia como confundir os sons doces - os gemidos e as lamúrias - que ela fazia, ou como seu corpo tremia sob meu toque. A maneira como ela se agarrava a mim enquanto eu a bombeava para dentro dela. A beleza com que ela se desvendava em meu abraço. O problema surgiu apenas quando terminamos. Depois que ela percebeu que havia deixado o monstro tomá-la.

Bem, não posso mudar minha aparência, mas encontrarei uma

maneira de fazê-la ver além da minha aparência.

Ela jogou meu cheque no vaso sanitário. Jogou minhas flores fora. Ela até recusou as joias que comprei para ela. Talvez não fosse opulento o suficiente? Eu deveria ter me prevenido e comprado algo mais caro para ela. Um erro que não vou repetir. Por mais bonito que seja, nenhum homem pode competir com meu poder e minha vontade. E nenhum pode sustentá-la da mesma forma que eu. Preciso fazer com que ela entenda isso.

Sua atenção é capturada por um veículo que se aproxima. Guido estaciona seu carro esportivo ao lado do caminho que leva ao cais. Mantenho meus olhos em Vasilisa enquanto ela lança um último olhar em minha direção e, em seguida, caminha até Guido e seu carro. Somente depois que ela está em segurança dentro do orgulho e alegria do meu irmão é que ligo os motores e dirijo o iate de volta para a enseada onde vi aquele barco suspeito.

Vasilisa

Não há estrelas esta noite. Apenas um pequeno raio de luar que abriu caminho entre as nuvens, nem mesmo o suficiente para iluminar o jardim abaixo da varanda. Mal consigo distinguir as formas de algumas oliveiras ao longe e o arbusto de oleandro ao lado da antiga bomba d'água na beira do gramado. Todo o resto é obscuro, assim como meus sentimentos. Aperto com força a enorme toalha de banho enrolada em mim enquanto passo a escova no cabelo ainda úmido e suspiro.

O que vou fazer quando Rafael voltar para casa? Ele ainda não voltou do que quer que o tenha levado a sair de seu iate hoje à tarde, e estou em pânico há horas. Posso fingir que nada aconteceu entre nós? Acho que não consigo. Toda vez que fecho os olhos, estou de volta àquela água, revivendo cada segundo. Recriminando-me por ter gostado demais. Por *desejá-lo*.

— Você vai pegar um resfriado, Vasilisa.

Fico tensa.

Passos. Lentos e determinados, chegando mais perto. Calor em minhas costas quando Rafael para logo atrás de mim. Tecido farfalhando, e então ele coloca seu paletó sobre meus ombros.

— Você passou alguma coisa nessa queimadura de sol?

— Sim, — sussurro, olhando para o terreno abaixo. — Onde você foi no seu iate mais cedo?

— Achei que tinha visto invasores. Mas eram apenas turistas idiotas. — Suas mãos se apoiam na grade da varanda, uma de cada lado de mim. — Depois, tive que passar em Messina para resolver uma confusão com uma gangue de drogas local.

— Eu não sabia que você lidava com drogas.

— Não lido. Isso é o que a Cosa Nostra faz em sua parte da Sicília. Aqui, na costa leste, há alguns pequenos grupos que traficam drogas e,

desde que sigam minhas regras, eu os deixo em paz.

— E se eles não seguirem?

Ele solta a grade e suas mãos envolvem minha cintura. Prendo a respiração, totalmente sintonizada em seu toque, enquanto sua palma desliza para baixo, sob a borda da toalha e entre minhas pernas.

— Se não seguirem, executarei pessoalmente toda a gangue. Assim como tive que fazer esta noite.

E aí está: um dos principais motivos pelos quais me sinto tão loucamente atraída por ele. Nada de disfarces. Sem fingimento. Mesmo mantendo-me aqui contra a minha vontade, ele está me tratando como igual. Estou bem ciente de como a balança metafórica está entre nós - ele é mais forte, mais malvado e tem a vida de meus entes queridos em sua mão marcada por cicatrizes. E, no entanto, nunca me senti dominada por ele. Ele nunca me fez sentir inferior de forma alguma.

— Precisamos conversar, — eu engasgo enquanto ele desliza o dedo entre minhas dobras.

— Sobre? — sua voz áspera provoca ao lado do meu ouvido. Então, ele enfia o dedo dentro de mim.

— Sobre hoje. — Agarro o corrimão para me apoiar e alargo minhas pernas. — Sobre isso.

Um beijo pousa na lateral do meu pescoço. — Sou todo ouvidos.

Ele puxa o dedo para fora apenas para empurrá-lo de volta para dentro, mais fundo. Sua outra mão desliza para a parte interna da minha coxa e sobe mais. Tremores descem pela minha espinha, até ao meu âmago, no momento em que seu polegar encontra meu clitóris. Minha respiração fica mais acelerada. Ofegante, agarro a toalha em meus seios e me encosto em seu peito.

— O que você queria discutir, Vespetta? — ele pergunta, acelerando o movimento.

Sim, o que eu queria discutir? Que o que aconteceu hoje no iate nunca mais poderá acontecer, enquanto eu gemo de prazer com o dedo dele

enterrado em mim?

— Nada, — eu engasgo enquanto minha umidade encharca sua mão. — Não quero falar sobre isso. Ou de hoje cedo. Eu só quero... — Um pequeno gemido me escapa. O que diabos eu quero?

Ele enrola o dedo e pressiona contra um ponto que me faz ver estrelas. — Você só quer que eu transe com você?

Uma supernova explode em meu corpo, destruindo todas as nuvens do céu.

— Sim.

Rafael

Tiro minha mão da boceta trêmula de Vasilisa e a levo à boca.

— Tudo bem, — eu digo, lambendo seu suco doce do meu dedo. Depois, pego-a em meus braços e a levo para a cama. A luminária de leitura montada na parede sobre a cabeceira da cama está acesa e seu brilho banha a pele leitosa de Vasilisa. — Você pode apagar a luz, se quiser. — Agarrando as laterais da minha camisa, eu as separo, fazendo com que uma infinidade de botões caia no chão.

Vasilisa apenas me encara, com os olhos grudados em meus dedos enquanto abro lentamente o zíper da calça. Meu pau está tão duro que até andar era difícil. Nenhuma mulher jamais me deixou tão excitado a ponto de eu ter que me controlar e lutar para não explodir antes mesmo de estar dentro dela. Ela quer que eu a foda sem discutir o assunto? Tudo bem. Podemos começar com isso.

Assim que tiro as roupas, subo na cama e cubro seu corpo com o meu. Ela é tão pequena. Apoio meu peso em meus antebraços, temendo esmagá-la embaixo de mim. Sua personalidade sarcástica é tão forte que muitas vezes me esqueço de como ela é realmente pequena. E com tanta agressividade reprimida dentro de mim no momento, acho que não posso me conter e ir devagar como fiz hoje cedo.

Capturo seus lábios com os meus em um beijo furioso, depois me desloco para a pequena depressão entre suas clavículas. Minhas palmas deslizam por suas costelas enquanto beijo seus seios. Seu estômago. O ponto logo abaixo de seu umbigo. A toalha se solta e se emaranha embaixo dela, dando-me acesso irrestrito ao seu corpo, que treme sob meu toque enquanto me abaixo, até sua boceta. Ela ainda está úmida. Ela abre mais as pernas e eu enterro o rosto em seu delicioso centro.

Pequenos gemidos saem dos lábios de Vasilisa enquanto eu lambo sua linda fenda rosa, mantendo meus movimentos lentos no início, depois aumentando gradualmente o ritmo, concentrado em cada som que ela

faz. Aprenderei todos os segredos de seu corpo. Explorarei cada centímetro de sua pele. Cada ponto sensual. Aprenderei a tocá-la como o instrumento mais delicado, fazendo com que ela deseje meu toque e o de mais ninguém. Quando deslizo minha língua para dentro dela, ela arqueia as costas com tanta força que, por um momento, temo que ela se machuque.

— Calma. — Passo a palma da mão ao longo de sua coluna, sentindo seu corpo vibrar como uma corda de violino em minha mão. — Só mais um pouquinho.

Mais duas lambidas, dessa vez bem lentas, antes de fechar os lábios em torno de seu clitóris e sugá-lo para dentro da boca.

Os sons baixos e delirantes de Vasilisa enchem o quarto, transformando-se em gritos reverentes quando dou uma mordida em seu doce botão. Seus dedos apertam meu cabelo enquanto seu corpo começa a tremer incontrolavelmente. Ela está pronta. Com uma última lambida em sua boceta encharcada, subo por seu corpo, deixando escapar beijos ao longo de sua pele macia. Marcando cada centímetro dela como meu.

Não fui o primeiro, e talvez ela ainda não tenha percebido isso, mas serei o último. A alternativa não é uma opção.

— Você já teve um homem que a adorasse, Vasilisa? — Inclino minha cabeça até que nossas testas se toquem e deslizo a ponta do meu pau entre suas dobras. — Não apenas seu belo rosto e seu corpo maravilhoso, mas tudo o que faz de *você* - você?

Seus lindos olhos se arregalam. Seus lábios se entreabrem, mas nenhuma palavra sai.

— Você sabe o quanto me excita vê-la morder aquele maldito lápis todas as noites enquanto conserta a bagunça nos sistemas da minha empresa? Ver como sua mente genial funciona é um maldito afrodisíaco, Vespeta. Toda vez que terminávamos uma ‘sessão de trabalho’, eu tinha de correr para o banheiro para me masturbar, tudo para evitar que meu pau explodisse.

O ar sai dos seus lábios em baforadas rápidas e agudas. Bato minha boca na dela, misturando nossas respirações, e empurro meus quadris

apenas o suficiente para colocar meu pau até à metade. Ela puxa meu cabelo e se abre ainda mais para mim. Minha contenção está presa por um fio mínimo, então, quando ela inclina a pélvis para cima em um convite, ela se rompe completamente. Eu enfio, enterrando-me em seu calor sedoso.

— Sua boceta foi feita para mim. — Mordiscando sua pele brilhante, movo meus lábios ao longo de sua mandíbula. — Você gosta de como meu pau a preenche até à borda?

— Sim. — Um gemido rouco próximo ao meu ouvido.

— Ótimo. Porque esse é o único pau que você terá dentro de você a partir de agora. — Eu me retiro, depois deslizo para dentro dela novamente. — Você vai ficar na Sicília, Vasilisa. Para sempre.

— Não, não vou.

Agarro seu queixo com meus dedos e a fixo com meu olhar. Seu rosto está corado e seus lábios tremem, mas o olhar em seus olhos é feroz e determinado.

— Você me deu sua palavra, — continua ela. — Quando eu terminar de consertar seus sistemas, estarei livre para ir.

Eu perco a cabeça.

Agarrando sua nuca, mergulho nela. Minha sanidade se foi. Meu senso de realidade, inexistente. Devoro seus lábios inchados dos beijos enquanto a ataco como um louco. As únicas coisas que consigo entender são a respiração ofegante de Vasilisa, a sensação de suas pernas agarradas à minha cintura e o cheiro de seu xampu. Meu xampu. Nunca mais vou deixá-la usar outro. Ela é minha.

Meus olhos estão grudados em seu rosto, absorvendo cada detalhe sobre ela. A maneira como seus lábios se separam quando ela respira fundo cada vez que eu pressiono dentro dela. Os fios de seu cabelo, grudados em seu rosto corado. O tremular de seus longos cílios negros enquanto ela desfruta do prazer que lhe dou. Não há visão mais bela neste mundo.

A cama range e protesta sob nosso peso. As respirações irregulares de Vasilisa se transformam em gritos ardentes quando ela se aproxima do limite. Posso sentir suas paredes se apertando ao meu redor, mas

me forço a me conter. É a tortura mais magnífica. À medida que seu clímax se aproxima, mudo meu ritmo e continuo a me mover dentro dela com uma lentidão deliberada, prolongando a deliciosa tensão entre nós. Finalmente, seu corpo começa a tremer novamente, e um grito alto escapa de seus lábios quando ela atinge o auge do êxtase. Deixo que ela desfrute desse êxtase por apenas um momento e, em seguida, enfio com força, até às bolas, em sua boceta apertada, provocando mais um orgasmo antes que ela solte o último.

Uma explosão de branco preenche minha visão, e sou tomado por espasmos enquanto meu esperma pinta as entranhas de Vasilisa. Meus pulmões estão lutando para absorver oxigênio suficiente, e o calor se instala em meu peito. Nunca me senti assim. Será que muito do meu sangue foi redirecionado para o meu pau?

Ou talvez seja essa a sensação de fazer amor com alguém por quem você está apaixonado.

Capítulo 14

Vasilisa

Acordo com o som de ondas quebrando, competindo com vozes discutindo que vêm de algum lugar no andar de baixo. E leves traços de um perfume familiar. Abro os olhos, e meu olhar pousa na caixa de veludo vermelho que está sobre a mesa de cabeceira.

Já faz uma semana que Rafael me levou para passear em seu iate. Sete dias desde que mergulhei em águas desconhecidas. Em vez de emergir e me encontrar perto de uma costa sólida, estou mais à deriva do que nunca.

Ainda temos nossas noites de ‘trabalho’ no escritório de Rafael. Eu continuo tentando resolver os problemas bizarros nos sistemas da empresa dele que continuam aparecendo, não importa o que eu faça para resolvê-los. Rafael fica à espreita em seu canto escuro, bebendo seu vinho até declarar que terminamos por hoje.

Mas há uma grande diferença nesse ‘novo’ normal. Quando vou para o quarto, Rafael me segue.

E nós transamos.

Em um silêncio quase total. Além de nossos gemidos e grunhidos, e da respiração ofegante constante. Nós apenas fazemos sexo.

Muito e muito sexo alucinante e louco.

Ele me deixa tão exausta que não consigo acordar antes do meio-dia do dia seguinte. Quando finalmente me levanto, Rafael já se foi e a única prova de que passamos a noite juntos é minha boceta dolorida e o cheiro de cipreste e laranja no ar.

E todos os dias, há uma nova caixa de veludo na mesa de cabeceira ao lado da minha cama.

O primeiro presente foi um lindo colar de ouro com um pingente de diamante em forma de lágrima. Fiquei tentada... tão tentada a jogar aquilo no mar. Consegui me conter. Em vez disso, joguei a caixa na cabeça de Rafael naquela noite, antes de me sentar à escrivaninha. Ele nem sequer comentou o fato. Apenas pegou o colar e o guardou em seu bolso.

Na manhã seguinte, uma nova caixa de veludo. Um pouco maior, contendo um conjunto de brincos de safira e uma pulseira combinando. Deixei-a ao lado de sua taça de vinho antes de passar pela porta do escritório. Nosso sexo foi irritado, mas não dissemos uma palavra.

Terceiro dia - outro colar. Desta vez, em ouro rosa, com um enorme solitário de diamante redondo. Um visual lindo e clássico. Eu o enfiei em sua mão para garantir. Ele o pegou sem reclamar. No bolso da calça, ele estava fora de vista.

Um relógio de pulso no quarto dia. Ouro maciço e coberto de diamantes. No quinto dia, um conjunto de grife 'full house' - brincos, colar, pulseira e até um broche, tudo em um estojo de joias coberto de diamantes. No sexto dia, uma tiara!

Todas as noites, eu devolvia seu presente sem agradecer. E todas as vezes, Rafael simplesmente o guardava. Nem uma palavra. Nem um som de indignação. Apenas um conjunto de instruções sobre minha próxima tarefa.

E depois, sexo.

Épico. Cru. Sexo.

Sobre o qual nenhum de nós fala.

Afasto as cobertas e me sento na cama. O que vai ser hoje? Outro relógio? Outro colar? Um que tenha metade do meu peso em ouro e pedras preciosas?

Suspirando, levanto a tampa da caixa de presente.

E olho para o conteúdo, sem conseguir respirar.

Uma delicada corrente de ouro branco - um design bastante simples - com um pequeno pingente no formato de um lírio do vale. Hastes polidas suspendem os diamantes de lapidação brilhante nas gotas das flores e

pedras preciosas Marquise¹⁸ revestem as folhas.

Com cuidado, acaricio a forma brilhante com a ponta do meu dedo, enquanto o calor se espalha pelo meu peito. Isso parece delicado e caro, mas não chega nem perto dos outros presentes extravagantes.

É o único que fala diretamente a *mim*. É o único que *nos* reconhece. Não sua riqueza.

Quando tiro a corrente da caixa, uma nota adesiva amarela cai da parte de baixo da almofada acetinada. Ela cai no chão e fica virada para baixo. Abaixando-me, pego a nota e a viro para ver o que é.

Um desenho meu. Nua. Meu cabelo solto em volta do rosto. Em meu pescoço, o colar de lírios do vale.

Olho fixamente para a nota em minha mão e depois para o colar na outra. Depois de olhar para aquele elegante pingente por muito, muito tempo, solto a corrente e coloco em meu pescoço.

* * *

O barulho e o tinido dos talheres ecoam pela cozinha silenciosa. Ignoro os olhares de preocupação que as empregadas lançam em minha direção e puxo outra gaveta para acrescentar seu conteúdo à pilha crescente de utensílios que já está sobre o balcão.

Precisarei de pelo menos meia hora para organizar tudo. Talvez até uma hora, se eu for devagar. Depois de terminar, terei de encontrar outra coisa para ocupar meu tempo, ou vou pirlar tentando lidar com um emaranhado de emoções que me deixaram toda amarrada.

Estou envolta em uma espessa névoa de incerteza em que apenas formas borradas e distorcidas são visíveis. A culpa é sufocante. Sinto-me uma hipócrita por dormir com meu sequestrador e adorar cada segundo. Por aproveitar cada momento que passo com ele e sentir sua falta quando ele não está aqui. Estou tão confusa com tudo. Os sentimentos dele. Meus próprios sentimentos. Será que estou realmente apaixonada por Rafael ou é apenas a

síndrome de Estocolmo? Será que eu sentiria o mesmo se ele não estivesse me forçando a ficar? Sei lá. Não posso confiar em meu coração, não posso dar sentido aos meus pensamentos, não posso ser positiva em relação às minhas emoções até que eu saia dessa névoa. Rafael é a mortalha que me consome.

E ele? Será que ele tem sentimentos verdadeiros por mim ou é simplesmente uma necessidade distorcida de possuir uma presa esquiva que não sucumbiria cegamente à gaiola dourada que ele oferecia? Todas aquelas malditas joias... Não tenho a menor intenção de lhe dizer que não preciso de suas bugigangas sofisticadas. Ele é um homem inteligente e, se realmente se importa comigo, deve perceber isso por conta própria - não quero seus presentes caros. Eu quero liberdade. E quero que ele nunca mais acene com a ameaça à minha família como uma maldita bandeira na minha frente.

Olho para baixo, fixando o olhar no pingente de lírio do vale em meu pescoço. Talvez ele esteja finalmente recobrando o juízo.

— Senhorita? — Uma das empregadas toca meu ombro. — Otto está aqui. Ele tem um pacote para você.

Olho para cima da fila de garfos que estou fazendo, classificando-os por tamanho. — Que tipo de pacote?

— É do chefe, — diz Otto ao se aproximar da ilha da cozinha e colocar uma grande caixa retangular sobre o balcão. O logotipo dourado da *Albini's* é exibido com destaque na parte superior.

Abro a tampa e tiro o papel de seda branco, revelando uma abundância de seda e renda douradas.

O vestido que eu havia experimentado quando Rafael me levou para fazer compras.

— O chefe disse que virá buscá-la por volta das oito horas, — acrescenta Otto.

— Buscar-me?

— Para coquetéis.

Levanto uma sobancelha. — E se eu não estiver interessada em tomar coquetéis com ele?

— Ele mencionou que você pode se sentir assim. E me instruiu a lhe dizer que, se você recusar, ele não permitirá que faça mais ligações telefônicas.

Mordendo a lateral da bochecha, fecho a tampa e empurro a caixa para longe. Tenho garfos para separar em vez de lidar com essa bobagem.

Recuperando o juízo, uma ova.

Como é possível gostar do homem e, ao mesmo tempo, querer estrangulá-lo?

Rafael

— Droga, — gemo ao tirar minha camisa de botão para inspecionar o corte. Raso, mas bastante longo, é um corte diagonal nas costelas do lado esquerdo do meu tronco. Ainda está sangrando. Precisa de limpeza e de um bom curativo. Buscando o kit de primeiros socorros, abro o armário de remédios acima da pia.

Uma briga de rua. Não acredito que me envolvi em uma maldita briga de rua por causa de uma mulher. Era apenas um grupo aleatório de punks estúpidos e bêbados jogando garrafas na parede de um beco. Eu poderia ter simplesmente passado por eles, mas não. Parei o carro e entrei em uma briga sem sentido com quatro jovens idiotas só para aliviar um pouco minha frustração.

O motivo de minha frustração? Uma princesinha russa que tem fingido que não há nada entre nós. Aceitei o pedido dela de não discutir o que está acontecendo no meu quarto porque achei que transar com ela seria suficiente. Mas não é. Não quero que ela seja simplesmente minha transa noturna. Quero nossas brincadeiras. As provocações. Aqueles rabiscos horríveis. Quero tudo isso e muito mais. Mas ela ainda insiste em consertar meus sistemas de TI o mais rápido possível. Para que possa ir embora.

Quando termino de limpar o sangue e desinfetar o corte, uso um par de Steri-Strips para unir a pele e coloco um curativo sobre ela. Quando termino de brincar de enfermeiro para mim mesmo, vou até ao armário no canto do quarto de hóspedes. A maioria das minhas roupas está na área de serviço do meu quarto, mas algumas peças também foram deixadas penduradas aqui.

Escolho uma camisa cinza-metálico e uma jaqueta preta, saio do quarto e vou pelo corredor até à porta de Vasilisa.

Toc. Toc.

Um minuto se passa.

Bato novamente, mas nada acontece.

— Vasilisa. — Bato com a palma da mão na superfície de madeira. Uma dor aguda sobe por minha lateral devido ao impacto.

O silêncio reina por mais alguns instantes, mas, então, o barulho de saltos se aproxima. A porta se abre.

Perco o fôlego.

E olho fixamente.

Foda-se.

— Não se preocupe, seu cão está pronto, Sr. De Santi.

Meu cérebro parou de funcionar, porque eu continuo olhando como um filho da puta.

Vasilisa coloca as mãos nos quadris e levanta o queixo para mim.
— Então, vamos ou não?

— Sim, — eu digo.

Uma maldita sílaba. Essa é a única coisa que o mingau que é minha massa cinzenta consegue inventar. Estou muito atordoado com a visão que tenho diante de mim. Não importa o que Vasilisa use, sua beleza é celestial. Mas ao vê-la agora, não consigo respirar.

Meus olhos percorrem sua perna esbelta que aparece entre as dobras da seda dourada, passam por sua cintura minúscula e pela renda intrincada que envolve seus seios e braços e, finalmente, param em seu rosto. Ela não usa nenhuma maquiagem, a não ser nos olhos. Usando um delineador e sombra preta, ela criou um visual esfumaçado que faz com que suas profundidades de ônix pareçam maiores e mais expressivas. Seu cabelo negro está preso em um coque baixo na nuca, mas ela deixou alguns fios soltos, emoldurando naturalmente o rosto. O efeito geral é simplesmente impressionante.

— Você não é meu cachorro, — consegui dizer de alguma forma.

— Ah? Então eu posso dizer *não* para sair para os malditos coquetéis para os quais você me mandou estar pronta, e não haverá nenhuma consequência?

Eu cerro os dentes. — Você pode dizer não.

— Incrível. *Não!* — ela grita e bate a porta na minha cara.

Aperto as mãos em punhos, tentando me acalmar, e bato na porta novamente. Ela se abre um instante depois.

Vasilisa está na soleira da porta, com os braços cruzados sobre o peito. Seus olhos brilham com uma fúria oculta.

— Você gostaria de vir comigo a uma espécie de festa hoje à noite? Não é um pedido desta vez, Vespeta. Apenas um convite.

— Então você não se importa se eu recusar?

— Você pode recusar, e eu darei meia-volta e irei embora. Não vou forçá-la. Mas eu gostaria muito que me acompanhasse. — Estendo a mão e acaricio seu queixo teimoso com a ponta do meu dedo. Fazia muito tempo que eu não precisava me esforçar para convencer uma mulher a sair comigo. — Por favor?

Vasilisa me observa, com os olhos arregalados enquanto morde o lábio inferior. Não é a primeira vez que me perco em seu olhar escuro e magnético por um instante, atraído por uma força inexplicável. Passo meu dedo ao longo de sua mandíbula, depois desço pelo pescoço e paro no ponto entre suas clavículas. — Você não gostou do colar?

— Gostei.

— Mas não o está usando, — lamento, acariciando a pele macia abaixo de seus ossos delicados, onde imaginei que o colar ficaria. — Por quê?

— Esse truque com todas as joias, Rafael... Isso me faz sentir barata. Você sabe? Como se você estivesse me pagando por sexo.

Meu corpo fica imóvel. Eu nunca quis que ela se sentisse assim. Eu só queria que ela gostasse de mim. Para que quisesse ficar.

— Essa não foi minha intenção. E peço desculpas se foi o que pareceu. — Olho para cima, encontrando aqueles olhos escuros e perolados. — Mas eu realmente gostaria de ver esse colar em você.

— E por que *esse é* tão importante? Você não teve problemas quando lhe devolvi as outras coisas.

— Ao contrário dos meus presentes anteriores, não tive nenhum motivo para comprá-lo além de querer que você o usasse.

— Que outro motivo poderia haver?

— Para fazer você gostar de mim.

— Bugigangas caras nunca me farão gostar do homem que ameaça matar minha família se eu não dançar conforme sua música.

— Isso é lamentável. — Passo minhas mãos pela fenda de sua saia e agarro suas bochechas, puxando-a contra mim. — Mas você gosta bastante do meu pau. — Levantando-a, eu a levo para o quarto e deposito sua bunda de pêssego doce sobre a cômoda antiga. Essa garota. Ela me mata de rir. Inclino-me para a frente, deixando nossos narizes se tocarem. — Não gosta, Vasilisa?

— Você tem uma opinião elevada sobre si mesmo. É incrível. — Ela faz uma careta entre os dentes, depois.... mia quando deslizo minhas mãos por baixo de sua calcinha.

Pressiono meu polegar em seu clitóris, esfregando-o em círculos lentos e apertados. Por algumas respirações, eu apenas absorvo seus gemidos suaves e, em seguida, prendo meus dedos no tecido frágil.

— Devo lembrá-la de como seu corpo treme enquanto como sua boceta? Ou como você me implora por mais todas as noites? Levante essa bunda linda, querida. — Ela pode estar olhando para mim com desdém, mas faz o que eu peço. Deslizo a tanga rendada por suas pernas e desabotoo o botão da minha calça. — Ou, talvez, eu deva ajudá-la a se lembrar de seus gritos de euforia enquanto eu a fodo sem sentido?

— Apenas reações físicas normais. Nada mais.

— Senti falta de você retrucando de volta para mim. Isso me excita muito. — Agarro os quadris dela e me enterro até à metade dentro dela.

Vasilisa suspira e coloca as mãos em volta da minha nuca, enfiando os dedos em meus cabelos. Respirações suaves e silenciosas saem de seus lábios ligeiramente entreabertos enquanto eu balanço minha pélvis, levando meu pau mais fundo. Meu lado cortado está gritando de dor, cada movimento para a frente rasgando a amarração. Teria sido mais fácil se eu

penetrasse em sua boceta apertada de uma só vez, mas tenho medo de machucá-la.

Tenho pesadelos em que posso esmagá-la enquanto dormimos. Ela é tão delicada. Mas, ao mesmo tempo, tão feroz. Dizem que as substâncias mais mortais vêm nas menores embalagens. É verdade. Meu lírio do vale é minha marca pessoal de veneno, e não há antídoto para ele. Não para mim. Ele está correndo em minhas veias, e nada neste mundo jamais o eliminará.

Deslizo mais um centímetro para dentro dela. Um gemido alto sai dos lábios de Vasilisa. Ela ofega, ajustando-se ao meu tamanho, suas paredes apertando meu pau com tanta força que quase me esvazio. Movendo minha mão para sua boceta, começo a massagear seu clitóris novamente. *Preciso* dela bem ali comigo.

Vasilisa olha fixamente em meus olhos, os seus tão devastadoramente belos em sua escuridão. Não entendo por que estou tão enfeitiçado por eles. Será que é o desejo puro que posso ver claramente nessas profundezas? Não há fingimento. Ela não está fingindo. Ela não fecha os olhos, bloqueando a visão. Não tenta esquecer a fera do homem que está lhe dando prazer. Não é o dinheiro ou os presentes caros que a fazem se desmanchar ao meu toque. Apenas o êxtase que ela encontra em meus braços. Eu. Apenas eu. Fiquei tão acostumado a pagar por tudo o que quero que me esqueci da sensação de segurar algo dado de graça.

Mas ela ainda quer ir embora.

Eu seguro seu queixo com a mão, inclinando seu rosto para encontrar o meu. — Agora, você vai ser uma boa menina e respirar fundo.

— Por quê? — ela pergunta.

— Para que possa lhe dar outra ‘reação física normal’, Vasilisa. Respire fundo. Agora.

Ela passa os dedos pelo meu cabelo e inspira. Eu me empurro para dentro dela até ao fim. Seus olhos se arregalam enquanto ela treme, seu corpo se agita em meu abraço. Gemidos silenciosos escapam dela quando eu recuo, mas depois se transformam em gemidos fervorosos quando eu a penetro novamente.

Meu lado arde enquanto eu bato em sua boceta encharcada, cada vez mais rápido. Quando ela goza, os gemidos de Vasilisa se transformam em gritos arrebatados, reverberando nas paredes do quarto. Fico maravilhado com cada nota, cada respiração irregular, cada sussurro choroso. Engulo todos os seus suspiros. Tiro cada tremor de seu corpo. Gravo tudo em minha memória.

Minha linda princesa russa.

Mantenho meus olhos fixos nos dela enquanto explodo em seu calor acolhedor, derramando minha semente, mas guardando meus segredos.

— *Non ti lascerò mai andare, Vasilisa.*

* * *

Um quarteto de cordas está se apresentando em um pequeno palco montado à esquerda da entrada principal. No entanto, em vez de uma peça clássica, eles estão no meio da execução de uma trilha sonora de um filme popular. Envoltas em panos pretos, mesas altas estão espalhadas pelo saguão principal, com luzes de chá dentro de pequenos aquários que compõem os centros de mesa. Os convidados são os mais conhecidos entre os moradores locais e os visitantes frequentes. Vestidos com esmero, eles se misturam e ficam perto das mesas, com seus copos de coquetel nunca vazios captando o brilho das velas.

Dezenas de olhos nos seguem à medida que avançamos no espaço. Não há nada de incomum nisso. Minha reputação sempre me precede, e meu rosto nunca deixa de atrair olhares curiosos. Mas hoje, todos os olhares parecem estar reservados para a mulher que está ao meu lado.

Eu já esperava por isso. Os seres humanos são naturalmente atraídos por coisas maravilhosas. E ela é tão excepcionalmente linda que, uma vez que os olhos tentados se fixam nela, eles lutam para desviar o olhar. As partes primitivas de nosso cérebro parecem não conseguir processar o fato de que algo tão incrivelmente belo possa ser real. Isso torna os olhares inevitáveis.

Mesmo assim, não consigo lidar com essa merda. Tenho plena consciência de que todos os homens estão olhando para Vasilisa, e meus dedos têm vontade de sacar minha arma e começar a atirar nos filhos da puta. Todos. Cada. Um. Deles. Bem no meio dos olhos.

— Há muita gente aqui, — comenta Vasilisa ao meu lado. — Você não está preocupado com a possibilidade de alguém me reconhecer e mandar notícias para a Bratva?

— Não particularmente. As pessoas daqui sabem que não devem se meter em meus negócios, a menos, é claro, que estejam dispostas a enfrentar as consequências.

— Tenho uma sensação distinta de que as consequências mencionadas não incluiriam o trabalho em seus firewalls.

— Seria difícil fazer tal tarefa sem suas mãos... — olho para minha pequena hacker — ...ou cabeça.

— Rafael! — uma voz masculina se destaca da conversa das pessoas.

Aperto a cintura de Vasilisa e olho para a fonte. Nazario Biaggi, o filho do subchefe de Calogero, está se espremendo em meio a uma parede de convidados, vindo em nossa direção. Estudamos juntos na escola e, antes de eu deixar a Sicília, éramos melhores amigos. Nazario nunca foi iniciado na Família, escolhendo uma carreira na construção civil em vez da vida na máfia. Essa é a única razão pela qual ele tem permissão para entrar em meu território.

— Estou feliz em vê-lo esta noite, — diz ele com um sorriso presunçoso ao se aproximar. — Especialmente em uma companhia tão agradável.

O olhar de Nazario se fixa em Vasilisa, seus olhos a devoram. Raiva e ciúme, como rocha derretida fervendo sob a superfície, explodem em meu peito enquanto o vejo estender a mão para ela.

— Toque nela e eu quebrarei seu pescoço, — digo em italiano, depois puxo Vasilisa para mais perto de mim e mudo para o inglês. — Este é Nazario Biaggi. Um de meus parceiros de negócios.

Os olhos de Nazario se arregalam de surpresa, mas ele rapidamente esconde a surpresa e dá um de seus sorrisos de flerte. — É sempre um prazer conhecer uma das delícias doces de Rafael. A senhora tem um nome?

O sangue colore minha visão enquanto tento controlar um impulso irresistível de dar um soco na cara dele por ousar sorrir para a minha mulher. Nazario sempre foi um paquerador, mas eu nunca dei a mínima quando ele olhava para as minhas mulheres antes ou quando mostrava seu sorriso para elas. Ele pode ser rico, um magnata do setor de construção, mas sua riqueza não chega nem perto da minha. Eu poderia comprar tudo o que ele possui em um piscar de olhos. Nenhuma mulher jamais me deixaria por ele. Exceto *ela*. Porque, aparentemente, meu dinheiro não lhe interessa nem um pouco.

— É um prazer conhecê-lo, Sr. Biaggi, — diz Vasilisa, com seu tom açucarado que me atinge em cheio.

Ela gosta dele. É claro que gosta. As mulheres sempre se apaixonam por Nazario, e o fariam mesmo que ele não tivesse um centavo em seu nome. O *pau pequeno* é bonito assim, eu acho. A inveja me agarra com suas garras, despedaçando meu interior.

— O nome da senhora é Gummy Bear¹⁹, mas eu sou do tipo azedo, — continua Vasilisa com um sorriso. — E eu agradeceria muito se você parasse de olhar para os meus seios.

Minha cabeça se ergue. — Você estava olhando o decote da minha mulher? — rosno, voltando a falar italiano.

— Não, de forma alguma. — Nazario dá um passo para trás e limpa a garganta. — Meu pai queria que eu transmitisse uma mensagem. Há cerca de uma semana, vários homens da Cosa Nostra foram encontrados mortos em Palermo, sem as línguas. Papai estava preocupado que você pudesse ter algo a ver com isso.

— Ah? Ele compartilhou suas preocupações com o Don?

— Sim. Calogero lhe garantiu que uma gangue de Trapani os matou. — Ele inclina a cabeça, olhando para mim com desconfiança. —

Então, afinal, não foi obra sua?

— Eu só mataria os homens do meu padrinho se ele violasse os termos do nosso acordo. Mas o Don nunca iria contra sua palavra, não é mesmo?

— Claro que não. — Ele acena com a cabeça e sua voz fica mais baixa. — Mas se algo dessa natureza acontecer, meu pai gostaria de ser o primeiro a saber.

— Bem, avise ao subchefe que não me esquecerei disso. — Aperto a cintura de Vasilisa e faço um gesto em direção ao bar. — Vamos pegar um drinque.

Vasilisa

— Gummy Bear? — Rafael pergunta enquanto caminhamos até ao bar.

— Pareceu-me um nome adequado para um colírio para os olhos.
— Dou de ombros. — Sobre o que foi aquela discussão? Parecia muito séria.

— Nazario me informou sutilmente que meu padrinho parece estar perdendo o apoio de alguns membros da Cosa Nostra.

— Eles vão tirá-lo do poder?

— Se ele fizer besteira, sim. — Ele me passa a bebida que lhe foi entregue pelo barman.

— Nunca há falta de drama no mundo da Cosa Nostra. — Tomo um gole de minha bebida. — Suco de uva? Sério?

— Percebi que o álcool não combina com você. — Ele coloca a mão na parte inferior das minhas costas e nos leva de volta para a multidão que se mistura.

Este coquetel está sendo realizado no saguão de um prédio antigo. O grande saguão apresenta um teto abobadado, decorado com intrincadas cenas pintadas à mão que retratam exuberantes jardins do paraíso. Os detalhes elaborados estão por toda parte: paredes, colunas, mármore colorido incrustado.

Meus olhos deslizam pelo piso de ladrilhos com seu incrível mosaico floral, depois pelas janelas ornamentadas do chão ao teto e se fixam na decoração de estuque e nas enormes pinturas antigas.

— Acho que nunca entrei em um prédio tão bonito, — sussurro.

— Era a mansão de verão de um nobre do século XVII que enriqueceu com o comércio de seda, — diz Rafael. — Ele a perdeu em um jogo de cartas, e a propriedade mudou de mãos várias vezes nos quatrocentos anos seguintes. Quando foi colocada à venda há dois anos, era basicamente

uma ruína. A restauração completa levou quase um ano e meio.

— Não acredito que eles mantiveram tudo igual. Até as pinturas nas paredes?

— Esses são chamados de afrescos. E sim, eles também foram restaurados.

Meus olhos se voltam para ele. — Você conhece o novo proprietário?

— Muito bem, na verdade. É um filho da puta sem escrúpulos. Mas ele tem um fraco por relíquias culturais... — Rafael estende a mão e roça minha bochecha com os nós dos dedos — ...heranças... e... uma hackerzinha mal-humorada que vive rejeitando seus presentes.

Os músicos mudam para uma melodia mais lenta, uma peça altamente emocional com um violino no comando. Todos estão se divertindo muito, mas estou apenas parcialmente consciente das pessoas que se movimentam ao nosso redor. Estou completamente sintonizada em Rafael, presa nos dois feixes verdes que parecem me atravessar.

— Devo encarar isso como um elogio? Ser chamada de fraqueza não me parece ser uma grande fraqueza, — sussurro.

— Depende de sua visão sobre essas coisas. — Sua mão se move ao longo do meu queixo. — Digamos que alguém abra fogo agora mesmo. Há uma grande probabilidade de isso acontecer, considerando o número de inimigos que tenho. Se eu estivesse sozinho, simplesmente pegaria minha arma e neutralizaria a ameaça. Se eu tivesse que perseguir, eu o faria. Não haveria nada aqui que pudesse me distrair da realização desse objetivo.

— Mas, como você me acompanhou até aqui esta noite, eu lidaria com essa situação de forma diferente. Sua segurança vem em primeiro lugar. A eliminação dos agressores é fundamental, mas apenas para garantir seu bem-estar. Ir atrás deles, se isso significar deixá-la para trás, é menos importante. Ou seja, Vasilisa, você é a minha maior prioridade, mas também uma responsabilidade inegável.

— Então, por que me trouxe, se eu sou um risco tão grande? — Eu me engasgo.

Os olhos de Rafael se enrugam nos cantos e um pequeno sorriso se insinua em seus lábios. Ele se inclina para a frente e passa o braço em volta da minha cintura, levantando-me lentamente contra ele. Agarro seus ombros para me apoiar, alarmada pelo fato de ele estar suportando todo o meu peso com apenas um braço. Mas Rafael não parece se incomodar nem um pouco com isso. Seus olhos nunca se desviam dos meus enquanto ele levanta o copo com a outra mão e toma um gole casualmente.

— Porque, acredite ou não, — diz ele ao colocar o copo vazio na mesa ao lado, — gosto demais de sua companhia. E senti falta de nossos bate-papos.

Respiro fundo, incapaz de desviar o olhar de seus olhos. Nossos rostos estão tão próximos que seu hálito quente roça minha pele. Meus lábios. — Você se arriscaria a levar um tiro, tudo para poder falar comigo em algum lugar onde eu não possa simplesmente ignorá-lo?

— Sempre, — Rafael rosna antes que sua boca desça até à minha.

O gosto dele me invade. O fogo se espalha por minhas veias, a chama mais consumidora me queima por dentro. Deus, eu também senti falta dele.

Tentei me distanciar dos pensamentos sobre ele, na esperança de que a realização de tarefas rotineiras pudesse, de alguma forma, ajudar a diminuir os sentimentos perigosos e confusos que eu vinha desenvolvendo por Rafael. Na última semana, reorganizei sua cômoda doze vezes, simplesmente porque tocar em suas coisas me trazia conforto. Além do sexo, não nos tocamos em nada. Nenhum beijo fora do quarto. Tentei dizer a mim mesma que essa atração que sinto por ele nada mais é do que uma atração sexual. Mas não é.

E esse beijo prova isso. Quando eu o beijo de volta, a sensação se sobrepõe a todo o resto. O bom senso. A autopreservação. Culpa sufocante. Nada importa, exceto ele.

Quando seus lábios deixam os meus, nossos olhos permanecem fixos e, de repente, parece que não consigo respirar o suficiente.

— Beijar em público é considerado falta de educação na Sicília? — pergunto enquanto ele me abaixa de volta ao chão. Um silêncio inesperado se abateu sobre a sala. Ninguém está falando. Todos estão apenas olhando para nós. — Por que todos estão olhando?

— Eles estão olhando desde o momento em que você entrou na sala. No início, era curiosidade e surpresa. Agora, tenho quase certeza de que estão simplesmente aterrorizados com você.

Não tenho a chance de perguntar o que diabos ele quer dizer com as pessoas terem medo de mim, porque meus olhos se fixam na mancha carmesim escura que se espalha pela camisa de Rafael.

— Rafael... — Pego a lateral de seu paletó e o afasto. Uma grande área em seu lado esquerdo está encharcada de sangue. — Meu Deus. O que aconteceu?

— Um pequeno deslize em minha avaliação. Concluí erroneamente que isso não precisaria de pontos. — Ele ajeita o paletó e o abotoa como se não houvesse problema algum. — Guido cuidará de mim quando voltarmos. — Seu tom de voz continua calmo, mas há algo mais em suas profundezas verdes agora. — Deve haver um cantor chegando em breve para fazer uma pequena apresentação, e os garçons estarão trazendo o bolo cassata. Acho que você vai gostar.

— Não vamos esperar por um maldito bolo enquanto você está sangrando por todo lado! — Eu sussurro.

— É uma especialidade siciliana. Você tem que experimentar.

Fico olhando para ele em choque. — Você precisa de um médico.

— Guido pode lidar com isso. Não seria a primeira vez.

— Eu queria dizer para sua cabeça, *npидypок*!

Os lábios de Rafael se inclinam em um sorriso malicioso. — Isso é um apelido russo, Vespeta?

— Significa ‘idiota’! — Eu faço uma careta mostrando os dentes, agarro seu braço e o puxo em direção à saída.

Rostos chocados nos olham enquanto as pessoas se afastam para nos deixar passar. Rafael não parece incomodado com o fato de eu estar basicamente arrastando-o pelo saguão do hotel. Na verdade, há um leve sorriso em suas feições.

— Acho que isso significa que não vamos ficar para comer o bolo? — ele pergunta quando saímos.

— Você adivinhou certo.

— Hum-hum. Acho que você pode gostar de mim, afinal, Vasilisa, só um pouquinho. Deixar de comer a sobremesa por minha causa? Estou me sentindo muito especial.

Ugh. Esse homem. Eu o observo atentamente, lançando olhares frequentes para ele enquanto atravessamos o estacionamento até ao SUV de Rafael, procurando por sinais de angústia. Ele parece bem. Isso é normal? Quanto sangue ele já perdeu?

Assim que chegamos ao Maserati de aparência maligna, puxo a lapela do paletó do terno dele. — Incline-se, por favor. Preciso verificar suas pupilas.

Rafael apoia uma mão no teto do carro e se inclina para a frente até que seu rosto fique bem na frente do meu. Eu seguro sua mandíbula com as palmas das mãos e inclino sua cabeça ligeiramente para o lado, em direção à luz da lâmpada. Meu Deus, seus olhos são tão bonitos. Há um brilho neles que me lembra o vidro do mar que encontrei na praia. Opalescentes. E descaradamente focados em mim. E quando ele olha para mim como está fazendo agora, tenho a impressão de que quer me engolir inteira. Toda vez, fico com os joelhos fracos.

— Por que está verificando minhas pupilas, Vasilisa? — pergunta ele, com a voz rouca.

— Não tenho certeza. Os médicos fazem isso nos filmes o tempo todo. — Tiro uma mecha de cabelo de sua testa.

— Um teste de pupila é feito para verificar se há lesão cerebral. Não tem nada a ver com sangramento.

— Bem, estou verificando-os de qualquer maneira. Fique quieto.

Seus olhos parecem normais para mim. Mas sua pele parece quente. Toco sua têmpora com a ponta dos dedos e depois sua bochecha com as costas da mão. Droga, não consigo entender isso. Levantando-me na ponta dos pés, pressiono meus lábios em sua testa.

Rafael fica rígido como uma tábua, com todos os seus músculos rígidos de tensão.

— O que está fazendo? — ele pergunta. O tom de sua voz é estranho. Percebo que ele está inquieto, mas não faço ideia do motivo.

— Verificando se há febre. — Reposiciono meus lábios em sua têmpora. Depois, de volta à sua testa. Não, sua temperatura parece boa. Por enquanto. Passo os nós dos dedos em sua maçã do rosto. — Temos que nos apressar. Você precisa tomar antibióticos.

Rafael inclina a cabeça para o lado e se abaixa, seus olhos se fixam nos meus. — Eu já tomei alguns. Mas se isso a deixar menos preocupada, eu os tomarei novamente.

— Acho que não é assim que os medicamentos funcionam, — eu engasgo, hipnotizada pelo brilho perigoso em seus olhos.

— E eu não esperava que você se preocupasse com meu bem-estar.

— É claro que estou preocupada! Estamos praticamente no meio do nada. É uma viagem de pelo menos meia hora de volta para a propriedade. Como você vai dirigir na sua condição?

— Que condição?

— A condição de você estar sangrando por toda parte! — Eu grito enquanto as lágrimas se acumulam nos cantos dos meus olhos.

— Meus vasos sanguíneos não estão dirigindo, Vespetta.

Um gemido frustrado sai de meus lábios. Enxugo as lágrimas com as costas da mão e agarro seu braço, sacudindo-o.

— Como você pode estar tão tranquilo? Você está machucado! E se você entrar em choque? Ou sangrar? Eu não sei primeiros socorros, Rafael! E se eu precisar levá-lo ao pronto-socorro e você não reagir? Eu nem sei seu

tipo sanguíneo! Ou se você tem alguma alergia a medicamentos. E se...

A boca de Rafael esmaga a minha. Como sempre, quando ele me beija, eu me esqueço completamente de tudo, menos dele.

— Você pode dirigir, — ele murmura em meus lábios. — Ou podemos simplesmente entrar no carro e você pode montar no meu pau. Certifique-se de que meu sangue seja redirecionado para outro lugar.

Mordo seu lábio inferior. Com força. Depois, me forço a interromper o beijo. — Chaves.

Os olhos de Rafael se estreitam em fendas sorridentes enquanto ele tira as chaves do bolso e as coloca em minha palma estendida. Eu me iço para o assento do motorista, alcançando o volante. Mas ele e os pedais poderiam muito bem estar em outro fuso horário.

— Humm.... Onde está... — começo a perguntar, mas já estou deslizando para a frente.

— Aqui, — diz Rafael enquanto segura o interruptor na borda externa da base do assento. — Não tenho almofadas extras, — ele continua enquanto pressiona outro controle para levantar o assento, — mas vou me certificar de que haja uma no veículo a partir de agora.

— Almofadas?

— Sim. — Ele dá a volta no carro e entra no lado do passageiro. — Será mais fácil para você enxergar por cima do volante com o acolchoamento adicional.

Balanço a cabeça. Será que o siciliano acabou de me provocar?

— Você tem GPS? — pergunto ao ligar o motor. — Não consigo encontrar o caminho por essas malditas estradas de terra sinuosas.

— Gosto das estradas de terra sinuosas. Um dos principais motivos pelos quais adoro a região de Taormina é o fato de não haver muitas rodovias por aqui.

— O que há de errado com rodovias sólidas e agradáveis?

— Elas estragam a paisagem.

Dou uma olhada nele com o canto do olho. — Como está se sentindo?

— Estranho.

Os alarmes dispararam instantaneamente em minha cabeça. — O que há de errado?

— Nunca deixei ninguém dirigir meu carro antes.

— Por que não?

— Como já lhe disse, não gosto que mexam nas minhas coisas. Isso inclui meus veículos. Minhas roupas. — Ele liga o GPS e depois olha para mim. — Minha cama.

Mordendo meu lábio inferior, olho rapidamente para a estrada à nossa frente. Estou usando as roupas de Rafael desde que cheguei aqui. Na verdade, ele não mediu esforços para me fazer usar nada *além de* suas roupas por dias após minha chegada. E tenho dormido em sua cama durante todo esse tempo.

— Por quê? — Eu pergunto.

— Porque, há muito tempo, perdi tudo o que possuía e não tinha mais nada que fosse meu. Cada coisa que tenho agora, lutei com sangue e suor para possuir, mas abri mão de uma grande parte de minha alma ao fazer isso. — A cadência fácil de suas palavras muda, e seu tom se altera, assumindo um tom mais agudo. — Eu não compartilho coisas pelas quais tive que trocar minha alma, Vasilisa.

— Mas você as compartilha comigo.

— Compartilho. — Os pés de galinha irradiam dos cantos de seus olhos brincalhões. — Porque você também é minha.

Essa é uma frase tão chauvinista. Mas, em vez de me irritar, sua possessividade provoca um calor agradável em meu peito. Suas palavras me fazem derreter. Que Deus me ajude. Estou a momentos de me enroscar ao seu lado e ronronar como uma gatinha feliz.

— Não sou sua, — murmuro e viro na estrada principal. — A perda de sangue o está deixando delirante.

— Então, você será. — Rafael abre o porta-luvas e tira um maço de cigarros.

— Que diabos há de errado com você? — Eu o encaro.

— O quê?

— Fumar pode aumentar a chance de você sangrar e também afetar a cicatrização do ferimento, é isso. — Arranco o maço de cigarros de sua mão e o jogo pela janela aberta.

— Você sabe que, se eu morrer, você estará livre para voltar para casa, não sabe? — Ele coloca a palma da mão quente em minha coxa, bem em cima da carne que ficou nua pela fenda do meu vestido. — Sabe, posso imaginar vividamente sua bela promessa de onde os cães vão me mastigar e cagar meus restos mortais. É provavelmente a ameaça de morte mais intrigante que já recebi.

Meus dedos se apertam no volante e mantenho os olhos firmemente grudados no trecho de estrada além do para-brisa. Ele tem razão. Com ele fora de cena, eu poderia ficar livre. Na verdade, essa possibilidade nunca passou pela minha cabeça. Na verdade, a simples noção de algo ruim acontecendo com ele provoca uma sensação de queda no fundo do meu estômago.

Piso mais forte no acelerador.

Sua mão desliza para a parte interna da minha coxa e depois sobe. — Mmm... Não sabia que havia tantas vantagens em ser o passageiro.

As pontas de seus dedos roçam levemente em minha boceta coberta de calcinha.

— Rafael. — Inspiro um suspiro trêmulo. — Estou dirigindo.

— E está fazendo um ótimo trabalho. — Com outro toque suave, a força de seus dedos se intensifica. — O que acha do SUV?

Um tremor percorre minha espinha e quase saio da estrada, chegando muito perto da barreira ao lado da estrada. — É como dirigir um tanque. Prefiro carros mais baixos.

— Ok. Vou pedir um conversível esportivo para você.

— Não quero que você compre um carro para mim! Por favor, tire sua mão.

— Não. Acho que não vou tirar.

Seu toque está ficando mais ousado, a pressão mais firme. Apesar da renda frágil que impede o contato pele a pele, seus dedos hábeis acariciam minha boceta. A abrasividade do tecido em minha pele sensibilizada só aumenta minha reação. A tela de navegação mostra que estamos a menos de cinco minutos da propriedade. Mas não há como eu ficar lúcida por tanto tempo se ele continuar com suas ministrações.

— Vou parar o carro, — ofego.

— E me deixar sangrar até à morte? De repente, estou me sentindo um pouco tonto. — Com um movimento rápido, ele empurra a virilha da calcinha para o lado e desliza o dedo para dentro de mim. — Você está encharcada, Vasilisa.

Eu engasgo com a respiração, quase perdendo o controle do veículo novamente. Seu polegar circula meu clitóris, o doce tormento me fazendo gemer. Minhas unhas afundam no couro do volante enquanto eu o aperto com mais força. Zaps de corrente elétrica percorrem minhas vias nervosas enquanto Rafael continua a provocar persistentemente minha carne macia. Um movimento lento para dentro e para fora, seguido por outro mais vigoroso. E então, ele muda o ângulo de seu pulso e empurra seu dedo mais profundamente.

— Vamos nos acidentarmos. — Meus músculos internos têm um espasmo. Vou enlouquecer se ele não parar o que está fazendo. Ou talvez se ele parar.

A propriedade é vista no final da estrada. Eu recupero os resquícios de minha sanidade e compostura, concentrando toda a minha concentração na luminária de ferro que desliza muito lentamente para fora do caminho. Vamos bater nessa coisa estúpida. Aperto a buzina como a lunática que aparentemente sou no momento.

O Maserati atravessa o vão, perdendo por meros centímetros tanto a estrutura quanto a segurança chocada que estava segurando o portão

aberto. Meu núcleo chora com a mais doce agonia enquanto Rafael continua com seus golpes implacáveis, retirando o dedo quase completamente, apenas para enfiá-lo ainda mais dentro.

Quando chegamos à casa, eu estou tão fora de mim que mal me dou conta de que piso no freio. A freada brusca impulsiona meu corpo para a frente, empalando-me no dedo de Rafael. Estrelas brancas explodem diante de meus olhos enquanto eu gozo em sua mão.

O ar escapa de meus pulmões em baforadas ofegantes. Tudo o que posso fazer é manter um aperto mortal no volante enquanto Rafael finalmente solta minha boceta e começa a desabotoar a calça.

— Suas habilidades de direção são excepcionais, Vespetta, — ele diz e solta os cintos de segurança de ambos. — Vamos ver como você se sai na direção.

Mãos enormes agarram minha cintura e, em um piscar de olhos, me vejo sentada sobre ele, com um pau duro como pedra provocando minha entrada.

— Você é louco, — eu engasgo enquanto me afundo, levando-o para dentro de mim. — Se você sangrar, a culpa será toda sua.

Olhos cheios de luxúria se entrecerram de alegria enquanto Rafael mergulha em mim por baixo. — Você vai ser a minha morte, Vasilisa. De um jeito ou de outro.

Mantenho a mão no pescoço de Rafael enquanto o cavalgo, inclinando meus quadris para poder absorvê-lo mais. Meu núcleo está tremendo e já estou prestes a gozar novamente. Sua mão esquerda segura meu rosto enquanto ele provoca minha boceta com a outra, aplicando pressão com o polegar no local onde os lábios se encontram. Isso está me deixando louca, enlouquecida. Os sons da minha respiração ofegante enchem o SUV enquanto eu me deixo perder nos olhos de Rafael. Insanidade. Essa é uma doce insanidade da qual eu não quero me recuperar.

O peito de Rafael sobe e desce à medida que sua respiração se acelera, tornando-se mais irregular. Vê-lo gozando já é um êxtase erótico por si só, mas quando ele me puxa para a frente, esmagando sua boca na minha

em um beijo selvagem e possessivo, eu me perco completamente. O êxtase orgástico me consome, queimando as últimas partículas das paredes que ergui ao redor do meu coração em uma tentativa inútil de impedir que Rafael De Santi o conquistasse.

Capítulo 15

Vasilisa

— Por que você está fazendo isso, Vasya, querida? — A voz de minha mãe soa triste e preocupada na linha. — Já se passaram quase dois meses. Por favor, volte para casa e nós resolveremos o que quer que seja o problema. Sentimos muito a sua falta.

Fecho os olhos e me encosto no peito nu de Rafael. Tentamos trabalhar em seu repositório de dados duas vezes esta tarde, mas acabamos na cama nas duas vezes. — Também sinto falta de vocês, mãe. Logo estarei em casa.

— Você diz isso toda vez e... Não! Roman! Me devolva o telefone!

— Vasilisa. — O rosnado baixo e estrondoso do meu pai praticamente explode no alto-falante. — No instante em que eu descobrir onde você está, vou arrastá-la de volta para casa e trancá-la em seu quarto. Para sempre!

— Claro, papai. — Eu suspiro. — Você pode passar o telefone para a Yulia, por favor.

Ele resmunga alguma coisa em russo e, alguns instantes depois, minha irmã pega o telefone. — Oi, Vasya. Como está?

— Eu estou bem. Como...

— Papai pediu a Felix para rastrear suas ligações, — ela sussurra com urgência. — Ele está fazendo isso há semanas, mas não consegue identificar sua localização. Eu ouvi o vovô dizer ao papai que ele vai mudar para outro software de rastreamento e....

Imediatamente cortei a linha. Por quanto tempo conversamos?

Rafael disse que seu telefone não pode ser rastreado, mas mesmo assim... O pânico aperta meu peito e, de repente, é difícil respirar.

— Vespetta? — Rafael deposita um beijo em meu ombro nu. — Há algo errado?

Será que eles conseguiram minha localização? A bile sobe pela minha garganta. Meu pai pode estar saindo pela porta e vindo para a Sicília neste exato momento.

Eu me viro de modo a ficar sobre o peito de Rafael. Meus olhos encontram e se fixam em seu olhar enquanto a tempestade que se forma dentro de mim se torna um furacão. Isso é exatamente o que eu queria, não é? Que meu pai me encontrasse e me levasse para casa. Mas o problema é que eu não quero mais isso.

Não quero ir para casa.

Mas também não posso ficar com o homem que não me deixa escolher entre ficar e ir embora.

— Vasilisa? — Rafael passa as mãos pelos meus cabelos, puxando-me para um beijo. — Pode me dizer o que está acontecendo nessa sua linda cabeça?

— Meu pai está rastreando as ligações, — murmuro em seus lábios.

— É claro que ele está. Mas não será capaz de descobrir onde você está. Ninguém conseguirá.

— E você não vai me deixar sair até que eu termine de consertar seu sistema?

Ele pega meu lábio inferior entre os dentes e o morde. — Isso mesmo.

Eu seguro seu rosto com as palmas das mãos e me afasto, quebrando o beijo. — Então pare de instruir seus homens a sabotar o trabalho para o qual você me arrastou até aqui.

Os olhos de Rafael se arregalam perigosamente. Ele não poderia ter acreditado seriamente que eu não descobriria o que ele estava fazendo. As

‘interrupções’ do sistema que continuam aparecendo não podem ser o resultado de uma fonte externa. Percebi isso há duas semanas, mas continuei com a farsa porque não queria ir embora. Não queria *deixá-lo*.

— Quero que você fique, — ele vocifera enquanto leva a mão à minha boceta, provocando-me com o dedo.

Eu suspiro. Tudo ainda está sensível, mas seu toque é tão bom. Quando ele começa a acariciar meu clitóris com o polegar, sinto-me instantaneamente molhada. Mordendo o lábio inferior, abro as pernas para dar a ele mais acesso.

— Você quer que eu fique, — sussurro, sustentando seu olhar, — ou você quer que eu queira ficar? São duas coisas muito diferentes.

A outra mão de Rafael desliza para a parte de trás do meu pescoço, agarrando um punhado de meu cabelo enquanto ele empurra outro dedo dentro do meu núcleo trêmulo.

— Ninguém pode lhe oferecer o que eu posso, Vasilisa. — O aperto em meu cabelo se intensifica ligeiramente. — Diga o que quiser, e eu lhe darei. Dinheiro. Joias. Um iate, se você quiser. Eu tenho dois, mas posso comprar um novo para você. Se não gostar da Sicília, escolha um lugar e eu lhe darei uma casa lá. Ela estará em seu nome. — Ele belisca meu clitóris, fazendo-me gritar. — Qualquer coisa que você desejar, eu lhe entregarei.

— Então, qualquer coisa, exceto a liberdade de decidir se eu quero ficar com você?

— Você vai querer ficar comigo, — ele rosna enquanto coloca as mãos sob minha bunda. — Vou me certificar disso.

Com essas palavras, ele me puxa para a frente até que meus quadris fiquem bem acima de seu rosto. Seu hálito quente passa sobre minhas dobras molhadas antes de sua língua deslizar entre elas. Um arrepio sobe pela minha espinha, fazendo-me arquear as costas e gemer de prazer. Com os dedos penetrando e massageando minhas bochechas arredondadas, Rafael lambe lentamente o comprimento da minha fenda. Eu me seguro na cabeceira da cama como se fosse uma corda de salvamento enquanto ele continua a se banquetear com minha boceta. Os sons dos grilos e das vozes distantes do

lado de fora ficam em segundo plano enquanto eu me perco na sensação de sua boca quente em minhas partes mais íntimas. Nada mais existe, exceto Rafael. Nada mais, neste momento, importa.

Sua língua habilidosa se aprofunda com maestria, explorando cada curva e fenda, devastando-me com precisão magistral e poderosas ondas de prazer que eu não quero que acabem. O quarto se torna um borrão nebuloso, e meu corpo se derrete em um esquecimento divino. Cada suspiro meu se mistura em harmonia com gemidos abafados e lânguidos *mmms*, acompanhados pelo som de seus lábios e o suave movimento de sua língua.

O roçar de seus dentes em meu feixe de nervos palpitantes envia um choque por todas as células do meu corpo. A cabeceira da cama balança devido ao meu aperto furioso enquanto eu me esforço para respirar enquanto ele sela sua boca em meu clitóris e o suga. Meu corpo treme com a intensidade do prazer que ele está me proporcionando, e um grito alto sai de mim quando chego ao clímax, explodindo em um milhão de pequenas partículas.

O ar sai de meus pulmões em rajadas curtas e trêmulas enquanto tento me recompor. Rafael lambe minha boceta mais uma vez, depois beija a parte interna da minha coxa e me abaixa gentilmente para que eu me sente em seu peito.

— Vou adorar cada parte de seu corpo assim, Vasilisa. Todos os dias. Todas as noites, — diz ele, enquanto desliza as mãos pela minha caixa torácica, passando por cima dos meus seios e envolvendo-as no meu pescoço. Com os polegares em meu queixo, ele acaricia meus lábios. — Você vai se tornar tão viciada em meu toque, que só de pensar em ficar longe de mim vai sentir dor física.

Eu ofego enquanto procuro seus olhos, encontrando uma determinação de aço refletida em mim a partir das rochas verdes. Mas ele está errado. Eu já estou viciada. E, como todo viciado, quero mais.

Só mais um. Esse se tornou meu mantra. Só mais um dia com ele, e então colocarei um fim a esse trem maluco. Só mais uma noite em seus braços, e então encontrarei uma maneira de ir embora. Só mais um beijo de derreter os ossos... Só mais um toque que rasga a alma... Só mais um

momento no céu.

E, aos poucos, cada um desses ‘uns’ se tornou um dois. Depois, três. Depois, dez. Depois, um desejo de ser eterno.

Mas chegou a hora, e esse jogo de contagem chegou a um ponto em que não pode mais continuar.

— Vou tomar um banho e depois retomarei meu trabalho.

— Nós dois sabemos que não há mais necessidade de você trabalhar para mim, — ele esbraveja.

— É claro que sim. Terminarei as mudanças de configuração hoje e depois espero que você providencie minha volta para casa. Não serei mantida prisioneira aqui por mais tempo.

— Não estou vendo você acorrentada, Vasilisa.

— Porque os grilhões com os quais você me acorrentou não são tangíveis.

Os olhos de Rafael escurecem, com turbulências em suas profundezas. Ele agarra meu queixo, puxando-me para mais perto de seu rosto duro.

— Estou apaixonado por você, Vasilisa.

Meu coração para de bater. Por um breve momento, todas as moléculas do meu corpo ficam completamente paradas enquanto eu processo as palavras que tanto desejava ouvir. Mas não há alegria em ouvir sua declaração. Aquela sensação de voar pelas nuvens está completamente ausente porque não consigo acreditar que o que ele disse seja verdade. Ele pode ter uma maneira estranha de demonstrar isso, mas acho que ele sente algo por mim. Só temo que não seja amor.

O amor é a mais pura das emoções. Não é egoísmo. Não é posse. O que ele sente é uma obsessão por alguém que não caiu facilmente em suas mãos. Isso passará, será substituído por algo novo. E, no final, nem mesmo importará. Nada mudará para mim. Exceto pela presença de um medo paralisante. Será que me apaixonei por um homem que não é capaz de me amar de volta? Um homem que fará de tudo para me manter com ele.

Qualquer coisa, exceto me deixar ir.

— Não posso mais fazer isso, Rafael. — Pressiono as palmas das mãos trêmulas em suas bochechas e me inclino para acariciar meus lábios sobre os dele. — Nós tínhamos um acordo. Se você não cumprir sua parte do acordo, eu não cumprirei a minha e encontrarei uma maneira de ir embora.

Rafael

O medo explode dentro de mim. O pânico surge em meu peito, espalhando-se por todo o meu corpo. Não sei o que devo fazer para que ela queira ficar. Eu jamais machucaria seus pais ou irmãos, mas a ameaça à vida deles é a única vantagem que tenho. E se ela conseguir encontrar uma maneira de fugir? Envolver os braços em torno do meio dela e nos rolo até ficar por cima.

— Juro que vou matá-los, — rosno, vendo seus olhos se arregalarem em alarme. — Se você se atrever a fugir de mim, Vasilisa, vou destruir sua família e vou fazer você assistir.

Uma sombra passa sobre seu rosto, transformando sua expressão de choque em angústia.

— Mexa-se, — ela sibila.

— Não.

— Tire suas mãos de mim! — Ela coloca os dedos em volta de minha garganta, apertando. — Ou vou sufocá-lo até à morte.

Instantaneamente, meu pau se assemelha a uma barra de aço. Sempre fico excitado quando ela fica selvagem. — Eu te amo! Você não consegue entender isso?!

— E ainda assim, continua me machucando todos os dias, fazendo-me escolher entre você e minha família.

Cerro os dentes com tanta força que meus músculos faciais fódidos ficam doloridos. — Você vai ficar. E se for me odiar, que seja.

Vasilisa empurra meus peitorais com as palmas das mãos. Eu a deixo sair de debaixo de mim e a sigo com os olhos enquanto ela sai da cama. Limpando os olhos com as costas da mão, ela se dirige ao banheiro, mas para na soleira da porta.

— Você não me ama, Rafael. Você nem sequer sabe o

significado da palavra. — Sua voz é apenas um sussurro, mas cada partícula de som perfura meu peito como uma lâmina ardente. — A única coisa que você sabe é como comprar coisas. E quando seu dinheiro não tem poder, você simplesmente pega.

Um clique suave ressoa quando ela entra no banheiro. Fico imóvel na cama com o cheiro de nosso amor no ar, envolvendo-me em seu abraço, enquanto tudo o que posso fazer é olhar para a porta fechada. Um chiado silencioso vem do outro lado. Eu fiz a mulher que amo chorar. Essa constatação me esmaga como um bloco de concreto de dez toneladas. O desespero se instala em minhas entranhas quando atravesso o quarto e pressiono minha testa contra a superfície de madeira.

Eu nunca faria isso. Nunca faria mal à sua família, mesmo que ela, de alguma forma, encontrasse um jeito de fugir, quebrando nosso acordo. Seu amor por eles deve ser ilimitado se ela estava disposta a passar todo esse tempo com um monstro como eu para garantir a segurança deles. Como seria se ela *me amasse* assim? Se ela *quisesse* ficar comigo? Não porque isso manteria sua família segura. Não porque eu possa fazê-la derreter de prazer com meu toque. Quero que ela fique por *minha causa*. Quero que ela me ame por causa de quem eu sou. Não pelo que posso lhe dar. E o que eu fiz? A coagi e tentei comprar seu amor.

Meu lírio do vale está certo.

Preciso deixá-la ir. Levá-la de volta para onde ela pertence.

De volta a todos aqueles homens bonitos e perfeitos que fazem parte de seu mundo.

Recolhendo minhas roupas espalhadas pelo chão, saio do quarto. No final do corredor, uma das empregadas está limpando o pó de uma arandela e cantarolando uma melodia. Quando ela me vê aproximando, um grito estrangulado sai de seus lábios. Suas bochechas ficam vermelhas e ela se esforça para olhar para qualquer lugar que não seja meu corpo nu.

Continuo pelo corredor, provocando mais alguns gritos de susto de outros funcionários que me veem passar em meu novo estado de estupor.

— Raff? — A voz de Guido vem da escada. — Que diabos...

— Agora não. — Entro no quarto de hóspedes e vou para o banheiro.

— Entendo que o momento pode não ser o melhor, mas isso é urgente.

— Eu disse, agora não! — Bato a porta do banheiro.

Ajustando a água para quente, entro no chuveiro e pressiono as palmas das mãos na parede de azulejos.

— Acabei de descobrir que Calogero comprou várias propriedades a sudoeste de Messina, — a voz abafada de Guido entra pela porta.

Respiro fundo e fecho os olhos. A água escaldante bate em minha cabeça e em minhas costas, mas não elimina a raiva e a miséria que se acumulam dentro do meu peito.

— Raff? — Batida forte na porta. — Você ouviu o que eu disse?

— Sim.

Inclino a cabeça para cima, deixando o spray atingir meu rosto. Maldito Calogero. Não consigo me importar com o que esse filho da puta está fazendo. Não agora. Por mim, ele pode comprar cada centímetro de terra na Sicília.

— E? O que vamos fazer a respeito?

Fechando a torneira, saio do box do chuveiro e me agarro à borda da pia. Há muito tempo que eu deveria ter resolvido a questão de Calogero, mas não estava disposto a arriscar um confronto aberto com Vasilisa em minha casa. Acho que não preciso mais me preocupar com isso, já que ela está indo embora. A menos que ela decida voltar.

O espelho sobre a pia está completamente embaçado, borrando meu reflexo. Limpo a condensação com a palma da mão e fico olhando para o rosto monstruoso que me encara. Sim, como se uma beldade como Vasilisa fosse escolher passar sua vida com uma besta como eu.

Com toda a minha força, acerto o espelho com o punho. Ele se estilhaça em pedaços irregulares. O sangue jorra de meus nós dos dedos

feridos, escorrendo carmesim para os fragmentos refletivos, infiltrando-se nas rachaduras e bordas dos restos abaixo. Isso me faz lembrar de mim, esse maldito espelho quebrado. Uma infinidade de fragmentos bagunçados, assim como minha alma atualmente estilhaçada. E todo esse vermelho - as lágrimas de meu coração sangrando.

Tiro a toalha do cabide e abro a porta do banheiro.

— Reúna vinte homens, — digo enquanto enrolo a toalha em minha cintura. — Quero todos armados e prontos para partir em trinta minutos.

— Ir para onde?

— Para queimar todos os prédios que aquele desgraçado comprou.

— Agora? No meio do dia? Por que não esperar até o anoitecer?

— Porque se eu não destruir algo agora mesmo, vou matar o primeiro idiota que cruzar meu caminho! — Eu rosno. — Isso é motivo suficiente para você?

— Bastante sólido. Vou reunir nossos homens.

* * *

Acendo um cigarro e aceno para Otto, que está orientando os homens com jarros de gasolina. — Fiquem longe das árvores, não quero que elas sejam danificadas.

— Claro, chefe. — Ele acena com a cabeça e se dirige ao topo de uma colina onde a casa moderna de um andar é cercada por um pomar muito mais antigo, mas bem cuidado, com árvores carregadas de frutas.

— Acho que você deveria reconsiderar, — diz Guido ao meu lado. — Queimar as propriedades de Calogero em nosso território é uma coisa, mas isso é uma questão completamente diferente.

— Eu sei. — Dou uma longa tragada em um cigarro e olho para

a luxuosa mansão. É o refúgio favorito do meu padrinho. Ele gosta de trazer seus parceiros de negócios para cá, para que possam apreciar a bela paisagem da parte ocidental da Sicília enquanto tomam drinques no terraço espaçoso e sombreado.

Foi também onde ele fez seus votos quando se tornou o Don. Hoje cedo, quando incendiei os dois armazéns que ele comprou nos arredores de Messina, essa foi uma declaração simples. Mas isso? Esta é uma declaração de guerra.

— Não há como voltar atrás depois disso, Rafael. Você sabe disso, certo?

— Sim.

— E o que vamos fazer com seus homens?

Olho para os quatro homens ajoelhados ao lado da estufa, com as mãos amarradas atrás das costas. Os bastardos conseguiram atirar em um dos meus homens enquanto invadíamos o local. Pego minha jaqueta, tiro a arma e aponto para o primeiro idiota da fila. O som da minha 9 mm divide o ar.

Os outros três homens olham para o corpo estendido diante deles e começam a se mexer, tentando se levantar. Eu disparo mais duas balas. Uma atinge seu alvo na cabeça, a outra, no pescoço. O último dos homens de Calogero conseguiu se levantar cambaleando, mas agora está parado, olhando para seus companheiros mortos.

Coloco minha arma no coldre e saio para atravessar o gramado. Com minha visão periférica, avisto Otto na frente da casa principal, fazendo sinal para que meus homens saiam. Ele está segurando um coquetel molotov na mão. Paro na frente do capanga sobrevivente de Calogero e o fixo com o olhar. — Vire-se.

O homem engole e segue a ordem. Suas mãos amarradas tremem atrás das costas.

— Você vai entregar uma mensagem ao seu padrinho. — Corto o zíper de seus pulsos.

Por alguns instantes, ele permanece enraizado no local, de costas para mim, e então lança um olhar por cima do ombro. — Qual é a mensagem?

— Todos para fora! — A voz de Otto ecoa da entrada da garagem, seguida pelo som de vidro se estilhaçando.

As chamas alaranjadas tomam conta rapidamente do interior da casa, subindo pelas paredes até ao exterior e lambendo os postes do terraço. A fumaça escura sobe para o céu, assustando um bando de pássaros no pomar. Em massa, eles voam, seus gritos frenéticos se misturam ao som da madeira crepitando.

— Essa é a mensagem. — Aceno com a cabeça para o prédio em chamas, depois me viro e vou em direção ao meu SUV, onde Guido está encostado na grade, observando o fogo violento.

— E agora? — ele pergunta quando me aproximo.

— Chame todas as equipes de nossas bases europeias. Precisaremos da mão de obra.

— Já chamei. Eles estarão aqui pela manhã.

— Ótimo. Posicione-os em todos os locais prováveis onde Calogero possa nos atacar. Ele precisará de alguns dias para se reagrupar antes de agir, portanto, temos um breve período de tempo para nos prepararmos. — Eu me coloco atrás do volante e pego meu telefone. — E aumente a segurança da casa. Tenho que passar em Catânia e vou demorar algumas horas para chegar em casa.

— Deixe-me adivinhar. Outra visita àquele joalheiro?

— Talvez.

— Você acabou de começar a maldita guerra, mas, em vez de me ajudar a coordenar nossos homens e fazer planos, está indo comprar bugigangas para sua princesa russa?

— Exatamente. — Aperto o acelerador.

* * *

Todas as luzes, com exceção de duas arandelas no patamar, estão

apagadas, deixando o corredor escuro enquanto caminho em direção ao meu quarto. Paro em frente à porta e escuto, mas não consigo ouvir nada. Sem fazer barulho, giro a maçaneta e entro.

A lâmpada de leitura sobre a cabeceira está acesa, iluminando a cama. A cama bem arrumada e vazia. Vasilisa está no sofá perto da lareira. Dormindo.

Deixo a bolsa dourada na mesa de cabeceira e me agacho ao lado da minha bela adormecida, observando o rosto de Vasilisa. Seus olhos estão um pouco inchados e há alguns lenços de papel amassados no chão. Ela esteve chorando. Um nó se forma em meu estômago. Estendendo a mão, passo os nós dos dedos em sua bochecha macia, depois deslizo os braços por baixo dela e a levo para a cama.

Depois de colocá-la na cama, vou até ao closet e começo a pegar as roupas de Vasilisa. Ela ficará furiosa como uma vespa comigo pela manhã, mas isso não importa. Quero vê-la vestindo apenas a minha camiseta novamente.

Provavelmente será a última vez.

Capítulo 16

Vasilisa

Ele esteve aqui ontem à noite. Eu sei disso no instante em que abro os olhos e me vejo na cama em vez de no sofá.

Não conseguiria me obrigar a dormir na mesma cama em que ele me deu o prazer mais magnífico, apenas para me esmagar com suas ameaças depois. O outro lado da cama está vazio, mas quando me viro e enfio o nariz no travesseiro, o cheiro dele está por toda parte. O impulso de abraçar o travesseiro em meu peito é forte, mas, ao mesmo tempo, quero rasgá-lo em pedaços.

— Vou trancar a porta hoje à noite, — murmuro em meio à suavidade das penas, depois saio da cama e começo a tirar os lençóis e as fronhas. Depois de tirar tudo o que tem o cheiro dele, vou para o banheiro tomar um banho. Um pouco acima da soleira da porta, paro de repente. Os produtos cuidadosamente alinhados - xampu, gel de banho, desodorante - zombam de mim na prateleira ao lado da banheira. Todos eles são dele. Quer eu queira ou não, vou ficar coberta com o cheiro dele.

Bem, isso não está acontecendo.

Pego o sabonete em barra no prato ao lado da pia da penteadeira e entro na banheira. É o único produto de limpeza que não contribui para o seu cheiro masculino, então acabo lavando todo o meu corpo, inclusive o cabelo, com ele.

Vinte minutos depois, quando saio da suíte cheirando a talco de bebê e com o cabelo bagunçado (lavá-lo com sabonete não foi uma boa ideia), noto a sacola de papel dourado de aparência requintada sobre a mesa de centro. Com passos lentos, aproximo-me do sofá e me sento, olhando para a oferta, sentindo-me derrotada. Ele comprou um presente para mim. De novo.

Puxo a sacola em minha direção e retiro duas caixas de veludo. A maior delas contém uma pulseira de tênis²⁰ de ouro branco adornada com dezenas de diamantes tão impecavelmente claros que refletem a luz como pequenos espelhos. Um pequeno berloque incrustado de diamantes está pendurado no deslumbrante conjunto alternado de pedras preciosas na impressionante pulseira. O formato é de um lírio do vale. Olho para baixo, para o meu peito, onde o pingente idêntico repousa sobre meu decote. É o único presente de Rafael que eu guardei e uso.

Meus olhos ardem. Pressiono os dedos na ponte do nariz e respiro fundo antes de abrir a segunda caixa. Ela contém um conjunto de brincos que combinam. Não se trata de uma compra aleatória, mas de uma lembrança atenciosa que um homem daria a uma mulher que ama. Eu me esforço para engolir o caroço que está alojado em minha garganta. Como ele pôde fazer isso? Não se ameaça matar a família de alguém que você ama. E não se mantém seu ente querido em cativeiro.

Com cuidado, coloco as joias de volta na sacola, enxugo as lágrimas dos olhos e vou até ao closet. As luzes do teto se acendem quando deslizo a porta para o lado, iluminando as fileiras de prateleiras vazias na parede esquerda, onde minhas roupas estavam. Dou uma volta de três em três, olhando em volta confusa. Os ternos, as camisas e tudo o mais de Rafael ainda estão lá. Mas, além das minhas roupas íntimas, meias e o cardigã branco e fofo, tudo o que eu tinha desapareceu!

— Aquele imbecil, — eu grito e pego sua camisa social. Mas depois mudo de ideia.

Ele quer jogar sujo?

O jogo começou.

* * *

— Que manhã maravilhosa, — eu digo ao entrar na cozinha, indo direto para o fogão onde Irma está cozinhando ovos mexidos. — Posso

comer um pouco daquele queijo de cabra também?

— Sim... é claro, — murmura ela, com os olhos arregalados como pires enquanto observa minha roupa.

— Obrigada. — Eu sorrio e me sento em frente a Guido na mesa de café da manhã que tem altura de balcão. Suas sobranceiras estão erguidas enquanto ele me encara e faz uma ótima imitação de um peixe lutando para respirar.

— Estamos implementando um novo código de vestimenta por aqui? — pergunta ele.

— Que eu saiba, não. — Pego a jarra de café e me sirvo de uma xícara. — Por que pergunta?

— Ontem, encontrei Rafael invadindo a casa vestido como veio ao mundo. Ele traumatizou todas as funcionárias. E agora... você. — Ele faz um gesto com a xícara em minha direção.

— Seu irmão confiscou minhas roupas. De novo. — Dou de ombros e tomo um longo gole. — Tive que trabalhar com o que eu tinha disponível. Não é como se eu estivesse nua.

— Permita-me discordar. — Ele balança a cabeça. — Vou dizer a Irma para baixar as cortinas.

— Por quê?

— Porque os jardineiros estão olhando para você e salivando. Eles podem acabar cortando os dedos em vez dos galhos das roseiras.

— Prefiro a luz natural.

Guido coloca seu café na mesa e se levanta. — Vou sair. Não quero estar por perto quando Rafael vir você e perder a cabeça.

— E por que Rafael perderia a cabeça? — Uma voz grave vem de algum lugar atrás de mim.

— Porra, — murmura Guido.

Pego uma faca e começo a passar manteiga no pãozinho que peguei na bandeja sobre a mesa.

— Bom dia, Rafael, — digo como se não estivesse nem aí para nada e giro lentamente em minha cadeira.

Ele permanece na porta da cozinha, absolutamente imóvel, por um momento excruciantemente longo. A única parte dele que não está imóvel são seus olhos. Eles estão examinando meu corpo, parando no sutiã rendado transparente que não esconde basicamente nada, depois descendo pela minha barriga exposta até ao pequeno triângulo da fio dental branca combinando. Coloquei meu cardigã fofo, mas optei por deixá-lo totalmente desabotoado.

— Todo mundo. Saiam, — diz Rafael em um tom abafado, enquanto seus olhos voltam para os meus seios. — AGORA. MESMO. PORRA! — ele ruge em sua próxima respiração.

— Mas eu ainda não terminei meu café da manhã. — Eu pisco para ele inocentemente.

Seu rosto é uma máscara de pura raiva quando ele atravessa a distância e para bem na minha frente.

— Guido, — ele rosna por entre os dentes, mas seu olhar furioso está concentrado em mim. — Se sobrar um único homem nesta casa nos próximos dez segundos, eu o estriparei na hora. Isso inclui você. SAIA DAQUI!

Dou uma mordida em meu pãozinho e vejo Irma e Guido passarem correndo por Rafael. Eles fecham apressadamente a porta lateral da cozinha seguindo sua saída, mas isso não suprime os gritos frenéticos e os sons de comoção em outros lugares dentro da casa.

Rafael se inclina para a frente e agarra a mesa de cada lado de mim, enjaulando-me com seu corpo e braços enormes. Ele parece tão irritado que eu não ficaria surpresa se visse fogo saindo de suas narinas a qualquer momento. — Mas. Que. Porra. Você está fazendo?

— Isso foi tudo o que sobrou do meu lado do armário. E não usarei suas roupas novamente.

— Você vai. — Ele me encara. — Mesmo que eu tenha que carregá-la para cima e colocar uma das minhas camisas em você à força.

Levanto minha mão e pressiono a ponta da faca sob seu queixo.

— Sinta-se à vontade para tentar. E veja o que acontece.

Inspirando profundamente e com evidente esforço, Rafael semicerra os olhos para mim, depois agarra minha nuca e encosta sua boca na minha. Mal tive tempo de largar a faca e ela caiu no chão de madeira com um estrondo retumbante.

— Eu poderia ter cortado você, seu idiota, — murmuro em seus lábios enquanto retribuo o beijo com o mesmo vigor.

— Não seria a primeira vez.

Enrolo meus braços ao redor de seu pescoço, puxando-o com mais força contra mim, e prendo meus pés atrás de suas costas. Sua dureza pressiona meu âmago, e a umidade encharca minha calcinha fina. Meu Deus, estou com tanta raiva desse homem, mas ainda o desejo veementemente dentro de mim. Ele pode ser um idiota implacável, mas estou completamente louca por ele.

Eu coloco seu lábio inferior entre meus dentes, mordendo-o. Ele me morde de volta. Sua mão direita flexiona minha nuca enquanto a esquerda desliza pela parte interna da minha coxa até à renda que cobre minha boceta.

— Você está encharcada, Vasilisa, — Rafael rosna, empurrando a renda para o lado e arrastando o dedo pela minha boceta.

Tremores percorrem meu corpo devido à necessidade crua que ouço em seu tom.

— Vou lambe até à última gota de seu doce néctar. — Ele me agarra pela bunda e me coloca em cima da mesa. — Agora mesmo, porra.

Estou tremendo quando me inclino para trás para me deitar na superfície fria onde os pratos e copos ainda estão espalhados. Eu alcanço a borda, mas minha mão se prende em algo e o item azarado se espatifa no chão. Rafael levanta meu pé direito e pressiona os lábios na parte interna do meu tornozelo e, em seguida, sobe lentamente os beijos pela minha perna. Quando sua boca chega à minha boceta, ele encosta o rosto nela e inala.

— Céu do caralho, — ele murmura enquanto respira meu perfume mais uma vez.

Envolvendo os dedos em meu tornozelo, ele coloca meu pé em seu ombro e, em seguida, volta sua atenção para a outra perna.

Tornozelo.

Parte interna da coxa.

Boceta.

Ele cobre cada centímetro de minha pele com beijos lentos e intensos antes de prender meu pé sobre seu ombro. Com um grunhido baixo e gutural, ele rasga minha calcinha fio dental ao meio, e a delicada renda cai.

Eu já estou meio perdida quando ele enterra seu rosto entre minhas pernas. Meus lábios se separam enquanto eu me esforço para respirar mais, tremendo a cada golpe de sua língua.

Lânguido. Metódico. Ele *está* decidido a lamber até à última gota. Meu núcleo está tremendo com a necessidade de mais. Agarro seu cabelo, puxando sua cabeça para mim, enquanto me sinto na crista da onda de prazer. Seus lábios se fecham em torno do meu clitóris, sugando-o para dentro de sua boca. Eu grito. Minha liberação é iminente, posso senti-la, mas o toque de Rafael desaparece de repente.

— Mais! — Eu murmuro.

— Eu lhe darei mais, Vespeta. — Uma carícia quase imperceptível com dedos quentes na entrada de meu núcleo pulsante. — Mas só se você prometer vestir minha camisa depois.

Abro os olhos e vejo Rafael entre minhas pernas enquanto continua a provocar minha boceta, com um sorriso de satisfação no rosto.

— Não, — ofego.

— Tem certeza? — Ele leva a mão à boca e lambe meus sucos brilhantes de seus dedos enquanto olha descaradamente em meus olhos.

Meu núcleo se aperta com uma dor desesperada por ele, mas mantenho minha boca fechada.

— Acho que não levaria mais de dez segundos para você gozar a essa altura. — Como que para consolidar essa afirmação, ele coloca o polegar sobre meu clitóris, aplicando uma leve pressão.

Arqueio minhas costas e estremeço em resposta.

— Está vendo? — Ele desliza apenas a ponta de seu dedo dentro de mim, fazendo-me gemer.

O sorriso em seu rosto se torna diabólico. Com movimentos deliberadamente lentos, ele abre o zíper da calça e libera seu enorme pau.

— Venha cá, — diz ele enquanto passa as mãos sob minha bunda e me puxa para ele.

Envolvo seus braços em volta de seu pescoço e olho fixamente em seus olhos. Eles estão fixos nos meus como ímãs enquanto ele dá um passo para a esquerda e me apoia de costas na geladeira. A cabeça do seu pau roça na minha boceta chorosa, aumentando ainda mais a minha frustração. Estou perdendo a sanidade por causa desse homem.

Ele desliza seu pau para dentro do meu canal, não mais do que um centímetro, e para. — Então, temos um acordo?

— Maldito seja você, — eu gemo. — Sim, vou usar a porra da sua camisa.

Seu pau mergulha dentro de mim com tanta força que eu engasgo com a respiração e me desfaço em infinitos pedacinhos.

* * *

O vapor satura o ar quando sai da enorme banheira, embaçando o espelho do banheiro e a janela. Fecho os olhos e apoio o queixo nos joelhos enquanto Rafael acaricia minhas costas, desenhando padrões aleatórios ao longo da minha coluna.

— Você tem migalhas de pão em seu cabelo.

— Hmm, deve ser porque você escolheu me colocar sobre a mesa como se fosse um café da manhã enquanto fodia minha boceta com a boca.

— Não me lembro de você ter reclamado no momento. — Ele

pega uma de minhas tranças emaranhadas entre os dedos. — Por que seu cabelo tem cheiro de talco de bebê?

— É o sabonete. Eu não queria cheirar como você.

Seus braços envolvem o meu meio, puxando-me para o seu peito. No momento seguinte, ele se inclina para trás, submergindo-nos completamente.

Cuspo a água da minha boca depois que ele nos deixa subir à superfície e murmuro: — Acho que isso significa que você não é fã da minha nova fragrância.

— Você está certa.

Atrás de mim, ouve-se o som distinto de um frasco sendo destampado e, em seguida, suas mãos estão em meu cabelo, massageando meu couro cabeludo, enquanto o cheiro de seu xampu me envolve.

— Isso não muda nada entre nós, Rafael, — sussurro.

— Eu sei.

Ele liga o chuveiro e começa a enxaguar meu cabelo. Inclino a cabeça e fecho os olhos enquanto ele passa os dedos pelos meus fios, suas ministrações incrivelmente gentis. Carinhosas. Ternas. A dor em meu peito é insuportável. Não posso deixar que esse homem tenha meu coração. Mesmo que eu queira. Quero tanto. Mas tenho medo de que ele esmague esse músculo frágil tão terrivelmente que, no final, não sobrá nada dele.

— Você ganhou, Vespeta.

— Ganhei o quê?

Um beijo pousa em minha omoplata. — Você está indo para casa.

O ar fica preso em minha garganta. Lentamente, eu me viro e encontro seu olhar. — Você vai me levar para Chicago?

— Sim. — Ele inclina a cabeça para o lado. — Achei que ficaria em êxtase.

— Eu estou. É que... — Eu o encaro confusa. — Ontem à noite,

você ameaçou acabar com a minha família. Esse é mais um de seus jogos?

— Não. Você estará em casa dentro de quarenta e oito horas.

Eu rio e pulo em cima dele, espirrando água por todo o banheiro.

— Precisamos inventar uma história para o meu pai, — digo em seus lábios entre beijos. — Não acho que ele ficaria feliz com o fato de eu ter sido sequestrada.

— Tenho certeza de que não ficará.

— Pensaremos em algo. Mal posso esperar para que você conheça minha irmã. Yulia é a única pessoa normal em nossa família. — Beijo seu queixo. — Deus, espero que Sergei não esteja lá quando chegarmos. Não quero chocá-lo logo de cara.

— Poucas coisas podem me chocar, Vasilisa. E eu já conheci seu tio.

Eu me inclino para trás. — O quê? Quando?

— Estamos no mesmo ramo de negócios, portanto nossos caminhos se cruzaram mais de uma vez. Ele realmente é incrível.

— Ele é. — Eu sorrio. — A maioria das pessoas não entende o tio Sergei, mas a verdade é que ele é apenas um grande golden retriever.

— Um golden retriever treinado por militares, com o gatilho acionado e seriamente perturbado.

— Acho que isso o resume muito bem. — Deslizo a palma da mão pelo peito de Rafael e envolvo meus dedos em seu pau. Ele está duro como uma rocha. Arqueio uma sobrancelha. — De novo? Acabamos de fazer sexo. Duas vezes.

— Você está deitada sobre mim, nua. O que esperava? — Ele agarra minha cintura e me desliza para baixo em seu corpo rígido.

Estar na água torna surreal a sensação de ele deslizar para dentro de mim. Exatamente como na primeira vez em que fizemos amor.

— Gostaria que tivéssemos tempo para sair em seu barco novamente. Para aquele lugar do Kraken, — ofego enquanto o monto.

Os cantos dos lábios de Rafael se inclinam para cima, mas o sorriso não chega a seus olhos. Eles parecem... tristes, por algum motivo. — Você já não está preocupada com as criaturas aquáticas?

Envolvo meus braços em seu pescoço e bato minha boca na dele. — Bem, sim. Mas você me salvaria, não é?

— Sempre. De qualquer coisa, — Rafael diz enquanto me penetra por baixo. — Inclusive de mim mesmo.

Não tenho a chance de perguntar o que ele quer dizer com isso porque, de repente, ele está batendo em mim como se algo o tivesse possuído. Normalmente, seus golpes iniciais são lentos e suaves até que eu me ajuste ao seu tamanho, mas não agora. Eu gosto disso.

Ele se aprofunda a cada investida, enchendo-me completamente, fazendo-me ofegar pela próxima respiração. Seus músculos estão duros sob minhas palmas, esticados pela tensão. Ele é tão maior do que eu que me faz sentir protegida, mesmo sem qualquer tipo de ameaça por perto.

Mesmo que eu não precise de sua proteção.

É estranho o fato de eu nunca ter me sentido ameaçada por ele. Nem mesmo no início.

Eu me agarro ao pescoço de Rafael enquanto ele me bombeia para dentro de mim, olhando fixamente em seus olhos sedutores.

— Hoje, você não vai usar nada além da minha camiseta, — ele grunhe enquanto continua a bater em mim sem parar, levando-me mais perto do limite cada vez que atinge meu ponto G.

Apesar de a banheira ser enorme, acho que ela não foi feita para ser usada assim. Ela balança para a esquerda e para a direita devido ao nosso ritmo frenético, com a água transbordando pela borda e inundando os azulejos.

— Você entendeu, Vasilisa?

— Sim!

O ar me escapa em sopros curtos e trêmulos enquanto minha boceta tem espasmos em torno de seu pau. Minha mente está toda mole. Foi-

se. Inexistente. Outra estocada forte e sou destruída. Jogando minha cabeça para trás, grito de prazer, assim como o rugido de Rafael ecoa pelo banheiro e nós dois mergulhamos no êxtase.

* * *

— Cinza ou preto? — Levanto dois cabides à minha frente.

— Cinza. — Rafael acena com a cabeça para a camisa em minha mão esquerda. É a que eu usava quando ele me levou para fazer compras na Albini's. Sua favorita.

— Posso usar roupas íntimas por baixo? Você disse apenas camiseta.

— Você pode ficar sem. Eu bani todos os homens para além das paredes da casa. — Ele abre a gaveta da mesinha de cabeceira e começa a tirar as caixas de joias de veludo. Um minuto depois, ele se aproxima, segurando o colar de diamantes cinzas e ouro. — Você vai usar isso para mim hoje?

Dou um sorriso e me viro para o espelho.

Rafael vem por trás de mim e afasta meu cabelo. — Como conseguiu isso? — ele pergunta enquanto coloca o colar em meu pescoço.

— O quê?

— Esta pequena cicatriz aqui. — Seu dedo roça a pele abaixo de minha omoplata.

Demoro alguns instantes para perceber do que ele está falando. — Na verdade, eu não me lembro. Só sei o que mamãe me contou.

— O que aconteceu?

— Eu estava em um shopping com ela e papai. Mamãe estava indo comprar um vestido para algum evento. Aparentemente, eu me afastei deles e corri em direção à joalheria porque gostava de ver as rosas de cristal e outras coisas brilhantes na vitrine.

O dedo de Rafael continua em minhas costas.

— Houve algum tipo de explosão. Dentro da loja, — continuo.
— Um cara me agarrou pouco antes de acontecer. Ele salvou minha vida.

— Quantos anos você tinha? — Rafael pergunta enquanto volta a acariciar minha pele. Sua voz soa estranha. De alguma forma, tensa.

— Eu tinha três anos. E nunca descobrimos o que aconteceu com o homem que me salvou. Papai disse que tentou encontrá-lo quando as coisas se acalmaram, mas não teve sorte. O homem foi levado para um hospital diferente daquele em que fomos parar e, depois disso, ele simplesmente desapareceu. A única coisa que papai sabia sobre o homem era que ele era albanês.

— Ah? — Rafael pressiona os lábios sobre a marca e depois continua a acariciar minha cicatriz.

— Sim, ele tinha uma tatuagem albanesa. Papai a reconheceu. — Eu me viro para encará-lo. O cabelo de Rafael está molhado e alguns de seus fios escuros caíram para a frente. Eu estendo a mão para puxá-los para trás, mas meus dedos gravitam em seu rosto, traçando os contornos duros de suas feições. — Eu gostaria de saber quem ele é, sabe, — digo em um suspiro sussurrado.

Os olhos de Rafael se arregalam ligeiramente nos cantos. — Por quê?

— Eu lhe devo minha vida. De onde eu venho, é a maior dívida.
— Eu sorrio. — Você, mais do que ninguém, deveria entender a importância das dívidas, Rafael.

Ele se inclina e passa os nós dos dedos em meu queixo.

— Foi simplesmente um acaso. Hora certa. Lugar certo. Seu albanês provavelmente esqueceu tudo isso há muito tempo. Você não está em dívida com ele. — Seus dedos agarram meu queixo, inclinando minha cabeça para um beijo. — Você se machucou em algum outro lugar?

— Não. Apenas aquele corte. Todo mundo disse que foi um milagre.

— Ótimo. — Ele acena com a cabeça e me puxa para mais perto.

— Que tal eu trabalhar para gerar outra ‘reação física normal’ em você agora?

Rafael

— São duas da manhã, — resmunga Guido ao se sentar na espreguiçadeira ao lado da minha. — Pensei que você estivesse lá em cima.

— Não consigo dormir. — Meus olhos estão fixos no horizonte escuro enquanto tomo um gole do meu vinho.

— Bem, você deve tentar, porque talvez não tenhamos essa chance nos próximos dias. Soube que Calogero está mobilizando secretamente seus homens. — Inclinando-se para a frente, ele apoia os cotovelos nos joelhos e solta um suspiro pesado. — Eu esperava que não chegasse a esse ponto.

— Sabíamos que Calogero retaliaria depois de destruímos seus investimentos. Ele tentará nos atingir sem que o resto da família descubra. Dez homens, no máximo quinze, que ficarão de boca fechada.

— Você vai matá-lo?

— Sim.

— Outros membros da Cosa Nostra o executarão, Rafael. Você não pode matar a porra de um Don e sair impune!

— Tenho quase certeza de que já fiz isso.

— Isso foi diferente! Ninguém além de Calogero sabia que foi você quem executou Mancuso.

— Lealdade e respeito são os principais pilares do credo da Cosa Nostra, Guido. Se um membro desrespeita sua palavra, ele perde a reputação e, com isso, o respeito que tem. Mas se for o ‘Don’ que quebra sua palavra, isso afeta toda a Família. O dano à sua reputação é absoluto. Entrei em contato com o velho Biaggi anteriormente e expressei minha profunda preocupação com a forma como a Família pode ver seu líder depois de descobrir que ele quebrou sua palavra comigo. Chegamos à conclusão de que seria benéfico para todos - para mim e para a Cosa Nostra siciliana - impedir

que essa vergonha viesse à luz do dia.

— O que isso significa?

— Isso significa que, se eu decidir aliviar o fato de ele existir, a Família fará vista grossa. Então, como você vê, qualquer problema pode ser resolvido, se você souber quais botões apertar.

— Ele é nosso padrinho, Rafael.

— E essa é a única razão pela qual eu o deixei viver tanto tempo, — eu digo e bebo o resto do meu vinho. — Mas ele usou todo o seu crédito.

— Rafael...

— Eu liguei para ele. Mais ou menos um mês depois de chegarmos aos Estados Unidos. Liguei para o nosso querido cumpari e implorei para que ele o protegesse. — Eu encaro o olhar chocado de Guido. — Ele se recusou.

— Por que fez isso?

— Porque eu tinha medo de que você passasse fome se ficasse comigo.

— Eu não sabia que tinha sido tão ruim assim.

— Foi. Mas consegui encontrar uma maneira de nos livrar disso.

— Jurando fidelidade ao clã albanês. Você fez isso por minha causa.

Coloco o copo no tampo da mesa e olho para o par de adagas cruzadas com uma cobra enrolada em volta das lâminas, gravadas na parte interna do meu antebraço esquerdo. Mais imagens cercam a tatuagem, portanto, ela não é tão proeminente como antes. Ainda assim, quem já percorreu os caminhos mais sombrios da vida saberá o que ela representa.

— Por que não a removeu? — pergunta Guido, olhando para a marca da gangue albanesa em meu braço.

— Isso já faz parte do passado, — digo, examinando o desenho com a tinta. Eu poderia tê-lo coberto, mas não tenho vergonha de nada que fiz para poder alimentar meu irmão.

Recosto-me na cadeira e fixo meu olhar nos barcos de pesca distantes espalhados pelo mar. — Vou ligar para Roman Petrov e dizer-lhe que tenho sua filha comigo.

— O quê?! — Guido salta de sua cadeira. — Você está fora de si?

— Não. Estou mandando Vasilisa de volta para os Estados Unidos.

— Por quê? Não me entenda mal, eu era contra essa sua ideia maluca desde o início, mas...

— Estou apaixonado por ela, Guido.

Ele me encara. — E você a está deixando ir embora? Isso não faz sentido.

— Sabe... quando eu era criança, adorava brincar atrás da casa da mamãe, tentando pegar borboletas. Havia uma *almirante branco do sul* que estava sempre esvoaçando em volta das rosas. Eu tentava capturá-la por dias, absolutamente fixado naquela pobre coitada porque queria tê-la para mim. Passei horas ao lado de um arbusto de flores espinhosas, fazendo o possível para prender a criatura, mas ela sempre escapava. Até que um dia, finalmente, eu a peguei. Coloquei-a em um pote de marmelada no meu quarto, ao lado da cama.

— Um filho da puta determinado, mesmo assim. — Guido bufa.

— Ela morreu no dia seguinte. Talvez eu a tenha apertado demais quando a peguei, ou ela simplesmente não conseguia viver em um maldito pote. Quando fui atrás da casa para procurar outra, não havia nenhuma. Nunca mais vi outra almirante por lá. — Inclino a cabeça para o céu e fecho os olhos. — Vasilisa me lembra aquela borboleta. Não posso forçá-la a ficar comigo. Pensei que poderia, mas não seria certo. Ela está voltando para Chicago amanhã à noite.

— Amanhã?

— Com Calogero planejando uma retaliação neste momento, não posso arriscar colocar a vida dela em perigo. Eu quase a matei uma vez. Não haverá uma segunda vez.

— De que diabos você está falando?

— Você acredita em destino, Guido?

— Destino? Tipo uma merda que estava destinada a acontecer?

— Ele levanta uma sobrancelha. — Claro que não. Isso é só conversa fiada para idiotas supersticiosos.

— Talvez. Talvez não. Lembra-se de meu último trabalho para os albaneses?

— Como se eu pudesse esquecer. Eles me disseram que você provavelmente não sobreviveria. O açougueiro que o levou mal conseguiu costurá-lo. Espero que aquela garota tenha sobrevivido, porque você quase morreu bancando o herói.

— Ela sobreviveu. — Aceno com a cabeça. — No momento, ela está dormindo lá em cima, na minha cama.

O rosto de meu irmão empalidece. Ele se inclina em sua espreguiçadeira, olhando para mim em choque. — Isso é... impossível.

— Sim. O destino tem um senso de humor estranho.

— Vasilisa sabe?

— Não.

— Você deve lhe contar. Você salvou a vida dela. Quase morreu por causa dela. Use todos os meios à sua disposição para mantê-la. Nem mesmo Petrov se oporia ao seu relacionamento. Você sabe como os russos levam a sério uma dívida de vida.

— E tê-la presa a mim por causa de algum senso de obrigação?

— Por que isso importaria? Você a ama. E quer que ela fique com você.

— Achei que você não gostasse da minha pequena hacker.

Guido desvia o olhar. — A maneira como você tem agido desde que ela chegou aqui... Fazendo com que ela use suas roupas, contratando os funcionários, deixando bilhetes de amor para ela por toda a casa...

— Desenhos, — eu digo. — Não bilhetes de amor.

— Por favor. Não me lembro de tê-lo visto segurando uma caneta na última década. E você tem seu assistente marcando ‘encontros’ com suas prostitutas há mais tempo do que isso.

Eu sorrio. — Talvez sejam bilhetes de amor, afinal de contas.

— E isso! — Ele aponta o dedo para mim. — Esse sorriso de idiota. Há semanas que você anda por aí usando um. Nossos homens estão morrendo de medo, pensando sabe Deus no quê.

— Por quê?

— Porque você tem exatamente duas expressões faciais, Rafael - agitado e furioso. Você nunca sorri.

— As pessoas mudam.

— Sim. — Ele suspira e olha para o horizonte. — Sempre fomos só eu e você contra o mundo. Eu estava irritado com ela porque tinha medo de que ela fizesse com que você morresse. Ainda estou. Petrov vai pirar se você contar que tem mantido a filha dele como refém.

— Muito provavelmente. Tenho certeza de que ele enviará alguém para colocar uma bala entre meus olhos no momento em que descobrir. Só espero que não seja Belov.

— Sim. Vasilisa nunca o perdoaria por ter matado o precioso lunático do tio dela.

— Eu sei.

— Não a deixe ir, Rafael. Faça com que ela fique. Ofereça-lhe algo em troca.

— Infelizmente, algumas coisas só podem ser obtidas de graça. — Eu me levanto e olho para meu irmão. — Estou deixando-a ir porque ela precisa fazer sua própria escolha. Talvez ela decida voltar para mim. Talvez não. Mas mesmo que ela não volte, ela sempre será minha e de mais ninguém. Vou me certificar disso.

Capítulo 17

Vasilisa

— *Adoooooro* o fato de ele deixar o sabor do limão menos azedo, — digo antes de lamber o sal da minha mão e derrubar a dose de tequila, depois levo a fatia de fruta cítrica à boca e chupo.

O brilho da lâmpada de chá no centro da mesa reflete nos olhos de Rafael enquanto ele olha para os meus, fazendo parecer que suas íris estão pegando fogo. Ele levanta seu copo de uísque e toma um pequeno gole. Ele ainda está tomando seu primeiro drinque, enquanto eu já tomei pelo menos quatro. Ou talvez tenham sido cinco?

Rafael disse que o avião para Chicago está programado para partir em algumas horas, então não sei por que ele insistiu para que viéssemos a esta boate hoje à noite. Mas não estou reclamando. A música é incrível, e os drinks são ainda melhores. Fiquei muito nervosa o dia inteiro, quebrando a cabeça em busca de possíveis histórias que pudéssemos contar ao meu pai sobre minha ausência. A tequila me permitiu pensar em opções que eu não havia considerado antes, e isso está me fazendo pensar que podemos definitivamente fazer isso.

Isso também está me fazendo desejar que todas essas pessoas ao nosso redor não estivessem aqui. Eu me inclino e sinto o cheiro do perfume de Rafael. Meu Deus, ele é tão gostoso.

— Você deveria experimentá-lo com uma laranja, — diz ele, acenando para um garçom com a mão. — Ela traz um sabor ligeiramente diferente.

— Sabe... se eu não soubesse, acharia que você está tentando me embriagar. — Sorrio, depois agarro um punhado de sua camisa sobre o peito porque a sala começou a girar. Os clubes podem girar?

— E por que eu faria isso, Vespetta? — O braço de Rafael envolve minhas costas, puxando-me para mais perto.

Ele abaixa a cabeça e olha diretamente em meus olhos enquanto fala em italiano com o garçom que se aproximou de nós. Sentindo-me mais firme em meus pés, solto a camisa de Rafael, mas coloco as palmas das mãos diretamente em seu peito. Ainda preciso desse contato para me manter firme. O calor de seu corpo se infiltra no tecido macio da camisa de botão cinza-grafite, e me chama a atenção o fato de ele não estar usando o colete e o paletó do terno que costuma usar. Com os dois primeiros botões da camisa desabotoados e sem gravata, essa é a roupa mais casual que já o vi em público.

— Não faço ideia. Mas acho que está. — Uma bufada me escapa.
— Você está tramando para que eu faça um ato obscuro para você novamente e precisa que eu esteja embriagada para que isso aconteça?

— Talvez.

— Eu faria isso, você sabe. Mesmo sóbria, eu faria. Eu mandaria todos os contêineres de todos os navios-tanque do mundo para a China se você me pedisse. Isso criaria um desastre de transporte internacional, mas eu faria isso. Por você.

Rafael continua me observando. Por que seus olhos estão tristes de novo? Será que ele está preocupado com o que meu pai pode fazer com ele quando chegarmos a Chicago? Ele não deveria estar. Não contarei a verdade a papai. Diremos a ele que Rafael e eu nos conhecemos por acaso. E depois que eu admitir a papai que estou apaixonada, ele entenderá.

O garçom retorna e coloca uma nova dose de tequila coberta com uma fatia de laranja em nossa mesa. Olhando fixamente para os olhos de Rafael, pego o copo de shot e jogo o líquido que queima a garganta.

— Você esqueceu a laranja, — diz ele, levando a fatia de fruta cítrica à minha boca.

Meus lábios se fecham sobre o pedaço de laranja e sugam o suco picante da casca. — Você estava certo. Tem um gosto melhor.

Os olhos de Rafael se arregalam. A fruta desaparece da minha

boca, substituída por seus lábios e língua duros. Eles pegam. Marcam. Me consomem.

Levantando-me na ponta dos pés, enterro minhas mãos em seu cabelo, puxando os fios escuros. Uma mistura de sabores explode em minhas papilas gustativas. Sal. Ele. Seu uísque. Ele. Laranja. Ele. Ele. Ele.

Sinto um leve aperto em minha cintura quando ele me levanta e me coloca no banco do bar, tudo isso sem interromper o beijo. Sua palma áspera desliza ao longo da parte interna da minha coxa, indo para lugares mais altos. Coloco minha perna atrás da dele. Minha cabeça parece confusa, como se eu estivesse flutuando, mas não tenho certeza se é por causa do álcool que corre desenfreado em minhas veias ou porque os dedos de Rafael estão deslizando por baixo da minha calcinha.

— Você é minha, Vasilisa, — ele rosna em minha boca. — Você sempre será minha, não importa o que decidir.

Decidir? Decidir o quê? A capacidade de formar um pensamento coerente se esvai quando seus dedos empurram dentro de mim, fazendo aqueles truques diabólicos que me fazem esquecer que o mundo exterior existe. Seu polegar se move sobre meu clitóris em círculos lentos e constantes, enquanto dois de seus dedos acariciam minhas paredes em espasmos. Dentro e fora. Suavemente. Uma pressão incrivelmente suave.

Meu corpo treme, os tremores se intensificam a cada golpe, levando-me mais perto do esquecimento. Sua outra mão segura suavemente meu queixo, apertando levemente de vez em quando enquanto ele devasta meus lábios. A miríade de sensações é avassaladora. Eu gemo enquanto me perco em êxtase.

Mais. Afundo minhas unhas na pele de sua nuca. Preciso de mais. E ele parece saber disso. Rafael pressiona o polegar em meu clitóris e enrola os dedos para cima dentro do meu canal. E eu... explodo. Gozo em toda a sua mão magistral.

— Vou sentir falta disso, Vespeta. — A voz rouca próxima ao meu ouvido soa distante de alguma forma.

Tudo parece estar girando ao meu redor. Envolver meus braços ao

redor do pescoço de Rafael, deixando meu corpo cair sobre o dele. Uma linda sensação de leveza me envolve enquanto ele me pega no colo e me carrega. Para onde estamos indo, eu não sei. Não me importa. Desde que eu esteja com ele. Mas as luzes machucam meus olhos, então enterro meu rosto na curva de seu pescoço. A música e as vozes estão ficando distantes.

— *Sei pronto?* — A voz de Guido. Eu não sabia que ele estava aqui.

— *Sim. Iniziamo,* — Rafael responde, depois inclina a cabeça até sua boca tocar minha orelha. — Tenho que assinar alguns documentos enquanto estivermos aqui. Não vai demorar muito.

— Está bem, — murmuro.

As pisadas no piso de madeira ecoam ao nosso redor enquanto Rafael se dirige à porta no final do corredor estreito. Guido a mantém aberta, permitindo que passemos. A sala em que entramos tem cheiro de papel velho e cigarros. Vários homens já estão lá dentro, parados com expressões em seus rostos que eu não consigo ler. No meio da sala há uma escrivaninha e um homem mais velho, de terno marrom, está sentado atrás dela, com um enorme e grosso livro vermelho aberto à sua frente.

Comigo ainda em seus braços, Rafael se senta em uma das cadeiras vazias diante da escrivaninha, certificando-se de que eu esteja confortavelmente sentada em seu colo. A sala fica em silêncio e, então, o idoso à nossa frente começa a falar. Sua voz suave e as palavras melódicas em italiano me acalmam naquele vazio tranquilo onde a realidade e a terra dos sonhos se misturam, deixando-me com a sensação de estar voando em correntes de ar quentes.

Caramba, eu deveria ter parado depois daquela segunda dose de tequila. Vou desmaiar no meio da reunião de Rafael. E se eu babar? O homem continua falando, mas agora ele parece estar se afastando muito, muito. Estou tão fora de mim que, por um momento, pensei que ele tivesse dito meu nome. Mas isso não faz sentido. Eu não o conheço. Eu me aconchego mais perto de Rafael, acariciando seu pescoço e inalando seu cheiro.

— *Vespetta.* — O hálito de Rafael acaricia minha orelha. — Preciso que você diga *sim*.

— Sim, — murmuro.

Minhas pálpebras parecem tão pesadas. A fala continua. Em seguida, há barulhos e ruídos de pessoas que se aproximam da mesa. Elas parecem estar assinando algo. Deve ser um contrato muito importante, já que há muitos deles aqui. Rafael me segura com mais força quando pega a caneta de Guido e se inclina para a frente, rabiscando algo no grosso livro vermelho.

— Preciso de sua assinatura aqui. — Rafael coloca a caneta em minha mão, mas ela escorrega de meus dedos e cai no chão.

— Você quer que eu assine? — Abro os olhos para uma sala embaçada. — Por quê?

— Para confirmar que você estava presente na assinatura do contrato. É tradição. — Ele me entrega a caneta novamente e puxa o livro para mais perto. — Só aqui.

— Vocês têm tradições estranhas. — Dou uma risadinha e, colocando a caneta esferográfica na linha na parte inferior da página onde Rafael está apontando o dedo, assino meu nome. — Vou receber uma parte do acordo que você acabou de fazer?

— Sim. — Seus lábios estão nos meus agora. Provando. Reivindicando.

Eu me deixo encantar por sua boca enquanto minha consciência se esvai. A última coisa que ouço são as palavras mais vigorosas do velho em italiano. Ele provavelmente está nos repreendendo por nos beijarmos no meio de uma reunião de negócios.

— *Vi dichiaro marito e moglie.*

Rafael

Luzes brilhantes ladeiam a pista de decolagem. Meu avião está pronto para decolar, aguardando a chegada de seus passageiros. Guido para o carro a poucos metros do jato e desliga a ignição.

— Raff. Chegamos.

Afasto os cabelos que caíram sobre o rosto de Vasilisa, acariciando levemente sua bochecha macia com os nós dos dedos. Ela parece tão jovem quando está dormindo. — Estou ciente.

— Quando você voltará?

— Eu não vou com ela, Guido.

— Mas eu pensei... Por quê?

— Eu disse a ela que a amava, mas ela não acreditou em mim. Ela disse que eu não sabia o que realmente significa amar alguém. E estava certa. Tentei fazer com que ela ficasse comigo comprando-lhe presentes. E fazendo ameaças. Estou deixando-a ir, para que ela possa decidir por si mesma. — Abro a porta do carro e saio com Vasilisa em segurança em meus braços. — Pegue sua bolsa no porta-malas e se apresse.

— Minha bolsa?

— Com uma muda de roupa. Você vai entrar naquele avião para garantir que minha esposa chegue em segurança à casa da família dela.

— Não vou a lugar algum. Calogero vai retaliar nas próximas vinte e quatro horas. Você precisa de mim.

— Eu sei. E eu vou lidar com ele. Sozinho.

— O caralho é que vai! Ele tem mais de dez homens em sua equipe de segurança pessoal!

— Cale. Sua. boca. Porque se você acordar Vasilisa, eu vou estrangulá-lo, — escarneço por entre os dentes. — O acordo que fiz com

Biaggi inclui a garantia de não haver testemunhas. Eu mesmo vou acabar com Calogero.

— Raff...

— Esta discussão está encerrada.

Parada no pé da escada, a comissária de bordo aperta as laterais de seu blazer contra o peito enquanto observa me aproximar. Subo os degraus, com Guido logo atrás de mim. Dentro da cabine, coloco cuidadosamente minha preciosa carga no sofá de couro bege. Vasilisa se mexe, seus olhos se arregalam um pouco.

— Estamos em casa?

Eu me agacho ao lado dela e passo as costas da minha mão em seu queixo. — Em breve.

— Tudo bem, — ela murmura.

Seus olhos se fecham. Nunca imaginei que deixar algo ir embora pudesse doer tanto.

Garras afiadas estão cortando meu peito, tentando arrancar meu maldito coração. Tiro do bolso o anel que coloquei lá antes. É um dos meus. É apenas um anel sólido de prata simples, que não vale praticamente nada. Pedi ao joalheiro que o redimensionasse para caber em seu dedo delicado. Ele tentou me convencer de que seria muito pequeno, como se eu não conhecesse cada centímetro de minha esposa. Pegando sua mão direita na minha, deslizo a aliança em seu dedo anelar. Tradicionalmente, os russos usam alianças de casamento na mão direita, e eu quero honrar esse costume. O anel se encaixa perfeitamente.

— *Farei qualsiasi cosa per te, Vespetta*, — sussurro enquanto me inclino para ela e beijo seus lábios ligeiramente separados. — *Perfino lasciarti andare*.

Os lábios de Vasilisa se contraem em um leve sorriso sonolento antes de ela se virar, enfiando o rosto nas almofadas macias do sofá. Tiro minha jaqueta e a cubro com ela. Depois de uma última olhada, eu me endireito e corro em direção à saída da aeronave, sentindo que cada passo está rasgando minhas entranhas.

A janela de videoconferência aparece na tela do meu laptop, mostrando Roman Petrov sentado à mesa em seu escritório.

— Rafael. Já faz algum tempo. A que devo o prazer de sua ligação?

— Meu avião pousará em um aeródromo particular nos arredores de Chicago em dez horas. Eu lhe enviarei a localização exata. Você vai querer estar lá quando ele chegar.

— Por quê isso?

— Sua filha está a bordo.

Petrov pula da cadeira e seu rosto chocado se aproxima da câmera. — O que minha filhinha está fazendo no seu avião? — ele rosna.

— Ela está bem. Não se preocupe.

— *Você* a levou. — Roman rosna baixinho.

— Sim, eu fiz isso. Suas habilidades de TI são extraordinárias. Eu a trouxe para a Sicília para concluir um trabalho para mim. Está tudo pronto, então eu a mandei de volta para casa.

— Se você tocou em um único fio de cabelo da cabeça dela, Rafael, — ele diz em uma voz grave, — eu destruirei toda essa maldita ilha em vinte e quatro horas! Nunca, mas nunca mesmo, se atreva a olhar sequer para a foto dela, seu filho da puta.

Eu sorrio. — Estou vendo de onde Vasilisa tirou sua veia poética.

— Não. Use. O nome da minha filha, filho da puta! — Ele agarra a tela, sacudindo-a. — Você é um homem morto! — ele grita.

Eu o vejo levantar uma arma em direção à câmera. Uma fração de segundo depois, o estrondo de um tiro explode e o vídeo fica preto. Um sinal inconfundível de que nossa reunião foi concluída - Roman atirou no laptop, mirando na minha cabeça.

Agarrando a borda da minha mesa, olho para o fundo em branco do meu monitor. Faz menos de uma hora que coloquei Vasilisa no avião e já estou me sentindo parcialmente morto por dentro. O que acontecerá amanhã, quando ela estiver de volta a Chicago com sua família?

Ela se esquecerá de mim? Ela esquecerá o homem tolo que a ama o suficiente para deixá-la ir, sabendo que isso provavelmente o matará? Sabendo que a chance de ela voltar para ele é nula?

Um rugido estridente sai de minha garganta. Passo o braço sobre a mesa, fazendo voar meu laptop e outras coisas. Isso não alivia a desesperança e a miséria que estão me sufocando.

Quanto tempo levará até que ela me ligue para dizer que nunca mais voltará?

Uma semana?

Um mês?

Eu vou morrer nesse maldito limbo de não saber.

Pegando meu telefone, envio uma mensagem para Guido e, em seguida, outro texto com instruções adicionais para meu piloto.

Vasilisa

O estrondo baixo penetra em minha consciência, aumentando a dor em minha cabeça. Minha garganta está seca como se eu tivesse engolido bolas de algodão. O cheiro de couro invade meus sentidos, e há mais. Cipreste, com um toque de casca de laranja.

— Rafael? — Eu murmuro. — Que horas são?

— Quase cinco da manhã, — responde a voz de Guido.

Eu me sento lentamente, abro os olhos e observo o interior do avião. — O que está acontecendo?

— É melhor colocar o cinto de segurança. Vamos aterrissar em breve.

— Aterrissar? — Fixo meus olhos em Guido, que está sentado no sofá à minha frente. — Onde?

— Chicago.

A confusão me atinge e depois se transforma em entusiasmo. Vou ver minha família novamente! Felicidade. Alívio.

— Onde está Rafael? — Pergunto, olhando ao redor.

— Ele ficou na Sicília.

Pop.

Minha alegria explode e eu caio direto em um poço de pavor. — Por quê?

— Você sempre pedia que ele a mandasse para casa. Então ele fez isso. Não era o que você queria? — Ele coloca minha mochila velha no meu colo. — Suas identidades e outras coisas pessoais estão aí dentro. Programei os meus números e os de Rafael em seu telefone. Agora, aperte seu cinto de segurança. Estamos descendo.

Minhas mãos tremem quando pego a mochila e a coloco no lugar

ao meu lado. Ela parece muito mais pesada do que eu me lembrava. Fico olhando pela ampla janela elíptica as luzes da cidade brilhando lindamente e ficando maiores a cada segundo que passa. Mais perto de casa. Mais longe de Rafael.

Estou retornando. Sozinha.

Ele me mandou de volta.

Sem explicação. Nenhuma despedida. Simplesmente me deixou em seu avião, como se eu fosse um pacote indesejado.

Limpo os olhos enquanto uma risada histérica escapa da minha boca. Há alguns meses, eu chorava assim porque ele não me deixava ir para casa. E agora... Agora estou chorando porque ele deixou.

Quando aterrissamos, minhas lágrimas já tinham secado, mas eu ainda estava arrasada por dentro. Pego minha mochila no assento (ela é definitivamente mais pesada do que deveria ser) e sigo pelo corredor em direção à saída. Meus pés parecem feitos de chumbo, cada passo é mais lento que o anterior.

— Cuidado com os pés, senhorita, — diz o comissário de bordo quando chego à porta.

Três pessoas estão de pé na beira da pista, com suas formas iluminadas pelas luzes do solo. Reconheço imediatamente a forma formidável do meu pai. Meu irmão, apenas alguns centímetros mais baixo, está à esquerda. E minha mãe, em pé entre eles. Ela tem uma aparência bastante engraçada, ladeada por duas montanhas humanas quase coladas às suas laterais. Desço correndo as escadas e atravesso o asfalto, caindo em seu abraço.

— Mamãe! — Eu grito e envolvo meus braços em seu pescoço, apertando-a contra mim.

— Vasya, querida. — Meu pai tira o cabelo do meu rosto. — Você está bem? O que aquele desgraçado fez com você?

— Estou bem. — Solto mamãe e, um segundo depois, acabo envolvida no abraço de urso de papai. — Senti muito a sua falta.

— Aqui. — Papai coloca um tablet à minha frente na ilha da cozinha. A tela exibe um mapa. — Aponte a localização do covil daquele filho da puta.

— Por quê?

— Porque eu disse isso. Agora, Vasilisa.

— Roman. — Minha mãe lança-lhe um olhar de advertência enquanto me passa uma xícara de chá. — Agora não.

— Aquele bastardo manteve nossa filha prisioneira por dois meses, *malysh*! Não vou esperar nem mais um segundo. Onde ele está, Vasilisa?

Pressiono as pontas das mãos sobre meus olhos. Isso não deveria ter acontecido assim. O plano era que eu e Rafael enfrentássemos minha família juntos. Com uma feliz história de disfarce de como nos conhecemos. Eu não esperava que Rafael contasse ao meu pai que ele havia me sequestrado. Com meu pai pensando o pior, como eu poderia explicar a ele que estou apaixonada por Rafael? Papai nunca acreditaria em mim. E isso só pioraria muito a situação.

— Eu lhe disse que não era uma prisioneira, — respondo. — Nós tínhamos um acordo. Eu fazia o trabalho para o qual ele me contratou e ele me mandava de volta quando eu terminasse.

— Sêrio? Que tipo de trabalho aquele idiota precisava que você fizesse?

— Era referente à empresa dele. Não posso revelar os detalhes.

— Por que você mentiu para mim, então? E por que não quer me dizer onde ele está?

— Porque eu te conheço, pai. Não se atreva a mandar alguém fazer algo com Rafael.

— Por quê? Rafael De Santi é um assassino de primeira linha,

Vasilisa.

— Eu sei.

Ele se inclina para a frente e seu rosto se aproxima do meu. — Ele tocou em você? Aquele desgraçado colocou suas patas sujas na minha garotinha? — Sua voz está um pouco acima de um sussurro. Eu conheço esse tom. Significa que ele está furioso.

Engulo e me forço a manter o olhar dele. Contar-lhe a verdade agora está fora de questão. Conheço meu pai muito bem. Se ele sequer suspeitar que houve algo entre mim e Rafael, ele o matará.

— Ele foi um perfeito cavalheiro. — Coloco as palmas das mãos sobre a bancada. Imediatamente, minha mente é inundada com imagens de Rafael comendo vorazmente minha boceta em uma ilha de cozinha de aparência semelhante.

— De quem é o paletó que você está usando, Vasilisa? — a voz do meu irmão ecoa do outro lado da cozinha.

Olho por cima do ombro e vejo Alexei encostado na geladeira, com os braços cruzados sobre o peito. Ele não tem participado da conversa, então esqueci completamente que estava aqui. O pânico surge no fundo do meu estômago. Antes de ele ir para a faculdade, éramos inseparáveis. Mas com visitas muito curtas durante o verão e as férias, sem mencionar as exigências do meu pai em relação ao tempo do meu irmão quando ele está aqui, nós meio que nos afastamos. Alexei, no entanto, sempre foi a pessoa mais perspicaz que conheço. E ele sabe todas as minhas confidências.

— É de Rafael, — eu engasgo.

— Mm-hmm. — Ele se afasta da geladeira e se aproxima de mim com passos lentos e deliberados. — Vou subir e pegar um suéter. Você pode tirar esse paletó. Eu o jogarei no lixo.

— Não! — Eu explodo e puxo a jaqueta com mais força ao meu redor. — Não se atreva a tocá-lo!

Os olhos de Alexei se estreitam e ele olha para nosso pai. — Ela está mentindo.

— Não estou mentindo! Estou cansada e só quero dormir. Podemos continuar esse interrogatório mais tarde, por favor?

Meu pai agarra a borda do balcão, com os dedos flexionando repetidamente. Depois, ele respira fundo. E mais uma vez.

— Claro, querida. — Ele me puxa para si e beija o topo da minha cabeça. — Tudo vai ficar bem. Descanse um pouco.

Com um toque suave em minha bochecha, ele se vira e sai da cozinha, com a bengala fazendo barulho no chão de ladrilhos. Alexei segue atrás dele.

— Vou preparar algo para você comer, — diz mamãe ao tirar um prato do armário. — Levarei depois para cima.

— Obrigada, — murmuro.

Ao sair da cozinha, noto a luz no final do longo corredor - a porta do escritório do meu pai foi deixada ligeiramente entreaberta. Ele está falando com alguém em voz baixa. O que quer que ele esteja dizendo é em russo, e não consigo captar muita coisa por causa de suas palavras rápidas. Não sou muito boa com o idioma de papai. Eu me saio bem, mas somente em conversas em que os falantes não falam muito rápido. E, neste momento, meu pai não está diminuindo o ritmo para meu benefício.

— Vou para a cama, — digo, parada no limiar do domínio de papai.

Ele acena com a cabeça, com o telefone ainda pressionado em seu ouvido. — Tudo bem, querida.

— Vai ficar acordado?

— É melhor que sim. Tenho alguns... negócios para discutir com Sergei.

— Diga-lhe que passarei por lá em breve.

— Claro. Durma bem. — Seu tom de voz ao falar comigo é caloroso, mas no instante em que dou as costas e papai retoma a conversa com o irmão, suas palavras são duras e cheias de raiva. O tio Sergei deve ter feito besteira. De novo. Muito ruim dessa vez, pelo que parece.

No andar superior, entro sorrateiramente no quarto de Yulia e vou na ponta dos pés até sua cama. Depois de beijar seu rosto, vou para o meu quarto, que fica ao lado do da minha irmã, e me sento na beira da cama. Meus olhos percorrem as paredes e os móveis familiares, mas tudo parece surreal. Olho para a janela que dá para o quintal. Os primeiros raios de sol estão rompendo as nuvens. Se eu estivesse na Sicília agora, estaria ouvindo os grilos aperfeiçoando seu canto. E estaria deitada ao lado de Rafael, com meu rosto enterrado em seu pescoço. Inclino a cabeça, pressionando o nariz na lapela do paletó de seu terno. Ainda tem o cheiro dele.

Tiro minha mochila do ombro, deixo-a na cama ao meu lado e abro o zíper do compartimento principal. Mais de uma dúzia de caixas de veludo de vários tamanhos estão lá dentro. Lágrimas se acumulam nos cantos dos meus olhos quando tiro os pacotes, um por um. Não é à toa que a maldita mochila estava tão pesada. Rafael me mandou para casa com vários quilos de joias. E... Minha mão envolve um objeto liso em forma de sino no fundo da mochila. Um único figo.

Eu o retiro com cuidado, mas não tem salvação. Quase totalmente esmagado por todas as caixas de joias que ele empilhou em cima. Meu celular antigo também está embaixo das joias, totalmente carregado. Desbloqueio a tela e encontro o nome do Rafael na lista de contatos. Meu dedo treme um pouco quando paira sobre o botão de chamada. Deslizo o dedo para a direita e pressiono o telefone contra o ouvido.

— Vespetta, — sua voz rouca responde imediatamente. — Está tudo bem?

— Sim, aterrissamos há algumas horas.

— Eu sei. Guido me contou.

Respiro fundo e apoio a parte de trás da cabeça na parede atrás de mim. — Por que você não estava no avião comigo?

— Eu nunca disse que estaria. Você fez essa suposição por conta própria, — diz ele. — Gostou do anel?

Meus olhos se voltam para o aro simples e grosso. Uma grande mudança na estética de seus presentes anteriores. — Um presente de

despedida?

— Bem, isso depende de você. — Segue-se uma pequena pausa. — É um dos meus, — ele continua depois de respirar. — Se não gostar, eu o pegarei de volta e comprarei algo mais bonito para você. Se você decidir voltar.

— Sem mais nem menos? Você me deixou no avião, enquanto eu estava inconsciente! Você me mandou para casa sem sequer um adeus. E se eu decidir ficar aqui? E depois? Por que você fez isso?

Nada além de silêncio do outro lado da linha.

— Por quê, Rafael?

— Porque, se eu tivesse esperado você acordar, se eu a tivesse segurado em meus braços nem que fosse um segundo a mais, eu nunca teria deixado você ir embora, Vasilisa! Eu teria encontrado uma maneira de mantê-la comigo. Eu teria mentido e feito ameaças vazias contra sua família! Era a única coisa que a convenceria.

— Nunca lhe ocorreu que eu talvez quisesse ficar com você? Que você não precisava das malditas ameaças? — Enterro meu rosto na mão. — Jesus, Rafael.

— Não me venha com essa de ‘Jesus, Rafael’, Vasilisa. Eu não estou delirando. Por que diabos você iria querer ficar com alguém como eu? Eu esperava que comprar coisas bonitas para você ajudasse de alguma forma a diminuir a feiura a que você estava exposta quando estava ao meu lado. Que, de alguma forma, diminuísse a honestidade de acordar com um maldito monstro em sua cama todas as manhãs. Era a única maneira de eu superar todos os outros homens perfeitos que tirariam você de mim. Então, sim, você está certa. Eu a pressionei a ficar porque tinha medo de que, se pudesse escolher, você nunca me escolheria.

Um estrondo alto, algo grande e pesado, soa no alto-falante do meu telefone.

— Então eu fiz isso. Mantive você enjaulada. Você - a coisa mais preciosa do meu mundo. E não importava nem um pouco que tudo isso fosse porque eu estava apaixonado por você. Eu a machuquei, manipulei tudo para

que você ficasse. Terei de viver com isso. Terei de continuar a empurrar o ar pelos pulmões enquanto a verdade me atinge nas entranhas todos os dias. Porque eu te amo, quer você acredite em mim ou não, e percebi que prefiro deixá-la ir do que forçá-la a ficar comigo quando não é isso que você quer.

Mais sons de batidas são emitidos pela linha, como se ele estivesse demolindo tudo ao seu redor.

— Você disse que queria ter a liberdade de tomar sua decisão, Vespetta. Eu simplesmente lhe concedi isso. Então escolha, — ele rosna. — Meu avião ainda está no mesmo campo de pouso onde aterrissou. Esperando por você. Você tem até às sete da noite de amanhã para tomar sua decisão. Se não estiver a bordo até lá, ele partirá sem você. E vou considerar isso como sua resposta.

Ele interrompe a chamada.

Minha visão fica embaçada com as lágrimas não derramadas. Jogo o telefone na cama e corro para o banheiro para não acordar Yulia. Sentada na tampa fechada do vaso sanitário, pressiono a mão sobre a boca para evitar que os gemidos escapem. Meu Deus! Pensei que todas aquelas malditas joias com as quais ele estava me presenteando não passavam de uma forma de exibir sua riqueza. Uma tática para mostrar o quanto ele é ‘melhor’ do que todos os outros. Nunca me ocorreu que ele de fato se considerasse, de alguma forma, inferior. Como se ele não fosse bom o suficiente. Como pode ser tão cega e não perceber isso?

Engulo a bile que está ameaçando me sufocar e me entrego às lágrimas feias. Elas queimam como ácido em minhas bochechas enquanto meu coração parece estar sendo espremido dentro do peito.

Ele me ama.

Ele me quer.

Por que não vi sua dor?

Eu nunca o vi como algo além de ser lindo de morrer. Essa é a minha única justificativa para ser tão alheia às suas inseguranças. E ele desligou o telefone antes que eu tivesse a chance de lhe dizer isso. De lhe dizer que também estou apaixonada por ele.

E que estou voltando.

— Vasya? — A voz da minha mãe vem de dentro do meu quarto.
— Onde você está? Achei que você... — Suas palavras são interrompidas assim que ela abre a porta do banheiro. — O que há de errado?

— Nada. — Limpo o nariz com a manga da camisa e sorrio. — Estou voltando para a Sicília.

Minha mãe fica assustadoramente quieta. — O quê?

— Estou apaixonada por ele, mãe. Estou apaixonada por Rafael.

Mamãe corre até mim e se agacha ao lado do vaso sanitário, envolvendo-me com os braços. — Calma. Você só está confusa, querida. Isso vai passar.

— Não estou confusa, mamãe. Esta é a primeira vez em meses que estou pensando com clareza. — Aperto seu braço. — Vou voltar para ele.

Ela se levanta e agarra meus ombros. — O quê? Não. Não vou permitir isso.

— Não preciso de sua permissão, mãe. — Limpo as lágrimas do meu rosto e, em seguida, encontro o olhar frenético de minha mãe. — Você, mais do que ninguém, deveria entender que quando seu coração escolhe alguém, não há como voltar atrás.

— Você não pode se apaixonar por alguém em dois meses, Vasilisa!

— Ah? Quanto tempo levou para você se apaixonar por papai?

— Isso foi diferente.

— Sim. Ele a chantageou para que se casasse com ele! Duas vezes, devo acrescentar. — Eu bufo. — Ele diz que você se apaixonou por ele em um dia.

— Absolutamente não! Levei pelo menos um mês.

Eu solto uma gargalhada. — Aí está.

O rosto de minha mãe se abaixa, com preocupação estampada. — Tem certeza de que sente algo por esse homem?

— Sim.

— Quantos anos ele tem?

— Trinta e nove. O que isso tem a ver com o que estou sentindo?

— Só estou dizendo. Ele é muito mais velho. Experiente. Eu entendo como alguém como ele pode fazer com que uma jovem se apaixone por ele. É apenas uma paixão, e isso *vai* passar.

Pego sua mão e pressiono a palma no meio do meu peito. — Há um buraco dentro de mim, bem aqui. Ele se formou no momento em que acordei naquele avião e percebi que Rafael não estava lá comigo. Só de pensar na possibilidade de nunca mais estar com ele novamente, esse buraco se abre. Eu me sinto vazia sem ele. Eu voltei. Mas meu coração permaneceu na Sicília. Com ele. E ninguém pode viver sem seu coração, mamãe.

— Mas... Você não pode simplesmente ir embora. Seu pai vai ficar louco, Vasya. Ele nunca permitiria que você fosse embora.

— Eu sei. Então, gostaria que você lhe explicasse que não sou mais uma garotinha que ele precisa proteger dos monstros. Não é mais disso que preciso dele. Quero que ele entenda que, embora eu o ame e sempre o amarei, está na hora de eu começar a viver minha própria vida.

— Você sabe como seu pai é maniacamente protetor em relação a você e Yulia.

— Sim. Mas eu não preciso da proteção dele, mãe. Preciso de seu apoio.

— Está bem, — ela se engasga. — Sabe, há momentos em que seu pai ainda lembra coberto de suor por causa de um sonho sobre aquela explosão no shopping. Eu também tenho pesadelos com isso. Meu Deus, sou tão grata por você ser tão pequena na época que não se lembra disso.

— Isso foi há muito tempo.

— Não importa. Coisas como essa se alojam em sua mente e, não importa quanto tempo passe, você não consegue esquecê-las. Você não pode nem imaginar como foi aterrorizante, Vasilisa. — Ela aperta minha mão e estremece. — Tanto sangue. Roman chegou até você primeiro e teve que

basicamente tirá-la do homem que a salvou. Ele a estava segurando no peito - com tanta força - praticamente envolvendo-a com todo o corpo. Cacos de vidro estavam incrustados em suas mãos e braços. E seu rosto... Jesus Cristo. Eu me lembrarei de seu rosto retalhado enquanto eu viver.

Suas mãos... Seu rosto... O chão cai debaixo de meus pés. Minha mãe continua falando, algo sobre a chegada das ambulâncias, mas as palavras não penetram. *Mãos e rosto. Despedaçados. Não, não pode ser ele.*

Minha mente se volta para a tarde que passamos juntos no banho. Rafael, me perguntando sobre a cicatriz em minhas costas. Ele disse algo... Algo sobre o destino.

Destino.

— Como ele era? — Eu sussurro. — O homem que me salvou?

— Eu... Eu não sei. Ele estava coberto de sangue. Acho que... Ele tinha cabelos escuros. E era alto. Largo. Lembro-me de ter pensado: o fato de ele ser tão grande provavelmente foi a razão pela qual ele conseguiu protegê-la de todo aquele vidro. Roman tentou localizá-lo. Depois. Ele procurou Endri Dushku, o líder do cartel albanês, por causa da tatuagem que seu pai viu no braço do jovem. Mas Dushku lhe disse que nenhum de seus membros foi ferido naquele dia.

— E... — Eu engulo. — Como é a marca da gangue albanesa?

— Hum... Não tenho certeza. Acho que são dois punhais com uma cobra verde...

— Enrolada neles, — interrompo, enquanto as lágrimas mais uma vez ameaçam jorrar de meus olhos.

— Sim. Como você sabe disso?

— Eu já a vi.

Ele sabia. Ele sabia e não disse uma palavra. Ele deve ter percebido isso quando estávamos falando sobre minha cicatriz. Mas não deixou transparecer para ganhar vantagem. Nada de barganhas. Nada de acordos. Nada de cobrar a dívida para que eu ficasse.

Você não está em dívida com ele, disse ele.

Envolvo meu braço nas costas de minha mãe e dou um beijo em sua bochecha. — Yulia vai ficar brava porque vocês não a levaram para o aeroporto com vocês.

— Ela não tem se sentido bem nos últimos dias, então a deixamos dormir. E não tínhamos certeza do que esperar, Vasilisa. Não sabíamos em que estado você estaria. Aquele homem ficou com você por meses e....

Um sorriso triste se insinua em meus lábios. — Deixe-me assegurar-lhe uma coisa, mãe. Os braços *daquele homem* são o lugar mais seguro em que eu poderia estar.

— O que você quer dizer com isso?

— Porque foi ele, — sussurro. — O homem que salvou minha vida todos aqueles anos atrás. Foi Rafael.

Capítulo 18

Rafael

— Vocês não podem, sob nenhuma circunstância, deixar passar um único homem, — digo aos homens reunidos ao meu redor e verifico o carregador do meu rifle semiautomático. — Uma bala perdida e toda essa área atrás de nós será destruída.

— Chefe, estou com seu irmão na linha.

Pego o telefone da mão do meu homem e o coloco no ouvido. — Você conseguiu o voo de volta?

— Sim. Estou indo para o portão de embarque. Aeroportos comuns são uma droga, e estou com medo de ter que pegar um voo comercial. Mas prefiro lidar com isso do que ficar sentado nas próximas 36 horas esperando que sua esposa se decida. Você é meu irmão, Raff, e eu não sou mais uma criança indefesa. Não vou ficar parado, deixando você lidar com esse idiota sozinho novamente. O que está acontecendo aí? Tive de ligar para o Onofredo porque não conseguia falar com você. Que história é essa de deixar uma pequena equipe na propriedade e levar o resto dos nossos homens para Messina?

— Calogero decidiu que, em vez de me enfrentar de frente, seria uma boa ideia enviar suas forças para atacar minha refinaria de petróleo. Soube que ele estava planejando fazer com que parecesse um acidente industrial. Preparamos uma emboscada naquele posto de gasolina a oeste de Messina que ainda está em construção e estamos esperando para interceptá-los.

— Puta que pariu. Como você descobriu os planos deles?

— Nazario Biaggi me ligou esta manhã. Seu pai deve estar

impaciente para assumir a posição de Don para ter vazado isso. — Eu engatilho meu rifle. — Como está minha pequena vespa?

— Feliz por ver sua família. Eles estavam esperando por ela no campo de aviação. Parece que são todos muito unidos. O que você fará se ela decidir que quer ficar com você, mas insistir em morar nos Estados Unidos? Quero dizer, sei que você nunca faria isso.

— Por ela, eu faria. Se ela decidir voltar para mim e não conseguir lidar com a separação de sua família, eu nos mudaria para a porra de Chicago.

— Mas... você lutou metade de sua vida para poder voltar aqui. Você ama a Sicília.

— Eu amo. Mas eu a amo mais.

— Porra, Raff. Você está totalmente perdido por aquela mulher.

— Sim, estou. Tenho que ir. Minhas informações dizem que os caras de Calogero estão a poucos minutos daqui.

— Biaggi de novo?

— Rede da vovó. — Saio da fila e me posiciono na esquina do prédio.

Exatamente quatro minutos depois, um comboio de carros pretos surge da curva da estrada, indo rapidamente na direção da refinaria.

— Espere, — instruo um homem agachado à minha direita. Ele está controlando remotamente a barreira de espigões que colocamos na estrada.

Os veículos se aproximam. Meia dúzia deles. Que droga. Eu esperava três ou quatro. Quando o carro da frente está a cerca de trinta metros do posto de gasolina, dou um tapinha no ombro do meu homem. — Agora.

As lâminas de aço do assassino de pneus, meio escondidas sob a sujeira, erguem-se quase que instantaneamente. Um instante depois, o inconfundível pop e o assobio dos pneus furados irrompem. O carro começa a se desviar para a esquerda e para a direita. O motorista tenta manter o controle, mas não consegue em pouco tempo. Os dois carros seguintes sofrem

o mesmo destino. Ao se aproximar demais da traseira do primeiro carro, o segundo bate na traseira do primeiro, fazendo com que os dois veículos derrapem para fora da estrada. O terceiro carro que ultrapassou a faixa de proteção resistente continua por uma curta distância antes de acabar em uma vala rasa ao lado da estrada.

— Primeiro os pneus, depois os motoristas! — Eu grito no microfone. — Não posso arriscar que nenhum dos veículos passe.

O som de tiros preenche a luz do dia.

As balas passam por cima de mim quando dois dos meus atiradores de elite no telhado do posto de gasolina matam os capangas de Calogero quando eles saem dos veículos. Em pouco tempo, o barulho se junta ao barulho de revólveres quando nossos alvos retornam o fogo. Está ficando mais difícil enxergar e mirar com toda a poeira que foi lançada no ar. Consegui acertar o idiota que corria em minha direção, mas tive que recuar quando várias balas atingiram a parede bem perto da minha cabeça. Pelo meu palpite, havia pelo menos vinte homens dentro desses veículos, mas o número de corpos mortos ou feridos no chão é menos da metade disso. O restante se escondeu atrás das portas abertas dos carros e está atirando nos meus homens. Esses veículos devem ser blindados.

Corro em direção ao carro que se jogou na vala. Com a inclinação do terreno, sei que os alvos estarão fora do alcance das miras dos atiradores de elite. A porta do motorista está aberta e a cabeça ensanguentada do homem está caída sobre o volante. Dois outros caras estão agachados ao lado do veículo, atirando nos meus homens que ainda estão usando o prédio inacabado do posto de gasolina como cobertura. Contornei o carro quebrado, aproximando-me pela retaguarda, e os bombardeei com o que restava em meu carregador.

Em meio ao tumulto, um motor ganha vida. Levanto a cabeça e olho para os carros do comboio que estavam atrás e que conseguiram parar mais ou menos ilesos - além dos pneus estourados - logo depois de cruzar a faixa de espigões de aço. O homem de Calogero está atrás do volante e, apesar dos pneus furados e dos aros danificados, está desviando entre os outros veículos e os cadáveres, tentando se afastar.

Estou sem munição no meu rifle, então o largo e pego minha pistola. Os primeiros tiros ricocheteiam no para-brisa ou quase não acertam. Continuo atirando, mirando na cabeça do motorista enquanto o carro avança lentamente em minha direção. O maldito vidro à prova de balas finalmente racha e uma teia de aranha aparece ao longo de sua superfície, mas o para-brisa permanece praticamente intacto. Minha última bala finalmente o penetra, quebrando as fibras, mas não atingindo o motorista.

O carro está quase atravessando os obstáculos de cadáveres. A qualquer momento, o bastardo chegará à estrada aberta. Que droga! Corro em direção ao veículo, com os olhos fixos no idiota que está abrindo caminho.

A poeira agitada paira no ar, tão espessa quanto uma sopa. Parece que fui pego em uma maldita tempestade no deserto. O som de tiros está em toda parte. Os gritos vêm de todos os lados. Gritos de dor em meio ao barulho ensurdecedor. Todos esses sons se misturam com o barulho de pneus raspando sobre o corpo de outro bandido caído enquanto eu pulo no capô do carro em movimento.

Por uma fração de segundo, o motorista fica paralisado. Passando pelo buraco no para-brisa, agarro um punhado de seu cabelo. Nossos olhares se encontram. Com um aperto de ferro, eu o puxo para a frente e bato seu rosto contra as bordas irregulares do vidro que se projetam da estrutura do para-brisa.

— Chefe! — alguém grita. — Abaixе-se, porra!

Eu me solto do capô no momento em que uma bala passa por cima da minha cabeça.

O tiroteio continua entre a minha equipe e a força restante do meu padrinho. Espio pela parte dianteira do veículo e vejo Allard caído de costas contra outro carro. Sua perna esquerda está encharcada de sangue, mas, em vez de tentar se proteger, ele continua atirando. Mantendo-me abaixado, corro em sua direção.

— Quer sangrar até à morte? — Eu rosno enquanto agarro a parte de trás de seu Kevlar e começo a arrastá-lo em direção ao prédio do posto de gasolina.

— Adorei a manobra de surfar no capô que você fez lá atrás, chefe. — O maníaco ri enquanto troca o carregador e depois volta a atirar. — Isso significa que voltará a fazer parte de uma equipe ativa a partir de agora?

Eu o apoio contra a parede e me agacho para verificar sua perna. Felizmente, a bala só o atingiu de raspão.

— Estou aposentado, Allard. É por isso que tenho você - para fazer todo o trabalho sujo. — Pego sua mão e a pressiono sobre a ferida. — Mantenha a pressão sobre isso.

— Odeio estourar sua bolha, chefe, mas você não está parecendo muito bem no momento.

Balançando a cabeça, pego a arma dele e me viro para a estrada. O tiroteio finalmente cessou e a poeira está se depositando lentamente sobre os corpos dos homens de Calogero. Pego meu celular e ligo para Onofredo.

— Preciso de uma equipe de limpeza. Imediatamente.

— Já estão a caminho, — ele responde.

— Autoridades?

— Duas patrulhas foram enviadas quando alguém relatou ter ouvido tiros. Fiz algumas ligações. Eles não vão incomodá-lo.

— Ótimo.

Desconecto a chamada e guardo o telefone. Calogero terá de ser tratado imediatamente. Não quero ameaças pairando sobre minha cabeça caso minha Vespetta decida voltar.

Vasilisa

— Você já decidiu o que vai fazer? — Yulia pergunta enquanto passa a escova em meu cabelo. — Ou vai passar o dia inteiro só olhando para a parede?

Dou de ombros. — Sim. Estou voltando para a Sicília.

Três horas atrás, Yulia entrou no meu quarto e pulou na minha cama enquanto eu estava cochilando, me dando um susto danado. Nós rimos. Choramos. Depois, ela gritou comigo por não tê-la acordado quando cheguei em casa. Passamos a manhã escondidas em meu quarto, comendo os pãezinhos de canela parcialmente queimados de Igor enquanto eu lhe contava tudo sobre como fui parar na Sicília.

— E se mamãe contar ao papai? — ela pergunta enquanto divide minhas tranças ao meio e começa a fazer a primeira trança.

— Ela prometeu que não contaria. Acho que ela acredita que estou confusa e que acabarei me recuperando.

— E você, está? Confusa?

— Não.

— Mm-hmm. Papai vai ficar muito bravo. Ele tem investido bastante na estratégia do ‘bom contador’.

— Eu sei. É por isso que você não pode dizer nada. Nem para a mamãe nem para o papai. Vou ligar para eles e explicar tudo quando chegar na casa de Rafael.

— Quando você vai embora?

— Amanhã, no máximo.

— O quê? Mas acabou de chegar! — ela grita, puxando meu cabelo no processo.

— Ai! Sim. Rafael tem um avião de prontidão para mim. Ele

parte amanhã à noite e estou planejando estar nele quando isso acontecer. Só preciso de um pequeno intervalo de tempo para poder sair de casa sem que ninguém perceba.

— Você pode ficar em casa por um tempo e pegar um voo comercial mais tarde, Vasilisa.

— Eu sei. Mas Rafael espera minha resposta amanhã.

— Existem dispositivos chamados telefones, caso você tenha esquecido.

— Não posso dizer meu primeiro ‘eu te amo’ para o homem que amo pelo telefone, — sussurro. — Ele me disse que me ama há alguns dias, mas eu não respondi. Na época, eu não tinha certeza. Ou talvez eu estivesse simplesmente com medo de admitir isso para ele porque tinha medo de que seus sentimentos não fossem verdadeiros.

— Não posso culpá-la por acreditar nisso. O homem é um mestre manipulador que ameaçou nos matar se você não ficasse com ele. Quem no mundo faz isso com alguém que ama?

— Alguém que tem medo de que o amor seja apenas superficial. — Olho para a aliança em meu dedo. — Ele ficava me dando presentes, cada item novo mais escandalosamente caro que o anterior, tentando comprar meu amor. Levou muito tempo para ele perceber que as coisas mais valiosas da vida são gratuitas.

— Você acredita que ele finalmente entendeu isso? Para ser sincera, no seu lugar, não sei se eu entenderia. As pessoas raramente mudam. E se, no futuro, ele encontrar outra coisa que possa usar como moeda de troca contra você?

Uma dor aperta meu coração, mas eu sorrio. — Ele já tem uma. E optou por não usá-la.



Capítulo 19

No dia seguinte

Sicília: +7 horas de Chicago

Propriedade privada, a 32 quilômetros de Palermo

Três horas antes da partida programada do voo de Chicago

O sangue escorre pela minha mão em punho, as gotas caindo no chão e se dissipando sobre o solo já encharcado sob meus sapatos. Um gorgolejo gutural sai da garganta do segurança enquanto eu giro a faca que enterrei até ao cabo em seu pescoço. Seu corpo se contorce algumas vezes, depois se imobiliza gradualmente. Solto o homem morto, deixando seu corpo cair aos meus pés, onde ele aterrissa com um baque alto. Com a chuva que caiu nas últimas horas, a maioria dos guardas se abrigou embaixo das árvores ou dentro da guarita, o que tornou o trabalho de matá-los menos complicado.

Mantendo-me nas sombras e na cobertura da folhagem, circundo a casa que foi a residência principal do chefe da Cosa Nostra siciliana até que vejo outro de seus homens. O cara está encostado na esquina do prédio,

escondido sob uma pequena saliência, com o rifle casualmente pendurado nas costas. Um fio branco se estende do telefone em sua mão até um fone de ouvido preso em sua orelha direita. Sacudo a cabeça. O idiota está ouvindo música enquanto está de guarda.

A grama molhada abafa meus passos quando me aproximo dele por trás e puxo o fio. Ele se assusta e se vira, mas já estou com o fio do fone de ouvido enrolado em seu pescoço. Quando ele começa a se debater, com as mãos tentando liberar a traqueia, empurro seu rosto contra a parede e aperto o fio com mais força. Ele consegue alguns gemidos fracos antes de ir ao encontro de seu criador.

Não há detectores de movimento ou vigilância por vídeo em nenhuma parte da propriedade. Apenas mão de obra e um alarme bastante básico na porta da frente. Como todos os homens narcisistas e excessivamente autoconfiantes que chegaram ao poder sem muito esforço, meu padrinho acredita que é intocável. Ele descobrirá muito em breve como essa convicção está totalmente errada.

Demoro um pouco mais de meia hora para me livrar dos doze guardas restantes. Depois disso, dou uma volta casual pelo prédio até encontrar uma janela sem trinco para servir como ponto de entrada. Infiltrar-se no local de um alvo é significativamente mais fácil quando você pode primeiro eliminar os detalhes de segurança. Além daquele duplo golpe na Alemanha há alguns meses, o último assassinato que eu mesmo realizei foi há mais de uma década, e levei quase quatro horas para entrar na casa vigiada. Tive de passar sorrateiramente por vinte de meus próprios homens para chegar ao meu alvo. Não foi uma façanha fácil, considerando que eu os treinei em primeiro lugar. Até hoje, Allard ainda menciona ocasionalmente aquele trabalho em Boston, amaldiçoando o filho da puta que conseguiu driblar sua equipe e forçar o fornecimento de cianeto ao homem que estava preso no porão.

Em comparação, entrar sorrateiramente na casa de Calogero é muito fácil. Já faz muito tempo que não entro nessa casa, mas ainda me lembro da planta. Subo as escadas e vou em direção ao quarto principal. Quando chego à penúltima porta do lado esquerdo do corredor, desatarraxo o silenciador da minha arma e o coloco no bolso. Não faz sentido manter nada

em segredo, já que não há mais ninguém vivo na propriedade além de mim e do meu cumpari.

A porta se abre sem nenhum ruído. A TV na parede do quarto está passando algum tipo de documentário, com o volume baixo, mas a tela ilumina bastante a cama onde meu padrinho está roncando. Apoio meu ombro no batente e engatilho minha arma.

Os olhos de Calogero se abrem.

— Buonasera, Cumpari.

Por algumas respirações, ele apenas me encara, depois se levanta. Sua mão se estende em direção à mesa de cabeceira. Aponto para a gaveta e puxo o gatilho. Pedacos de madeira se estilhaçam e a mesa frágil tomba e se espatifa no chão, com alguns dos destroços indo parar no canto.

— O que você quer? — Calogero fala baixo enquanto gotas de suor se acumulam em seu cabelo. — Como entrou aqui?

— Pela janela do escritório. Aquela que você sempre esquece de trancar. E quanto ao que eu quero... Tenho certeza de que você já sabe disso.

— Nem mesmo você pode ser tão ousado. O que sua mãe diria se pudesse vê-lo agora? Como você pode matar o homem que o segurou no altar diante de Deus para batizá-lo? Aquele que o ajudou a se tornar o homem que você é hoje?

— Não ouse falar dela! — Eu esbravejo.

— Ela conhecia as regras, Rafael. Quebrar o código de silêncio significa morte! Não havia nada que eu pudesse fazer. Ela entendeu isso. E me perdoou. Eu vi isso em seus olhos.

Eu olho para ele, para o homem que um dia reverenciei, esperando até mesmo um pinga de arrependimento pelo que estou prestes a fazer. Isso não se materializa. O homem que levou Guido e eu para pescar quando éramos crianças, que me mostrou como trocar o pneu da minha bicicleta, que me deu conselhos sobre garotas.... ele já está morto. Para mim, ele morreu no momento em que viu Mancuzo encostar a arma na cabeça da minha mãe, puxar o gatilho e não fazer nada. Aquele homem que preferiu a Cosa Nostra à mulher que um dia jurou amar.

— Tenho certeza de que sim. — Levanto minha arma. — Mas eu nunca perdoarei.

O tiro soa como um tiro de canhão no silêncio do quarto. A cabeça de Calogero tomba para trás. Ele cai na cama, com os olhos arregalados e vidrados, enquanto uma onda de carmesim surge do buraco no meio de sua testa.

Vasilisa

Chicago

Uma hora antes da partida programada do voo

Estaciono meu carro em frente à casa de dois andares recém-pintada de tio Sergei e saio. Perdi três horas escondida em meu quarto enquanto esperava que papai finalmente ficasse atolado em seu escritório, dando-me a chance de sair de casa sem ser notada. Se eu quiser pegar o avião de Rafael - e eu quero - não posso perder mais do que dez minutos nessa visita.

Latidos estridentes explodem à direita quando dois enormes cães pretos dobram a esquina e correm em minha direção. Respiro fundo e me preparo para o impacto. Um segundo depois, sou atacada por patas e línguas quentes e úmidas.

— Nossa. Esqueci como vocês são grandes, — gemo. — Tio Sergei! Preciso de ajuda aqui.

— Ora, ora, ora. Essa não é a minha priminha encenqueira favorita? — diz uma voz masculina da varanda.

Olho para cima e vejo Sasha, o filho do tio Sergei, apoiado no batente da porta. Ele está vestido apenas com uma calça de moletom cinza, com o peito nu parcialmente marcado à vista.

— Sou um ano mais velha que você, seu idiota! — Eu rio enquanto tento evitar que os cães me façam cair. — Ajuda, por favor?

— Bambi! Flora! — ele grita. — Para baixo. Agora!

Os cães recuam imediatamente e colocam seus traseiros no chão,

com os olhos fixos em Sasha.

— Você precisa proibir o tio Sergei de dar nomes aos seus cães.

— Eu rio e corro para os degraus e para os braços dele. — Senti falta de sua cara feia.

— Também sentimos sua falta. Entre. Temos algumas sobras. Mamãe fez seu famoso frango com arroz mexicano. Além disso, se você ficar aqui fora, precisarei pegar minha espingarda para afastar a horda de homens salivantes que logo começará a se reunir.

Sorrio. Estou usando algumas das roupas bonitas de Yulia que ela me emprestou, não meus jeans largos e camisas sem forma habituais. Mal posso esperar para ver a cara de Rafael quando ele me vir descendo as escadas do avião. Ele ficará surpreso. Não lhe contei que estou voltando.

— Não posso ficar, — eu digo. — Pensei que você tivesse se mudado.

— Eu mudei. Mas você sabe como minha mãe fica nervosa toda vez que papai sai para o campo. Então, eu vim para lhe fazer companhia.

— E ganhar comida de graça?

— Sim, isso também. — Ele dá uma piscadela. — Papai voltará amanhã em algum momento. Você pode passar por aqui.

— Estou... na verdade, indo embora agora mesmo. Estou a caminho do aeroporto. — Dou uma olhada no relógio. — Tenho menos de uma hora ou o avião partirá sem mim.

— Indo embora? Mas você acabou de voltar. Para onde está indo agora?

— Sicília. — Não consigo conter meu sorriso.

— Oh. Que coincidência. Papai está lá agora.

Paro no caminho. — O tio Sergei está na Sicília?

— Sim. Roman precisava que ele matasse um idiota lá. Ele foi embora ontem.

Minhas pernas quase se dobram sob mim. O pânico me domina e

o horror me invade da cabeça aos pés. Posso praticamente sentir o aperto forte da mão do destino em meu pescoço. Apertando. Apertando. Não consigo respirar.

— Vasya? Você está bem?

Eu me viro e corro para fora de casa, direto para o meu carro. Ignorando as chamadas de Sasha atrás de mim, pego meu telefone enquanto ligo o motor e disco o número de Rafael. Ele toca. E toca. Tento mais duas vezes, mas ele não atende.

— Merda! — Entro na estrada que leva à rodovia que eventualmente me levará ao aeródromo particular e continuo ligando para Rafael. Ninguém atende.

Em seguida, ligo para o número de papai. A ligação vai direto para o correio de voz.

— Oh, Deus, — eu me engasgo, e disco mais uma vez. Correio de voz novamente.

Meus olhos se movem entre o telefone e a estrada à minha frente. Não posso entrar naquele avião a menos que consiga entrar em contato com Rafael e avisá-lo. Ou fazer com que meu pai chame o tio Sergei. Que merda. Que merda. Que merda! Viro o volante bruscamente para a esquerda, fazendo uma curva em U, e piso no acelerador, indo em direção a casa em vez do avião que está esperando.

Os minutos passam. Cinco. Dez. Meia hora. Continuo discando, alternando entre os números de Rafael e de papai. Ninguém atende. Correio de voz. Não atende. Correio de voz. Abro a lista de contatos e procuro o número de Guido, mas não consigo encontrá-lo!

— Droga! — Eu grito e recomeço minha busca do topo da lista. Quando finalmente encontro o nome dele, pressiono o botão de discagem e ligo o viva-voz.

Por favor. Por favor, atenda!

— Vasilisa?

— Meu pai mandou um assassino atrás de Rafael! — Eu grito.

— Você precisa avisá-lo!

Silêncio. Um segundo parece uma vida inteira. — Quem ele enviou?

— Meu tio. Sergei Belov.

— Merda, — sussurra Guido.

A linha fica inoperante.

— Guido? Porra. — Chamo Rafael novamente. Nada.

Em seguida, digito o número da minha mãe. Ela atende no primeiro toque.

— Ele enviou o tio Sergei para matar Rafael! — Eu grito ao telefone.

— O quê? Quem?

— Papai! Tenho ligado para o Rafael, mas não consigo falar com ele. E a linha de papai vai direto para o correio de voz.

— Ele está em seu escritório. Estou indo para lá. — Posso ouvir a batida da porta e as pisadas apressadas de pés correndo. — Você deveria ter contado a Roman, Vasilisa. Se você tivesse contado a verdade, ele nunca teria mandado Sergei. Seu pai acredita que aquele homem estava mantendo você contra a sua vontade e que ele a machucou. E como você não deu nenhum detalhe ao seu pai, ele presumiu o pior.

— Eu não queria lhe contar porque tinha medo de que ele fizesse exatamente isso!

— Ligue para Sergei, — diz ela em meio a suas respirações rápidas e superficiais. — Diga a ele para ficar quieto.

— Você sabe que ele não vai, — eu choramingo. Meu tio só recebe ordens do pakhan. Eu poderia chorar e implorar, e ele ainda assim cumpriria o que lhe foi ordenado. Ele não desistirá, a menos que meu pai rescinda a ordem. — Estou a dez minutos de distância. Por favor, mamãe! Convença papai a cancelar o tio Sergei!

— Eu vou, querida. Não se preocupe.



— Como assim, ele cancelou a remessa? — vocifero ao telefone.

— Estou falando com bastante clareza, não estou? — responde Nikolai.

Levei anos para encontrar alguém que pudesse substituir adequadamente Anton como brigadeiro, supervisionando as fileiras de nossos homens. Gerenciar os soldados de infantaria da Bratva é semelhante a controlar um rebanho de hienas maníacas. Eles não aceitam ordens de qualquer um. Mas, mesmo quando recebem, muitas vezes se sentem à vontade para fazer sua própria interpretação de como as ordens devem ser executadas. Para manter todos na linha e não enlouquecer no processo, o homem no comando deve ter um comportamento extremamente calmo e ser metódico no exercício de sua autoridade, ou ser alguém que seja basicamente louco. Nikolai Levin é do último tipo. Na maioria dos dias, não tenho certeza se devo promover o desrespeitoso filho da puta ou simplesmente quebrar seu pescoço. O lunático levou um tiro por mim há dois anos, então acho que tenho uma queda por ele.

— Cuidado com o que fala, — eu grito. — E explique.

— Chegamos à fronteira conforme o planejado, mas um dos homens de Ramirez nos transmitiu a mensagem de que o canalha traidor encontrou outro comprador. Tentei entrar em contato com Belov, mas ele não atende o telefone.

— Meu irmão está lidando com outro problema no momento. Você ainda tem o cara de Ramirez?

— Sim.

— Quebre suas pernas, — cuspo. — Faça-o falar. Quero saber quem ficou com o que deveria ser meu.

— Já falei. Foi Artem Voloshyn. Ele ofereceu a Ramirez um

corte de quarenta por cento.

Malditos ucranianos. Pensei que não teria mais que lidar com esses idiotas há duas décadas.

— Tem mais, — continua Nikolai. — Um dos meus homens pegou o traficante de Artem em West Town na semana passada.

— E você só está me contando isso agora?

A porta do meu escritório se abre repentinamente e minha esposa entra, corada e respirando pesadamente, como se tivesse corrido para cá em uma velocidade vertiginosa.

— O que você fez? — ela engasga, com os olhos marejados e arregalados.

— Já ligo de volta. — Jogo o telefone na minha mesa e levanto as mãos em defesa. — Seja o que for, não fui eu. Eu juro, Malysh.

Não tenho ideia do que poderia tê-la angustiado tanto, mas sei que não pode ser nada que eu tenha feito. Eu preferiria cortar minhas próprias mãos. E pernas. Cortar minha própria garganta. Terei que considerar uma ordem adequada, mas o sentimento continua o mesmo.

— Você enviou Sergei para matar o siciliano de Vasya!

Oh. Bem, acho que fui eu. — Esse idiota não é dela. De Santi é um assassino que sequestrou e manteve nossa filha como refém por mais de dois meses. Você realmente não esperava que eu deixasse isso passar?

Nina corre para o outro lado da sala. — Por favor, Roman. Você precisa ligar para Sergei e dizer a ele para abortar.

— Absolutamente não.

— Vasilisa está apaixonada por ele, kotik. — Agarrando um punhado da minha camisa, ela praticamente encosta o nariz no meu. — Você está chamando o Sergei para abortar. Agora!

— O quê? Não, ela não pode estar apaixonada por ele.

— Ela está planejando voltar para a Sicília! — Nina grita em meu rosto enquanto me sacode. — Tentei convencê-la a lhe contar a verdade,

mas ela estava com medo de que fosse exatamente isso que você faria!

Olho fixamente para minha esposa enquanto uma tempestade de fogo se alastra dentro de mim. Minha filhinha não pode estar apaixonada por um maldito De Santi, pode? Já preparei o jantar, convidando meu contador e dizendo-lhe para trazer seu filho. O rapaz trabalha no departamento de gerenciamento de registros de uma casa de repouso. Um cara legal e seguro. Tem a mesma idade de Vasilisa. Não um maldito assassino de aluguel que vive em outro continente.

— Nina, querida, ela só está confusa.

— Ela não está confusa, porra! Ela o ama! — Minha querida esposa está agora rugindo tão alto que temo que as janelas possam se quebrar. — Você não pode fazer isso! O pai dela não pode matar o homem que ela ama! Isso a destruirá, Roman! E isso vai destruir você!

— Vasya merece alguém legal. Alguém que a manterá segura.

— Você não entende? Ela não quer alguém legal. Ela o quer. E ele a manteve segura o tempo todo. Mesmo quando você não podia.

Franzo as sobrancelhas. — Do que está falando?

— O shopping center. A explosão de vinte anos atrás. Rafael De Santi é o homem que salvou a vida de nossa filha!

Isso é... não é possível. Mas... Ah, droga. Por mais que eu queira negar as palavras de Nina, de alguma forma sei que é a verdade. Desde o momento em que conheci De Santi, há mais de uma década, sempre me perguntei o que teria acontecido com ele. Nunca fiz a conexão.

Vasya.

Pulo da cadeira e pego o telefone.

Vasilisa

A agulha do velocímetro está pairando sobre a marca de cento e sessenta quilômetros por hora. Pressiono o pedal do acelerador com mais força, desviando entre os outros veículos na estrada. Passam cinco minutos das sete. O avião de Rafael acabou de decolar. Sem mim. Não importa, pegarei o primeiro voo comercial que conseguir, assim que souber que o homem que amo está a salvo. Ainda há tempo. Meu tio prefere trabalhar durante a noite. Respiro calmamente, mas o ar de repente fica preso em meus pulmões e quase bato no carro à minha frente.

A diferença de horário. Eu me esqueci da maldita diferença de horário! A Sicília está sete horas à frente de Chicago. São duas da manhã lá agora. Não. Não. Não!

O poste de luz à minha frente muda para vermelho. Acelero com mais força. Uma caminhonete se aproxima pela estrada secundária e por pouco não a vejo ao passar voando pelo cruzamento. Nosso bairro fica a apenas um quilômetro de distância. Chamo Rafael novamente. E mais uma vez.

Sem resposta.

Ao pisar no freio na entrada da garagem, estou tremendo tanto que mal consigo abrir a porta do carro. Não me preocupo em fechá-la, apenas saio correndo, subindo os degraus de pedra até à porta da frente, dois de cada vez.

A porta do escritório de papai está entreaberta. Eu entro cambaleando e fico olhando para meu pai. As palavras estão presas em minha garganta fechada. Papai está em pé ao lado de sua mesa, com o telefone encostado no ouvido. Mamãe está na frente dele, segurando sua camisa.

— Sergei. — A voz grave de meu pai quebra o silêncio. — Abortar.

Um som sufocado de alívio sai de meus lábios. Eu me apoio na

parede porque minhas pernas estão ameaçando ceder. Meus olhos fitam ardentemente os do meu pai. Ele ainda está segurando o telefone no ouvido. Os músculos de sua mandíbula estão tensos e suas sobrancelhas estão franzidas.

— *Mne on nuzhen zhivym, Sergey. Ponimayesh'?* — ele grita e abaixa o telefone.

Nem sequer respiro enquanto espero que o grande Roman Petrov diga alguma coisa.

— Papai? — Eu choramingo.

Meu pai respira fundo, com os olhos baixos. Evitando olhar para mim.



15 minutos antes

Meu telefone toca assim que o ligo novamente e quando estou me aproximando da porta da frente. O nome do piloto aparece na tela. Dou uma olhada no meu relógio de pulso. Cinco minutos depois das duas.

— Estamos prontos para a decolagem, chefe.

— Tudo bem. — Aceno com a cabeça, mesmo que ele não possa me ver, e depois espero. Não consigo pedir confirmação do que já sei.

— Ela não veio. Sinto muito, chefe.

Colocando o telefone de volta na calça, vou para a cozinha. Meus passos soam vazios no enorme espaço, ecoando nas paredes, o som é assustador na escuridão da casa. Não me preocupo em acender as lâmpadas quando atravesso o cômodo. A luz da lua já é suficiente para iluminar meu caminho até à geladeira.

Algumas pessoas dizem que é um sacrilégio beber vinho tinto frio em vez de em temperatura ambiente. Eu sempre achei o gosto dele um pouco insípido dessa forma. Pegando uma taça com haste e depois uma garrafa na geladeira, ando pela sala de estar e paro na entrada do terraço. Quantas vezes eu pedi para aqueles trabalhadores pintarem essas portas francesas? Quatro? Cinco? Os caras certamente fizeram muito barulho enquanto faziam isso. Exatamente como eu ordenei. Tudo para que minha Vespetta pudesse se sentir mais em casa.

O engraçado é que passei mais de vinte anos ganhando rios de dinheiro, construindo meu império. Durante todo esse tempo, eu estava convencido de que isso me traria felicidade. Tarde demais percebi que tudo não passava de poeira no vento. Toda a minha riqueza não poderia me ajudar

a alcançar a única coisa que eu mais queria. O amor de Vasilisa. Assim como nenhuma das joias caras que lhe dei de presente jamais lhe arrancou um sorriso no rosto, ao contrário dos desenhos bobos que fiz para ela. E aqui estou eu, no auge do meu sucesso, possuindo tantas coisas... Mas sem possuir nada de valor.

O vento quente sopra em meu rosto quando saio para o terraço e me sento na espreguiçadeira na extremidade mais distante. As minúsculas luzes dos barcos de pesca distantes estão espalhadas pela extensão escura do mar, piscando enquanto navegam nas ondas. Sirvo-me de uma taça de vinho e os observo.

— Está ficando imprudente em sua velhice, De Santi? — diz uma voz de homem vinda das sombras à minha esquerda.

— Parece que sim. — Inclino-me para trás e tomo um gole do meu vinho. — Já faz muito tempo. Como vai a vida, Belov?

— Estava tudo bem, na verdade. Até que um filho da puta decidiu sequestrar minha sobrinha. — Ele sai da escuridão e apoia as costas no corrimão, cruzando os braços sobre o peito. O brilho da lua reflete na arma que ele está segurando.

— Então, o pakhan ordenou que você cuidasse desse problema para ele, não foi?

— Eu teria feito isso, mesmo que ele não tivesse ordenado, — ele responde. — Que porra é essa, Rafael? Nós temos negócios há anos. Isso foi algum tipo de vingança? E se foi, por quê?

— Não foi.

— E depois? Alguém o contratou para fazer isso? A que preço? Que merda. Se você tivesse ligado para Roman quando recebeu o contrato, ele teria lhe pago o dobro só para mandá-la de volta imediatamente.

— Disseram-me que nem todas as coisas têm um preço. Agora estou convencido de que isso é verdade. — Aceno com a cabeça para a arma em sua mão. — Fique à vontade para fazer o que você veio fazer aqui.

— O quê, você vai ficar aí sentado e deixar que eu o mate?

— Esse é o plano.

— Por quê?

— Porque o resultado alternativo dessa reunião é eu matar você, Belov. E, infelizmente, não posso fazer isso.

Meu olhar desliza pela rota que Vasilisa e eu percorremos quando passamos o dia em meu iate, sentindo os olhos do russo em mim o tempo todo. Ele provavelmente acha que estou blefando e espera que eu saque minha arma a qualquer momento. Se fosse outra pessoa em seu lugar, o vingador de Petrov já estaria morto. Mas Vasilisa adora seu tio. E eu jamais poderia matar alguém que ela ama.

— Você vai passar a noite inteira só olhando para mim? — pergunto.

Belov ri. — Sabe, eu poderia jurar que você era um dos sãos.

— A loucura adquirida é um dos piores tipos, receio. Quando você a pega, não há cura. — Eu o encaro e bebo o que restou do meu vinho. — Cuide bem dela.

Ele levanta a arma, apontando para o meu peito. — Eu vou.

Um tiro explode na noite.

A bala corta minha carne; ondas de choque irradiam por todo o meu corpo. A dor me rasga por dentro, incendiando cada terminação nervosa. Se alguém enterrasse uma haste superaquecida em meu esterno, torcendo-o no processo, imagino que essa seria a sensação.

De repente, as notas de uma música conhecida soam em algum lugar próximo. Quase rio ao reconhecer ‘Gangsta’s Paradise’. A música fica mais alta quando Belov enfia a mão no bolso e tira o telefone, pressionando-o contra o ouvido. Sem se incomodar com a interrupção, ele levanta a arma, apontando para minha cabeça.

Posso ver os lábios de Belov se moverem enquanto ele fala com quem quer que o esteja chamando, mas todo o som é silenciado agora, restando apenas um murmúrio baixo. Está ficando mais difícil respirar. A luz dos barcos está muito mais embaçada. Fecho os olhos e me deixo levar pela

escuridão. Mas, no limiar, um pensamento fugaz invade minha mente.

Eu deveria ter colocado uma das minhas camisas na mochila dela.

Capítulo 20

Vasilisa

— Não me toque, — eu engasgo e tiro minha mão da mão de meu pai.

Ele ficou pairando sobre mim durante todo o voo de dez horas. Se houvesse paraquedas a bordo, eu o teria forçado a usar um e o teria chutado para fora do maldito avião.

— Vasya, querida... Ele vai se recuperar. — Ele tenta pegar minha mão novamente, mas eu a afasto com um tapa.

— Você enviou o tio Sergei para matar o homem que eu amo, — eu digo, mal conseguindo evitar que as lágrimas transbordem. — Em sua necessidade doentia e maníaca de me proteger, você me infligiu a pior dor possível. Eu o odeio. Deus, eu o odeio tanto.

— Por favor, Vasya...

— Roman, — diz minha mãe do assento ao meu lado. — Vá se sentar no banco de trás.

— Mas...

— Agora, kotik, — ela rosna e passa o braço ao meu redor. — O que o irmão de Rafael disse?

— Ele ainda está sendo operado. Sua segunda cirurgia. Os cirurgiões tiveram que voltar para estancar o sangramento interno. Isso não é o pior de tudo. — Tentei engolir o fôlego para conseguir dizer as próximas palavras. — Ele teve uma parada cardíaca ao chegar, e eles tiveram que reanimá-lo. — Pressiono as palmas das mãos sobre meus olhos.

Já faz horas que não consigo respirar completamente. Inspirações

rápidas e superficiais de ar são tudo o que consigo fazer para superar o nó que se formou em minha garganta. A taxa de sobrevivência de um ferimento por arma de fogo no peito é baixa, especialmente com uma arma de alta potência e a curta distância. E conhecendo meu tio, ele provavelmente usou uma de suas armas grandes.

Mamãe aperta minha mão. — Ele vai ficar bem, Vasilisa. Eu te prometo. Ele vai ficar bem.

O avião se inclina. Meus ouvidos estão zumbindo, mas não porque estamos pousando. Há um grito que está se formando dentro de mim, pressionando meus pulmões e minha mente, pronto para se libertar. Quero soltá-lo, mas temo que, se soltar, não conseguirei parar.

Há um leve solavanco quando as rodas atingem o chão. Saio do meu assento e corro para a porta antes mesmo de pararmos de nos mover. Levou horas para encontrar um jato que pudesse nos levar à Sicília em cima da hora, e não vou perder nem mais um minuto para chegar até ao meu homem.

A assistente de bordo corre na minha frente, bloqueando meu caminho até à porta. Os protestos, provavelmente, saem de sua boca, mas não passam de murmúrios para mim.

— Saia! — Esbravejo e tento passar por ela, mas dois braços fortes me envolvem por trás.

— Vasilisa... — A voz de meu pai perto do meu ouvido. — Por favor.

— Me solte. — Tento me soltar. — Nunca mais me toque, porra! Não consigo nem suportar sua visão!

Ele continua falando, palavras que pretendem me acalmar, mas nada penetra em meu cérebro. Toda a minha atenção está voltada para a porta do avião a alguns metros de distância. Os minutos que o avião leva para chegar à pista parecem anos de minha vida. Quando a porta finalmente se abre, corro por ela e desço os degraus.

Tio Sergei está parado ao lado de um carro estacionado, encostado na beira da pista. Ele ainda está vestido com sua roupa tática

normal, seu traje habitual quando está caçando alguém para a Bratva. Eu também não consigo olhar para ele.

— Leve-me até ele, — digo ao passar pelo meu tio, indo em direção à porta do lado do passageiro.

— Vamos esperar...

— Leve-me até ele! — Eu grito. — Agora!

Tio Sergei olha por cima do ombro, em direção ao avião onde minha mãe e meu pai estão descendo as escadas. Eu realmente não esperava que ele sáísse de seu lugar, já que sua lealdade é apenas para com o pakhan, mas ele acena com a cabeça e se põe ao volante.

O carro avança a toda velocidade. Fecho as mãos em meu colo, torcendo freneticamente o anel de prata simples em meu dedo.

* * *

— Peço desculpas. — A enfermeira do balcão de informações balança a cabeça. — Mas, como já lhe disse, não posso divulgar informações de pacientes a ninguém além de familiares imediatos.

— Por favor, — imploro, apertando o balcão branco diante de mim. — Apenas me diga se ele está vivo.

— Não posso. Sinto muito.

Pressiono as mãos em minha boca. O grito em minha garganta está pronto para explodir, a pressão é tão grande que está batendo em minhas têmporas. Meus pulmões devem ter encolhido porque parece que não consigo respirar o suficiente.

Eu me viro, olhando para a multidão de corredores e portas fechadas. Rafael está vivo. Não aceitarei nenhuma outra possibilidade. Ele está em algum lugar lá fora, e eu vou encontrá-lo, mesmo que tenha que lutar para passar por todos os membros da equipe de segurança do hospital.

Meus olhos caem sobre a figura de um homem de jeans e

camiseta amarela brilhante, sentado curvado em uma cadeira no meio do corredor à esquerda. É Guido. Corro em direção a ele em uma velocidade vertiginosa. O desgraçado não atendeu a nenhuma de minhas ligações na última hora, e eu liguei para ele pelo menos cinquenta vezes.

— Como ele está? — Eu sussurro. — A equipe não quer me dizer nada.

A mandíbula de Guido se endurece. — Ainda em cirurgia.

Um gemido estrangulado sai de meus lábios. — Quão ruim?

— É ruim, — ele diz, com o olhar fixo no chão. — Eu sabia, sabe? No momento em que você me disse que seu pai enviou Belov, eu sabia, porra.

— Sabia o quê?

Ele olha para cima, com os olhos vermelhos. — Rafael é um mercenário há quase duas décadas. Quantas vezes você acha que meu irmão foi baleado em todos esses anos?

— Não sei.

— Nem uma vez. Mas aqui está ele, com uma equipe de cinco cirurgiões tentando remendá-lo depois de uma bala à queima-roupa no peito. — Ele aponta um dedo para mim. — Rafael ficou sentado e deixou Belov atirar nele. Por causa de você!

As palavras furiosas de Guido me atingem como uma marreta no peito. Cambaleio para trás, batendo na parede do corredor. — Não.

— Sim! — Ele salta da cadeira e diminui a distância entre nós. Seu rosto é uma máscara de fúria e dor quando ele se inclina para a frente, aproximando-se dos meus olhos. — Ele está tão apaixonado por você que prefere morrer a matar alguém com quem você se importa. Espero que agora você tenha a maldita prova do quanto ele a ama.

Minha visão está completamente obliterada pelas lágrimas, e não noto os papéis que Guido deve ter tirado do bolso até que ele os bate contra meu peito. — Você precisará disso se quiser vê-lo. Se ele sobreviver, é claro.

Limpo os olhos e olho para o documento em minha mão. A

primeira folha é um certificado de aparência oficial com um carimbo na parte superior. Está datado de três dias atrás. O texto está em italiano, mas noto o nome de Rafael. E logo abaixo dele, o meu. Meus olhos voltam para o cabeçalho do documento. Posso não falar ou ler italiano, mas reconheço a palavra matrimônio e sei o que significa.

Casamento.

— O que... — A palavra sai da minha boca. — Como?

— Meu irmão pode ser um idiota cego de amor, mas ele ainda é um asno planejador que sempre encontra uma maneira de conseguir o que quer. — Guido se vira para seguir pelo corredor, mas depois para. — Ele deixou tudo para você. Se ele não sobreviver, a senhora receberá quase setenta milhões em dinheiro e dez vezes esse valor em investimentos. É tudo seu, Sra. De Santi.

— Eu não quero o dinheiro dele! — Eu grito.

— Bem, como eu disse, — ele retruca enquanto se afasta, — Rafael sempre consegue o que quer. No fim das contas.

* * *

Olho fixamente para os dois médicos diante de mim. — O que quer dizer com ‘ele não está acordando’?

O mais velho, um homem baixo com cerca de 50 anos, suspira e se vira para Guido, que está ao meu lado. Não tenho a menor ideia do que o cirurgião diz em italiano, então me concentro em seu rosto, tentando perceber algo em sua expressão. Não há nada, além de um olhar estoico. Seu colega de trabalho, bem mais jovem, no entanto, está segurando uma pasta no peito e não diz uma palavra, mas olha para mim como um tolo atônito.

— Por favor, pode me dizer o que está acontecendo? — pergunto, rezando a Deus para que o inglês do jovem seja melhor do que o do médico mais velho, porque estou enlouquecendo. O pânico corre em minhas veias. Estou prestes a perder a cabeça.

— Hum, bem, seu marido é.... Ele é realmente seu marido?

— Sim!

— Ah... Achei que tinha entendido errado. É que... — Seus olhos me examinam desde o topo da cabeça, passando pelo meu vestido curto e justo, até à ponta dos meus saltos. — Ele está tendo uma emergência retardada, uma falha em recuperar a consciência após a anestesia geral. Já se passaram mais de trinta minutos, mas ele ainda não está respondendo. Por enquanto, ele está respirando por conta própria. Entretanto, se ele não acordar na próxima meia hora, talvez precisemos considerar a administração de medicamentos mais potentes e, potencialmente...

— Ele vai acordar, — eu o interrompo. — Vou me certificar de que meu marido acorde. Deixe-me vê-lo.

— Senhora, acho que a senhora não pode ajudar.

Agarro sua manga, torcendo o tecido em minha mão enquanto lágrimas brotam de meus olhos. — Ele. Vai. Acordar.

O jovem médico olha para seu colega e eles trocam algumas frases em italiano antes de olhar para mim.

— Cinco minutos, — ele diz e se dirige rapidamente para a sala de recuperação.

Meu corpo inteiro treme enquanto corro atrás do médico pelo corredor e atravesso a área de espera onde meus pais e meu tio estão sentados.

— Vasya. — Mamãe salta da cadeira quando passo por eles. — O que...

Limpando os olhos, continuo andando sem diminuir a velocidade. Vários pares de passos seguem atrás de mim, junto com o clique característico da bengala de papai contra o piso de ladrilhos. Não posso falar com eles agora. Não antes de olhar para Rafael e ver com meus próprios olhos que ele está bem. Guido pode informá-los sobre o que está acontecendo.

Outro longo corredor, e então o médico para em frente a uma porta de aparência robusta.

— Senhora, a senhora precisa entender que...

Agarro a maçaneta e entro no quarto.

O bipe constante de um monitor cardíaco rompe o silêncio absoluto. Coloco minha mão sobre a boca, mas um gemido de dor ainda consegue escapar de meus lábios. A maçaneta metálica da porta bate em minhas costas enquanto fico enraizada no chão e apenas olho para a forma imóvel de Rafael.

Dou um passo hesitante. Depois outro. Quando finalmente chego à cama, sou uma bagunça chorosa novamente. Segurando a bochecha de Rafael com a mão, eu me inclino de modo que minha boca fique bem perto de sua orelha.

— Vou queimar tudo, — eu me engasgo. — Aquela linda casa que você me deixou. O hotel. Seus carros. Não vai sobrar nada deles.

Pressiono meus lábios em sua têmpora.

— Aqueles dois iates que você tanto ama? Vou afundar os dois e vê-los afundar no fundo do mar. — Beijo sua sobrancelha. — Sua empresa de segurança privada? Pode esquecer, Rafael. Vou destruí-la tão completamente que, em um mês, ninguém mais se lembrará que ela existiu.

Sua pele está tão fria e úmida. Levo minha mão até seu pescoço, colocando-a sobre o ponto de pulsação. O monitor ao lado da cama está apitando, mas preciso de uma prova mais tangível de que ele está vivo. Somente quando sinto a batida constante sob meus dedos é que me permito relaxar um pouco.

— O dinheiro? Vou doar tudo. Encontrarei uma instituição de caridade idiota, A Better Life for Goats ou algo igualmente idiota, e transferirei todos os seus milhões para eles. Eles podem usar toda essa riqueza para criar uma maldita Goatland. Um paraíso onde poderão cuidar das cabras, banhá-las com leite de burra e fazer massagens no pescoço dos animais o dia inteiro.

Por que ele não está acordando? Continuo a apimentar seu rosto com beijos, sentindo os sulcos e vales da infinidade de cicatrizes sob meus lábios. Na maioria das vezes, esqueço que elas estão lá. Não vejo o trecho de carne mal costurado que cicatrizou e torce sua bochecha. Ou a que puxa seu

lábio superior, deixando-o deformado. Ou aquelas em seu queixo que se transformam em uma barba rala em sua mandíbula. Eu apenas o vejo.

Rafael.

Saber que, por causa dessas cicatrizes, ele acreditava que precisava comprar meu amor com joias e outros presentes me deixa incrivelmente irritada. E me deixa completamente arrasada. Ele ficou com essas cicatrizes por ter me salvado. E ele nunca teve a intenção de revelar essa verdade.

Seu rosto é uma máscara sem expressão, mas seus lábios estão ligeiramente entreabertos. Puxo seu lábio inferior entre meus dentes e o mordisco.

— Eu juro, Rafael. Se você não voltar para mim, farei com que a missão de minha vida seja destruir todo o seu império, — sussurro em sua boca.

Ele não se mexe. Nem mesmo um pouco. Não há outros sons além do meu cheiro e dos bipes rítmicos da máquina de frequência cardíaca. Encosto minha bochecha na dele e enterro meu nariz em seu pescoço.

— Por favor, — eu me engasgo, inalando seu perfume. — Eu amo você, muito.

Mesmo com todos os aromas do hospital ao redor, ele ainda tem o mesmo cheiro. Como cipreste e laranja. Ar salgado e o mar. Perigo controlado, mas minha inegável segurança. Como um lar.

Não posso perdê-lo.

Um leve toque na parte de trás da minha cabeça e, em seguida, uma respiração rouca bem perto do meu ouvido. — Você esqueceu... o jato.

Um grito de alívio passa por meus lábios. Fecho os olhos e me aconchego ainda mais em seu pescoço. Minha garganta está completamente seca e, mesmo com as pálpebras fechadas, as lágrimas ainda escorrem pelo meu rosto.

— Não esqueci. — Mal consigo formar as palavras. — Vou usá-lo para mandar as cabras para umas férias anuais em algum lugar do Caribe.

Seus dedos se afundam em meu cabelo, acariciando-me suavemente. — Você voltou.

— É claro que voltei.

— Você não estava no avião. O piloto me ligou. Disse que você não veio.

Lentamente, levanto a cabeça e o observo. Sua pele ainda está horrivelmente pálida e há círculos escuros sob seus olhos.

— Sinto muito. Eu estava preocupada em tentar encontrar uma maneira de deter o assassino que meu pai enviou para matá-lo e não percebi.

— Acaricio sua bochecha. — Receio que seu sogro não seja seu maior fã.

— Então, Guido lhe contou?

— Que você me embebedou e depois nos casou, sem me deixar saber de nada? — Encosto meus lábios nos dele. — Sim, ele me contou.

— Você está com raiva de mim?

— Não posso ficar brava com você quando está em uma cama de hospital, com tubos e coisas saindo do seu corpo.

— Isso sairá. Eventualmente. — Seu peito se eleva com uma respiração profunda. — Talvez você pense em cortar minha garganta quando elas saírem. — Ele pega minha mão e a leva até sua virilha. — Está vendo? Só de pensar nisso, fico com tesão.

— Jesus, Rafael. — Bufo por entre as lágrimas.

— Por favor, não chore, Vespeta.

— Você quase morreu por minha causa. De novo. — Passo a palma da mão em seu antebraço, logo acima das adagas e da tatuagem de cobra. — Por que não me disse que era você?

A raiva passa pelo rosto de Rafael. Ele agarra meu pulso, olhando para mim. — Foi por isso que você voltou? — Sua voz é baixa, com um tom ameaçador. — Porque se for, pode ir embora agora mesmo.

Eu me inclino até que a ponta do meu nariz toque o dele. — Não. Voltei porque estou apaixonada por você.

— Por quê? Como você pode estar apaixonada por um filho da puta manipulador como eu?

— Você é um idiota manipulador. E eu o amo apesar dessa qualidade. Ou, talvez, por causa dela. Porque você se importa. Mesmo quando diz que não se importa. Você se importa profundamente com as pessoas em sua vida. Seus homens. Seu irmão. Comigo. Adoro a proteção feroz que praticamente irradia de você, mesmo quando tenta mascará-la como outra coisa. Você está disposto a atravessar um mar de cadáveres para proteger as pessoas com quem se importa.

Estendo a mão e varro para trás alguns fios que caíram sobre seu rosto. Rafael me observa sem piscar, com seus olhos atentos e avaliadores.

— A força absoluta de sua vontade e a determinação implacável que o tornaram quem você é me deixam admirada, — continuo. — E sua teimosia.... É uma entidade por si só. Acho que nunca conheci um homem tão obstinado como você. É muito sexy, sabia?

Inclinando a cabeça, encosto meu nariz no dele. — Estou apaixonada por você porque ninguém mais me faz sentir como você. Querida. Amada. Especial. E isso não tem nada a ver com as bugigangas luxuosas que você me deu. Em vez disso, são os desenhos com notas adesivas que você me deixou. Os figos roubados. Os arranhões do arbusto venenoso, tudo porque eu lhe pedi para salvar aquele gato estúpido.

— Você foi extremamente persistente, — diz ele com uma voz crua e rouca.

— Sim, essa é a única razão pela qual você fez isso. — Sorrio. — Você me faz sentir digna. E competente. Somente quando estou com você, Rafael, não preciso provar meu valor. Durante toda a minha vida, ouvi o quanto sou bonita, como se eu fosse uma peça de mobília cara. Agradável aos olhos, mas facilmente esquecida quando os espectadores passam para o próximo cômodo. Só uma vez você me chamou de bonita e, no entanto, você me faz sentir como se eu fosse, todos os dias. Não por fora, mas por dentro.

Rafael pega meu queixo entre os dedos. O canto de seus lábios se inclina em um sorriso malicioso. — Está procurando elogios agora, Vasilisa?

— Talvez? — Eu inspiro.

— Você é tão bonita que, toda vez que estou com você, tenho vontade de me beliscar para provar que você é real. — Ele aproxima meu rosto do dele. — E você também é bonita por fora.

Algo entre uma risada e um gemido me escapa. Colocando as palmas das mãos em suas bochechas, bato minha boca na dele. — Nunca vou perdoá-lo por ter se deixado levar um tiro. E nunca vou perdoar meu pai.

— Não seja tão dura com ele. Eu teria feito o mesmo no lugar de Roman. — Ele morde meu lábio. — Ele sabe que somos casados?

— Não.

— Tenho certeza de que ficará muito feliz.

— Ele vai reclamar um pouco, mas...

— O QUÊ?! — Um grito masculino alto explode do lado de fora do quarto. — Aquele svoloch' fez minha filhinha se casar com ele?

A porta se abre com tanta força que bate na parede adjacente, e meu pai entra. Irritado não chega nem perto de descrever a expressão em seu rosto. Raiva desenfreada. Indignação selvagem. Sua respiração é profunda e lenta. Um som parecido com o de um rosnado de touro sai de seu peito a cada expiração. A imagem fica ainda mais perfeita pela forma como suas narinas se dilatam a cada suspiro.

— Você! — ele ruge. — Seu ardiloso... — inspira — ...mentiroso — inspira — ...ladrão... filho da puta.

— Roman! — O grito da minha mãe irrompe em algum lugar atrás dele e, um segundo depois, ela se espreme entre o corpo do meu pai e o batente da porta. Então, ela pressiona as palmas das mãos no peito dele. — Deixe-os em paz!

— Eu vou matá-lo! — O pai grita enquanto a mãe tenta empurrá-lo para fora do quarto. — Vou esfolá-lo vivo e pendurar seu couro na janela do meu escritório como cortina!

— Não ligue para ele, — diz minha mãe, sorrindo para nós por cima do ombro. — Ele só está muito empolgado com a notícia e não consegue

encontrar palavras para expressar sua felicidade. Não está, kotik?

— Eu não vou usar uma faca, oh não, — o pakhan continua rugindo enquanto a mãe o manobra para trás. — Vou usar a porra de um descascador de batatas. Você vai fazer cortinas de serapilheira incríveis, De Santi! E toda vez que seus restos balançarem com a brisa, vou me lembrar dos seus gritos de agonia!

— Voltaremos mais tarde, — sussurra a mãe com um olhar irritado e um pouco cômico, e fecha a porta no rastro deles.

Eu olho para Rafael.

Ele tem um sorriso muito presunçoso no rosto. — Bem... Acho que não vamos sair para pescar juntos tão cedo.

Eu rio e o beijo.



Rafael

Epílogo

Um mês depois

A casa branca e moderna de dois andares surge diante de nós, banhada pelo brilho suave do pôr do sol. A casa do meu sogro. Estaciono o carro na vaga vazia ao lado do canteiro de flores e desligo o motor.

— Lembre-se do que combinamos, — diz Vasilisa enquanto verifica a maquiagem no espelho do para-sol. — Você não vai irritar meu pai. Ele ainda está bravo com você por ter ‘roubado’ o dia do meu casamento. Esta será nossa primeira... hum, reunião normal com minha família, então vamos manter a civilidade.

— Claro. — Pego o tubo de rímel de sua mão e o jogo no assento atrás de mim.

— Ei! O que...

— Eu vou me comportar. Mas acho que preciso de algum incentivo. — Empurro meu assento para trás e, em seguida, coloco minhas mãos em torno de sua cintura minúscula e a levanto sobre o console e em meu colo.

— Rafael, não vamos fazer sexo na entrada da garagem de meu pai.

— Não? — Abro o primeiro botão de sua blusa de seda. — Caso tenha esquecido, meu médico disse que ainda estou me recuperando. Não são

permitidas situações estressantes. E uma parte da minha anatomia está bastante estressada no momento. — Afasto as laterais de sua blusa e belisco seu seio.

— Podemos trabalhar para acalmar seu pau depois do jantar, — murmura Vasilisa.

Minha mão percorre seu peito, depois desce, até cobrir sua boceta exposta. Sua calcinha de cetim foi descartada em algum lugar do meu avião. Guiando meu polegar entre suas dobras escorregadias, encontro seu doce botão e começo a circular. No início, algumas batidinhas leves, depois aplico um pouco mais de pressão antes de deslizar o dedo para dentro de seu calor.

— Mudou de ideia? — Continuo provocando seu clitóris com o polegar enquanto ouço seus pequenos e suaves gemidos de prazer.

— Sim, — Vasilisa engasga, montando meu dedo e abrindo o zíper da minha calça.

Estou duro como uma pedra, a ponto de sentir dor. Quase gozo quando ela coloca a mão em volta do meu pau para puxá-lo para fora. O grau de obsessão que tenho por minha esposa é incomparável. Ela só precisa me tocar - ou simplesmente ameaçar cortar minha garganta - e eu já era.

Colocando as mãos sob sua bunda, posiciono-a acima do meu pau e começo a abaixar lentamente essa mulher incrível em meus braços. Meu cérebro está frito antes mesmo de eu estar na metade do caminho dentro dela.

Dois olhos escuros me fitam por entre os longos fios negros que cobrem seu rosto. Perfurantes. Um pouco ferozes. Meus.

Ainda é um pouco irreal o fato de eu poder tê-la como minha.

— Não sei se algum dia poderei lhe mostrar o quanto a amo, Vasilisa.

— Você já fez isso, seu lunático, — sussurra ela, me absorvendo ainda mais. — Tente fazer outra façanha como essa e eu juro que o estrangularei até à morte.

Meu pau se contrai violentamente dentro de sua boceta e mal

consigo conter meu orgasmo iminente. Eu a enfio de baixo para cima, preenchendo-a completamente, e ao mesmo tempo capturo seus lábios com os meus.

— Eu te amo, — dizem seus lábios nos meus. — Muito, muito mesmo.

Meu coração incha e se expande, como se de repente estivesse grande demais para o meu peito. Eu seguro o rosto de Vasilisa com a palma da mão, absorvendo a visão dela, corada e ofegante, enquanto ela me cavalga, perseguindo seu prazer com um abandono selvagem.

Esse êxtase é tudo de que preciso para saber que as velhas sombras se foram. Aqueles pensamentos sombrios que costumavam me atormentar quando eu era muito mais jovem. Houve momentos sombrios ao longo dos anos em que refleti sobre aquele momento no shopping. Aquele minuto logo antes da explosão.

Tenho vergonha de admitir isso, até para mim mesmo, mas mais de uma vez me perguntei o que teria acontecido se eu não estivesse lá. Como teria sido minha vida? E se eu tivesse ido embora antes de ver a garota correndo alegremente pelo corredor? Ou se eu tivesse saído, mas optado por permanecer naquela escada. Esses pensamentos me deixavam enjoado, com nojo de mim mesmo. E, ainda assim, eles surgiam ocasionalmente. Em momentos de fraqueza. Em momentos de dor.

E agora? Agora estou me martirizando por causa daquela cicatriz nas costas de Vasilisa. Um maldito fragmento que conseguiu passar por mim. Que a machucou. Deixou uma marca permanente. Eu deveria tê-la protegido melhor. Aquele corte deveria ter acabado em mim também. Nunca nela.

Sempre odiei meu reflexo no espelho. Isso até perceber que a garota que salvei era Vasilisa. Agora, ao me ver, o único sentimento que tenho é de alívio. Porque fui eu que me machuquei, não ela.

Era o destino que eu estava lá para salvá-la? Nosso destino foi selado por minha escolha? Ou será que o destino inabalável a guiou habilmente até mim todos esses anos depois?

Vasilisa puxa meu cabelo enquanto arqueia as costas,

desfazendo-se em meus braços. Finalmente, eu gozo, enchendo-a com meu esperma. Nossas respirações ofegantes ecoam pelo espaço ao nosso redor. Acaricio gentilmente o rosto de minha esposa. Minha bela. Nos braços de uma fera.

— Acho que os contos de fadas existem, afinal, Vespetta. E acredito que lhe devo um presente.

— Do que você está falando? — ela pergunta. — Que presente?

Sorrio. — Uma biblioteca.

Vasilisa

— Chegamos! — Anuncio e, apertando a mão de Rafael na minha, entro no saguão de entrada.

Meu pai se aproxima de nós, com o rosto sombrio, parando de repente a um braço de distância. Seus olhos deslizam sobre o meu rosto - e não posso deixar de me perguntar se a minha maquiagem está borrada - e depois caem sobre a minha blusa. Dou uma olhada para baixo e me encolho. Parece que perdi um dos botões. E minha saia está desalinhada. Droga. Rapidamente ajusto a bainha, mas não há nada que eu possa fazer com relação à camisa. Vou ter de manter a calma e torcer para que o jantar não termine em derramamento de sangue.

— Hum.... Oi, papai, — eu digo, sorrindo amplamente.

Um estranho som de rosnado irrompe da garganta de Roman Petrov, e não tenho dúvidas de que acabamos de cair na berlinda. As narinas de papai se dilatam e ele volta seu olhar ameaçador para meu marido. — Você tem um desejo de morte, De Santi?

Fecho os olhos e respiro calmamente. Se eles começarem a sacudir suas armas e a dar socos um no outro, vou embora.

— Vejo que continua tão dramático como sempre... Papai, — diz Rafael.

Oh, Deus...

A expressão no rosto do meu pai se torna homicida. Ele dá um passo à frente, quase batendo no peito de Rafael. — Você não me chama de ‘papai’, seu ladrão filho da puta! Eu juro, eu vou...

— Sim, eu sei. Você vai me matar de uma forma muito desagradável. — Rafael passa pelo meu pai, batendo em seu ombro ao passarmos. — Vamos comer. Estou morrendo de fome.

— Você prometeu que se comportaria, — murmuro enquanto nos

dirigimos para a sala de jantar.

— Lamento.

— Não, você não lamenta.

Os lábios de Rafael se curvam em um sorriso diabólico. — Não. Nem um pouco.

— Ele ainda está se conformando com tudo. Talvez se você pudesse... Rafael! — Eu grito, afastando rapidamente sua mão. Ele acabou de apertar minha bunda enquanto meu pai estava assistindo!

— O quê?

— Por favor, podemos todos nos esforçar um pouco para que esta noite não se transforme em um desastre e realmente nos divertirmos?

Rafael lança um olhar por cima do ombro. Acompanho seu olhar e estremeço. Meu pai ainda está parado na porta da frente, com os olhos arregalados como os de um maníaco enquanto olha para o meu marido.

— Já estou me divertindo muito. — Rafael passa o braço em volta da minha cintura e me levanta contra seu peito. — E só vai ficar melhor.

Sua boca se choca contra a minha com tanta força que eu grito. Todo o resto se torna insignificante, como sempre, quando meu marido me beija. Envolver minhas pernas em sua cintura e aperto seu pescoço, beijando-o de volta como se não houvesse amanhã. Rafael mantém a mão em meu queixo, segurando minha cabeça com firmeza, enquanto devora meus lábios com os dele.

— Ah, aí estão vocês, pombinhos, — diz minha mãe atrás de mim. — A comida está esfriando.

Rapidamente interrompo o beijo e praticamente deslizo pelo corpo de Rafael.

— Hum, ei, mamãe. Sim, estamos indo. Mas talvez você precise dar a papai um tranquilizante. — Pego a mão de Rafael e o arrasto para a sala de jantar.

Yulia já está sentada à mesa, mexendo em seu telefone. Tia Angelina está sentada em frente a ela.

— Onde estão todos os outros? — Pergunto, olhando para os assentos vazios.

— Sergei chegará em breve. — Angelina sorri. — Ele teve que deixar uma muda de roupa para Alexei e Sasha. Eles foram presos.

— O quê?!

— A polícia os pegou em uma corrida de rua na noite passada. Eles estavam dirigindo muito acima do limite de velocidade. Roman decidiu deixá-los na cela da delegacia hoje, para que aprendessem a lição. Ele enviará o advogado amanhã para providenciar a fiança.

— Ótimo. — Suspiro e me sento ao lado de Yulia, enquanto Rafael ocupa a cadeira à minha direita.

Mamãe entra dançando na sala de jantar com meu pai em seus calcanhares. Seu rosto ainda é uma máscara de raiva quando ele se senta à cabeceira da mesa.

— Você ouviu as notícias? — Yulia me empurra com o cotovelo. — Papai concordou que eu me mudasse. Encontrei um estúdio incrível no Hyde Park e...

— Esqueça o estúdio, — papai a interrompe. — Comece a procurar um apartamento de dois quartos.

— O quê? — ela grita. — Mas eu já fiz o depósito. E por que eu precisaria de dois quartos?

— A máfia ucraniana está tentando invadir nosso território. Estamos em alerta máximo, portanto, você terá um guarda-costas até segunda ordem.

— Não está acontecendo!

A porta da sala de jantar se abre e bate na parede.

— Você não vai acreditar no que Luca me deu, — grita tio Sergei ao entrar na sala e colocar um enorme rifle semiautomático sobre a mesa, ao lado do prato de costeletas de porco. — O quê? Não tem cordeiro hoje?

— Tire essa coisa de perto da comida! — A mamãe esbraveja.

— Essa coisa é um KR-101X. Um fuzil AK premium, legalizado para civis. É o mais novo Kalashnikov, pessoal, — ele exclama, visivelmente ofendido. — Um lançamento exclusivo e limitado de pré-produção, com coronha sintética dobrável lateralmente, um cano de dezesseis vírgula cinco polegadas e aceita cartuchos de calibre sete, seis, dois e trinta e nove com câmara.

— É uma OTAN cinco-cinco-seis, — comenta Rafael enquanto pega a tigela de purê de batatas.

— Não, não é. — Sergei se inclina e pega o rifle, mexendo no carregador. — Porra. É sim.

— Jesus Cristo! — Meu pai bate com a palma da mão na mesa, fazendo os copos e talheres chacoalharem. — Guarde essa maldita coisa, Sergei! Estamos comendo!

— Sempre um desmancha-prazeres. — Meu tio revira os olhos. — Pelo menos aqui Rafael sabe apreciar armas de fogo de alta qualidade. De Santi, você teve a chance de experimentar uma?

— De fato, tive.

Ah, não. Coloco minha mão na coxa de Rafael sob a mesa e a aperto. — Rafael, não!

— Uma remessa para o Ministério da Defesa de alguma forma foi mal direcionada e acabou no porto de Catânia na semana passada, — continua Rafael. — E, magicamente, meu nome estava nos documentos da remessa. Alguma coisa deve ter dado errado no servidor deles. — Ele olha para mim, com orgulho estampado em seu rosto. — Trabalho incrível, querida.

— Você hackeou o maldito Ministério da Defesa italiano para ele? — Papai rosna, pulando da cadeira.

— Não ouse levantar a voz para minha esposa, Petrov! — Rafael responde com um rugido.

Ugh. Coloco os cotovelos na mesa e enterro as mãos no cabelo. A gritaria continua com meu pai e meu marido trocando xingamentos e ameaças de morte. Por cima do barulho, posso ouvir minha mãe instruindo

minha tia a tirar as facas da mesa. Tio Sergei está ao telefone com alguém - provavelmente o vovô Felix - perguntando sobre o próximo carregamento de armas para o Departamento de Defesa dos EUA e a probabilidade de ele ser interceptado.

— Será que vai ser sempre assim? — murmuro.

— Provavelmente. — Yulia dá de ombros, pegando a salada. — Definitivamente, vou me casar com um dentista.

Um estrondo alto vem da cozinha. Todos param de gritar, virando a cabeça para a fonte.

— O que foi isso? — alguém pergunta, mas a pergunta se perde em uma cacofonia de gritos e clamores que explodem além da porta adjacente.

— Hum... Igor fugiu da casa de repouso. — Minha mãe sorri timidamente enquanto esconde a faca de carne atrás das costas. — Ele está experimentando uma receita de camarão flambado com bourbon, kotik.

A fumaça e o cheiro de algo queimando penetram lentamente na sala. O alarme de incêndio atualizado que papai instalou após o incidente com o micro-ondas começa a tocar e, um segundo depois, a água sai dos sprinklers suspensos, encharcando a comida e todos os que estão sentados à mesa.

Afasto os fios de cabelo molhados do meu rosto e olho para o meu marido. — Bem-vindo à família, querido.

Fim

Como alguns de vocês já devem saber, este é o primeiro livro de *Máfia Legacy*, uma série derivada ambientada no mundo de **Perfectly Imperfect**, que contará com os filhos dos principais casais dos livros originais. O próximo livro da série Mafia Legacy contará com a irmã de Vasilisa, Yulia. O título é *Dearest Traitor* e, como você provavelmente supôs, é um romance de guarda-costas.

Data prevista de lançamento - meados de 2025.

O próximo livro da série principal é *Sweet Prison* e contará com Massimo e Zara. É um romance proibido (ou seja, enteados), com diferença de idade.

Sweet Prison (Massimo and Zara, Book #10)

Série Mafia Legacy

Neva Altaj

(Ordem de Leitura e Enredos)

1. Beautiful Beast (Vasilisa e Rafael)

A Bela e a Fera, herói com cicatrizes, diferença de idade, os opostos se atraem, herói possessivo/ciumento, sequestro

2. Dearest Traitor (Yulia e Nikolai)

Romance com guarda-costas, diferença de idade, herói OTT possessivo/ciumento, toque nela e morra

Série Perfectly Imperfect

Neva Altaj

(Ordem de Leitura e Enredos)

1. ***Painted Scars (Nina & Roman)***

Herói deficiente, casamento falso, age-gap, atração de opostos, herói possessivo/ciumento

1. ***Broken Whispers (Bianca & Mikhail)***

Heróis com cicatrizes/deficiente, heroína muda, casamento arranjado, age-gap, a bela e a fera,
herói possessivo/ciumento acima da média

1. ***Hidden Truths (Angelina & Sergei)***

Age-gap, herói quebrado, só ela o acalma

1. ***Ruined Secrets (Isabella & Luca)***

Casamento arranjado, age-gap, herói possessivo/ciumento acima da média

1. ***Stolen Touches (Milene & Salvatore)***

Casamento arranjado, herói deficiente, age-gap, herói sem emoções, herói
possessivo/ciumento acima da média

1. ***Fractured Souls (Asya & Pavel)***

Age-gap, ele a ajuda a se curar, quem fez isso com você, herói possessivo/ciumento, ele acha
que não é bom o suficiente para ela

1. ***Burned Dreams (Ravenna & Alessandro)***

Guarda-costas, amor proibido, vingança, inimigos para amantes, age-gap, quem fez isso com
você, herói possessivo/ciumento

1. ***Silent Lies (Sienna & Drago)***

Herói surdo, casamento arranjado, age-gap, herói taciturno, heroína otimista, atração de
opostos, herói super possessivo/ciumento

1. ***Darkest Sins (Nera & Kai)***

Heroína otimista, herói taciturno, atração de opostos, age-gap, herói perseguidor, só ela pode
acalmá-lo, ele odeia todo mundo menos ela, toque nela e morra

1. ***Sweet Prison (Zahara e Massimo)***

Age-gap, romance proibido, só ela pode acalmá-lo,

atração de opostos, ele odeia todo mundo, menos ela, toca nela e morre,
herói exageradamente possessivo/ciumento.

Notas

[←1]

Tom-son – em que Tom é o nome e ‘Son’ é ‘filho’ em inglês.

[←2]

Roman + ovna = Vasilisa Romanovna e só depois vem o apelido: Petrova.

Com mérito.

[←5]

Diminutivo de vespa em italiano, porque ele diz que ela tem um ferrão, como as vespas.

Estádio de baseball localizado em Chicago, Illinois.

Barulho do vento.

Lápis grafite.

[←11]

Que bagunça terrível.

Todas as traduções das expressões em italiano estão no início do livro.

Sharknado – filme de 2013 em que um furacão estranho atinge Los Angeles e leva milhares de tubarões para o meio da cidade que está completamente alagada.

[←15]

É uma plataforma ou deck elevado e aberto no teto do barco que fornece espaço adicional e maior visibilidade. O flybridge geralmente fica localizado acima do deck principal do barco e pode ser acessado por escadas ou uma escada a partir dele.

[←16]

O Kraken era uma espécie de lula, que ameaçava os navios na mitologia nórdica. Este cefalópode tinha o tamanho de uma ilha e cem tentáculos.

Peixinho de aquário.

O corte marquise, também conhecido como corte navette, apresenta uma forma alongada com pontas pontiagudas. A forma única do corte marquise faz com que a pedra pareça maior do que realmente é e pode alongar o dedo quando colocado em um anel.

Doce em formato de ursinhos.

Pulseiras de tênis são formadas por uma única linha de diamantes, ou outras pedras preciosas, todas idênticas em cor, tamanho, fofura e clareza. Cada pedra é mantida unida por um metal, que pode ser ouro, prata ou platina. Essas pulseiras tradicionais são populares há décadas devido à sua aparência glamorosa. As pulseiras de tênis ganharam esse nome em 1987 após um incidente no US Open daquele ano. A jogadora Chris Evert perdeu sua pulseira de diamante no meio do jogo, que voou de seu pulso. Os árbitros pararam a partida enquanto Evert procurava sua pulseira perdida, com espectadores na arena e em casa assistindo ansiosamente.